

**JOÃO BATISTA BITENCOURT**

**CLIO POSITIVADA**  
*A ARTESANIA DA CIDADE HISTÓRICA DE LAGUNA*

FLORIANÓPOLIS - 1997

**JOÃO BATISTA BITENCOURT**

**CLIO POSITIVADA**  
*A ARTESANIA DA CIDADE HISTÓRICA DE LAGUNA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do Grau de Mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Schmitz.

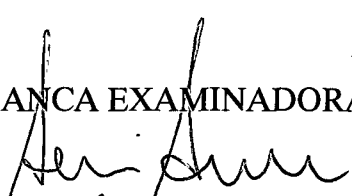
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
FLORIANÓPOLIS - 1997

CLIO POSITIVADA: A ARTESANIA DA CIDADE HISTÓRICA DE  
LAGUNA

JOÃO BATISTA BITENCOURT

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do  
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Sérgio Schmitz (Orientador)



---

Prof.ª Dr.ª Sandra Jathay Pesavento



---

Prof.ª Dr.ª Maria Bernardete Ramos Flores



---

Prof.ª M.Sc. Lígia de Oliveira Czesnat (Suplente)

Florianópolis, 11 de agosto de 1997

À Inês da Silva Bitencourt e seus descendentes.

Mais que um porto seguro, meu oceano protegido.



É sempre no passado aquele orgasmo

É sempre no presente aquele duplo

É sempre no futuro aquele pânico

(...)

E sempre no meu sempre a mesma ausência.

(Carlos Drummond de Andrade, *O enterrado vivo*)

Fala-se demais no belo que existe na certeza; acho que as pessoas se esquecem da beleza mais sutil que existe na dúvida. Crer é muito monótono, a dúvida é profundamente sedutora. Ficar de sobreaviso, isto é a vida; deixar-se ninar na tranquilidade, isto é a morte.

(Oscar Wilde, *Aforismos*)

BITENCOURT, João Batista. **Clio positivada: a artesanania da cidade histórica de Laguna**. Florianópolis: 1997. 213 p. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Sérgio Schmitz

Defesa: 11/08/97

Estudo sobre a construção da identidade de cidade histórica para o município de Laguna, Santa Catarina. Análise de três momentos, no século XX, nos quais a fabricação desta tradição para Laguna apresenta-se como atributo de práticas distintas, percebendo as discontinuidades e rupturas na formação desta imagem para a cidade, visualizando como a produção historiográfica serviu de elemento criador e consolidador desta identidade.

Palavras-chave: Laguna; história; tradição; identidade.

# ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	3
 <i>INTRODUÇÃO:</i> <b>ALQUÍMICO PASSADO</b> .....	5
 <i>CAPÍTULO I:</i> <b>REALIDADE SINTÉTICA</b> .....	19
1- Uma virtualidade objetivada.....	19
2- A cidade visibilizada.....	26
3- O avesso do avesso.....	49
4- Um mundo de escafandristas no ontem.....	57
 <i>CAPÍTULO II:</i> <b>HISTÓRIA COMO ARMA</b> .....	67
1- A cidade na velocidade dos trilhos.....	67
2- Ondas que se desfazem na praia.....	79
3- Garibaldi e outros alardes.....	92
4- Berço de heróis.....	109

*CAPÍTULO III:*

**PROGÊNIE DE JOHANNY..... 124**

1- Um novo combate..... 124

2- Saudosismo lírico para um mundo asfixiado..... 136

3- Narrativas sobre o passado ou a poética possível-pertinente..... 150

4- Em busca de um sentido na história..... 170

5- Demarcando a individualidade dignificadora..... 180

*PÓS-ESCRITO:*

**A ANACRONIA DO SEMPRE..... 189**

**CRÉDITO DAS ILUSTRAÇÕES..... 197**

**FONTES CONSULTADAS..... 198**

1- Escritas - acervos..... 198

2- Orais..... 206

3- Bibliografia..... 206

## **AGRADECIMENTOS**

Tive, ao fazer este trabalho, a sorte e a felicidade de ser duplamente dirigido. contei com a orientação do Prof. Sérgio Schmitz com quem tenho uma dívida de gratidão, não somente pela liberdade que me proporcionou ao conduzir-me nesta trajetória mas, também e principalmente, por ter acreditado, desde os tempos da graduação na UDESC, em minha potencialidade para trilhar pelos caminhos da escrita da história. Sou, do mesmo modo, grato à Prof<sup>a</sup>. Lígia de Oliveira Czesnat que co-orientou esta produção. Sua leitura minuciosa e sua lucidez quanto às questões historiográficas, iluminaram meu caminho pela discursada cidade do “passado sempre presente”.

Quero estender meus agradecimentos às pessoas e instituições que, no decorrer do trabalho, prestaram-me contribuições valiosas e apoios confortantes:

Foram de grande valia as leituras, sugestões e críticas dos amigos do grupo de estudo: Léa, Patrícia, Reinaldo e Rosa que, assim como eu, estavam, religiosamente, a postos todas as tardes de quarta-feira, em busca de solidez teórica. As idéias e indicações, sempre oportunas, dos amigos da pós-graduação: Carola, Janine, Meri e Miranda, foram também de grande importância. O uso de ilustrações neste trabalho é, em grande parte, efeito das atividades desenvolvidas no laboratório de História e Imagem da UFSC,

coordenado pelo prof. Ernesto A. Ruiz, no qual compartilhei do conhecimento dos historiadores “micreiros”: Mário, Paulo e Rogério.

Anteriormente ao período de leituras e pesquisas, 1995-97, das quais este trabalho é fruto, foi de extrema importância a leitura atenta do projeto, feita pelo Prof. Norberto Dallabrida. O Prof. Norberto e a Prof<sup>a</sup>. Edy Cabral são credores do meu reconhecimento por avaliarem minhas condições acadêmicas para ingressar no mestrado. Desde esses primeiros momentos, esteve sempre ao meu lado a amiga Karen. Companheira de outros trabalhos, é ela a responsável por minha iniciação na pesquisa histórica.

Devo ressaltar a relevância para a pesquisa dos arquivos que consultei e, igualmente, a presteza e cordialidade de seus funcionários, em especial: Eliane, do IHGSC; Marilene, da Biblioteca Pública de Laguna; Neusa, da sessão de consulta do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e Cleusa, da biblioteca deste mesmo arquivo. Na coleta de dados em Laguna, onde não existe arquivo público, foi a gentileza de Antônio Carlos Marega, em permitir a utilização de seu acervo particular, que me possibilitou o contato com importantíssimas evidências. Ainda em Laguna, contei com o carinho e a ajuda de Zaira de Oliveira Vicente que recolhia e enviava-me os jornais publicados na cidade durante o período da pesquisa.

Não fosse o apoio financeiro do CNPq, este trabalho jamais teria sido realizado no tempo em que o foi. Sem este financiamento estaria impedido de dedicar-me por completo a esta produção.

Durante este período, em que transitei por minha “ilha deserta”, foi imprescindível a compreensão e os afagos de Jaqueline, com quem tenho somado minha vida e divido meu lar.

A todos e, também, àqueles que o vacilar da memória impede-me de registrar, quero expressar meu mais profundo agradecimento.

## INTRODUÇÃO

# ALQUÍMICO PASSADO

Detetive Mills: *Então o que é que estamos fazendo?*

Detetive Somerset: *Juntando peças. Estamos recolhendo provas, tirando fotos, pegando amostras, anotando tudo...*

*Estamos organizando tudo e guardando. Há uma chance remota de que seja necessário no tribunal.*

*Estamos apanhando diamantes numa ilha deserta e guardando para o caso de sermos resgatados.<sup>1</sup>*

O diálogo que serve de epígrafe aparece no filme *Seven* quando o primeiro destes detetives policiais se empolga por encontrar uma boa pista da série de crime que buscavam solucionar e é freiado em seu entusiasmo pelo experiente investigador Somerset. Este me parece muito próximo de uma descrição do trabalho do historiador.

Penso que as maneiras de fazer a história também caminham neste sentido. Seguir pistas, procurar trilhas, inquirir evidências, investigar e anotar o que encontrar nessa busca, para em seguida ou concomitantemente utilizar nas representações de um acontecimento, de um tema e de um problema. Cruzar várias informações, vários fios de uma tessitura social, para montar uma conjectura acerca de um passado.<sup>2</sup> Porém, assim como os detetives que

---

<sup>1</sup> Diálogo do filme *Seven* (USA - 1995). Suspense policial do diretor David Fincher. Lançado no Brasil com o título *Seven: os sete crimes capitais*.

<sup>2</sup> Esta proposta apresentada por Carlo Ginzburg, consiste na interpretação histórica centrada nos pormenores, nos dados marginais, nos indícios reveladores, capazes de levar o historiador a um diagnóstico, um conhecimento conjectural do passado. Este “paradigma indiciário” partiria então de uma investigação decifrativa. GINZBURG, Carlo. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto e SEBOK, Thomas A. (Orgs.) *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo. Perspectiva, 1991. p. 89-129.

partiram de um problema, solucionar um crime, também o historiador parte das inquietações que o afligem em sua contemporaneidade, projetando-se com esses desassossegos para um outro tempo, indo atrás de uma intriga, construindo a representação de uma realidade anterior. Esta realidade, no entanto, não é o resgate do passado como ele ocorreu,<sup>3</sup> é uma construção que converge para uma convenção de veracidade, encarada como uma construção possível, é a montagem de um enredo que separa, classifica, escolhe o que serve, o que tem pertinência, o que se adequa à estrutura deste enredo e ao tipo de narrativa dada ao texto. Há, pois, nesse trabalho, uma série de escolhas feitas pelo historiador para que as evidências utilizadas respondam às suas indagações. São nestas escolhas, nas questões que formula sobre determinada problemática e no tipo de narrativa que opta para desenvolver o enredo e, inclusive na própria opção por determinada problemática, que se pode encontrar as percepções e perspectivas de cada historiador sobre a história.<sup>4</sup>

---

Ver também:

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Zadig e a história*. In: \_\_\_\_\_. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 13-28.

<sup>3</sup> Mesmo porque a própria idéia de realidade histórica está sendo repensada, a história tem se voltado para as circularidades culturais, os imaginários sociais, as construções de identidade, ela não é mais o sinônimo de verdade como se fez crer durante muito tempo. Atualmente, a realidade histórica pode ser, até mesmo, uma mentira como mostrou Hugh Trevor-Roper ao escrever sobre a invenção de uma cultura e tradição específicas das Terras Altas da Escócia. TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 25-51.

<sup>4</sup> Uma série de historiadores, ainda que com divergências entre si, tem concordado em reconhecer a importância das realidades do presente e da imaginação criativa ao representar o passado.

Para Roger Chartier, que a meu ver faz a síntese mais ponderada da questão, compreender em história consiste em buscar a decifração de uma intriga, a representação provável de uma realidade histórica. Contudo, esta representação é submetida às relações do próprio tempo em que é construída, assim como sua compreensão também se dá sob o controle da composição e ordenamento do próprio relato e da escolha do gênero narrativo. Para este autor, o trabalho historiográfico, atualmente, acha-se entre: “as representações manipuláveis hoje em dia e as práticas passadas que elas designam” (p. 86) CHARTIER, Roger. *O passado composto: relações entre filosofia e história*. In: \_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 69-89.

Opiniões não tão conciliadoras são encontradas em:

Edward P. Thompson, para quem a história tem uma lógica própria com objeto e interpretação elásticos, com práticas múltiplas, que rejeita regras fixas e modelos estáticos. Um diálogo entre conceitos e hipóteses e evidências, “uma representação adequada (embora aproximativa)” (p. 54) THOMPSON, Edward P. Intervalo: a lógica histórica. In: \_\_\_\_\_. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 47-62.

Já Hayden White vê apenas como formal a diferença entre o relato histórico e o ficcional. White estabelece as semelhanças entre estes tipos de relatos, atestando que toda a história carrega uma meta-história e que a interpretação historiográfica consiste na combinação expressa no texto, pela escolha do



Do mesmo modo que o detetive Somerset demonstra que nem todas as pistas seguidas levarão à solução do caso investigado, muitas vezes uma pista leva a outra. O historiador também recolhe um grande número de evidências, e mesmo já partindo com uma intencionalidade, nem todas elas se enquadram em sua representação, tornando-se inadequadas à narrativa do enredo ou dispensáveis ao tipo de questionamentos que faz a uma época. Igualmente como na fala deste detetive, tem, ele, sua ilha deserta, um tema-problema em um determinado tempo, nela recolhe diamantes, as evidências, e provavelmente escolhe aqueles que pensa ter maior valor na pretensão de sair da ilha; o que atesta ter, ele, uma compreensão do mundo fora dela e com este mundo estar interagindo. O lugar social do historiador e suas perspectivas historiográficas fomentam suas inquietações, levando-o a fazer uma e não outra indagação a uma época, que para respondê-la ele escolhe, seleciona, separa, classifica, reagrupa evidências.<sup>5</sup>

Se encontro na metáfora da ilha deserta uma imagem pertinente do que seja as maneiras de fazer do historiador, vejo nela também uma reflexão muito interessante sobre a própria produção, o conteúdo historiográfico resultante de seu trabalho, a história. Acredito, então, que o historiador não deva ser um eterno náufrago; ao estar na ilha deserta, está ele pensando sobre o seu mundo, aliás, creio que, já parta para ela com esta perspectiva. Em outras palavras, quero que minha produção seja, também, um instrumento de reflexão da atualidade. Ao voltar da ilha deserta e construir uma representação dela com os diamantes que escolhi, quero estabelecer ligações, que minha análise interaja com minha contemporaneidade e, até mesmo, ouse dizer, nela interfira. Uma vez que ao reportar-se

---

“modo de urdir o enredo” - estética, do “modo de explicação” - epistemológica e do “modo de implicação ideológica” - ética. WHITE, Hayden. A interpretação na história. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 65-95.

<sup>5</sup> Segundo Michel de Certeau, “em história, tudo começa com o gesto de **separar**, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em **produzir** tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e seu estatuto.” (grifos do autor) CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 81.

para uma outra época o historiador carrega suas preocupações presentes e, ainda que de forma inconsciente, acaba por esboçar projeções de futuro. Contudo, esta compreensão não é aquela que acredita encontrar na evolução do passado a explicação para o presente e o caminho para o futuro, como se a trajetória dos acontecimentos se desse em uma seqüência de causa e efeito, dispensando os acasos, os refluxos e as incontigências. Abonando uma objetividade história, como se o passado que figura na história não esteja submetido aos jogos de interesses do momento da própria escrita.

Assim, convido o leitor a percorrer por minha “ilha deserta”, construída dentro das maneiras de fazer próprias da disciplina histórica, carregada de interações com meu presente, fundamentada nas concepções e perspectivas de meu entendimento historiográfico e respaldada em “diamantes” que nela selecionei. Não é a “ilha” em sua autenticidade, mas uma representação dela que se tem verdadeira enquanto tal.

Em um verão não muito distante, um casal de turistas visitando Laguna dirigiu-se, levado por um guia turístico, até a igreja matriz da cidade. Lá estando, despertou-lhes a atenção a imagem que ocupava a posição central da igreja e, perguntando ao guia de que santo se tratava, receberam a informação de que aquela era a imagem de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, padroeiro da cidade. A resposta aumentou ainda mais a curiosidade dos turistas; conhecedores de um outro Santo Antônio, o de Pádua, os turistas mostraram interesse em saber mais sobre o Santo Antônio dos Anjos da Laguna que, diferente do que conheciam - Santo Antônio de Pádua é uma figura humilde -, era uma imagem altiva, imponente e ricamente paramentada. Resolveram, então, aproveitar dos conhecimentos do guia que os acompanhava. Este contou-lhes a seguinte história:

Santo Antônio dos Anjos da Laguna foi, em vida, o primeiro marido da heroína Anita Garibaldi que, após perdê-la para o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, ficou desconsolado e resolveu entrar para um monastério.

Os turistas comentando sobre o que ouviram do guia em um outro ponto da cidade, com outras pessoas, acabaram por descobrir que o guia turístico lhes havia contado uma “grande mentira”.<sup>6</sup>

Para além das invenções fantasiosas do guia ou de seu desconhecimento historiográfico, é interessante perceber, nesse relato, a força da identidade histórica de Laguna, fomentando construções, até mesmo religiosas, como nesse caso, no imaginário popular. O guia não criou uma história qualquer, o relato de vida que montou para Santo Antônio dos Anjos é ligado com, nada menos que, Anita Garibaldi, a personagem número um da historiografia sobre Laguna. O poder desta imagem histórica é tal que facilmente o guia transportou personagens da história para a crença religiosa. E mais, deve-se notar que, mesmo sendo o padroeiro, o Santo Antônio da narrativa do guia, não tem importância por si só, ele é o “primeiro marido de Anita”. Percebe-se, então, que mesmo transposto da história da cidade para a crença religiosa, permanece a força da identidade histórica de Laguna.

Esse relato sobre as “invenções” do guia turístico não é exemplo único. Corre de boca em boca pela cidade vários outros nos quais é presente a força da “condição histórica” lagunense. Até mesmo a historiadora Alice Bertoli Arns comenta, em seu livro sobre a igreja matriz, a não “fundamentação histórica” da informação constante em um folheto de propaganda turística, de que a imagem de Santo Antônio dos Anjos teria sido esculpida de

---

<sup>6</sup> Estes fatos foram relatados por Antônio Carlos Marega, em uma conversa informal com João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

Janaína Amado escrevendo sobre história oral e a relação história-ficção, chama a atenção para o fato dos historiadores desprezarem certos relatos por parecerem “mentirosos” quanto à descrição dos acontecimentos. A autora demonstra como estes depoimentos, podem constituir-se num material de grande importância para a análise da influência das circularidades culturais na construção do imaginário social. Ao pesquisar sobre a Revolta do Formoso, um de seus entrevistados, demonstrando grande conhecimento do assunto, relatou aqueles acontecimentos de tal forma que as informações não conferiam com outras evidências. No entanto, Amado encontrou na composição de seu relato grandes semelhanças com a estrutura narrativa da obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra. AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo. 14. p. 125-136. 1995.

um pedaço de madeira do Seival, uma das embarcações usadas por Garibaldi nas batalhas da República Juliana.<sup>7</sup>

É procurando lançar luzes sobre esta identidade lagunense, que este estudo se debruça sobre três momentos do passado de Laguna neste século em que ela aflora com grande intensidade. Esta pesquisa percorre estes momentos mostrando como sua “condição histórica” ganha a cada um deles, novos contornos. Ainda que mantenha seus conteúdos, reafirmando os elementos de suas narrativas históricas, em cada um destes momentos revela-se investimentos de práticas distintas, na intenção de visualizar os deslocamentos e as descontinuidades ocorridas na construção da tradição de cidade histórica. Busco perceber como na fabricação desta identidade os elementos que a sustentam são deslocados de suas singularidades de um momento para outro por diferentes políticas, próprias dos interesses de cada época, dando perfis exclusivos, inovadores, para velhas denominações; divergindo do discurso oficial, que a vê como uma tradição natural e genuína, evoluindo linear e progressivamente no tempo.

A escolha destes momentos, os quais nesta representação estão interligados por mostrarem-se relevantes quanto à veneração pelo passado lagunense, deu-se de formas um tanto arbitrárias à vontade do historiador. É certo que o primeiro destes momentos contempla o presente lagunense no qual foram fomentadas as inquietações que movem o estudo. Porém, os demais surgiram da interação com o próprio objeto pesquisado, a abundância de fontes dirigia a atenção para os momentos eleitos como significativos para o trabalho. Do mesmo modo, reforçavam-se as inquietações com o decorrer da pesquisa empírica, demonstrando que esta análise não parte da intenção de mostrar a validade de idéias preconcebidas, ou seja, esta análise, esteve, também, submetida à questões

---

<sup>7</sup> ARNS, Alice Bertoli, *Laguna, uma epopéia de Franciscanos e Bandeirantes: e a história de uma velha igreja*. Curitiba, 1975. p. 108.

manifestadas durante a coleta de dados e a escrita, questões estas que, igualmente às idéias iniciais, indicavam e direcionavam os propósitos. Este trabalho é, então, dividido em três capítulos, compreendendo um destes momentos em cada capítulo.

O primeiro, é um olhar sobre a cidade hoje visibilizada, ou seja, o discurso autorizado sobre ela, sua imagem oficializada, que a vê como cidade de belezas naturais e principalmente de tradição histórica, fazendo-a figurar como centro turístico. A formação discursiva, a qual me refiro, coloca grande importância a seu passado, dando vazão a outros discursos aparentemente conflitantes, isto é, visões que encontram na reverência ao passado a desqualificação de seu presente, vendo a cidade sob a imagem de atraso econômico. Utilizo, então, de várias representações dessa imagem institucionalizada da cidade, observando como esta é cotidianamente afirmada. Faço uma caminhada pelos espaços simbólicos e discursivos que confluem para a afirmação desta identidade, como também transito por alguns que se compreendem avessos. Percorro pelos lugares da memória municipal oficializada, por seus monumentos/documentos: estátuas, museus, traçado urbano, material publicitário, entre outros, que constituem-se como marcos de referência à tradição.

Contudo, neste primeiro capítulo não tenho como prioridade a intenção de buscar as articulações da intriga histórica, em construir uma conjectura acerca da prática turística que dá a singularidade deste momento à identidade histórica. É antes, bem mais, a cogitação teórica que norteou a análise, associada à visualização da cidade visibilizada no discurso oficial, olhando a cidade em sua imagem instituída, da qual partiram minhas inquietações. A preocupação maior é a de mostrar como esta imagem se materializa, como ela está colocada atualmente na cidade, atento mais à apresentação do emblema que à prática que o produz. Bem por isso, não estabeleço ligações com os momentos representados nos outros capítulos, estas relações poderão ser estabelecidas pelo próprio leitor ao constatar os

elementos de sua história, dados a ver no primeiro capítulo, figurarem nos demais momentos de formas diferenciadas. Por isso há, também, um grande número de ilustrações e citações literais, na intenção de fazê-las, da mesma forma, mostrarem-se por si mesmas, confluindo para minha construção por suas próprias falas. Talvez a melhor compreensão deste capítulo, ocorra se este for tomado como um hipertexto, percebendo as linguagens anexadas, intertextualizadas, compondo o entendimento de minha própria representação.

No segundo capítulo, procuro na produção historiográfica sobre Laguna do início deste século, o momento de emergência dessa identidade histórica, como atributo de outra prática. Muito distanciada da imagem de cidade turística do primeiro capítulo, neste momento a narrativa histórica lagunense é marcada como o emblema de ancestralidade do ideal republicano catarinense.

Os primeiros tempos da república em Santa Catarina sugerem ter sido um momento de inversão dos espaços de onde provinham os poderes que ocupavam a burocracia administrativa catarinense, no qual aflora a importância das regiões de colonização, notadamente a alemã, diante da região litorânea. É nesse instante, no limiar do século XX, que emerge um discurso desqualificador do litoral. Tal discursividade comparava de forma pejorativa a população do litoral com as das regiões colonizadas por imigrantes alemães e italianos, respaldando-se no sucesso econômico da segunda destas zonas. O imigrante laborioso e o pescador indolente, síntese do enunciado discursado, legitimava ações governamentais de higienização e salubridade pública e de tutela da população pobre do litoral que aquele discurso via como alvo de regeneração. Tudo leva a crer, contudo, que junto a estas relações havia uma política econômica e orçamentária favorável às regiões de colonização. O novo círculo de políticos que despontou no Estado com a instalação do regime republicano tinha, ao que parece, fortes ligações com o empresariado do Vale do Itajaí e região Nordeste do Estado.

Entretanto, a instalação republicana em Santa Catarina deu-se de forma muito problemática. As dificuldades de afirmação possivelmente tenderam a fazer com que os governos republicanos procurassem colocar o novo regime como fruto da vontade da sociedade catarinense, instaurando uma identificação dentro da história da Província a qual pudessem ligar os ideais republicanos do recente Estado e conferindo uma tradição, uma vontade anterior a si própria.

Diante das colocações de indolência e insalubridade e do esvaziamento de representatividade e de poder de barganha junto à nova configuração política, as elites lagunenses enfrentaram este conflito com uma arma bastante inusitada. A república recém-instalada precisava mostrar suas raízes. Onde encontrar essa tradição dentro do Estado? A república tinha que se afirmar mostrando que não veio do nada, que tinha um passado, que tinha história. Laguna sem a influência junto a burocracia estatal, aproveitou para garantir certo *status* frente ao discurso que a desqualificava, afirmando-se enquanto marco fundador do ideal republicano em Santa Catarina. Utilizou para isso a tomada de Laguna pelos Farroupilhas, quando foi proclamada a República Juliana, criando heróis como Garibaldi e Anita.

É na produção historiográfica da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* - IHGSC, em sua primeira fase (1902-1920) e, principalmente, da *Revista Catarinense* editada em Laguna, entre 1911 e 1914, pelo intelectual e político lagunense José Johanny, que encontro as indicações para a compreensão da prática que dá singularidade à imagem de cidade histórica neste momento.

José Johanny, sócio do IHGSC, não tardou em reconhecer as intenções do recente Estado republicano e desta instituição a este coligada. Sua *Revista Catarinense* é insistente quanto aos acontecimentos da República Juliana, considerada por Johanny “a parte mais interessante” da história catarinense. Este homem de letras, lagunense, tinha, também, a

preocupação de visualizar “documentos” nos quais tornava aparente a importância histórica de Laguna para a identidade do governo republicano, no qual a cidade surgia com pouca credibilidade.

No terceiro capítulo, analiso a historiografia produzida no pós anos 30. É um período em que um contradiscurso ao desqualificador do litoral catarinense ganha força. As conjunções desta época, com as novas forças políticas estaduais, o governo nacionalista de Getúlio Vargas e as implicações da segunda guerra mundial foram propícias à emergência de uma discursividade em favor da população litorânea do Estado de Santa Catarina. No entanto, neste momento, Laguna estava travando uma outra disputa, agora com as cidades vizinhas que se enquadraram melhor às formas que o desenvolvimento capitalista apresentava para a região Sul do Estado. Os problemas apresentados pela barra de seu porto sugerem ter sido um estorvo a colocá-la em consonância com o crescimento econômico da indústria carbonífera do pós segunda guerra. Tais dificuldades, ao que parece, fizeram com que as elites lagunenses agarrassem mais uma vez o passado, fabricando sua história, afirmando uma tradição, só que não mais importava, pelo menos não como no início do século, ser o antecedente primeiro da vontade republicana catarinense e, sim, a consideração e autoridade de ser o marco inicial de colonização da região e a herdeira de uma tradição cultural. Ou seja, se Tubarão e Criciúma tornaram-se cidades desenvolvidas, elas só existem porque nasceram de Laguna; se a cidade não era mais o lugar central, sede do sul de Santa Catarina, por sua condição econômica, criou-se sua imagem de centro cultural e de mito fundador. São expoentes da produção historiográfica deste momento os lagunenses Saul Ulysséa, Oswaldo Rodrigues Cabral e Ruben Ulysséa.

Estes três intelectuais, mesmo com divergências entre si, souberam com grande maestria utilizar da história como esteio de uma construção de identidade que valorizava



sua cidade natal. Saul, Cabral e Ruben foram os mais reconhecidos e produtivos historiadores lagunenses deste período, suas produções procuravam moldar a memória municipal que incidia sobre a importância do passado lagunense e sua veneração como forma de resguardar uma autoridade para a cidade frente aos municípios vizinhos. Além de suas escriturações convergentes e criadoras da identidade histórica de Laguna, estiveram eles também empenhados em erigir os marcos simbólicos desta tradição, indicando a construção de monumentos e participando de eventos comemorativos a acontecimentos passados.

As análises dessas produções historiográficas caminharam no sentido de encontrar a historicidade dos próprios textos ante a representação a que se referem. Procurei contextualizá-las, situá-las, datá-las historicamente, vê-las interagindo às articulações próprias de seus tempos. Não as tomo como evidências dos acontecimentos a que se reportam, mas como indícios de decifração das realidades históricas dos momentos em que são construídas. Assim, a imagem de cidade histórica lagunense, objeto de minha análise, destoa da forma como figura no discurso autorizado, que a vê como algo atemporal. Por isso, este é um passado alquímico, fruto das construções destes historiadores que, como alquimistas, transformaram a matéria sem mudar seus componentes, dando em cada um destes momentos um sentido bastante singular, próprio dos interesses de um tempo e não de outro, aos elementos da história. O poder de suas alquimias foi fecundo. Em um mundo no qual o passado tende a importar cada vez menos, onde as idéias de progresso procuram acelerar o ritmo da vida em busca do futuro, já que os valores embutidos no ideário de desenvolvimento constante fazem crer que o amanhã reserva melhorias em relação ao presente, estes intelectuais conseguiram transformar o passado em ouro.

Este trabalho procura descortinar as emergências e os revigoramentos dos saberes já institucionalizados sobre Laguna, sua imagem oficializada, para compor-se como um

instrumento de reflexão de seus atuais efeitos de poder.<sup>8</sup> Não é, contudo, a liberação de saberes soterrado, de vozes silenciadas ou a visualização das resistências e lutas surdas dos dominados. Mas penso estar promovendo um exercício de estranhamento aos saberes instituídos.

Ao construir esta representação sobre a identidade de cidade história de Laguna neste século, corro o risco de acabar afirmando o que critico. Inicialmente por estar visibilizando a cidade e os elementos de sua história e também, ao apresentar os deslocamentos desta tradição para diferentes práticas, pode parecer que sigo o que chamo de itinerário de atraso, a construção descontextualizada de sua trajetória histórica. Mas este é um risco inevitável, pois ao trabalhar com as representações sobre a cidade de José Johanny, Saul Ulysséa, Oswaldo R. Cabral, Ruben Ulysséa e os discursos oficiais da atualidade, incorporo-os ao meu, fazendo seus discursos convergirem à minha construção. Afinal “ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”.<sup>9</sup> Contudo, penso também que não ficará dúvidas quanto à minha intenção e a forma como componho os texto convergem para a análise que pretendo, contextualizando cada momento, apresentando a singularidade que o fez ser do modo que foi em um dado momento e não em outro, procurando ver os deslocamentos e descontinuidade ante a imagens teleológicas e evoluções contínuas, retrospectivas a origem primordial. Em uma palavra, mostrando que são históricos.

---

<sup>8</sup> Este é, também, meu próprio entendimento da abordagem, inspirada no sentido da compreensão genealógica de Michel Foucault, de uma crítica local e descontínua, uma insurreição aos saberes e principalmente aos efeitos de poder de um discurso institucionalizado. Ainda que a textualidade dos capítulos possa enquadrar-se melhor na prática de análise arqueológica. Sobre a compreensão da arqueologia e genealogia de Foucault, ver:

FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 167-177.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

<sup>9</sup> Esta compreensão de leitura que a vê como “aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento de outro” é apresentada por: CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 21.

Isto não quer dizer que não encontre algo duradouro transitando pelos três momentos analisados, evidentemente que há e é a própria “condição histórica”, só que a cada tempo tem uma nova configuração que a faz nova, inédita ainda que remeta a ligações anteriores. É um interdiscurso, que a cada momento se configura em uma nova formação discursiva, uma rede que se estabelece e incorpora os antigos elementos dando-lhe um novo enunciado, é este jogo de velhas denominações para novas constelações de sentidos, constitutivos e constituídos de novas práticas, que lhe conferem a aparência de verdade incontestada, garantindo sua competência, a capacidade de se fazer ouvir. Por isso, para além das palavras que no discurso autorizado são revestidas de sentido transtemporais, procuro o enunciado próprio da formação discursiva de cada momento analisado, pois é na história que um discurso ganha sentido, no arranjo urdido na interatividade com outros, combatendo-os ou confirmando-os, em um tempo e somente nele, reconhecendo o sentido singular emergido em um contexto próprio.<sup>10</sup>

As construções, frutos da historiografia dos momentos analisados no segundo e terceiro capítulos, firmaram-se como referências obrigatórias, ou melhor, como verdades incondicionais, e foram continuamente sendo reafirmadas como a genuína trajetória histórica da cidade. São elas as fundadoras do que hoje se vê como o discurso autorizado sobre Laguna, sem que sejam lembrados os interesses e articulações próprios das épocas em que foram construídos. O continuísmo da historiografia catarinense encarregou-se de manter esta produção como paradigma e trata Laguna sempre num passado remoto, em momentos já cristalizados, pois bebe naquelas produções como fontes indiscutíveis. Estas

<sup>10</sup> Minha compreensão da análise de discurso, parte da leitura de vários autores. Entre elas, tendo em vista a questão esboçada, destaco as seguintes:

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 156-183.

têm afirmado um itinerário do atraso. Penso não ser a falta de desenvolvimento econômico-industrial que faz Laguna desaparecer da história recente de Santa Catarina, mas o continuísmo da nossa historiografia. É preciso entender estes momentos fundadores em seus contextos, no jogo de disputa que estavam inseridos, como um dispositivo na luta que travavam.

No enfrentamento destes combates os intelectuais lagunenses lutaram com a arma mais potente que tinham, as representações do passado da cidade. Inventaram, então, uma tradição de cidade história para Laguna. Porém, esta visão acabou por fomentar a idéia de atraso, de um passado bem mais importante que o presente. Esta opção de seus poderosos, fez com que das pretensões de desenvolvimento econômico restassem apenas sonhos e quimeras e desse vazão à construção de uma sociedade de memória, ou melhor, de história, ancorada em espaços de materialização da memória, constantemente se refugiando no passado.

## CAPÍTULO I

# REALIDADE SINTÉTICA

*“Laguna, pelas belezas naturais, suas praias famosas e acolhedoras, lagoas piscosas e pelo seu patrimônio histórico e cultural, transformou-se no Pólo Turístico da Região Sul”*

*De um folheto da Pref. M. de Laguna, 1982.*

*“O que todos os símbolos sagrados afirmam é que o melhor para o homem é viver de modo realista - onde eles diferem é na visão da realidade que constroem.”*

*Clifford Geertz*

### 1- Uma virtualidade objetivada

“Bom dia minha gente! Olha a hora que é muito importante para quem vai viajar, trabalhar ou estudar: são sete horas na capital histórica de Santa Catarina”.<sup>1</sup> Nos últimos anos os radiouvintes da *Garibaldi* vêm sendo despertados desta forma. Assim, começa o programa *Show do rádio* levado ao ar diariamente às sete horas da manhã, na voz de João Manoel Vicente. Começa o programa e também, pode-se dizer, o dia do “amigo radiouvinte” e é assim logo nas primeiras horas do dia que o ouvinte do *Show do rádio* ratifica sua identidade. Mais do que identificar a espacialidade, afirmando geograficamente

---

<sup>1</sup> Abertura do programa *Show do rádio*, transmitido diariamente pela rádio Garibaldi de Laguna.

que se está em Laguna, a abertura do programa confirma uma identificação cultural. O radiouvinte não precisa ouvir o nome da cidade, pois a percepção passa por reconhecer sua tradição, sua especificidade, sua singularidade identificadora onde mora sua importância. Por isso, o locutor anuncia todas as manhãs que se está na “capital histórica de Santa Catarina” e o faz com tamanha ênfase que repete a cada vez que informa as horas, o que ocorre em média a cada dez minutos.

João Manoel Vicente, apresentador do programa e autor de sua abertura, atua há muito tempo no rádio lagunense, além da *Garibaldi* já trabalhou também na outra emissora existente na cidade a rádio *Difusora*. Foi um dos fundadores da *Garibaldi* e já mudou mais de uma vez de uma para outra. Mas sempre manteve as características de seu programa, assim como mantém sua abertura. Quando questionado de onde tirou a idéia de “capital histórica”, não hesita: “surgiu naturalmente!”. Sem conseguir definir exatamente como a montou, tenta explicar ligando-a aos acontecimentos da República Juliana em que Laguna foi sede e capital, ao destaque desta história na historiografia catarinense e completa: “Assim como dizem que Criciúma é a capital do carvão, Tubarão é a capital da Luz, porque tinha a Eletrosul, então o nosso maior fato foi a República Juliana, ... daí a capital histórica”.<sup>2</sup>

Há, do ponto de vista do enunciado do discurso, uma lógica que facilita a absorção da enunciação identitária. Tanto na abertura do programa como nas várias repetições no decorrer dele é estabelecida uma ligação entre tempo e espaço. Logo depois de dizer as horas, repete-se o “na capital histórica de Santa Catarina”. O espaço não é caracterizado de forma geográfica, mas na forma de identidade cultural e isso reafirmado várias vezes durante o programa de forma imutável. Enquanto o horário necessariamente muda de uma

---

<sup>2</sup> João Manoel Vicente (radialista e assessor de imprensa da Pref. Municipal de Laguna). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 07 maio 1996.

anunciação a outra, o referencial de localização permanece igual em todas as repetições, fazendo com que a identidade sempre reafirmada seja absorvida de forma mais eficaz, pois mesmo que o radiouvinte tenha maior interesse nas horas, sempre irá juntamente ouvi-lo. A constante repetição tende a introjetar esta construção de identidade, ainda que de forma imperceptível, inconsciente e behaviorista.

É a abertura do *Show do rádio* uma voz solitária a afirmar uma identidade para a cidade de Laguna? Ou ela é apenas um dos muitos fios de uma tessitura social enraizada e confirmada de várias maneiras, tão difundida como realidade ontológica que passa a figurar como natural e imanente?

Tudo converge para a confirmação da segunda hipótese. Há na cidade uma rede de representações, de construções simbólicas e discursivas que confluem para a visibilidade da “capital histórica”, há uma percepção induzida, deliberadamente revelada. Esta teia pode não ter sido intencionalmente articulada em todos os seus fios, não foi necessariamente pensada e racionalizada numa combinação de todas as suas manifestações e dificilmente se encontrará na atualidade a congregação de seus mentores confabulando sobre seus desdobramentos. Parece que, hoje, as afirmações desta identidade são tanto os frutos do que tentam convencer, quanto o próprio material constante delas, compondo-se pela interação, pela circularidade de discursos e projetos diferenciados, esta formação discursiva na medida que cria uma tradição, caminha por outra já instaurada. Exemplo disso é que João Manoel Vicente diz que a abertura de seu programa fez-se “naturalmente”, “de repente surgiu” tão espontâneo e oriundo da realidade que, da forma como coloca, parece seguir a ordem natural das coisas.

Não se quer negar a persuasão e os interesses, o jogo de poder, contidos nessas afirmações, pois sabe-se que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas

pelos interesses de grupo que as forjam”.<sup>3</sup> Apenas quer-se atentar para o fato de tratar-se de uma realidade aprendida, apreendida, reelaborada e comunicada em que se justapõem representações diversas que se conectam numa rede, porém, sem que tenham um único núcleo emissor, sem precisar de uma articulação externa, não há uma reunião de todas para direcionar um caminho. Em uma palavra, não existe planejamento. As conexões dão-se pelos interesses já imbutidos nas próprias afirmações, elas não precisam de plano. As configurações sociais quanto à visão sobre cidade que elas carregam é que as fazem coligadas, mesmo sem serem fabricadas na mesma máquina. Trata-se, então, de um interdiscurso que perpassa todas estas representações e que as extrapola. Algo que se apresenta de forma tão arraigada que os que investem na sua negação acabam, mesmo que pelo avesso, por confirmá-lo. Assim, descortino, tento perceber, alguns destes fios que se entrelaçam, urdidos na formação discursiva que atualmente instaura a imagem de cidade histórica para Laguna e a concebe como “pólo turístico”.

É claro que aqui não se está tratando da recepção, das apropriações e apreciações que podem variar de indivíduo a indivíduo de acordo com o lugar social que ocupa, de acordo com seu “*habitus*”.<sup>4</sup> E, sim, de um discurso autorizado sobre a cidade, fundamentado num interdiscurso.<sup>5</sup> Não é algo que obscurece a realidade, um véu nebuloso

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p 17.

<sup>4</sup> “*Habitus*”, segundo Pierre Bourdieu, são “as estruturas mentais das quais eles [os indivíduos, ou agentes como chama Bourdieu] apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social” BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 158.

Roger chartier tem atentado para a diversidade da recepção, para a multiplicidade de uso e sentido que um bem simbólico pode apresentar dependendo da apropriação exercida sobre ele. Este autor tem trabalhado estas significações múltiplas em análises sobre textos, sobre suas formas materiais e como são recebidos e ganham sentido na leitura. O essencial segundo Chartier é “compreender como os mesmos textos - sob formas impressas possivelmente diferentes - podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos.”(p. 181) CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191. Jan./abr. 1991.

<sup>5</sup> Segundo Dominique Maingueneau toda formação discursiva, como também toda formulação particular são perpassadas por um interdiscurso que lhes são anterior e lhes intervêm. “Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o ‘vertical’, do pré-constuído, do domínio de memória e o ‘horizontal’, da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciatador é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-constuído que sua formulação discursiva impõe.”(p. 115)



que impede de enxergar o real, mas uma construção que se faz crer enquanto real, um discurso que cria o real, que se coloca como a própria realidade. Uma produção das elites, se é que devemos chamá-las assim, que busca homogeneizar, apagando conflitos, diferenças e contradições. Um discurso que tenta coincidir as palavras às coisas, que lhe apaga e cria história, dá-lhe significados acima dos tempos, “fora do tempo”, numa razão universal globalizadora e unificadora, que tenciona compreender a todos, pois se coloca como única ou a possível. É um discurso coercitivo, operando sob a imagem da neutralidade e da verdade transcendente, “mesmo e sobretudo quando a coerção não esteja imediatamente visível por ter-se transformado em consenso invisível e interiorizado”.<sup>6</sup>

É este “consenso invisível e interiorizado” que se buscava definir, ainda que olhos armados de estranhamento e crítica o encontre. Basta, pois, desnaturalizá-lo, fugir dele para percebê-lo. Como lembra M. Foucault: “é preciso que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares”.<sup>7</sup> É um jogo que oculta e mostra: visibiliza uma realidade, objetiva uma virtualidade, permite uma percepção para que a coerção e as relações de orquestração deste real se invisibilize, se torne o próprio real na conformidade do consenso interiorizado. Enfim, que perca sua aparência de construção, de possibilidade realizada, de escolha e opção de alguns.

Esta tessitura a que me referi até aqui é a compreensão das ramificações de uma formação discursiva presente, de uma apresentação do mundo social na Laguna da atualidade, mas que utiliza imagens discursivas forjadas em outros momentos, para

---

Contudo, esta é uma relação de interação constante, continuamente mutável, pois ao passo que uma formação discursiva compõe-se dentro do interdiscurso tomando elementos já construídos ela os reconfigura, pode redefini-los ou mesmo apagá-los, incorporando seus próprios elementos. “Como se vê, contrariamente às representações espontâneas dos sujeitos, a formação discursiva aparece como o lugar de um trabalho no interdiscurso; ela é um domínio ‘inconsistente’, aberto e instável, e não a projeção, a expressão estabilizada da ‘visão de mundo’ de um grupo social.” (p. 113). MAINGUENEAU, Dominique. Do discurso ao interdiscurso. In: \_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1993. p. 111-126.

<sup>6</sup> CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 42.

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 24.

determinados fins e projetos, e com estas denominações já construídas sustenta sua autoridade. Digo isto para divergir de concepções que estabelecem linearidades temporais, continuidades históricas que colocam objetos permanentes, hoje e ontem as mesmas características, mesmos usos, mesmos interesses, num comparativismo, a meu ver, pouco produtivo, lá e cá busca encontrar as pequenas mudanças ou permanências do mesmo ser. Mas, se pensarmos que este ser é historicamente datado e perdermos a ingenuidade de crer em nossos falsos objetos naturais, veremos que “desconhecíamos que cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde, do mesmo modo que a pereira faz pêras e a macieira maçãs; não há objetos naturais, não há coisas. As coisas, os objetos não são senão os correlatos das práticas”.<sup>8</sup>

Ao contrário de uma visão de sucessão e prosseguimentos, vê-se na história lagunense que atualmente lhe faz ser “pólo turístico da região sul”, uma singular existência. Não que os elementos de sua história não sejam encontrados em outras épocas, mas hoje eles ganham novos contornos. Mesmo que se repitam as mesmas palavras e até as mesmas frases, o enunciado discursado é correlato de uma outra prática, remete à outra enunciação. Pois, é necessário “substituir o tesouro enigmático das ‘coisas’ anteriores ao discurso pela formação regular dos objetos que só nele se delineiam”.<sup>9</sup> É a compreensão dos recortes e das discontinuidades; não existe uma “condição histórica” lagunense através dos tempos, assim como Foucault mostrou que não se trata de conceber uma mesma medicina ou um mesmo louco trans-históricos.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> VEYNE, Paul M.. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p. 163.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 54.

<sup>10</sup> Paul Veyne, assim sintetiza a visão de Foucault sobre a história:

“Em resumo, em uma certa época, o conjunto das práticas engendra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular em que acreditamos reconhecer o que chamamos, com uma palavra vaga, ciência histórica ou, ainda, religião; mas, em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto e, inversamente, sobre um novo ponto, se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente. Tal é o sentido da negação dos objetos naturais: não há, através do tempo, evolução ou modificação de um mesmo objeto que brotasse sempre no mesmo lugar.” VEYNE, Paul M.. *Como se*

Aqui, mais que partir com uma compreensão preestabelecida, por definidores externos, para desvendar - ou seria impingir - os sentidos, busca-se lançar luzes sobre seus significantes, descrever como se apresentam e, desse modo, decifrar seus significados. Compreender como se harmonizam compondo estruturas objetivas que sustentam, apoiam e constroem os imaginários sobre Laguna e dos lagunenses. Pois, os imaginários sociais partem não só de sonhos, medos e desejos, mas principalmente de motivações, experiências e propostas reunidas no material simbólico que representa a sociedade, ou seja, as “condições reais de existência” onde assentam os imaginários sociais.<sup>11</sup>

É próprio do trabalho do historiador investigar as evidências, inquirir os indícios. Porém, talvez nesta situação, na apresentação da Laguna no discurso oficial da atualidade, não se faça necessário procurar as minúcias, o detalhe revelador. Não é preciso seguir pequenos vestígios e sinais, tão pouco faz-se necessário a “decifração dos caçadores”.<sup>12</sup> Pois, aqui, a opacidade do que se busca ver, desaparece quando há o estranhamento à cidade visibilizada; basta olhar com exterioridade o “consenso” para perceber que esta rede

---

escreve a história: Foucault revoluciona a história. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p. 172.

<sup>11</sup> PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, v. 15, nº 29, p. 9-27. 1995. p. 22.

Bronislaw Baszko lembra que “O social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas, etc. A vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem.” BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda. v. 5. 1995. p. 307.

<sup>12</sup> Para Carlo Ginzburg o trabalho do historiador se faz por um “paradigma indiciário”, conjectural. Assim baseado na decifração do detalhe, do signo, do fragmento, das pequenas pistas pode o historiador diagnosticar o passado, como faziam os caçadores ao ler os rastros de suas caças. “Por milhares de anos, a humanidade viveu de caça. No curso de infundáveis perseguições, os caçadores aprenderam a reconstruir a aparência e os movimentos de seus alvos esquivos a partir de seus rastros - pegadas na terra úmida, estalidos de galhos, estercos, penas e tufo de pêlos, odores, marcas na lama, filetes de saliva. Aprenderam a cheirar, a observar, a dar sentido e contexto ao traço mais sutil. Aprenderam a realizar maquinações complexas em átomos de segundo, em florestas cerradas ou perigosas clareiras.” (p. 98) GINZBURG, Carlo. *Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes*. In: ECO, Umberto e SEBEOK, Thomas A. (orgs.). *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo. Perspectiva, 1991. p. 89-129.

Ver também:

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Zadig e a história*. In: \_\_\_\_\_. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 13-28.

simbólica não apresenta só pequenas pistas, mas deixa-se ver imensamente, mostra-se, uma vez que de tão enraizada e difundida torna-se o normal.

Cabe agora seguir os meandros deste emaranhado, desfazer suas imbricações, desmanchá-lo, desconstruí-lo e mostrar seus elementos, os fios dessa tessitura. Tornar aparente as representações simbólicas e discursivas dessa realidade oferecida, dada a ler. Apresentá-las fora do “consenso invisível”, desnaturalizá-las, vê-las fora da aparente racionalidade cósmica que tentam incidir sobre suas existências. Por isso faço minhas as palavras de Carlo Ginzburg, para dizer que “esta investigação pode ser comparada ao ato de seguir os fios em um tear. Chegamos ao ponto no qual eles podem ser observados compondo um todo, um tecido homogêneo e estreitamente urdido. Para checar a coerência do padrão, percorremos com o olhar as diferentes linhas”.<sup>13</sup>

## 2- A cidade visibilizada

Laguna é uma cidade histórica na classificação de sua urbanidade. Diferente das cidades pensadas nas pranchetas, esquadrinhadas e quadriculadas, dos arquitetos modernos.<sup>14</sup> No entanto, não devemos esquecer que os imaginários se expressam nas mais diferentes linguagens e, mesmo o traçado urbano e a arquitetura cumulativa de uma cidade que guarda seus passados, fazem-se depositários de formulações imaginativas. Como

<sup>13</sup> GINZBURG, Carlo. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto e SEBOK, Thomas A.(orgs.). *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo. Perspectiva, 1991. p. 119.

<sup>14</sup> Stella Bresciani ao comentar o pensamento de Camillo Sitte, faz esta distinção. Segundo ela: “Os adeptos da solução técnica moderna de cunho universalista se opõem aos que defendem a dimensão cultural e histórica das cidades” (p. 7). BRESCIANI, Stella. Apresentação. In: \_\_\_\_\_.(org.) *Imagens da cidade: Séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH-SP/FAPESP, 1994. p. 7-11.

lembra Bronislaw Baczko: “todas as cidades são, entre outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais no espaço”.<sup>15</sup>



**Ilustração 1: hotel Rio Branco**

Em artigo publicado na edição nº 13 do jornal lagunenese *O Correio* de 1995, a poetisa local Jaqueline B. Aisemann apresentou sua visão quanto a edificação do hotel Rio Branco. Segundo ela, é um prédio “velho, acabado, com a pintura gasta, os resquícios da bela arquitetura escondidos sob a fachada com ares de abandonado”. Mesmo trabalhando a idéia de desprezo e abandono, percebe-se em seu artigo, ainda que de forma sutil, certo aceno em relação à preservação da urbanidade histórica.

Comenta ela que desde criança costumava caminhar pela cidade observando as pessoas e os lugares e, com este olhar atento, foi “crescendo, observando a bela Laguna envelhecer”.<sup>16</sup> Ao que parece, o que faz Aisemann ver a cidade envelhecer, mesmo ainda bela, não é somente a falta de restauro das construções, é também a mesmice da paisagem urbana. Já que não há transformação de seu quadro arquitetônico, a cidade não se configura como canteiro de obras permanente, cenário das cidades modernas, não se vê a destruição do antigo, em função do novo. Esta perspectiva, quanto à visão da poetisa, é reforçada com

<sup>15</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda. v. 5. 1995. p. 313.

<sup>16</sup> AISEMANN, Jacqueline Bulos. Hotel Rio Branco. *O Correio*, Laguna, 21a 27 out. 1995. p 5.



a constatação de que quando escreveu estas linhas já não mais habitava Laguna, vivia em Genebra, na Suíça.

O tombamento pela União em 1985, que transformou o centro de Laguna em parte integrante do patrimônio histórico nacional, garantiu por completo a manutenção de sua paisagem urbana pela preservação de seu acervo arquitetônico e paisagístico. Algumas construções, exemplos de sua “arquitetura riquíssima”, já haviam tornado-se objeto de tombamento por lei municipal de 1975 e sucessivos decretos, nas administrações dos prefeitos Francisco de Assis Soares e Mário José Remor. Esta legislação colocava os bens que passaram a fazer parte do “patrimônio histórico, artístico e cultural do município” sob a tutela do Conselho Municipal de Cultura, criado um ano antes pela lei nº 28 de 23/09/74.<sup>17</sup> Também o museu Anita Garibaldi já fazia parte do patrimônio histórico nacional desde a década de cinquenta, quando foi comemorado o primeiro centenário da comarca de Laguna.<sup>18</sup> Este acervo destinado a preservação expressam, segundo Alcídio Mafra de Souza, autor de um guia sobre os bens tombados em Santa Catarina, uma edição “determinada” pelo governador Vilson Pedro Kleinübing, “uma continuidade da evolução histórica no que concerne ao núcleo urbano original”.<sup>19</sup>

A historiografia recente tem muito discutido as questões urbanas e, principalmente, atentado para a polifonia das metrópoles,<sup>20</sup> procurando ver “alguns dos procedimentos -

<sup>17</sup> Sobre a legislação que dispõe sobre os bens tombados pelo patrimônio municipal, ver: LAGUNA, Prefeitura Municipal. Lei nº 5 de 26 nov. 1975, decreto nº 27 de 22 out. 1976, decreto 17 de 2 out. 1978, decreto 26 de 20 ago. 1981 e decreto nº 28 de 27 dez. 1982.

<sup>18</sup> ECOS do primeiro centenário da comarca da Laguna. *O Albor*. Laguna, 21 abr. 1956. p. 1.

<sup>19</sup> Segundo este autor: “Esses os documentos, cuja integridade se quer preservar, uma vez que a proteção natural dos morros já não os garante: o centro histórico de Laguna e seu acervo paisagístico, constituído pelo sistema natural que o envolve; o conjunto de logradouros em seu traçado e dimensão; o cais junto à lagoa Santo Antônio e o acervo de edificações, tanto em volumetria, como em sua ocupação de solo e suas características arquitetônicas as quais, em que pesem poucos elementos conflitantes, ainda expressam uma continuidade da evolução histórica no que concerne ao núcleo urbano original.” SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/FCC, 1992. p. 103.

<sup>20</sup> As recentes publicações de estudos nessa área confirmam esta afirmação. Dentre tantos pode-se destacar: *Orfeu extático na metrópole* de Nicolau Sevcenko, *A cidade Polifônica* de Massimo Canevacci, *Fisiognomia da metrópole moderna* de Willi Bolle, *Imagens da cidade* organizado por Stella Bresciani, *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau.

multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos - que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade”.<sup>21</sup> Mas meu principal interesse aqui é identificar justamente a “disciplina”, uma normatização, uma elaboração constituidora e constituinte de um *ethos* para Laguna. Não é por ser uma cidade urbanamente histórica que deixa de lhe perpassar um discurso que a reconstrói, uma abordagem que tenta parecer a abordagem natural. Pois, como lembra Michel de Certeau, mesmo que na vida urbana proliferem as astúcias, os poderes sem identidade, que escapam e burlam as normatizações, tornando-se impossíveis de gerir, “no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas”.<sup>22</sup>

Com isso quero mostrar que se poderia vislumbrar outras cidades em vez da Laguna que apresento. Poderia-se perambular por ela, perder-se, mesmo que conhecendo sua rede viária, nas fachadas de seu antigo casario, nas esquinas de suas estreitas ruas de calçamento em pedra, ouvindo o canto dos ventos. Compor uma imagem que privilegiasse certos recortes, um olhar espectral, que dimensionasse detalhes escolhidos e reduzisse a importância da totalidade, configurar uma apreciação, ou apropriação, que destoasse da conformidade do conjunto. Como o *flâneur* de Walter Benjamin na Paris de Baudelaire que se refugia nas massas das ruas da cidade, sentindo-se em casa, fora dela, perambulando pelas fachadas das edificações.<sup>23</sup>

A caminhada pela cidade que ora se propõe dá-se diferentemente, vai-se circular pelo discurso que a mostra, seguir os marcos já cristalizados e sacralizados, ver a cidade

<sup>21</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 175.

<sup>22</sup> Ibid. p. 174.

<sup>23</sup> BENJAMIN, Walter. A Paris do segundo império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio R.(org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p. 44 -122.

que é visibilizada, olhar os monumentos/documentos das representações oficializadas, instituídas. E sem que se saia delas, porém saindo do “consenso”, as conceba de uma outra maneira: retorcida e deslocada de suas singelezas, questionando seus sentidos, estranhando-as nas suas naturalidades, procurar sua parte que mesmo presente é ocultada, transpor sua aparência tranquilizadora. Não é retirá-las de seu contexto mas perceber nele seus arranjos, buscar os substratos, sua parte constante mas invisível, submersa e mesmo assim de igual material da aparente. Em suma, não reconhecer sua normalidade.

O “amigo radiouvinte” que pela manhã teve anunciada sua identidade cultural na abertura do programa *Show do rádio*, vai, ao transitar pela cidade, por seu “centro histórico” - que deve ser tomado como substantivo composto, pois inexistente em Laguna outro centro, “histórico” não é adjetivo -, senti-la confirmada.<sup>24</sup> Na pequena área ocupada por seu centro, encontra-se grande número de referências à sua “condição histórica”, a começar por sua própria estrutura urbana: pequenas praças e ruas estreitas com calçamento em pedra que moldam quadras disformes.

Em termos de urbanismo, a implantação de Laguna pode ser considerada modelo do que se chama ‘partido geral’, mais evoluído, entretanto, adequado ao ideário do século XVIII. Saliente-se, também, restaura a antiga tradição que vinha das primeiras cidades brasileiras, a qual consistia na localização, em pontos diferentes, da Matriz e do Paço do Conselho. E prova incontestável de seu arcaísmo é, outrossim, o sítio escolhido para a edificação da Casa de Câmara e Cadeia, fora da praça central, geométrica, em outra área, de formato irregular.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Devo ressaltar, no entanto, que o Mar Grosso, um bairro balneário, tem mostrado um bom índice de crescimento urbano nos últimos anos, com um grande número de edificações verticalizadas. Porém seu movimento é sazonal, com grande efervescência na temporada de verão, ficando os demais meses do ano com uma população muito reduzida. Apesar de seu grande desenvolvimento recente não o configuro como um centro, mesmo porque as atividades administrativas, comerciais e de serviços permanecem centradas na parte “histórica” de Laguna.

<sup>25</sup> SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/FCC, 1992. p. 102.





**Ilustração 2:** Mapa do "centro histórico" de Laguna. A região circulada - mais escura - corresponde à área tombada.

#### Monumentos:

- 1- Estátua de Anita Garibaldi.
- 2- Museu Anita Garibaldi.
- 3- Obelisco à República Juliana.
- 4- Busto de Giuseppe Garibaldi.
- 5- "Árvore de Anita".
- 6- Museu "casa de Anita".
- 7- Marco de Tordesilhas.
- 8- Herma de Jerônimo Coelho.
- 9- Estátua de Domingos de Brito Peixoto.

Nesse espaço encontra-se uma arquitetura que, retratando diferentes épocas, remonta ao século XVIII. Ela é um dos documentos/monumentos usados para afirmar que Laguna é "uma cidade que tem história".<sup>26</sup> Este documento figura em quase todo o *marketing* turístico da cidade, seus "antigos casarões", sua "arquitetura riquíssima", seu "casario belo e rico" estão nas publicidades assim como nas publicações de cunho

<sup>26</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna, venha viver esta emoção*. (folheto turístico da administração 93-96).

Colocar que Laguna é "uma cidade que tem história" é também dizer que outras cidades não têm. Isso implica uma concepção historiográfica com padrões para distinguir o que faz e o que não deve fazer parte da história. Da forma como é divulgada a Laguna "que tem história", pode-se enquadrar esta perspectiva historiográfica no que Peter Burke chama de história tradicional, que entre outras características se tem objetiva, privilegia os acontecimentos políticos e as guerras e narra os acontecimentos com uma "visão de cima" evidenciando grandes personagens e grandes fatos. BURKE, Peter. *A nova história, seu passado e seu futuro*. In: \_\_\_\_\_. (org.). *A escrita da história: Novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 07-37.

informativo e educacional. “Laguna guarda um passado histórico, com uma rica arquitetura centenária de casarios, ruas estreitas e monumentos que registram o traçado de várias épocas”,<sup>27</sup> diz o encarte turístico da administração municipal do período 93-96.



**Ilustração 3: "Casa Pinto Ulysséa"**

Saindo desta paisagem arquitetônica que aparenta certa naturalidade devido a sua formação cumulativa, apesar de sua preservação ser um indício da orquestração que se pretende vislumbrar, passamos aos monumentos.<sup>28</sup> Não que a

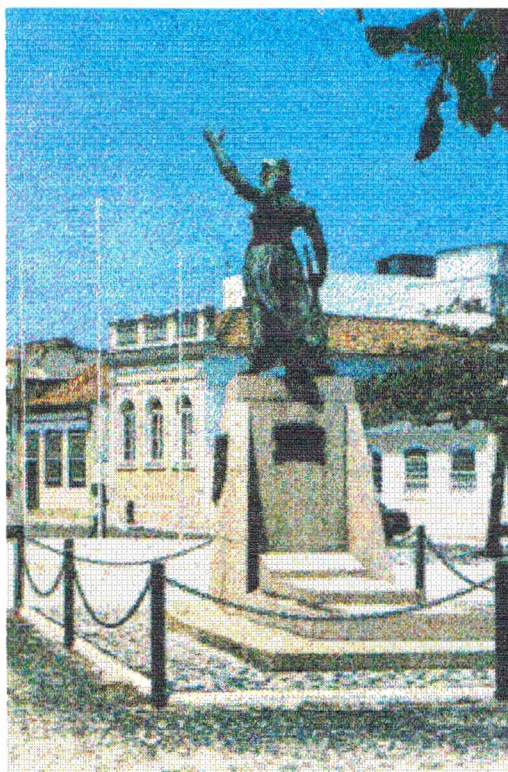
arquitetura, assim como o traçado urbano, não se façam monumentos e vice-versa, pois como assinala Jacques Le Goff, “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias”. Pode-se também inverter essa proposição e pensar o monumento como documento, ainda que Le Goff escreva: “os monumentos, [são] herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. O autor estava interessado em distinguir a “ciência histórica” da “memória coletiva”. Estas distinções, mesmo nesse autor, são puramente conceituais e analíticas, já que também a memória é seletiva, pode ser elaborada, direcionada e interage com a construção histórica. Bem por isso, salienta ele que, o que

<sup>27</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna, venha viver esta emoção*. (folheto turístico da administração 93-96).

<sup>28</sup> O que chamo aqui de monumentos são estátuas, obeliscos e outros do gênero que são no senso comum chamados como tal. Optei por nomeá-los monumentos porque assim estão nas publicações oficiais da cidade. Nesta mesma classificação aparecerão os museus.



restou de uma determinada época não é apenas fruto das contingências do tempo, mas também de escolhas próprias do mundo social.<sup>29</sup>



**Ilustração 4: Estátua de Anita**

sugere dinamismo, movimentação. Anita aparece com os pés afastados um do outro, num passo largo e rápido, tanto que suas vestes apresentam um relevo que denotam um esvoaçar, flutuando no vento contrário ao seu movimento. É sem dúvida a guerreira. Salum Jorge Nacif que esteve à frente do Conselho Municipal de Cultura e iniciou os escritos do que pretendia ser um livro sobre os monumentos e outros elementos da “condição histórica” lagunense, o qual tencionava publicar em comemoração do sesquicentenário da República Juliana cujos festejos era ele presidente da comissão executiva, assim a descreve:

Façamos então uma caminhada por esses monumentos e começemos pelo mais significativo deles, o monumento a Anita Garibaldi(1),<sup>30</sup> de 1964, situado na praça República Juliana. Mede 2,20 mts de altura, a estátua de Anita em bronze sobre um pedestal em granito rosa, com detalhes de seus “momentos heróicos” também em bronze cravado no pedestal. A imagem de Anita retratada neste monumento, não é outra senão a da “heroína”: com a arma em uma das mãos e a outras erguida aos céus, como se estancasse um ato de bravura. Sua imagem não repousa, ela

<sup>29</sup> “De fato, [lembra Le Goff] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (p. 535). LE GOFF, Jacques, *História e Memória*. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

As citações deste parágrafo encontram-se respectivamente nas páginas 548 e 535.

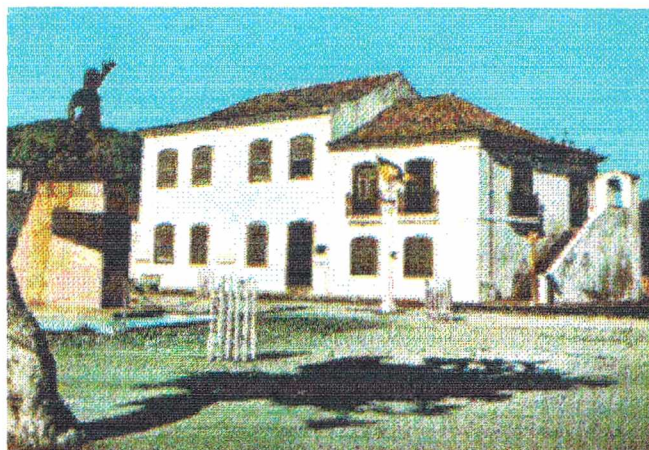
<sup>30</sup> O número que acompanha cada monumento é respectivamente o número que aponta sua localização no mapa da página 31.

Parte destes monumentos tem o momento de sua inauguração contemplado no capítulo III.



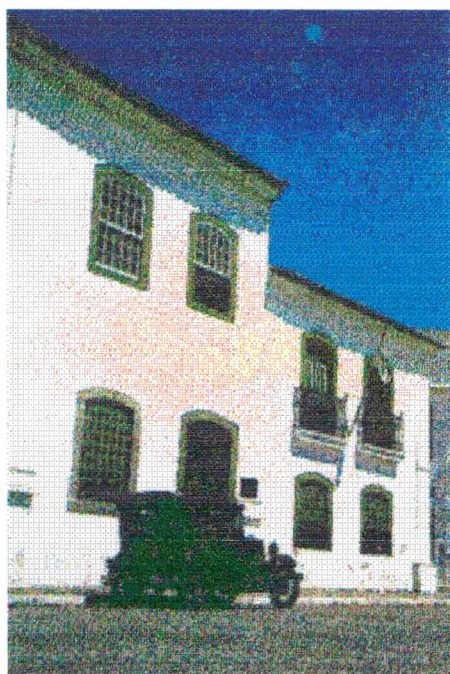
Há uma decisão inapelável naquela face cujos olhos ficam fitando a barra estreita, por onde bordejou, pelejando, o valoroso Seival. É aquela decisão que devotou ao guerreiro ilustre de tantas heróicas lutas pelo mundo livre.<sup>31</sup>

A imagem de Anita pode até direcionar seu olhar à barra como sugerem as palavras de Nacif, mas o que de imediato aparece a quem lhe observa é seu direcionamento ao museu(2), criado em 1956, que também leva seu nome e é um outro



**Ilustração 5: Estátua de Anita e museu**

forte símbolo da identidade histórica lagunense. O prédio que teve sua primeira parte - bloco mais baixo - construída em 1747 para abrigar o paço municipal, já serviu também de cadeia, de prefeitura e de cenário à proclamação da República Juliana. “Ontem cadeia, prefeitura, palácio da República Juliana, hoje santuário de nossa história”, lembra o *folder* turístico da administração municipal de Saul Ulysséa Baião, 1970-73.<sup>32</sup> É praticamente inevitável a ligação, confluindo para uma perfeita combinação, Anita ali prostrada, em sua



**Ilustração 6: Museu Anita Garibaldi**

<sup>31</sup> NACIF, Salum Jorge. *Os monumentos da Laguna e outros apontamentos para a história da terra juliana*. Laguna. 1989. (mimeo - incompleto e inédito).

Salum J. Nacif respondeu pelo Conselho Municipal de Cultura durante as administrações dos prefeitos Mário José Remor, 1977-83, e João Gualberto Pereira, 1983-88. Estas gestões tiveram uma continuidade administrativa, João G. Pereira foi também vice do prefeito Mário J. Remor.

<sup>32</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna espera por você*. (*folder* turístico da administração 1970-73).

estática aparência dinâmica, indicando para o espaço genuíno dos acontecimentos, lembrando a todos que por ela passam que ali está sacralizado um pedaço da história. Este “santuário” da história lagunense é assim descrito no “guia histórico e turístico” da administração municipal de João Gualberto Pereira, 1983-88:

Instalado no prédio histórico em que foi proclamada a República Juliana, a 29 de julho de 1839, na praça do mesmo nome, o museu Anita Garibaldi, evoca três séculos de arte e história, com valiosíssimas peças, que rememoram a heroína lagunense (Anita Garibaldi).<sup>33</sup>



Anita, assim como a República Juliana, não recebe somente estas homenagens. Existem outros marcos pela cidade reportando aos personagens e acontecimentos da República Catarinense. Na praça Pinto Bandeira existe um obelisco(3) em granito branco inaugurado em 29 de julho de 1939, em comemoração ao centenário da República Catarinense. Nas placas lêem-se as seguintes inscrições “A heroína de dois mundos - sua terra natal”, “Aos heróis Lagunenses da epopéia de 1839”.<sup>34</sup>

**Ilustração 7: Obelisco à República Juliana**

<sup>33</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*. (guia histórico e turístico da administração 1983-88). p.12.

<sup>34</sup> Este obelisco foi primeiramente instalado na praça República Juliana e transferido para o local atual em 1964, quando naquela praça foi inaugurada a estátua de Anita Garibaldi. Posteriormente, na administração do prefeito João Gualberto Pereira, 1987, foi inserida neste monumento uma placa em homenagem aos voluntários da Guerra do Paraguai.



No jardim Calheiro da Graça em frente à igreja matriz encontra-se um monumento comemorativo ao centenário da morte de Giuseppe Garibaldi (4), inaugurado em 02 de junho de 1982 e diante deste, está plantada a “Árvore de Anita”(5)



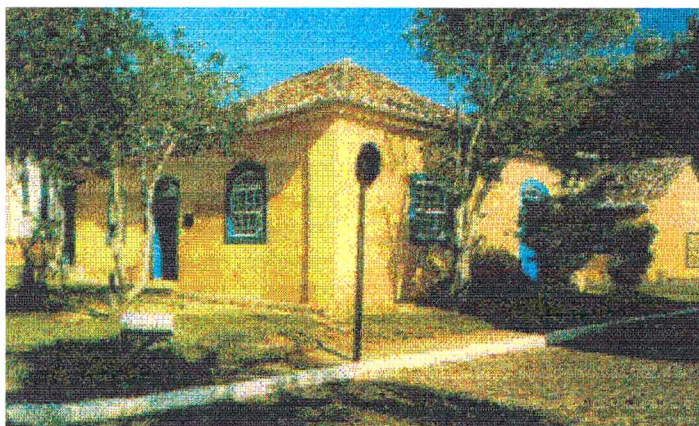
**Ilustração 9: Busto de Giuseppe Garibaldi**

que, segundo uma placa ali colocada, nasceu da quilha do Seival, um dos lanchões usados por Garibaldi nas batalhas dos Farrapos em Santa Catarina. Na esquina do mesmo jardim, ao lado da matriz Santo Antônio dos Anjos, encontra-se a “casa de Anita”(6), um museu



**Ilustração 8: “Árvore de Anita”**

dedicado inteiramente à “heroína lagunense”. A edificação foi restaurada e transformada em “relicário histórico” no ano de 76, como parte das comemorações do tricentenário de Laguna. O “guia histórico e turístico” *Laguna a natureza e o passado sempre*



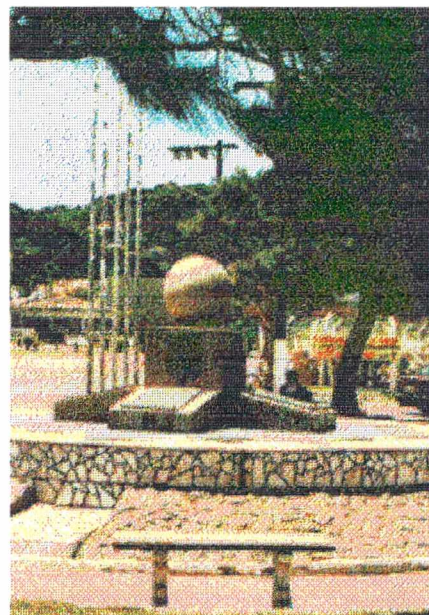
**Ilustração 10: Museu “casa de Anita”**

*presentes* assim se refere a ela:

Batizada com este nome em homenagem à heroína catarinense, Anita Garibaldi, que aí se vestiu para casar pela primeira vez. A casa de estilo colonial; em seu interior um pequeno museu, com utilidades de Anita, tais como: móveis, utensílios domésticos, fotografias e numa

urna, a terra da sepultura de Anita Garibaldi, do cemitério de Ravena na Itália.<sup>35</sup>

Na avenida Perimetral próximo à estação rodoviária encontra-se o monumento de Tordesilhas(7) cuja inauguração em 07 de junho de 1975, também fazia parte das comemorações do tricentenário de criação de Laguna (1676-1976). O monumento mostra o mundo dividido pelo Tratado de Tordesilhas, acordo, segundo a história oficial, firmado entre Portugal e Espanha em 1494 que estabelecia um meridiano dividindo o mundo a ser “descoberto”. No Brasil esta linha imaginária passava, ao norte, em Belém no Estado do Pará e, ao sul, em



**Ilustração 11: Marco de Tordesilhas**

Laguna. É a alusão primordial da história lagunense, marcando a presença de Laguna na história universal e é a primeira referência para a história de Laguna e do Brasil, isso ainda que nem ela e nem o Brasil existissem. O “guia histórico e turístico” *Laguna/80: historia, turismo y amistad* publicado em espanhol na administração de Mário José Remor, comenta da seguinte forma o sentido do monumento:

En 7 de junio de 1494, fue firmado entre Portugal y España, el Tratado de Tordesillas, que fijava como línea divisoria al meridiano de 370 leguas al oeste del arcipiélago de Cabo Verde, en el Atlantico, al norte, y al sur en Laguna. Este tratado modifico la Bula Inter Costera expedida en Mayo de 1493, firmado por el Papa Alejandro VI, que obsequiaba las tierras al este a Portugal y al oeste a España.<sup>36</sup>

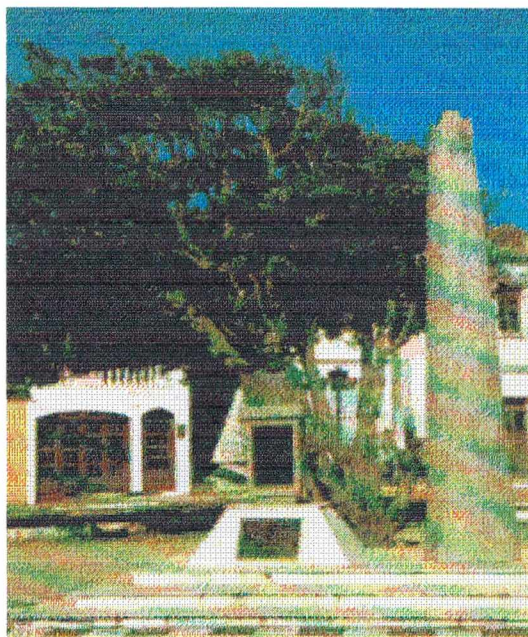
<sup>35</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*. (guia histórico e turístico da administração 1983-88). p. 09.

<sup>36</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna/80: Historia, turismo y amistad*. (guia turístico e histórico da administração 1977-83). p. 11.

O prefeito Mário José Remor é um dos proprietários do Renascença hotel, que neste guia anunciava sua ampliação. Convidava os turistas a hospedarem-se nos “nuevos apartamentos sofisticados” do hotel Renascença, “el más central de la Playa de Mar Grosso, en la histórica ciudad de Laguna.” (p. 15)



Entre o monumento de Tordesilhas e a estátua de Anita Garibaldi acha-se, no largo do rosário, o monumento a Jeronimo Francisco Coelho(8), inaugurado em 28 de julho de 1981 como parte da comemoração dos 305 anos de Laguna. Jerônimo Coelho, “fundador” da imprensa catarinense e político de prestígio na época do império brasileiro, é um dos “filhos ilustres” que, de acordo com as publicações do poder público local, merecem participar da memória do município. Ele é, dentro deste tipo de história, um personagem ideal, um “vulto lagunense” que engrandece o passado da cidade, “o Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho é motivo de orgulho para o povo lagunense”,<sup>37</sup> lê-se em um “guia histórico e turístico” da prefeitura municipal da gestão 1983-88. Em uma das placas deste monumento



**Ilustração 12: Herma de Jerônimo F. Coelho**

encontra-se a seguinte inscrição:

A Jerônimo Francisco Coelho, o mais ilustre catarinense do Império, aqui nascido em 30 de setembro de 1806, e que com dedicação e amor serviu à sua pátria, nas altas funções de Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, Presidente das Províncias do Pará e Rio Grande do Sul, General do exército, Deputado Provincial e Geral. Além de ter sido e fundador, há 150 anos, da imprensa catarinense, é oferecido este monumento com gratidão.<sup>38</sup>

Finalizando este giro desordenado pelos maiores monumentos do centro de Laguna, chega-se à estátua de Domingos de Brito Peixoto(9), criador da cidade, inaugurada em janeiro de 1983. A colonização iniciada em Laguna por Brito Peixoto é um fato que não

<sup>37</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*. (guia histórico e turístico da administração 1983-88). p. 05.

<sup>38</sup> Inscrição de uma das placas do monumento a Jerônimo Coelho. Largo do Rosário, Laguna -SC.



esgota sua importância em si mesmo. Seu significado e dimensão extrapolam ao próprio ato. As narrativas deste acontecimento mostram que o bandeirante ao “fundar” Laguna em sua aventura pelo sul, também insere sua relevância na história do Brasil. A importância desta “fundação” assim é relatada no guia *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*:

Uma das razões determinantes da fundação de Laguna foi para que a Coroa Portuguesa tivesse, no extremo de sua Colônia, um “posto avançado” de seu então mal definido domínio. Seria, como foi, um ponto de apoio ao povoamento do Rio Grande do Sul e às lutas hispanolusitanas na Bacia Platina.<sup>39</sup>



**Ilustração 13: Estátua de Domingos de Brito Peixoto**

Além dos monumentos aqui mostrados, nessa caminhada pela cidade visibilizada, existem outros que optei por não utilizar, seja por sua insignificância diante dos apresentados, seja por não se configurarem relevantes ao interesse dessa pesquisa ou, ainda, por não acrescentarem nada mais que os exibidos já não demonstrassem. Mesmo não apresentando os demais monumentos, assim como outros documentos/monumentos usados para afirmar sua história, que na atualidade são redirecionados por uma prática que faz a cidade figurar como “pólo turístico”, o material

apresentado é suficiente para vislumbrar como Laguna é pontuada de marcos simbólicos, direcionados a adquirir uma significação homogênea, única, que lhe garantem a imagem de “cidade monumento”, patrimônio histórico nacional, cidade histórica. Estes monumentos

<sup>39</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*. (guia histórico e turístico da administração 1983-88). p. 03.

demonstram como na organização do espaço dão-se estratégias de controle, de manipulação da memória e de criação de imaginários.

Como os demais marcos, os monumentos, visam produzir na vida cotidiana a crença necessária à afirmação do discurso histórico aos lagunenses. O indivíduo desta sociedade não vai, na sua cotidianidade, investigar a veracidade destas relações. Na existência cotidiana, as ações são norteadas pela confiança e pela fé.<sup>40</sup> Esta crença pretende modelar e nortear as atitudes dos agentes sociais na medida em que o material simbólico que a compõe e a sustenta se estabelece como comunicação legítima de uma realidade evidente e única. “O real contado dita interminavelmente aquilo que se deve crer e aquilo que se deve fazer”.<sup>41</sup> Assim, com toda a multiplicidade de informação por várias mídias, seja no *Show do rádio*, nos museus, nas estátuas, nos folhetos publicitários, enfim por toda a rede simbólica e discursiva que dá esteio a esta identidade construída, possivelmente, os lagunenses terão dificuldade em recusar estas construções, colocando-as em suspenso, tomando-as enquanto uma possibilidade. Ao contrário, tudo se fecha ao seu redor para a aceitação desta imagem da cidade, que lhe é dada - ou seria imposta - a ser compartilhada e assimilada, apresentada de tal modo que os lagunenses devam se sentir parte integrante. Como se pode encontrar em uma publicação da prefeitura municipal, destinada à utilização nas escolas e divulgação junto à comunidade e visitantes, a qual incide sobre o dever dos lagunenses em prestigiar e preservar esta tradição para cidade; que torna-se o potencial turístico, fazendo afluir para

<sup>40</sup> Como lembra Agnes Heller “Ao astrônomo, não basta ter fé em que a Terra gira em redor do Sol; mas, na vida cotidiana, essa fé é plenamente suficiente. Não basta ao médico acreditar na ação terapêutica de um remédio, mas essa fé é suficiente para o enfermo”. HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 33.

<sup>41</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 287.

Este autor tratando da instituição do real na sociedade da informação, faz uma descrição do mundo social saturado pela mídia que resguardadas as diferenças podemos ver nele o “amigo radiouvinte”: “Desde a manhã até a noite, sem pausa, histórias povoam as ruas e os prédios. Articulam nossas existências ensinando-nos o que elas devem ser. ‘Cobrem o acontecimento’, ou seja, fazem deles as nossas legendas (legenda: aquilo que se deve ler e dizer). Apanhando desde o momento em que acorda pelo rádio (a voz é a lei), o ouvinte anda o dia inteiro pela floresta de narratividades jornalísticas, publicitárias, televisionadas, que de noite, ainda introduzem as suas últimas mensagens sob as portas do sono.”(p. 287) CERTEAU, Michel de. *Maneiras de crer*. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 277-303.



Laguna visitantes em busca “...de uma identidade que perderam nas grandes cidades ao se despojarem de quase todo o seu passado, testemunha de seu evoluir.” Então, alerta esta publicação:

Os lagunenses são hoje herdeiros de um documento histórico vivo, retratado nas páginas do tempo, fruto das lutas e conquistas deste povo. Preservar-se como um Monumento Nacional constitui uma responsabilidade histórica de Laguna para com o Brasil, ...<sup>42</sup>

Os documentos/monumentos são uma forma de impingir certa ordenação ao mundo social; é a formação de uma tradição que Hannah Arendt chama de “fio condutor”, a presentificação do passado, a atualização da vida social, que vai compor a compreensão do mundo de cada nova geração.<sup>43</sup> Os marcos e símbolos atuam no mundo social dando-lhe organização, normatividade, pode-se pensar que eles agem em relação ao caos, como é impossível o domínio sobre a temporalidade e ordenação próprias do mundo - se é que existe alguma - no mundo social criam-se marcos, símbolos e mitos que dão certa constância às coisas. Por isso a importância do controle sobre as representações e sobre o material simbólico, que compõem o mundo social. Pois a incerteza e a indeterminação que acompanham os símbolos e os objetos das representações permitem a variação dos sentidos dados a eles, ou seja, como o significante não possui um sentido absoluto em si, possibilita um leque de significados.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> ALERTA, Laguna! In: ROMERO, Fernando (Org.). *Cadernos da Laguna: A terra e a gente*. nº 1, Fundação Catarinense de Cultura, s.d.. p. 18.

<sup>43</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 53.

<sup>44</sup> Segundo Pierre Bourdieu no mundo social os símbolos também comportam elasticidade, indeterminação e fluidez. Daí a procura por construir uma visão homogenizadora de percepção invariável. Para este autor, “esse elemento objetivo de incerteza - que é muitas vezes reforçado pelo efeito da categorização, podendo a mesma palavra englobar práticas diferentes - fornece uma base para a pluralidade de visões de mundo, também ela ligada à pluralidade de pontos de vista. E, ao mesmo tempo, uma base para as lutas simbólicas pelo poder de produzir e impor a visão de mundo legítima.”(p. 161) BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e poder simbólico*. In: \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

Deste modo, a “condição histórica” lagunense, não pode ser encarada como a transparência da realidade, o real em sua autenticidade, mas uma imagem que é a própria realidade com a qual se está lidando e convivendo. Michel Maffesoli, lembra que “o verdadeiro em si não existe”. Para ele “è preciso ser bastante ingênuo para acreditar que a vida social funciona em bases de autenticidade, pois ela é, de fato, uma perpétua encenação que os pensadores mais lúcidos não deixaram de sublinhar”.<sup>45</sup>

A história lagunense, construída enquanto tradição e simbolizada nestes documentos/monumentos, é capaz de reunir o que Clifford Geertz denomina de “*ethos*” e “visão de mundo”. Os símbolos desta identidade foram sacralizados e mitificados. Compõem um arcabouço de valores para Laguna que pretende orientar as ações dos indivíduos na vida cotidiana, organizar suas condutas e dar significados às suas experiências. Os valores contidos nessa tradição tornam-se o sentido natural das coisas; a ordenação criada com a tradição combina em perfeita afinidade, e não poderia ser diferente, já que se trata de uma única construção, com uma ordem geral, com a apreciação da realidade reconhecida como evidente. Na medida que esta tradição é mitificada e sacralizada, não permite pensar na possibilidade, na escolha, na opção. Fazendo-se crer objetiva, única possível, condição natural do trilhar dos acontecimentos no tempo. “Nos rituais sagrados e nos mitos, os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular”.<sup>46</sup> Estas “condições” determinadas pelas particularidades que lembra Geertz figuram atualmente na tradição de cidade histórica inventada para Laguna como definidora incontestável de sua “vocação” turística:

<sup>45</sup> MAFFESOLI, Michel. Da aparência ao cinismo. In: \_\_\_\_\_. *A conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 122.

<sup>46</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989 (cop.), p. 149.

A condição histórica de Laguna, a permanência de padrões de arquitetura colonial e, sobretudo, a combinação entre a posição geográfica - próxima da BR-101, e a metrópole porto-alegrense - e a morfologia litorânea lhe conferem nítida vocação de centro turístico.<sup>47</sup>

A cristalização dessa “vocação”, principalmente no que tange à sua “condição histórica”, passa também pela divulgação em folhetos educativos que mostram os seus “três séculos de Brasilidade”. Neles são encontrados os “filhos ilustres”, os “dados históricos”, grandes feitos e grandes momentos, que devem ser lembrados, pois afirmam Laguna como “pólo cultural e histórico de Santa Catarina”.<sup>48</sup> Bronislaw Baczko lembra que o grau de influência dos imaginários sobre os agentes sociais depende, em muito, de sua difusão, por isso a importância dada aos meios desta propagação. O sucesso de uma identidade construída é alcançado proporcionalmente à intensidade de sua divulgação. É isto que faz Laguna ser pontuada de monumentos e inflada de publicações que afirmam ser ela uma cidade que “tem uma história riquíssima e feitos inacreditáveis. Um patrimônio histórico de extraordinário valor cultural.”<sup>49</sup>

<sup>47</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*. (guia histórico e turístico da administração 1983-88). p. 08.

<sup>48</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: Três séculos de brasilidade*. (Florianópolis): UFSC, 1982. p. 15.

<sup>49</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: o passado sempre presente*. (folder s.d.).

Bronislaw Baczko escreve que: “para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. É assim que qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar um certo controle sobre os seus circuitos de difusão.” (p. 313) BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda. v. 5. 1995. p. 296-332.

Ver também:

HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: \_\_\_\_\_ e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 271-316.



LAGUNA MONUMENTO NACIONAL  
Patrimônio Histórico Paisagístico

## VULTOS LAGUNENSES

ANITA GARIBALDI  
MANOEL JOSÉ DE SOUSA FRANÇA  
JERÔNIMO FRANCISCO COELHO  
ALMIRANTE JESUINO LAMEGO DA COSTA  
VISCONDE ARIÓ



Administração  
• Prefeito: João Gualberto Pereira  
• Vice-Prefeito: Rogério Wendhausen

REQUISADOR: SALIM J. NACIF  
Presidente Conselho Municipal de Cultura

Nesses folhetos e nos *folders* não aparecem apenas as narrativas de seus “grandes” momentos, mas também o material referente a estes momentos narrados. Não se apresenta somente uma história da República Juliana, mostram-se também seus monumentos e museus. “Sendo o berço da República Catarinense, proclamada em 29 de julho de 1839, a Casa de Anita, juntamente com sua estátua, registram um período heróico de nossa história”

### Ilustração 14: Folheto da Pref. Municipal de Laguna

diz o folheto turístico da administração 93-96.<sup>50</sup> O que insinua estar colocado na construção e indicação do referente são as estratégias de fazer crer, “o ‘real’ é aquilo que, em cada lugar, a referência a um outro faz acreditar”,<sup>51</sup> manter a credulidade, pois os monumentos/documentos desta imagem histórica podem perder significado na medida em que só vive o que é lembrado e só é lembrado o que tem sentido. O referente é uma forma de não esvaziar de confiança e fé o material simbólico, não permitindo o deslocamento da

<sup>50</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna, venha viver esta emoção*. (folheto turístico da administração 93-96).

<sup>51</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 289.

crença para objetos fora da tradição. Deve-se reconhecer que a vivência e as experiências do presente podem possibilitar a elasticidade ou distorção dos significados, por isso a utilização desses dispositivos de apreensão. Pierre Bourdieu afirma que na imposição de uma nova realidade social, “as mais típicas dessas estratégias de construção são as que visam reconstruir retrospectivamente um passado ajustado às necessidades do presente - (...) - ou construir o futuro, por meio de uma predição criadora, destinada a delimitar o sentido, sempre aberto, do presente”.<sup>52</sup> Por isso a história constante dos folhetos e *folders* convergem para a imagem de “pólo turístico” do mesmo modo que o investimento nessa “vocação” da cidade é apresentado como a certeza de prosperidade futura.

O homem moderno parece viver numa constante luta entre o passado e o futuro, fazer seu amanhã sugere implicar constantes rupturas com a tradição,<sup>53</sup> mesmo que estas rupturas funcionem no interior desta tradição, fazendo com que alguns de seus elementos permaneçam. Mas, em se tratando da identidade histórica lagunense, que figura atualmente como constitutiva de seu potencial turístico, que também é a proposta de desenvolvimento futuro, tudo leva a crer que o campo de batalha se esvazia, estas duas forças não se confrontam, se coligam e se confirmam, para além do “fio condutor” das novas gerações. Essa tradição para Laguna é também seu produto e investimento; é seu futuro, não se trata de romper com o passado e, sim, afirmá-lo. A tradição é coisificada, o passado é materializado, objetivado. Mora aí a dificuldade de sair do “consenso”, romper com o passado, negar a “condição histórica”, transpor esta realidade instituída. Fazê-lo é desenhar

<sup>52</sup> BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 162.

<sup>53</sup> Marshall Berman escreve que o mundo moderno é um mundo onde “Tudo que é sólido desmancha no ar”, no qual há uma constante ruptura com o passado que está sendo constantemente destruído em função do novo. É a inovação permanente; é não deixar que as coisas continuem sendo como são, é a velocidade, a aceleração do ritmo da vida. Para esse autor, manter-se inovador na modernidade faz-se necessário incorporar um ritmo de desenvolvimento perpétuo, uma “autodestruição inovadora”, caso contrário “todas as pessoas, coisas, instituições e ambientes que foram inovadores e de vanguarda em um dado momento histórico se tornarão a retaguarda e a obsolescência no momento seguinte”(p. 77). BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. 9ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1992.



a morte do futuro. E não é isso justamente que sustenta todo discurso totalizador, a projeção que supera os riscos, a certeza anunciada por ele de um futuro melhor e garantido? Mais que nas palavras, é na própria imagem de um artigo publicado na edição nº 65 de 1996 do jornal *O Correio* que encontro a melhor resposta para esta questão.<sup>54</sup>



**Ilustração 15:** Artigo do jornal *O Correio* nº 65 de 1996

A tradição se  
converte em proposta de  
futuro já que ela é o  
material para produção  
de seu desenvolvimento,  
o que faz haver poucas  
diferenças entre um  
folder publicitário e um  
folheto educativo, sendo

o segundo mais extenso, com textos mais longos e explicativos e o primeiro ocupando-se mais de material visual. Porém, no que se refere a seus conteúdos não há propriamente divergência. São sempre seus monumentos, sua arquitetura, seus vultos, sua importância histórica, colocados num misto de reverência mítica com mercadoria, atração turística. A combinação entre sagrado e profano é muito bem dosada, não se apresenta como contradição, um civismo em respeito à tradição que é a mesma imagem colocada à venda. É a tradição na *vitrine*, exposta. O passado que organiza as ações do presente, ou seja, seu *ethos*, a “condição histórica”, é a proposta de futuro, de desenvolvimento, assim apagam-se

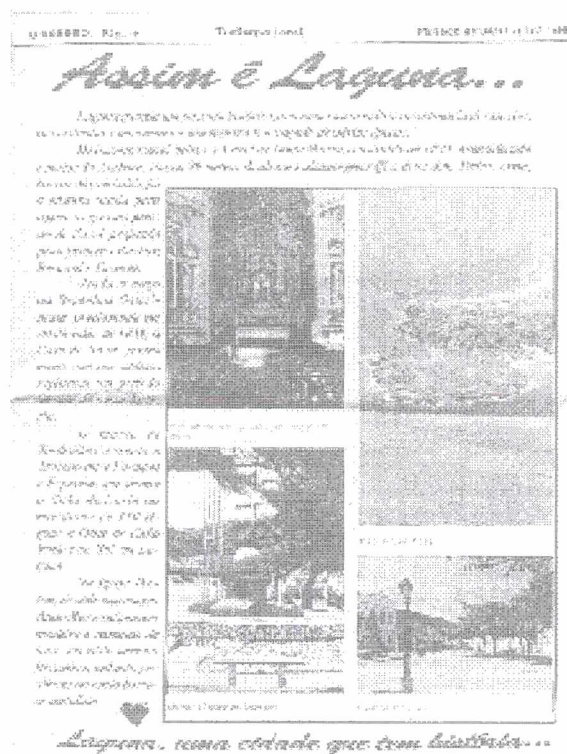
<sup>54</sup> Este artigo comenta algumas possibilidades que “visam trazer solidez à economia do município”, sendo a atividade turística um dos pontos principais para este vinlumbrado desenvolvimento. As possibilidades comentadas giram em torno de duas questões fundamentais dos planos do prefeito eleito João Gualberto Pereira: a municipalização do porto e a revitalização do turismo. LAGUNA: um só caminho. *O Correio*. Laguna, 13 a 19 nov. 1996. p. 02.

João Gualberto Pereira retornou, a partir janeiro de 1997, para mais um mandato à frente do executivo municipal. Ele foi vice-prefeito, administração Mário José Remor, 1977-83 e prefeito, 1983-88.



as contradições. Uma amostra desta estreita relação é a publicação em jornais locais de material idêntico ao encontrado em *folders* turísticos.

“Laguna possui inúmeras obras que nos trazem à lembrança um passado cheio de heroísmo e dedicação”,<sup>55</sup> diz o último *folder* turístico da prefeitura municipal, enquanto o folheto *Caderno de Laguna* nº1, produzido principalmente para utilização didática nas escolas do município, traz o roteiro de um passeio por Laguna em que muitos pontos atentam para sua



**Ilustração 16:** Página do Jornal O Correio de 4 a 10 nov. 1995

história. Essa imbricação entre *marketing* turístico e educação da população serve de convencimento ao turista que a visita, e lógico, de dispositivo do turismo, pois não será difícil encontrar um lagunense que dê informações do que a cidade pode proporcionar nesta área. Entretanto, este entrelaçamento tem ainda o efeito de confirmar aquilo que o “amigo radiouvinte” recebe por toda a rede que lhe convence da sua identidade cultural. É mais um fio desta tessitura, não só pelo fato de ver na cidade o turista que se interessa e comenta sobre sua tradição, também pela circulação deste material publicitário entre os próprios lagunenses. O que temos aqui são mecanismos de convencimento, um tipo de informação e educação não formalizado, uma espécie de coerção que tenta modelar a recepção, as apropriações sobre a qual os lagunenses constroem suas visões de mundo, conclamando-os

<sup>55</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: Os paralelepípedos da velha cidade vão arrepiar*. (*folder* turístico da administração 1993-96)

a agir de acordo com a tradição criada. Unificando, diluindo o indivíduo num conjunto valorativo comum, quando informa comprova uma realidade como evidente e legitima um poder, certamente o de quem a criou e nela tem interesses.

Esses materiais, assim como o restante, estão sempre a afirmar que Laguna é uma “cidade monumento” com “atrações turísticas por todos os lados”,<sup>56</sup> mesmo que em um ou outro varie um pouco a importância dada à sua história, dando mais ênfase às praias e às belezas naturais, por exemplo, o que sobressai é a intenção de convencer que Laguna tem “o passado sempre presente”. Esta afirmação, presente em

vários *folders*, faz-se síntese da discussão. Dizer que o passado é sempre presente é afirmar a não-ruptura com a tradição, é negar a mudança, não só agora, mas para todos os tempos, é predizer seu futuro. A enunciação desta afirmação estabelece uma Laguna infinitamente marcada por sua “condição histórica”; se o passado é sempre presente ele ultrapassa qualquer demarcação temporal, ele é presente nele, hoje e eternamente. Mais que isso, “sempre” é uma afirmação enunciativa que a tudo abarca. Assim, é impossível sair dela, apagá-la, vencê-la ou matá-la, ela é inevitável e mesmo que haja divergências, contestações e resistências, ela permanecerá, “sempre”, eternamente viva, à vista.



**Ilustração 17: "Folder" da Pref. Municipal de Laguna**

<sup>56</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: a natureza e o passado sempre presentes*. (guia histórico e turístico da administração 1983-88). p. 08.

## 2- O avesso do avesso

Se Laguna tem “o passado sempre presente” como anuncia o poder público local, há de imediato um problema na existência dessa afirmação. Se o passado está no presente, se ele se faz presente na vivência do presente, falta tempo e espaço, para existência de uma dessas duas temporalidades, ou, pode haver a coexistência de ambas, só que para isso, uma delas tem que ceder espaço e tempo à outra. Esta questão, a própria enunciação responde. Se é o passado que se presentifica, parece estar bastante definido o que está sendo desqualificado, principalmente se levarmos em conta que, para Laguna do discurso da cidade histórica o passado se travesti em proposta de futuro.

Desta dissonância aparente do discurso, emerge um constrangimento vivenciado. Se Laguna tem um passado glorioso, que merece ser reverenciado insistentemente, é em função de seu presente não estar em condições satisfatórias ou não ter se realizado enquanto a possibilidade de prosperidade que no passado foi vislumbrada. Logo, o presente deixa a desejar, não preenche as condições requeridas para quem teve um passado de tamanha importância. Há aqui uma lógica combinatória e conflitante, paradoxal: Laguna tem um passado glorioso em função de um presente inexpressivo ou seu presente só é desqualificado em função de ter um passado grandioso. Não obstante, os dois e nenhum. Esta seria uma grande dificuldade teórica e uma questão empírica não resolvida se se optasse por crer que a realidade social tem um caminhar próprio acima da vontade dos homens. No entanto, se tenho a convicção de que a história é uma construção, o grau de relevância maior ou menor do passado no presente faz-se socialmente. Assim, em vez de buscar identificar o que é determinante, já que vejo a identidade de cidade histórica como



correlata de uma prática da atualidade, é mais elucidativo evidenciar como se configura a outra ponta do discurso da “cidade que tem história”.

O que está na interface do discurso do passado glorioso é o mal-estar de ser a “terra do já teve”. É uma extremidade oposta, mas não contrária. É uma outra discursividade da mesma formação discursiva, atravessada pelo mesmo interdiscurso. No início deste capítulo havia atentado para a questão de que as críticas contra a identidade histórica acabam, mesmo pelo avesso, a confirmá-la, pois não rompem com o “consenso”. Assim, funciona o discurso da “terra do já teve”, não se compõe exatamente como um contradiscurso, pois não olha a “condição histórica” como a correlata de uma prática, uma fabricação. Concebe o passado glorioso e o itinerário de atraso que dele advem como a trajetória histórica natural, como a realidade das coisas, não a enunciação das palavras. Resumindo, não escapa à interdiscursividade e integra à formação discursiva atual de cidade histórica.

No carnaval de 1987, o *Grêmio Recreativo Cultural Esportivo Escola de Samba Os Democratas* desenvolveu o enredo “Laguna: ontem, hoje e amanhã”, colocado na avenida ao som do samba *Na terra do já teve e tudo tem*. O samba tinha, na idéia original de crítica ao atraso da cidade, o título *Na terra do já teve e nada tem*, mas em função do risco de expor a escola a uma desclassificação ou perda de ponto pelo material contestador que apresentava, como também pela opinião de alguns dos membros participantes que achavam que a cidade não havia perdido tudo, que muito do que se comentaria ainda estava lá, pelo menos a estrutura física das coisas, ainda que desativadas, optaram por colocar “e tudo tem”.<sup>57</sup>

O samba dos *Democratas*, apesar da adaptação do título, em sua letra mantém em quase todas as estrofes críticas àquilo que a cidade deixou de ter. Com exceção do quarto

---

<sup>57</sup> Jairo Barcelos (Carnavalesco da Escola de Samba Os Democratas e presidente da Fundação Lagunense de Cultura). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 06 maio 1996.

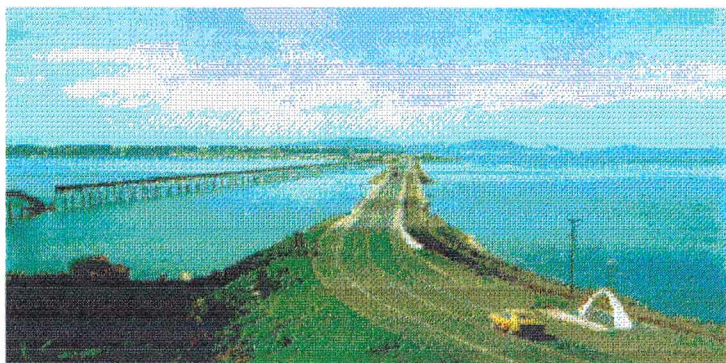
verso que é o único que permite pensar algo que ainda tem, todos os outros são referências a símbolos de desenvolvimento que a cidade já ostentou. À parte alguns “antigos tesouros” culturais e esportivos, como os blocos “Bola Branca e Bola Preta” e o time de futebol “Barriga Verde” nele reverenciados, o que o samba mais assinala são as questões de desenvolvimento econômico, principalmente marcos como o porto e a ferrovia. Proporcionando uma viagem a uma época em que funcionavam na cidade estes elementos de desenvolvimento, o samba é a descrição de um sonho de ver Laguna como já foi.

Na terra do já teve e tudo tem  
pois eu sonhei  
que maravilha  
nossa barra que beleza  
entrou navio bem maior que o malteza.

(...)  
Ô ô ô,  
Eu agora vou embora  
vou no trem das onze horas.<sup>58</sup>

Pela leitura do samba percebe-se que a colocação do “e tudo tem” responde realmente a uma maneira de fugir de possíveis julgamentos penosos. Pois, mesmo retirando “e nada tem”, logo no início do samba fica claro que o que se reclama ter perdido só existe ficcionalmente. Na primeira frase do samba lê-se “e tudo tem pois eu sonhei”. Na verdade, parece tratar-se de um desejo, de uma vontade de ter o desenvolvimento que estes símbolos demonstram ter havido em uma outra época.

<sup>58</sup> *Na terra do já teve e tudo tem* samba de enredo da Escola de Samba Os Democratas para o carnaval de 1987. Composição de Enos Krieger.



**Ilustração 18: Ponte de Cabeçadas**

Confluindo para a  
confirmação do sentimento  
expresso no samba dos  
*Democratas*, há na cidade ruínas  
que são marcos de um tempo de  
desenvolvimento e progresso. A  
mais majestosa delas é, sem

dúvida, a da ponte de Cabeçadas. Grande obra da engenharia do final do século XIX, construída em ferro, por ela passavam os trilhos da ferrovia que transportava o carvão que era exportado pelo porto de Laguna. Já não é mais usada e tem uma parte rompida, caída nas águas da lagoa, ficando sem utilidade aparente ao lado da nova ponte. Talvez sua grande utilidade seja ser vista como está, uma ruína, um marco de um tempo. Ela está ali para lembrar que a cidade “já teve” tal grau de desenvolvimento. É mais um símbolo a insistir ao “amigo radiouvinte” a crença na “condição histórica”. Tanto ela como o samba acabam por engrossar a atual formação discursiva da “cidade que tem história”. “Terra do já teve” é uma afirmação que a princípio sugere um descontentamento com o presente, mas acaba por glorificar um passado onde as coisas aconteceram, onde existiu o que falta no presente, afirmar que “já teve” é apostar na grandiosidade do passado e com isso pode ser conectado ao discurso do passado glorioso que é a proposta de futuro.

A imagem da ponte em ruína e o discurso da “terra do já teve” poderiam apresentar um certo desafio à ordem instituída como a lembrança de uma época de desenvolvimento e prosperidade.

Mas, ao contrário, é incorporada ao discurso da “condição histórica”, passam a agir no seu interior



**Ilustração 19: Detalhe da ponte de Cabeçadas**



na confirmação da crença que Laguna é uma “cidade que tem história”. O “já teve” mais do que a crítica do presente torna-se a reverência ao passado. É mais um símbolo a engrossar a teia de representações que buscam unificar e modelar as compreensões do mundo social, tomam parte do sistema estruturante de formulação dos imaginários.

Também a historiografia tem contribuído para afirmação do passado quando critica o presente. João Leonir Dall’Alba, organizador da obra *Laguna antes de 1880: documentário*, é um explicativo exemplo disto. Seu livro é uma coletânea de documentos de diferentes épocas. Nele se encontra de “Notícias da povoação e fundação da vila de Laguna”, escritas por Francisco de Brito Peixoto filho do criador da cidade, a registros de vendas de escravos. Neste trabalho de Dall’Alba, Laguna aparece com grande importância histórica, como “célula máter da brasilidade do sul”, responsável pela expansão do domínio português no sul no período colonial. É o marco fundante da história do sul de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. O autor aposta nesta visão e atesta que sua obra é de importância não só para Laguna, mas para todo o sul do Brasil, “Afiml [comenta Dall’Alba], nós do sul, éramos Laguna”.<sup>59</sup>

Ao final da obra que organiza, Dall’Alba escreve sua “síntese da história de Laguna”. Nela está bem definido o itinerário de atraso que resulta da glorificação do passado adicionada ao discurso da “terra do já teve”. Esta “síntese da história” tem início grandioso com a importância do Tratado de Tordesilhas e vão se sucedendo grandes conquistas e feitos, batalhas e personagens que dão ao passado lagunense um tom épico e magnificante. Ao chegar no limiar do século XX encontra o progresso econômico com a exportação de carvão por seu porto e a chegada de imigrante que fundam colônias das quais se torna o pólo de aglutinação comercial. A partir daí começa sua derrocada, enquanto as

---

<sup>59</sup> DALL’ALBA, João L.(org.) *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis, Lunardelli/UDESC, 1979. p.9.

idades vizinhas que surgiram de desmembramentos do que foi seu território se desenvolvem, se transformam em “progressistas cidades”, Laguna, ao contrário, torna-se a “vovozinha cansada, que olha os filhos e netos crescerem mais, muito mais que ela”, mas poderá vir a despertar deste marasmo com o desenvolvimento do turismo.<sup>60</sup>

Se é, agora, um dos tantos pequenos municípios de Santa Catarina, não deixa de ser para todo o Sul do Brasil a “Célula Máter” que olhamos com carinho, relembrando seu passado histórico e sua grande façanha<sup>61</sup>

Dall’Alba não é o único. Outros estudos regionais apontam na mesma perspectiva, como o trabalho de Paulo Fernando Lago, *Estudos Geográficos da zona de Tubarão ou do carvão catarinense*. O que o autor chama de “Zona de Tubarão ou do carvão catarinense” é o que o Conselho Nacional de Geografia denomina de zona fisiográfica de Laguna. Lago considera a cidade de Tubarão o centro urbano de maior influência na região e a extração do carvão a atividade econômica que levou ao deslocamento geográfico do pólo desta zona. Assim, não aceita as denominações como zona de Laguna ou zona do litoral de Laguna, pois estas fundam-se no sentido da colonização que começou com os povoamentos vicentistas e açorianos no litoral. Para ele, isto evoca “situações históricas, mais do que situações geográficas dominantes na atualidade.” Deste modo, na visão de Lago, em função da exploração do carvão, Tubarão e Criciúma engrenaram em um ritmo de desenvolvimento acelerado, divergindo da estagnação ocorrida no centro urbano de Laguna.<sup>62</sup>

<sup>60</sup> Ibid. p. 171.

<sup>61</sup> Ibid. p. 171.

<sup>62</sup> Segundo este autor: “a preservação de Laguna, como referência à Zona em alusão, não se justifica mais. Ofereceria idéia errônea das realidades urbanas. Seria dar-se ênfase a um fato superado que contrasta com a dinâmica da expansão urbana que se verifica em relação a muitas comunidades, num ritmo bem mais acentuado do que o resultado de algumas alterações relativas à Laguna, menos influenciada que Tubarão, Criciúma e Urussanga pela atividade que se refere ao fato do carvão.”(p. 5) LAGO, Paulo F. *Estudos geográficos da zona de Tubarão ou do Carvão Catarinense*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina/Departamento Estadual de Estatística. 1965. (mimeo)



Apesar de atestar a estagnação de Laguna, Paulo Lago não deixa de relatar a importância de seu passado. Neste trabalho a cidade aparece, como em todos os outros do gênero, em seu itinerário de atraso. Lago não vai tão longe como Dall'Alba fez, ao ir até o Tratado de Tordesilhas, mas reverencia Laguna como elo de ligação entre o extremo-sul e o centro-sul do país na economia colonial. Vê Laguna como o mito fundador, primeiro núcleo de colonização, como o marco inicial do povoamento da zona que estuda e assinala sua importância junto às colônias de imigrantes na região, principalmente a atividade comercial em função de seu porto, para daí chegar à estagnação e vislumbrar a perspectiva turística para o futuro.

A importância de Laguna e sua função polarizante são fatos históricos incontestáveis, mas o sentido da evolução social e econômica da Zona colocou-a quase à margem, desviando para Tubarão, sobretudo, o papel de centro de convergência.<sup>63</sup>

O que se está discutindo aqui não é a veracidade desta relatada estagnação. Não busco rastrear o que a “terra do já teve” realmente teve. O que quero mostrar é como o discurso da “terra do já teve” se enquadra e é usado juntamente ao do passado glorioso. Este discurso engrossa toda a rede simbólica que faz parecer natural, legítimo e reconhecido que Laguna tenha o “passado sempre presente”. Não é em vão que essas abordagens visibilizem como perspectiva de futuro para a cidade, o desenvolvimento turístico. As visões sobre Laguna, que concebem a estagnação, a fazem quase sempre em comparações com o seu passado. O que incide sobre a exaltação de sua história, sua importância anterior. Essas visões se encaixam numa mesma rede discursiva, uma linearidade descendente que aumenta cada vez mais a reputação do passado que deve ser rememorado. Ora, dentro dessa

---

<sup>63</sup> Ibid. p. 5.

Lago e Dall'Alba não são lagunenses. Ao utilizar estes escritos não tive a intensão de procurar pelas articulações do momento em que foram construídas. Quis, ao usá-las, mostrar que as produções regionais convergem para esta formação discursiva.

discursividade, os relatos de estagnação e atraso que configuram a “terra do já teve” só reforçam o passado glorioso. Assim, o passado, independentemente do que realmente possa ter tido de grandioso, somente o é em relação ao presente desta formação discursiva.

Mesmo os que não demarcam explicitamente este itinerário acabam fazendo-o, ainda que sem intencionalidade. Refiro-me aqui à historiografia tida como de síntese, as histórias gerais de Santa Catarina, ou aquelas específicas que tratam um determinado tema, mas sempre abarcando dos primórdios à atualidade. Neste tipo de obra, Laguna aparece constantemente no início da narrativa, ou melhor, do livro, já que estas sempre apresentam uma linearidade progressiva, uma vez que estão sempre interessadas em definir origens e evoluções, para ir perdendo importância na medida em que a narrativa vai chegando aos dias atuais e o livro ao seu final. Assim, tem Laguna grande dimensão nos primeiros tempos da história de Santa Catarina: é um dos três primeiros núcleos de ocupação vicentista e portuguesa do litoral catarinense;<sup>64</sup> a “mais importante vila do extremo sul” no início do século XVIII;<sup>65</sup> “foi o centro propulsor” da penetração lusitana e paulista no sul<sup>66</sup> e em 1839 foi tomada pelos farrapos que ali “instalaram o Governo Provisório da ‘República Catarinense’, sob a presidência de Davi Canabarro”.<sup>67</sup> Se Laguna ganha um grande espaço nos relatos iniciais da história catarinense, quanto mais se avança no tempo em direção ao presente mais ela desaparece desses relatos. Ou é extremamente menos citada nos períodos mais recentes da história catarinense do que é na história dos primeiros tempos, ou simplesmente desaparece nos relatos quando estes se aproximam da contemporaneidade.

<sup>64</sup> CUNHA, Idaulo J. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 7.

<sup>65</sup> CABRAL, Osvaldo R. *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 51.

<sup>66</sup> CARDOSO, Fernando H. O negro e o desenvolvimento econômico e social de Florianópolis. In: CARDOSO, Fernando H. e IANNI, Octávio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Nacional, 1960. p. 7.

<sup>67</sup> PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1983. p. 296.

A constante referência aos primórdios indo até a escassez ou invisibilidade na atualidade, traça o itinerário de atraso. Ainda que não se fale de sua estagnação no presente o fato de não haver qualquer comentário sobre Laguna na contemporaneidade em contra posição a superexposição no início das narrativas historiográficas, faz sugerir a linearidade decrescente. Ela desaparece da história.

#### 4- Um mundo de escafandristas no ontem

Mergulhar nas profundidades do passado, este parece ser o ideal discursado para modelar a conduta dos lagunenses. Caminhar de costas para o futuro, não negá-lo, mas seguir adiante olhando para trás, reverenciando o passado, inclinando-se não sobre, mas diante dele, como um súdito que se curva perante sua majestade. Esta discursividade fascinada pelo passado pode ser encontrada até no hino da cidade, oficializado pela lei municipal nº 32 de 1975, sancionada pelo prefeito Francisco de Assis Soares, cuja letra fala da glória da história lagunenses e do zelo do povo para com a cidade.

Minha Laguna  
 Cantarei tua história  
 E os feitos de tua glória que ofertaste ao Brasil  
 E falarei...  
 Das belezas sem par  
 Deste céu, deste mar  
 Destas praias sem fim  
 Minha Laguna...  
 Falarei do teu povo  
 Que adora o que é novo  
 Sem matar o passado...<sup>68</sup>

<sup>68</sup> *Minha Laguna*. Hino oficial da cidade, letra e música de Osmar Ferreira Cook. Lei nº 32 de 02 de setembro de 1975.

O enunciado do hino bem que poderia figurar nas páginas dos folhetos informativos do município ou nos *folders* turísticos. O sentido de suas palavras não difere do apresentado no material publicitário da cidade. A Laguna do hino, como a do *marketing* turístico, possui uma importância histórica associada às belezas naturais. Além disso, tem um povo que se orgulha de seu passado, que não o deixa morrer, ainda que adore o novo. No hino está sintetizada essa construção identitária para Laguna, que faz de seu passado o manancial de seu futuro. É certo que o hino não traz alusões explícitas ao turismo, porém basta contrastar o material publicitário ao enunciado do hino, que esta ligação se torna extremamente evidente. Mesmo porque, não é necessário que se façam relações tão expostas, uma vez que é a própria tradição o elemento colocado na *vitrine*, as intenções dessa criação identitária tendem a ficar invisíveis e as relações buscadas para interiorizar a legitimação desta proposta de futuro dão-se de formas bastante sutis. É mais uma forma de educação, de modular e moldar uma apreciação sobre a sociedade lagunense, de tentar normatizar as representações do mundo social. Assim, por exemplo, não foi difícil encontrar a publicação da letra deste hino em um jornal atual da cidade.<sup>69</sup>

Esta não é uma situação ímpar na imprensa lagunense. Vêem-se nos jornais várias referências a afirmar a grandiosidade da história de Laguna, não somente no conteúdo que se publica, mas também na forma como esse conteúdo é inserido nos periódicos, como a coluna *Retalhos da cidade antiga* assinada por João Carlos Silveira no jornal *O Correio*. Esta coluna fala do passado da cidade não somente através de textos atuais, mas de apresentação de artigos de antigos jornais e fragmentos de publicações acerca do passado lagunense que lhes sucedem na página.

---

<sup>69</sup> Diz o jornal quanto ao seu interesse em publicar o hino: “a intenção é a de levar ao conhecimento de todos, principalmente à classe estudantil, o Hino composto em louvor ao município.” O CORREIO. Laguna, 04 a 10 nov. 1995. p. 08.

O material historiográfico, do qual os jornais se utilizam, e as demais representações de sua história criam uma Laguna com um passado glorioso. Porém, este passado não é bem contextualizado, pois da maneira apresentada, o passado aparenta, no senso comum, ser um bloco monolítico, uma época áurea onde tudo dava certo. Sua história, deste modo, sugere a compreensão de um mundo em um tempo de vitórias. Este tempo condensa a quase totalidade dos seus mais de trezentos anos. A grosso modo, o que se chama de passado glorioso engloba momentos distintos, fragmentos de diversas épocas em uma junção desconcertante, mas convencidora. No passado glorioso enfatiza-se, entre outras coisas, um grande território nos seus primeiros tempos que ia de Porto Belo ao Rio Grande do Sul. Por isso Dall’Alba diz que “nós do sul éramos Laguna”, os feitos heróicos da República Juliana em 1839 e o desenvolvimento comercial na segunda metade do século XIX. “Laguna era uma cidade resplandecente no sul de Santa Catarina. Cidade-Mãe, pólo irradiador da cultura, arte e economia. Seu território era bem mais abrangente...”,<sup>70</sup> diz um artigo da edição número 14 de 1995 do jornal *O Correio*.

Da forma como é apresentada essa história forja a idealização de um passado de vitórias, como se nas relações de existência no desenrolar do vivido deste passado não se dessem disputas e conflitos, e as vitórias não fossem o resultado de lutas e que, portanto, ocorreram também derrotas. A história lagunense é então construída como um passado somente de afirmação. Mesmo as batalhas vencidas são revestidas de uma glória épica, de um ideal que virá a ser afirmado. Aquilo que possa demonstrar fracasso e retrocesso, o que poderia ser abordado como uma história de possíveis não realizados, de projetos vencidos, de derrotas sofridas, não se encontra em relatos oficiais.<sup>71</sup>

<sup>70</sup> Este texto é o início de um artigo que homenageia alguns comerciantes locais, nem por isso deixa de assinalar a grandiosidade do passado lagunense. HOMENS que acreditaram e fizeram a Laguna. *O Correio*. Laguna, 28 out. a 02 nov. 1995. p. 5.

<sup>71</sup> A República Juliana é um bom exemplo de um fracasso revestido de glória épica e de um idealismo a ser concretizado. Ela durou pouco mais de cem dias e foi, segundo as narrativas existentes, esmagada pelas forças imperiais, quando a própria população já estava descontente com o rumo dos acontecimentos.

A época áurea, em seu arranjo monolítico, é divulgada no conjunto de elementos que formam a teia de representações simbólicas e discursivas que estão sempre confirmando Laguna como “berço da cultura e da história de Santa Catarina”.<sup>72</sup> Tanto se fazem concretas essas ligações que a indicação encontrada na obra organizada por Dall’Alba, denominando Laguna como “célula mãe da brasilidade do sul”,<sup>73</sup> foi reafirmada em entrevista com lagunenses: “Laguna sempre foi a célula mãe do sul”,<sup>74</sup> relatou a secretária de educação municipal, Amélia Baungarten Baião, enquanto o assessor de imprensa da prefeitura, João Manoel Vicente, proferiu que “Laguna era a cidade mãe do sul”.<sup>75</sup>

Estes exemplos servem para demonstrar a afinidade entre a construção historiográfica e a memória social lagunense, o que leva a crer nos investimentos sobre a construção dessa memória. Pois, mesmo reconhecendo as amenizações próprias do recordar, o efeito de apagar do passado os maus momentos, as dificuldades e idilizá-los, é preciso perceber as articulações e montagens que lhe perpassam. A memória, enquanto experiência vivida e transmitida socialmente, tende a adocicar o sabor dos acontecimentos passados. A distância e a consciência do já ocorrido eliminam o perigo do jogo da vida do momento vivido, fazendo com que a memória constantemente atribua ao passado harmonia, passividade e felicidade. Para além das tintas coloridas com que a memória tinge o passado há as maquinações, as fabricações, que buscam normatizar visões, construir estruturas que

---

Um exemplo de projeto vencido, na perspectiva de desenvolvimento econômico para cidade, foi a tentativa de ligação fluvial de Laguna à Porto Alegre no início deste século, os trabalhos de construção do canal D. Afonso foram abandonados poucos anos depois de começados. Tanto a República Juliana quanto o canal de ligação à Porto Alegre são tratados no capítulo II.

<sup>72</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: Três séculos de brasilidade*. (Florianópolis): UFSC, 1982. p. 15.

<sup>73</sup> DALL’ALBA, João L.(org.) *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis, Lunardelli/UDESC, 1979. p. 10.

Também o historiador Walter Carlos Zumblick refere-se a Laguna como “terra-mãe”. ZUMBLICK, Walter Carlos. *Este meu Tubarão...!*. Florianópolis: IOESC, (1974). p. 114.

<sup>74</sup> Amélia Baungarten Baião. (Secretária de Educação da Pref. Municipal de Laguna) Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

<sup>75</sup> João Manoel Vicente (radialista e assessor de imprensa da Pref. Municipal de Laguna). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 07 mai. 1996.

definam apropriações. Se a memória é sempre a recordação de alguém sobre um acontecimento e não o acontecimento,<sup>76</sup> esta recordação pode sofrer conduções e direcionamentos, principalmente quando se faz coletivamente no mundo social.

Em estudo sobre os lugares de memória, Pierre Nora diz que as sociedades modernas não vivem sobre o seu domínio. O que chamamos de memória é, ao contrário, a sua negação, a história. Para esse autor a história é a morte da memória e os espaços onde se tenta aprisionar a memória. Os símbolos que tentam lhe garantir o sentido são, na verdade, marcos da sua inexistência, pois se vivêssemos realmente a memória não necessitaríamos de sinais para lembrá-la, rememorar-la. “À medida em que desaparece a memória tradicional [escreve Nora], nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê, cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história”.<sup>77</sup>

Concordando com as colocações de Nora, pode-se ver na Laguna, pontuada por monumentos, placas, museus, em toda a história materializada, a elaboração de uma memória coletiva para a cidade, que se constrói na medida em que informa sobre sua “condição histórica”. Pois, se aquilo que se faz memorizar realmente se constituísse em uma existência presente, não necessitaria ser lembrado, seria espontaneamente vivido.<sup>78</sup> Ao

<sup>76</sup> Walter Benjamin escrevendo sobre a obra *La recherche du temps perdu*, diz que Marcel Proust não descreveu os acontecimentos de uma vida, mas recordações de quem os viveu. Para Benjamin, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” (p. 37) BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49.

<sup>77</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, p. 7-28. dez. 1993. p. 15.

<sup>78</sup> Segundo Pierre Nora, para a história os lugares de memória “São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória” (p. 13) NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, p. 7-28. dez. 1993.

contrário são nas representações simbólicas que repousam esta construção de identidade para Laguna. Trata-se então de um discurso autorizado, um discurso que utiliza de toda esta teia de material simbólico como aparato e instrumento de poder que lhe dá suporte, que lhe confere a capacidade de se fazer escutar e que fundamenta sua “competência” num interdiscurso; já que os agentes sociais não procuram “somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos. Daí a definição completa da competência como direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção”.<sup>79</sup>

O “discurso competente”, assim, tenta regular as apropriações, as visões de mundo dos sujeitos sociais. É um discurso instituído, normativo e preceitual, procura, ainda que sutilmente, impor proibições a multiplicidade discursiva. “Em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.<sup>80</sup> Por isso, não é permitido a qualquer indivíduo a condição de dizer qualquer coisa em qualquer lugar a qualquer hora, é um jogo de três interdições: “Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala”.<sup>81</sup> Contudo, ainda, o “discurso competente” se estabelece no ponto nodal das relações dos agentes sociais, ele passa a mediar as interações dos indivíduos com seu mundo, com seu corpo, norteia suas experiências, enseja práticas e confere compreensão a sujeitos e coisas, dando aos

<sup>79</sup> BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 161.

Ver também:

CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

<sup>80</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 09.

<sup>81</sup> *Ibid.* p. 09.



indivíduos a aparência de normalidade intrínseca, de uma evidente naturalidade própria da vida.

Não é por haver uma estrutura que busca dominar a recepção, um discurso totalizador que tenta abarcar e homogeneizar as visões, que não haja lugar para as resistências. Por certo elas existem, no entanto, como já frizei anteriormente, meu interesse é visualizar justamente a “disciplina”, a procura pela normatização. Porém, há certas resistências que sugerem ser mais uma possibilidade de liberdade dentro da estrutura reguladora e de certo modo não conseguem ultrapassar os limites desta formação discursiva. Encontram-se críticas às maneiras como se conduz a implantação deste projeto turístico, mas na medida em que são feitas, reforçam a “condição histórica”. Munir Soares, por exemplo, que em 1995 assinava a sessão *Comunidade* no jornal *O Correio* tecendo comentários quanto ao descuido com a cidade e a falta de infra-estrutura para que fosse aproveitado todo o seu potencial turístico, assim escreve:

Nossas estradas, que circundam as lagoas, rumo ao interior, são de péssima qualidade. Paisagens belíssimas continuam escondidas, como diamantes brutos à espera de lapidação. A estrada do Farol permanece, como há 50 anos. Caminho da roça, ligando a tricentenária cidade, ao maior farol das Américas. Estrada esta, que cruza as terras, onde um dia, Anita e Giuseppe Garibaldi se conheceram.<sup>82</sup>

De modo geral, o discurso da cidade histórica é contraposto a um sonho de industrialização e desenvolvimento do modelo fábrica, grande parte em função das enunciações da “terra do já teve”. Mesmo reverenciando o passado, ocorre, principalmente nas camadas populares, um certo descontentamento com o “passado sempre presente”. Na edição número 09 de 1995 o jornal *O Correio* trouxe uma matéria sobre José Soares, um mestre-de-obras que se colocava como futuro candidato a prefeito municipal, salientando

---

<sup>82</sup> SOARES, Munir. Turismo integrado. *O Correio*. Laguna, 28/10 a 02/11 1995. p. 07.

como primeiro item de seu plano de governo, “acabar de vez com o tombamento da cidade, apenas reservando a Praça República Juliana”.<sup>83</sup> Em seu estudo sobre o porto de Laguna, o jornalista local, Valmir Guedes Júnior, diz acreditar pouco no turismo da forma como a cidade se prepara para ele. Para Guedes: “Um município sem indústrias está fadado a sucumbir, porque não tem de onde tirar as suas rendas”.<sup>84</sup> Mas, Guedes, também não escapa às relações com o ontem, ao fazer este estudo, diz ter encontrado uma tristeza, a de conferir o itinerário de atraso:

O que Laguna foi e o que é hoje, adormecida, vítima da letargia que lhe impingem, catatônica, transformada somente em estaçãozinha balneária para deleite de aposentados e de novos ricos em suas férias de verão.<sup>85</sup>

Como foi até aqui apresentada, a imagem histórica lagunense hoje emerge de uma prática que quer fazer da cidade um “pólo turístico da região sul”. Mas, os elementos dessa discursividade não são exatamente novos, foram arranjados, retorcidos, articulados por uma política da qual são correlatos, e por se constituir um novo, constituído de antigos elementos é que traz consigo certas vitórias de outras lutas, já que os elementos que o compõe tiveram em outros tempos outras práticas; foram objetos de outros direcionamentos. Este discurso se fortalece nesse mecanismo dúbio que o faz novo sendo velho e velho sendo novo, pois suas nomeações são incidentes de forças de deslocamentos, carregando em si vantagens de outros combates: ora emergem como força de confronto em uma dada disputa, ora se apresentam completamente diferentes em outra luta, num novo enfrentamento em outro campo. Por isso, a importância de analisar os elementos desta

<sup>83</sup> HAJA sapato. *O Correio*. Laguna, 23/09 a 29/09 1995. p. 7.

<sup>84</sup> GUEDES Júnior, Valmir. *Porto da Laguna: a luta de um povo traído*. Florianópolis. 1994. p. 113.

Apesar do título o “povo” não aparece no livro de Guedes, sua obra pode ser classificada como uma organização cronológica dos vários estudos de viabilidade da barra e dos projetos de utilização do porto. Junto a isso existe grandes comentários elogiosos a políticos, o que faz saltarem duas indagações ao findar a leitura de seu estudo: Quem é o “povo”? E quem são os traidores?

<sup>85</sup> *Ibid.* p. 12.

“condição histórica” em outras épocas, vê-los sendo o esteio de outros posicionamentos, de outras orientações, sustentando, informando e legitimando outros conflitos e seus resultados.

Atualmente a tradição de cidade histórica, sustentada em toda a rede simbólica e discursiva que lhe faz presente e visível, cobre a cidade de Laguna com uma imagem de “pólo turístico”. Seu passado é material de extrema importância nesse projeto para cidade, mesmo suas autoridades não querendo reconhecer o atributo de mercadoria dado a sua história nesta conjuntura, pois a história oficializada pode ser identificada a que Peter Burke chama de história tradicional.<sup>86</sup> Segundo o Secretário Municipal de Turismo, Dagoberto da Silva Martins, “Laguna é histórica não por vender essa imagem, ela é histórica por ser histórica”.<sup>87</sup> O secretário que também é co-autor de um livro sobre Anita Garibaldi destinado a um público juvenil, o qual, segundo ele próprio, foi feito com a intenção de popularizar a “heroína”, não seu nome como está em ruas ou museus, mas seus feitos, acredita ser Laguna naturalmente histórica, como que contingências cósmicas a tivessem feito assim. Contudo acredita ele, deve-se transformar esta condição imanente em potencialidade turística:

A imagem a gente cria, inventa, reinventa, não é o caso de Laguna, absolutamente, agora eu acho que ela tem que explorar o fato dela ser cidade histórica e transformar esse orgulho, transformar este mérito dela num produto de interesse turístico.<sup>88</sup>

A fala do secretário fica entre o civismo em respeito à tradição, com uma forte crença em uma história objetiva, científica e verdadeira; o resgate do passado como

---

<sup>86</sup> Ver nota número 26.

<sup>87</sup> Dagoberto da Silva Martins (Secretário de Turismo da Pref. Municipal de Laguna e co-autor do livro *Anita Garibaldi: Heroína da liberdade*). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

<sup>88</sup> Dagoberto da Silva Martins (Secretário de Turismo da Pref. Municipal de Laguna e co-autor do livro *Anita Garibaldi: Heroína da liberdade*). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

realmente foi, mas acaba por reconhecer que a “condição histórica” lagunense, enquanto patrimônio cultural, pode ser um “produto de interesse turístico”, é a proposta de futuro utilizando esta própria tradição. À parte, as reticências das colocações do secretário quanto à maculação da construção histórica como verdade ontológica, pois com certeza, creio eu, a imagem é inventada assim como a história. É em um dos *folders* turísticos da prefeitura que encontro o melhor sentido para essa construção de identidade:

Y lo más importante: Laguna tiene una infraestructura montada para atender a los turistas. Sus hoteles, como el Laguna Tourist, el Itapirubá, Ravena, son de los mejores de Santa Catarina.<sup>89</sup>

Isso deve ser realmente “o mais importante”. Não é, portanto, por acaso que os empreendimentos hoteleiros citados possuem também grandes loteamentos imobiliários, concentrando grande quantidade de terras na faixa litorânea, com parte delas ainda hoje intocadas. Convencer os lagunenses de seu passado histórico é hoje convencê-los de fazer parte de um projeto turístico, colocado como proposta de futuro para cidade, senão única, pelo mesmos, diz-se dela a exequível, a potencialmente viável. Talvez seja por isso, pelo fluxo turístico, que a abertura do programa *Show do rádio* de bom dia inicialmente para quem vai viajar, para depois cumprimentar os que vão trabalhar ou estudar. Porém há outros que viajam os que verdadeiramente partem, os que não encontram perspectiva de sobrevivência em uma cidade na qual seus poderosos desenvolvem um projeto para longo prazo que, por hora, parece ter mais interesse no convencimento desta “vocação” do que promover as condições de infra-estrutura necessária a sua concreta eficiência. Levando a um êxodo parte da população, que sem ter como garantir condições de vida em Laguna, saem em busca de outros rumos.

<sup>89</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna/80: Historia, turismo y amistad*. (guia turístico e histórico da administração 1977-83). p. 01.

## *CAPÍTULO II*

# **HISTÓRIA COMO ARMA**

*“Da história de Santa Catarina a parte mais interessante são os acontecimentos que se enfileiram nesses cento e seis dias agitados que medeiam da proclamação da República Catarinense, em 29 de julho de 1839, ao seu aniquilamento em 15 de novembro, após o memorável combate naval travado nas águas da Vila da Laguna”*  
José Johanny, 1911.

*“A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”*  
Walter Benjamin

### **1- A cidade na velocidade dos trilhos**

Os ventos daquele dezembro carregavam novos sons consigo, faziam transportar pelo ar os acordes alucinados das picaretas que removiam terras e dos tinidos agudos do ferro trabalhado. Os ruídos ainda que distantes da cidade, na enseada de Imbituba, causavam o maior frenesi no centro de Laguna. Aqueles sons inéditos aos ouvidos acostumados com o barulho do mar, faziam-se empolgantes, tinham um quê de realização dos sonhos modernos, parecia ser o mais firme e concreto exemplo de viabilidade da

prosperidade do município. Era ali que se iniciava, em 1880, a construção da primeira ferrovia da província. A cidade que vinha sendo alvo de um discurso modernizador, assistia agora a instalação do mais imponente símbolo da expansão capitalista do século passado; as idéias de civilidade, de progresso e de abrangência de mercados mundiais, fizeram das ferrovias as “catedrais do século XIX”.<sup>1</sup>

A excitação com aqueles acordes, anunciando um novo tempo de desenvolvimento, o fascínio das imagens inovadoras que se produziam com os trabalhos de construção da estrada de ferro D. Teresa Cristina, colocavam frente a frente os lagunenses com as visões fantásticas e fantasmagóricas dos espetáculos das ferrovias. O moderno monstro do progresso que acelerava o ritmo da vida, mudava o mundo com sua velocidade, transpunha a tudo, o dragão de ferro em seu ritmo louco, deixava um rastro de fumaça no ar, assustava e encantava, como revela a poesia publicada em um periódico da cidade:

Quem vem além, no horizonte?  
Que rebentou desse monte  
Em carreira tão veloz,  
Parece enorme serpente  
Sibilante, monstro ingente  
Raivoso, direto a nós  
Oh? Pavor estranho  
Oh? Fantástica visão  
Da cabeça sai-lhe fumo  
Da boca aceso carvão<sup>2</sup>

A construção da ferrovia D. Teresa Cristina, é sem dúvida emblemática,<sup>3</sup> mas desde os anos sessenta do século XIX, Laguna estava sendo envolta por discursos modernizantes:

<sup>1</sup> Trabalhando a expansão capitalista, pela técnica e pelo maquinismo, para os mais distantes pontos geográficos. Francisco Foot Hardman escreve, ao analisar a construção da Madeira-Mamoré, que as ferrovias são as “catedrais do século XIX” são “quimeras de ferro” da fantasmagórica exibição da sociedade do espetáculo, a sociedade burguesa. HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: A modernidade na selva*. 1ª reim. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

<sup>2</sup> LEMOS, João de. A via férrea. *A Verdade*, Laguna, 11, julho, 1880. p. 4.

<sup>3</sup> João de Medeiros escrevendo no *Anuário Catarinense* de 1949 diz que o trabalho de construção da ferrovia “fez raiar para Laguna, uma nova era de progresso e engrandecimento”, relata a empolgação da população com a chegada do vapor “James Perry”, onde vinham os engenheiros ingleses encarregados da construção.

construindo ou induzindo a construção, na cidade, de uma atmosfera burguesa, com crítica do estado econômico da cidade, valorização da salubridade e civilidade, divulgação de hábitos polidos para uma sociabilidade urbana e, principalmente, perspectivas otimistas de progresso. Era a intenção de ver a cidade desenvolvida, dinâmica e próspera, enquadrada no ritmo de desenvolvimento visto no norte europeu, espelhando modelos, padrões e valores daquele núcleo irradiador, tomando parte na onda turbulenta que movimentava o mundo, contagiando-se na “fúria transformadora” que mudava a paisagem das cidades e as condutas dos cidadãos.<sup>4</sup> Era a crença no futuro próspero, era a sociedade do movimento, da aceleração, que acreditando no avançar progressivo do mundo e das ciências queria o amanhã hoje, pois o melhor estava sempre por vir, sempre disposta a destruir o que era velho o que não tinha a dinâmica do lucro e da máquina. Era a busca da velocidade de um mundo que se desfaz ao se refazer, um universo de “autodestruição inovadora”, no qual “tudo que é sólido desmancha no ar”.<sup>5</sup>

Esses discursos podem ser encontrados desde 1864 no jornal *O Pyrilampo*, um quinzenário publicado em Laguna, o primeiro da cidade. Nele estão colocados os anseios de

---

Nessa tarde, escreve ele, os lagunenses afluíram para a rua da praia em manifestação festiva com a presença da banda musical União dos Artistas; “em todos os recantos da cidade vibrava a mais intensa alegria, pelo surto de progresso que a chegada do primeiro vapor inglês prenunciava para Laguna”. MEDEIROS, João de. Preparativos para a construção de Estrada de Ferro Teresa Cristina - A chegada dos Ingleses em Laguna. *Anuário Catarinense*. nº 2. 1949. p. 111.

Também Walter Zumblick escreve que os novos sons e imagens dos trabalhos de construção de ferrovia enchiam de encanto a população: “Em breve, pousadas em dormentes, paralelas de ferro figurariam como promessas de novos tempos que fariam emergir todo o sul de Santa Catarina.” (p. 28) ZUMBLICK, Walter. *Teresa Cristina a ferrovia do carvão*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

<sup>4</sup> Nicolau Sevcenko ao analisar as tensões sociais no Rio de Janeiro do limiar do século XX, chama de “fúria transformadora” o “movimento convulsivo” de transformações vigorosas e forte atividade econômica expandidos por todo globo terrestre no final do século XIX. Assim, para as elites da época, fazer parte do desenvolvimento moderno e “acompanhar o progresso significava somente uma coisa alinhar-se com os padrões e ritmos de desdobramento da economia européia.” (p. 29) SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>5</sup> “Tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo. ‘Tudo o que é sólido’ - das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram - tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas” (p. 97) BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. 9ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

um grupo encantado com os valores da modernidade. O próprio jornal é um indicativo desses anseios, pois além de formar um público letrado identificado com esses valores, era por intermédio do jornal que esta camada expunha suas idéias, convencendo a sociedade dos avanços que propunha e, também, buscava guiar os indivíduos para os caminhos da prosperidade com civilidade e condenava os que se desviassem de tal caminho.<sup>6</sup> É assim que um cronista deste periódico diz estar disposto a comentar tudo o que fugisse aos moldes desse mundo ordenado, salubre e civilizado, fazendo do jornal um vigia atento a todos que não apresentassem conduta condizente com um núcleo urbano em ritmo de desenvolvimento. Escreve ele: “sou amigo da verdade, do trabalho e do progresso e quando vejo as coisas fora dos seus eixos, não posso deixar de falar”.<sup>7</sup>

O cronista assim como seus comparsas tinham muito o que falar, indo das questões econômicas até a conduta dos cidadãos e é justamente nesse ponto que eles mais insistiam. Se as dificuldades econômicas eram algo a ser vencido, era também preciso que, quando a cidade entrasse num ritmo de desenvolvimento acelerado, sua população estivesse educada para viver nessa “sociedade civilizada”. Para este grupo o progresso dependia em muito do estabelecimento de uma ordem social. Então, constroem através do jornal o modelo de cidadão de hábitos polidos, um homem urbano identificado com o progresso e lançam um novo olhar sobre a cidade devendo ela ser movimentada, salubre e ordenada. Dentro dessa nova ordem, os antigos hábitos passam a ser sinônimo de atraso, indecência e imoralidade comuns no passado, mas intoleráveis em uma sociedade que se quer próspera, urbana e

---

<sup>6</sup> Jürgen Habermas trabalhando uma “reestruturação da esfera pública” na Europa do século XIX, atenta para o papel do jornalismo que passou de uma “imprensa de informação” para uma “imprensa de opinião”, na qual encontra-se uma “intencionalidade didática” e um “impulso político”. Procurava esta imprensa não apenas publicar notícias mas organizar e conduzir a opinião pública. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 213-214.

<sup>7</sup> O PYRILAMPO. Laguna, 15 out. 1864. p. 3.



moderna. Por isso estão sempre a exigir do poder público que crie leis e as faça cumprir,<sup>8</sup> regulando o convívio social, proibindo os “abusos” e “incômodos”, como na crônica do dia 01 de setembro.

Em meu trajeto comecei a incomodar-me por ver o Sr. fiscal consentir pelas ruas um grande número de cavalos, cabritos e cães, que além da imoralidade que causam a todo momento, servem de incômodos ao passeante.

Me perguntarão talvez por que me incomodo com essas coisas, lhes responderei, porque já tenho sido testemunha ocular das maiores imoralidades com estes animais (que por decência deixo de falar) e vítima de uma queda em poço de lama (beleza das ruas) motivada por uma cavalo que a toda brida vinha disparado. Tenho ou não razão para falar destes absurdos.<sup>9</sup>

No final dos anos setenta do século passado, Laguna contava com dois jornais, o semanário *A Verdade* e o periódico *O Município*, publicado três vezes por semana. Neles encontra-se a intensificação dos valores discursados no *Pyrilampo*; continuavam os reclames quanto à atuação do fiscal, à falta de civilidade nas condutas e à inconsistência da ordem urbana. Segundo o editorial do jornal *O Município*, de 09 de abril de 1879, Laguna

<sup>8</sup> As posturas municipais são insistentes quanto à limpeza, à ordem e ao aformoseamento da cidade. Nelas estão sempre colocadas as preocupações com a imagem urbana “civilizada”. O artigo primeiro do código de posturas para a cidade de Laguna de 1888 diz o seguinte: “Fica proibido ter-se animais de qualquer espécie, soltos pelas ruas, praças e praias desta cidade, os que forem encontrados serão apreendidos e seus donos pagarão a multa de 10\$000 réis e mais despesas que fizerem e quando não reclamados, em 48 horas, serão arrematados em hasta pública, precedendo editais e o produto reverterá em benefício do cofre municipal.” ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA. Ofício para o presidente da Província, coronel Augusto Fausto de Sousa, em 24 de outubro de 1888.

Como também o título Iº, com cinco capítulos, do código de postura de 1890 versa sobre “higiene e salubridade pública”. INTENDÊNCIA MUNICIPAL DA CIDADE DE LAGUNA. Ofício enviado ao governo do Estado, em 08 de maio de 1890.

<sup>9</sup> O PYRILAMPO. Laguna, 01 set. 1864. p. 3.

Norbert Elias escrevendo sobre o “processo civilizador” na sociedade ocidental, refere-se ao movimento do conceito de civilidade, fazendo a sociedade deslizar de um padrão de comportamento a outro. Esta movimentação, para o autor, leva a um mal-estar diante de uma outra “estrutura de emoções” diferente a do “padrão de repugnância” do observador, que a vê como “não-civilizada”. Segundo Elias, este é um processo em movimentação, assim “é bem possível que nosso estágio de civilização, nosso comportamento, venham despertar em nossos descendentes um embaraço semelhante ao que, às vezes, sentimos ante o comportamento de nossos ancestrais” (p. 73).

Seguindo a compreensão de Elias, pode-se pensar o cronista do *Pyrilampo*, e os lagunenses que compactuavam com ele, vivendo em um momento que o padrão de comportamento está deslizando. Porém as condutas sociais estão em um movimento mais lento que seu “padrão de repugnância”. ELIAS, Norbert. O desenvolvimento do conceito de civilité. In: \_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1. p. 67-109.

era um município economicamente importante, “porém lastimoso tudo o mais que diz respeito ao progresso moral de um povo que pertence a um país civilizado”.<sup>10</sup>

Nesse período começam também a cogitar a viabilidade de grandes obras que dessem velocidade às suas relações econômicas, que acelerassem o fluxo entre os mercados, obras que ligassem a cidade mais rapidamente a outros centros. Na febre dos trilhos tencionam a construção de uma linha férrea, ligando a província de Santa Catarina à do Rio Grande do Sul. Os estudos para essa obra, que se chamaria ferrovia D. Pedro I, colocavam um ponto inicial em um porto da província entre São Francisco e Desterro, mas passando por Laguna colocaria fim aos problemas de isolamento comercial que reclamavam. O entusiasmo dos lagunenses era respaldado pelos esforços direcionados a esta construção, no Senado, pelo Barão da Laguna. Nesta busca de ligações, também o Visconde de Barbacena, idealizador da ferrovia Teresa Cristina, vislumbra a possibilidade de um prolongamento desta, até Porto Alegre. Há ainda a proposta de construir uma ligação férrea entre o litoral e a cidade de Lages no planalto catarinense.

Além dos caminhos de ferro, pensavam também em ligações fluviais. É o caso do canal D. Afonso que ligaria Laguna a Porto Alegre, aproveitando uma série de lagoas e rios navegáveis localizados entre esses dois pontos.<sup>11</sup> Além de ser uma obra estratégica pela rapidez de comunicação entre os dois Estados, seria uma via de frete barato. Esse canal é colocado como de grande importância, não só para Laguna, mas para todo o sul. Dando fim às dificuldades de acesso das colônias de imigrantes da região, possibilitaria o desenvolvimento daquelas áreas, até então dificultado pelo isolamento. Um engenheiro

---

<sup>10</sup> O MUNICÍPIO. Laguna, 09 abr. 1879. p. 1.

<sup>11</sup> José Eduardo Moraes, que recebeu concessão para a construção da obra em 1888, em um estudo sobre este canal, compara a exequibilidade da sua construção com a projetada estrada de ferro D. Pedro I. Conferindo que o traçado do canal percorre a mesma região da projetada ferrovia, afirma vantagem e superioridade das vias fluviais sobre as terrestres. Comentando sobre o custo do canal relata que o capital a ser empregado na construção do canal “é a 1/5 parte do que seria preciso para a construção da projetada estrada de ferro entre os pontos extremos do canal”(p. 99). MORAES, Eduardo José de. *O canal de junção da Laguna à Porto Alegre: Memória justificativa de seu projeto*. São Paulo: Tip. de Jorge Seckler, 1879.

fiscal da ferrovia Teresa Cristina, depois de visitar aquelas colônias, manda, em junho de 1890, seu parecer ao governador do Estado. Nele o engenheiro João Caldeira D'alvarenga Messeder escreve que “tudo faz antever a grande prosperidade, a que está reservada no futuro, a esta zona do sul do Estado”, com o encremento econômico a ser propiciado pela construção do canal aliado à ligação ferroviária.<sup>12</sup>

Os primeiros estudos sobre a possibilidade dessa ligação fluvial datam de 1865, e a realização das obras para a construção do canal dentro do território da província, que ia de Laguna ao rio Mampituba, limite com o Rio Grande do Sul. Foi objeto de concessões dos governos a três diferentes concessionários entre 1870 a 1890, sem que nenhum deles tenham se animado a executá-las. Só em 09 agosto de 1908 é que começaram os trabalhos do primeiro trecho ligando Laguna a Jaguaruna, constantemente interrompidos por falta de recursos financeiros, recursos estes que haviam sido aprovados pelo congresso, porém não foram liberados pelo presidente em vista do *déficit* do tesouro. Passou, então, o governo do Estado a custear a obra, ordenando que fossem nela aplicados os saldos destinados à construção do cais de Laguna. Porém, o Estado parece não ter tido condições de manter as despesas de construção do canal; em 1909 o governador pedia auxílio ao ministro de indústria, viação e obras públicas para que desse continuidade aos trabalhos, mas como o presidente da república não abriu crédito, a obra continuou suspensa. Mesmo sem dar continuidade à construção do canal, o poder público estadual mantinha a afirmação da necessidade e importância da obra. Em 1913 com os trabalhos já abandonados, lia-se na mensagem do governador sobre as vantagens que o trecho já construído proporcionava. Escreve ele que o percurso de Jaguaruna a Laguna, ida e volta, era feito entre 5 a 12 dias e

<sup>12</sup> “Tudo faz antever a grande prosperidade, a que está reservada no futuro, a esta zona do sul do estado. Agora que, pelo Araranguá, e lagoas, que da Laguna (cidade) vão a Porto Alegre vai se fazer o canal de junção, ficarão estas colônias, em uma espécie de zona, cortada pelo lado do mar pelo canal, e, por outro lado pela ferrovia D. Teresa Cristina.” MESSEDER, João Caldeira D'alvarenga (engenheiro fiscal da estrada de ferro D. Teresa Cristina). Ofício para o governador do Estado, Lauro Severiano Müller, em 23 de junho de 1890.

ainda sujeito a baldeações, enquanto que depois dos trabalhos ali realizados, embarcações de maior calado faziam o mesmo percurso em 16 horas.<sup>13</sup>

Tanto os sonhos de ferro - ferrovia D. Pedro I, prolongamento da Teresa Cristina até o Rio Grande do Sul e a estrada de ferro litoral-Lages - quanto o caminho fluvial não se viabilizaram; os primeiros nunca passaram de projetos e o segundo, abandonado ainda no seu início. Apesar da discursada importância dessas obras e do empenho de alguns empreendedores e políticos, elas continuaram a nível de possibilidades, fomentando desejos de progresso. Eram quimeras de um tempo otimista, que ao se esfumar, apresentava sinais da incompatibilidade dos empreendimentos modernos com suas possibilidades de concretizá-los.

Se as grandes obras não se concretizavam, arrastavam-se por questões burocráticas ou se inviabilizavam por impossibilidades econômicas ou técnicas, outras de pequeno porte, mas não menos importante nesse projeto civilizatório, realizavam-se. Têm-se assim, investidas quanto à higiene pública, à construção do indivíduo cortês e educado e à sociabilidade urbana. Têm-se a construção de um hospital de caridade na Figueirinha, um morro próximo ao centro. Segundo a comissão que estudou suas condições higiênicas e topográficas, tratava-se de um lugar aprazível que protegeria a população de possíveis contaminações.<sup>14</sup> A limpeza urbana esteve sempre no meio dessas preocupações; esses discursos estavam sempre a chamar a atenção das autoridades para a observação de preceitos higiênicos, evitando focos de miasmas e eflúvios putrefatos que colocavam em risco a salubridade. É a motivação ao uso da biblioteca pública fundada em 1876,<sup>15</sup> a idéia de educar a população, moldá-la, torná-la capaz de ingressar nessa sociabilidade moderna.

---

<sup>13</sup> RAMOS, Vidal José de Oliveira (governador do Estado). Mensagem apresentada ao Congresso Representativo do Estado em 24 de janeiro de 1913. p. 58.

<sup>14</sup> O MUNICÍPIO. Laguna, 1 abr. 1879. p. 3.

<sup>15</sup> Até o ano de 1882, segundo os relatórios dos Presidentes de Província, somente existiam duas em Santa Catarina, a da Capital, criada pelo poder público e a de Laguna, criada por iniciativa de alguns particulares.

Por isso, há também um incentivo às atividades cênicas; o teatro mais que um lazer é promotor do “progresso social”. Assim, o jornal *A Verdade* elogia a Sociedade Dramática Recreio Lagunense que, cultivando a sublime arte, é “um verdadeiro apóstolo da grande obra de progresso, da cruzada da civilização”.<sup>16</sup> São também: a criação de um colégio de ensino primário e secundário; a constituição de firmas comerciais; a numeração das casas; o calçamento das ruas à base de berbigão; a construção de um mercado público; a instalação de nova linha telegráfica; a figura do fiscal que ganha uma nova imagem cumpridora do código de posturas; a formação de sociedades carnavalescas, como forma de organizar e normatizar os festejos de momo, que vão tomando os espaços das antigas brincadeiras, como os jogos de limões de cheiro, por exemplo, que passam a ser considerados brutais, selvagens e estúpidos para os novos tempos. Enfim, um grande número de pequenas transformações que vão modelando o indivíduo na medida que estabelecem uma nova sociabilidade urbana ao reinventar a cidade e a vida nela.<sup>17</sup>

As tão sonhadas grandes obras de ligação, encurtadoras das distâncias que dariam maior agilidade nas suas transações de mercado e, como consequência, maior lucratividade, não se concretizaram. Porém, junto às pequenas realizações que cotidianamente reformulavam a cidade, ocorrem obras bastante significativas. Como, por exemplo, a construção do farol de Santa Marta inaugurado em junho de 1891. A construção do cais,

<sup>16</sup> A VERDADE. Laguna, 12 set. 1880. p. 2.

<sup>17</sup> Sobre estas transformações ver:

BITENCOURT, João Batista. Os discursos sobre prosperidade e a burguesia em Laguna no final do século XIX. *O Correio*. Laguna, dez. 1996 a fev. 1997.

Vários estudos têm mostrado que as reformas urbanas e os discursos modernizadores circulavam pelas cidades brasileiras no limiar do século XX. Estes desejos civilizatórios carregavam a preocupação de controle da população pobre das cidades, com uma prática científico-política de expulsão dos personagens dissonantes da imagem de progresso e ordem que se construía. Ver por exemplo:

BRESCIANI, Stella (Org.) *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH-SP/FAPESP, 1994.

SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, progresso e a sociedade civilizada: o Partido Republicano Paulista e a política da mão-de-obra (1870-1889)*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

PECHMAN, Sergio e FRITSCH, Lilian. A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, v. 5, n. 8/9. p. 139-195. 1984/1985.



iniciada em 17 de novembro de 1909; um ano antes, a Câmara Municipal de Laguna, falando pela classe comercial da cidade, pedia ao governo do Estado que fosse feito o projeto de construção da obra para aumentar a área do cais, pois segundo as reclamações daquele “corpo comercial” o projeto aprovado não satisfazia “as intenções comerciais e de higiene” que tinham em vista.<sup>18</sup> E os melhoramentos na Barra, os quais vinham sendo motivos de vários estudos e discussões;<sup>19</sup> a dificuldade dos navios de grandes calados entrarem na barra prejudicava a atividade comercial, os bancos de areia que se formavam na boca da barra tornavam pouco profundo o canal, impedindo a passagem de grandes embarcações. Em relatório apresentado à Assembléia Legislativa no ano de 1887, o presidente da Província revelava sua compreensão da questão: acreditava o presidente da Província, Francisco José Rocha, que o problema não estava somente na barra, mas também na pouca correnteza do rio Tubarão, em função de seu curso, o que de todo modo mantinha a cidade na mesma dificuldade; “o que é certo [escreveu ele] é que a barra da Laguna é um grande estorvo ao desenvolvimento de regiões dotadas de atividades e cheias de esperanças”.<sup>20</sup> As dificuldades apresentadas pela barra de Laguna deixavam todas as

<sup>18</sup> SANTOS, José Maurício do (superintendente municipal de Laguna). Ofício para o governador do Estado, Gustavo Richard, em 21 de outubro de 1908.

<sup>19</sup> Vários estudos foram feitos quanto às possibilidades da barra de Laguna. Alguns defendiam melhoramentos, outros defendiam que se investisse no porto de Imbituba. Em 1884 João Justino de Proença, por exemplo, publicou um estudo onde escreve que são nas baías de Santa Catarina que se encontrava o melhor porto da província e se fosse necessário optar entre o porto de Laguna e o de Imbituba, que se escolhesse o segundo, pois mesmo não sendo um bom porto as obras a serem feitas não eram difíceis, enquanto no de Laguna as obras seriam “evidentemente fálveis”. Quando escreve isto está intencionalmente indo contra aos estudos publicados por Francisco Calheiros da Graça que defendia a viabilidade das obras na barra de Laguna. PROENÇA, João Justino de. *O melhor porto ao sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Tip. Lombaerts & cia, 1884.

Em ofício enviado pela Câmara Municipal de Laguna ao presidente da Província, Luiz Theodoro Carlos Faria Santos, em 11 de junho de 1883. Francisco Carlos Cabral enfatiza a importância comercial e agrícola do município e assinala que o interesse do Visconde de Barbacena em querer o aparelhamento do porto de Imbituba não é outro senão o de valorizar suas terras.

Ver também:

GUEDES Júnior, Valmir. *Porto da Laguna: A luta de um povo traído*. Florianópolis, 1994.

BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o desenvolvimento sul catarinense*. Florianópolis: UFSC, 1981. p. 39-42.

<sup>20</sup> “O rio Tubarão, tendo curso relativamente pequeno, enfraquece a correnteza nas voltas que dá, e nas ilhotas e nos bancos da lagoa, chegando à barra sem a impetuosidade necessária para arrastar ou remover as areias que as ventanias derrubam dos cômodos existentes na costa, e as que as correntes do sul ali

localidades a sua volta isoladas, o que começava a definir certa decadência de seu comércio e navegação; tais dificuldades tornaram-se um incentivo à entrada de produtos contrabandeados do Rio Grande do Sul por Araranguá. Para o engenheiro fiscal da ferrovia Teresa Cristina, devido à atividade comercial ser a base da economia lagunense, era indispensável os melhoramentos na barra ou, então, que se construíssem ligações ferroviárias que dessem escoamento às mercadorias:

A importância deste município depende, da exportação e importação, mas a maior dificuldade para completo desenvolvimento está na barra de seu porto. Os melhoramentos dessa barra são imprescindíveis, não só para o município da Laguna, como para o do Tubarão, Araranguá, S. Joaquim e Lages, caso não se faça o prolongamento da ferrovia para a barra do sul, no Estreito, ou abra-se o porto de Imbituba, ou qualquer meio que dê saída aos produtos destes ricos municípios.”<sup>21</sup>

Após vários estudos de viabilidade e pressões políticas, tiveram início as obras de melhoramento da barra, buscando concentrar as correntes do canal fazendo-o mais estreito, represando as águas entre um molhe e um guia correntes que ali se passou a construir. Com isso dava-se um direcionamento às águas que ganhavam força e aumentavam a profundidade do canal, os resultados dos trabalhos realizados estavam surtindo efeito satisfatório, em 1911, quando já estavam construídos 750 metros do molhe, a barra estava mantendo-se com uma profundidade de 12 pés.

E também a mais empolgante de todas essas realizações, a estrada de ferro D. Teresa Cristina, inaugurada em setembro de 1884. Esta ferrovia ligava as minas de carvão de Tubarão ao porto de Imbituba e estendia um ramal para Laguna. Sua construção parece ter sido um desafio da técnica à natureza, justamente na região de Laguna vê-se fortes

---

acumulam” ROCHA, Francisco José (presidente da Província). Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina na 2ª sessão de sua 26ª legislatura, em 11 de outubro de 1887.

<sup>21</sup> NESSEDER, João Caldeira D'alvarenga (engenheiro fiscal da estrada de ferro D. Teresa Cristina). Ofício para o governador do Estado, Lauro Severiano Müller, em 07 de fevereiro de 1890.

indícios desse desafio, onde as amostras do progresso técnico faz-se em obras bem próprias da sociedade do espetáculo.<sup>22</sup> O terreno arenoso por onde passava o ramal para Laguna tornou-se um problema para o tráfego da ferrovia, o movimento das dunas, que com os ventos migravam de um lado para outro dos trilhos, levou à construção de dois túneis de ferro sobre elas, impedindo que as areias se fixassem sobre a estrada e obstruíssem a passagem dos trens. Porém, eles não apresentaram a eficácia esperada. No entanto, a colocação dos túneis sobre o areal, formara uma paisagem impressionante.<sup>23</sup>

Outra obra, realizada em função da ferrovia, de grande poder de impressão, foi a ponte ligando a Ponta das Laranjeiras à Cabeçuda. Atravessando a lagoa, a ponte toda em ferro se estendia por 1.410 metros. Por solicitação do comércio de Laguna foi construído um vão móvel de 20 metros para que se desse passagem à navegação comercial ao porto da cidade. Os engenheiros não se furtavam em dizer que a ponte de Cabeçudas era a maior do Brasil em seu gênero.<sup>24</sup>

Ter uma ferrovia no final do século XIX era sinônimo de prosperidade, era fazer parte do mundo moderno. Os caminhos de ferro carregavam as perspectivas de progresso

<sup>22</sup> Francisco Foot Hardman escreve que a sociedade burguesa materializava a imagem de progresso por construções e eventos que eram grandes espetáculos da moderna *exhibitio* dessa sociedade. Exposições universais e grandes obras em vidro e ferro que “logo vieram a ser celebradas como maravilhas da época. Eram, por assim dizer, as protagonistas da exibição, atrações especiais do espetáculo”. (p. 56) HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: A modernidade na selva*. 1ª reim. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

<sup>23</sup> Os túneis constantemente precisavam de reparos por sofrerem a pressão das dunas que se moviam. Em 1888 relatava o engenheiro fiscal ao presidente da província: “Devido ao contínuo e forte vento de NE, que acumulando grande quantidade de areia sobre os lados, produzem um peso enorme sobre os arcos que sustentam os mesmos túneis, removeu-se 944m<sup>3</sup> de areia dos lados dos túneis a fim de aliviar um pouco o peso sobre a estrutura.” NESSEDER, João Caldeira D’alvarenga (engenheiro fiscal). Ofício para o presidente da Província, Augusto Souza, em 22 de agosto de 1888.

“A construção, *sui generis*, ofereceu por muitos anos, um espetáculo mais que admirado pelos forasteiros, com aqueles trambolhos escuros plantados sozinhos sobre o areal andarilho. Depois, porque não renderam o desejado ou não cumpriram à risca o que deles era esperado, ou porque os cômodos principiaram a ser domados por uma fixação vegetal bem melhor orientada, os túneis foram desmontados como impréstáveis” ZUMBLICK, Walter. *Teresa Cristina a ferrovia do carvão*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. p. 68.

<sup>24</sup> Segundo Walter Zumblick a ponte, mesmo depois de desativada, continuou a encantar pela estética e ousadia da construção: “Para sua época e por muitas décadas após, a ponte de Laranjeiras ou da Cabeçuda, foi olhada como uma obra de arrojo e enfeitou, em verdade, com o traço esguio da sua estrutura, aquela paisagem sempre tão transbordante da mais suave poesia” ZUMBLICK, Walter. *Teresa Cristina a ferrovia do carvão*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. p. 59.

daquela época, a ferrovia era o grande produto de exibição da sociedade burguesa e, ostentá-la era sentir-se parte integrante dessa modernidade. Acreditavam aquelas elites que o trem traria consigo todo o ambiente moderno que ele representava, toda a parafernália de ferro, artefatos das visões de prosperidade, inflavam desejos de um mundo promissor, o otimismo perpassava as perspectivas de futuro. Por isso, quando falam sobre a cidade, apesar das críticas e queixas, vislumbram sempre um “grandioso futuro” e um “desenvolvimento garantido”, se realizados os aportes de seus sonhos do amanhã.

## 2- Ondas que se desfazem na praia

A historiografia econômica de Santa Catarina não cansa de ressaltar o “espírito empreendedor” dos imigrantes alemães no desenvolvimento e industrialização do Estado. Eles são colocados como “elementos motores” que deram dinamismo à economia, com a implantação de empreendimentos industriais, fazendo a província ultrapassar o inicial estágio de sobrevivência, de autoconsumo, e acompanhar os ritmos de desenvolvimento industrial iniciados no país, ao impulsionar o crescimento econômico, elevando o número de indústrias. Dos 15 estabelecimentos industriais criados em Santa Catarina no quadriênio de 1880-1884, passaram para 195 estabelecimentos criados entre 1910-1914. A maioria destes empreendimentos situavam-se nas áreas de colonização alemã, o Vale do Itajaí e o nordeste do Estado.<sup>25</sup> Ondina Pereira Bossle, afirmando a importância do imigrante alemão como empreendedor - elemento primordial do desenvolvimento dentro do pensamento

---

<sup>25</sup> Em 1907 as 12 principais empresas do Estado estavam assim distribuídas: 6 em Joinville, 4 em Blumenau, 1 em Brusque e 1 em Florianópolis. Nesse mesmo ano vê-se a seguinte distribuição dos estabelecimentos industriais por municípios: Joinville 43, Blumenau 38, Florianópolis 19, Brusque 11, Itajaí 9 e Laguna 5. CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 94, 96.

Schumpeteriano -, escreve que é consenso entre os autores catarinenses ver na “mentalidade dos alemães” a “inovação empresarial” que contribuiu e promoveu a industrialização em Santa Catarina.<sup>26</sup>

O sucesso econômico das zonas de colonização alemã do Vale do Itajaí e nordeste do Estado, inicialmente investindo nos produtos manufaturados e evoluindo à industrialização, fez com que olhares armados com idéias de civilidade e progresso enxergassem no litoral do Estado o contraste do sucesso daqueles colonizadores.

Com raras exceções de empenho industrial, o litoral mantinha, no início do século XX, suas técnicas de produção agrícola, com ênfase no cultivo da mandioca, fazendo lembrar os primeiros tempos da colonização dos açorianos.<sup>27</sup> Ainda que em Florianópolis o açúcar mascavo tenha chegado a superar a mandioca e Laguna tenha desenvolvido com relativo sucesso a produção de banha, o conjunto de sua produção e desenvolvimento levavam esses olhares a identificá-los como sinônimo de atraso e degeneração.

São esses olhares, encontrados nas palavras de políticos e intelectuais, que são narrados por Hermetes Reis do Araújo na obra *A invenção do litoral*: um discurso desqualificador das cidades litorâneas de Santa Catarina frente ao crescimento das áreas de colonização do interior, emergido na Primeira República. Tal discursividade incidia sobre uma suposta “incapacidade física e moral” dos habitantes do litoral, com objetivo de modelá-la e tutelá-la. Trançando uma série de complicações e pertinência que descortinam esse discurso, Araújo mostra como a colonização do Estado deu-se de tal forma que criaram-se zonas isoladas umas das outras com características econômicas específicas,<sup>28</sup>

<sup>26</sup> BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense*: Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro. CNI-FIESC, 1988.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> As colocações de Araújo quanto à fragmentação do Estado em áreas isoladas foi também trabalhada por Américo Augusto da Costa Souto. Este via o Estado dividido em “zonas autônomas”, estas zonas tinham cada uma delas um centro de convergência interno próprio. Américo aponta também, para as ligações das regiões geo-econômicas catarinenses com metrópoles dos Estados vizinhos. Segundo ele, Santa Catarina não tinha uma metrópole centralizadora. SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de*



ficando a capital afastada das demais regiões geo-econômicas do Estado; isto, aliado ao fato de ser uma ilha, acentuava mais seu isolamento. Associado a esta dificuldade havia o baixo índice de desenvolvimento da capital comparado ao das áreas de colonização do interior. Estas complicações serviram de pano de fundo para as elites, intelectuais e políticas, emergentes com a república, instituírem seus projetos. Influenciados por doutrinas e idéias como o positivismo e o evolucionismo viam no plano político-administrativo a necessidade de integração de Santa Catarina. Acreditavam que o desenvolvimento dependia de vencer a fragmentação que levava a certas áreas sofrerem forte influência dos Estados vizinhos. Por isso, a viação era a diretriz de primeira importância nos programas de realizações dos governos estaduais. No plano social, um Darwinismo rondava as mentes de políticos e intelectuais que, buscando “reerguer” o homem do litoral, iam às suas “origens” para encontrar na ocupação açoriana da costa catarinense, as causas de sua “indolência”. Idéias de “ciência”, “raça” e “civilização” norteavam estes olhares, que viam as cidades do litoral como insalubres e suas populações pobres pertencentes a uma “sub-raça”.<sup>29</sup>

Seguindo a trilha indicada por Araújo, vê-se na documentação do poder público estadual uma série de indicações quanto a esta visão que se empreendeu sobre os habitantes do litoral. A série de doenças epidêmicas que constantemente chegava a Santa Catarina, fazia com que os olhares se voltassem para o litoral, para os portos de entrada do Estado. O

---

*Santa Catarina: Estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina-CEAG/SC, 1980. p. 38-43.

Estas questões também são trabalhadas por:

SILVA, Etienne Luiz. *Desenvolvimento econômico periférico e formação da rede urbana de Santa Catarina*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado em planejamento urbano e regional) UFRGS, 1978.

<sup>29</sup> Apesar de trabalhar um discurso que desqualifica toda a região litorânea, pois está ligado com o “atraso” apontado às cidades de colonização açoreana, a análise de Araújo é centrada na capital do Estado, uma vez que trabalha justamente este discurso ensejando uma prática de reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis. Sendo a “porta de entrada” do Estado, sua velha forma não correspondia às imagens de progresso e modernização que o discurso oficial criava sobre Santa Catarina. Araújo, ainda estabelece ligações entre estas práticas emergentes no Estado com aquilo que Michel Foucault chamou de “governamentalidade”: a passagem de um governo no qual o interesse era o domínio do território para um gerenciamento e controle da população e da economia. ARAÚJO, Hermetes R. de. *A invenção do litoral: Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) PUC-SP, 1989.

problema das epidemias é objeto de exaustivas avaliações da administração estadual, mas a grande preocupação, escrevia o Inspetor de Saúde de 1913, são com as zonas do Estado, “onde reina endemicamente as duas entidades mórbidas - impaludismo e ancilostomíase - ambas debilitantes, deprimentes do corpo, da energia e do caráter”.<sup>30</sup> É fácil de decifrar quais as zonas catarinenses de que tratava o relatório do Inspetor de Saúde Joaquim David Ferreira Lima, pois, mesmo que mostre casos das “entidades mórbidas” em áreas do interior como Curitibanos e Blumenau, ele afirma, mais à frente, em seu relatório, que as duas endemias “continuam a sua obra devastadora em todo o litoral”.<sup>31</sup> Este mesmo Inspetor, no relatório ao Secretário Geral do Estado em 1914, dizia que o grau de progresso e civilização que Santa Catarina atingiu exigia melhores condições de higiene, pois, para ele, naqueles tempos era pela higiene que se podia avaliar o “grau de adiantamento de um povo”. Seis anos mais tarde, o mesmo Ferreira Lima, agora com o cargo renomeado para Diretor de Higiene, relatava casos de desinteria em vários municípios catarinenses do litoral e interior e completava: “o impaludismo, que em grande parte do litoral catarinense é endêmico, fez seus surtos epidêmicos nos meses de Janeiro a maio”.<sup>32</sup>

Fulvio Aducci, Secretário Geral dos Negócios do Estado, em relatório apresentado ao Governador Felipe Schmidt em 1915, falava das poucas condições da máquina pública estadual em conseguir, com rapidez, organizar todo um aparelhamento para melhorar a situação sanitária catarinense. Mas, com os recursos existentes, acreditava na possibilidade

<sup>30</sup> LIMA, Joaquim David Ferreira (inspetor de saúde do Estado de Santa Catarina). Relatório apresentado ao secretário geral, 1913. p. 5.

<sup>31</sup> Ibid. p. 8.

<sup>32</sup> LIMA, Joaquim David Ferreira (diretor de higiene do Estado de Santa Catarina). Relatório apresentado ao secretário do interior e justiça, José Arthur Boiteux, 1920. p. 29.

Este discurso higienista atravessava todo o país, ele figurava como pano de fundo para as reformas urbanas e remodelação da cidade e da população. No Rio de Janeiro, por exemplo, a insalubridade tornou-se sinônimo de ingovernabilidade, lá reformular a cidade passava por acabar com as epidemias, torná-la sanitária, com uma profilaxia urbano-social que mudasse a imagem da capital do país, criando uma cidade de homens “civilizados”. PECHMAN, Sergio e FRITSCH, Lilian. A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, v. 5, n. 8/9. p. 139-195. 1984/1985.

de constituir uma melhor repartição de saúde. Não tendo os recursos e condições para enfrentar as epidemias em todas as áreas afetadas, opta, então, por iniciar pela capital já que ela era a imagem do Estado na visão do estrangeiro que chegava. Aducci mostra-se bastante preocupado com a baixa arrecadação dos municípios; segundo ele era irrisória a contribuição da população para o erário municipal e indicava os motivos para isso: a irregularidade das taxas e a pobreza da população. Escreveu este Secretário que a maioria da população nada produzia ou pouco trabalhava, em função da dificuldade de transportar o resultado da produção e também pelas “moléstias tropicais” e “indolência nativa”. Só estas últimas colocações já bastariam para supor qual a população, não trabalhadora e não produtora, a que se refere o Secretário. Porém, Aducci deixa outra pista; quando comenta a irregularidade das taxas municipais ressalta algumas raras exceções, entre as quais estão Joinville e Blumenau.<sup>33</sup>

Por meio de uma economia que “definha”, de um ambiente insalubre repleto de endemias e por uma cultura que não privilegia a produtividade e a perseverança, vai formando-se a imagem do “indolente” habitante do litoral. Imagem esta, sempre comparativa a do imigrante teuto-brasileiro da região do vale do Itajaí e nordeste do Estado. Bem por isso, tanto Aducci quanto o Inspetor de Saúde Ferreira Lima, quando comparam o grau de desenvolvimento da população, não o fazem relacionado-a a de outros países ou nações e, sim, a “outros povos”. Ou seja, existem nações desenvolvidas, salubres e perseverantes, bem como povos que também sendo assim, não necessariamente vivem nessas nações. Não é difícil imaginar quem eram as exceções visualizadas. É ainda no relatório de Fúlvio Aducci que encontra-se a caracterização desta imagem dos luso-brasileiros. Vejamos seu comentário:

---

<sup>33</sup> ADUCCI, Fúlvio (secretário geral dos negócios do Estado). Relatório apresentado ao governador do Estado, Felipe Schmidt, 1915.

A quem tenha procurado desvendar as causas do nosso atraso, em relação a outros povos, não deve ter passado despercebida a insignificante capacidade de trabalho da nossa raça, atribuída geralmente a um fator fisiológico, isto é, a uma indolência nativa, e a um fator físico, isto é, a uberdade do nosso solo, de onde resulta a facilidade de obter os meios de subsistência, a desnecessidade de luta pela vida. Uma melhor observação dos fatos, porém, nos permitirão afirmar, com o testemunho e apoio da ciência, que a influência daquelas causas não tem tido o valor que se lhes quer dar. Os modernos estudos de aplicação da higiene, a maior parte dos quais, para honra nossa, feitos e realizados em nossa pátria, por médicos brasileiros e em institutos e laboratórios nacionais, vieram demonstrar que o brasileiro, isto é, o homem dos nossos sítios e das pequenas cidades do litoral e interior, não é um vadio e sim um doente.<sup>34</sup>

Os comentários de Aducci nos mostram que o luso-brasileiro sendo um “doente” e não um “vadio” pode, através de uma profilaxia social, se “regenerar”. É justamente esta tese que sustenta Crispim Mira, escritor e jornalista de reconhecimento na época, um luso-brasileiro que nasceu em Joinville e defendeu a operosidade, produtividade e perseverança do colono teuto-brasileiro. Edmundo Vegini escrevendo sobre a “ética germânica do trabalho” na obra de Mira, diz que este assimilou os valores “sócios-culturais do germanismo que impregnavam sua terra natal”. Mira não deixou de salientar, em seus trabalhos, certos valores dos luso-brasileiros, porém, principalmente nos seus artigos nos jornais de Joinville desenvolveu sua “visão ética do trabalho”, pelo engrandecimento do germanismo. Trabalhando a dicotomia luso-brasileiros X teuto-brasileiros; em que os primeiros, os descendentes dos açorianos já “degenerados”, por sua “indolência” seriam o alvo da “regeneração”. Não lhes faltaram atributos depreciativos como: sem noção de esforço, perseverança e produtividade; incapazes de vencer os desafios e construir o progresso; estilo de vida sem iniciativa e com grande ociosidade, inércia e impotência. Enquanto, no segundo, eram encontrados os “impulsos culturais” que o faziam “laborioso”, produtivo. Um trabalhador “intenso e fecundo”. Mira, desse modo, construía sua obra com

---

<sup>34</sup> Ibid. p. 45.

a crença da “regeneração nacional” pela “laboriosidade” do colono alemão, vendo a si e sua família como exemplos da ação que a “operosidade germânica” podia fazer sobre o luso-brasileiro.<sup>35</sup>

Esta visão do imigrante alemão “laborioso” e seu avesso, o litorâneo “indolente” se afirmou e continuou a moldar grande parte das reflexões acerca do povo catarinense, chegando até a atualidade. Parece ser esta dicotomia que incide sobre as conclusões de Ondina Bossle ao afirmar que é consenso entre os autores catarinenses reconhecer na “mentalidade dos alemães” o impulso da industrialização catarinense. Atualmente, nas análises da historiografia econômica, esta dicotomia não é de todo afirmada pelo contraste paralelo dos dois tipos de colonização, não atribuindo às populações do litoral adjetivos como insalubres, impotentes e improdutivos. Apenas confere-se o sucesso apresentado pelos teuto-brasileiros e o dificultoso desempenho das cidades do litoral, separadamente, em seus contextos. No entanto, tudo indica que em seus fundamentos permaneçam resquícios daquelas comparações até pouco tempo bastante afirmadas. Por exemplo, em 1940, o professor e assistente-chefe do Departamento Estadual de Estatística, Lourival Câmara, publicava um trabalho sobre os *Estrangeiros em Santa Catarina* no qual analisando a “função do estrangeiro na formação sócio-econômica” do Estado, classificou a população em três “tipos humanos”: “o praiano, o colono, o sertanejo”. Câmara, não poupou de alusões preconceituosas à população do litoral, segundo ele, “degenerada”. “O homem das nossas praias [escreveu Câmara] é bem a reprodução degenerada do açoriano que fracassou

---

<sup>35</sup> Segundo Edmundo Vignini, Crispim Mira estava interessado na sistematização das concepções do “mundo ético do trabalho” em que se formou. Assim seu conceito sobre trabalho “não se reduz a um mero ato de aplicação das forças e das faculdades humanas em vista da obtenção de um fim, ou como uma atividade coordenada de caráter físico ou intelectual necessárias à realização de qualquer tarefa, como é comum se encontrar conceituado nas obras gerais. Mas é representado como um impulso que vem de dentro, como resultado, das vivências culturais enraizadas na alma e que impelem o homem ou a sociedade para a ação constante, perseverante, que requer esforço mas, que por outro lado, se converte numa fonte perene de realização e felicidade e de onde provém, em última análise, seu verdadeiro significado como ação humana livre e criativa”(p. 218) VIGINI, Edmundo. *A personalidade histórica de Crispim Mira e a regeneração nacional pela ética germânica do trabalho 1880-1927*. Florianópolis: Dissertação (mestrado em História) UFSC, 1984.



no litoral catarinense, à época do povoamento.” A “degeneração” que impingia às populações litorâneas não era em função do solo ou do clima, mas da “paupérrima” alimentação “agravada pela intoxicação alcoólica”.<sup>36</sup>

Foi a partir das reflexões de Hermetes dos Reis Araújo que procurei encontrar algumas das falas que “inventaram” o litoral. Porém, Araújo não busca - mesmo porque não era seu interesse - relações entre o desenvolvimento das áreas de colonização alemã e os investimentos do poder público estadual que teriam facilitado o desenvolvimento industrial do Vale do Itajaí e região de Joinville, por incentivos dos governos destinados àquelas áreas. Dos tumultuados e desconcertantes acontecimentos no amanhecer da república em Santa Catarina, resultou o fortalecimento de novas forças políticas com fortes ligações com aquelas áreas. O nome de maior relevância na política interna estadual após consolidada a instauração da república é, sem dúvida, o de Hercílio Pedro da Luz, ocupando por três vezes o cargo de governador.<sup>37</sup> Mesmo sendo natural de Florianópolis, sua aparição no cenário político deu-se em Blumenau; o fortalecimento de sua imagem em função da resistência aos federalistas teve como palco aquela cidade. Américo da Costa Souto assinala que, quando dos atos de Hercílio Luz frente aos acontecimentos da Revolução Federalista, este “teve entre seus seguidores importantes empresários de Blumenau e Brusque” e sugere o interesse deste empresariado em reverter este apoio em vantagens à industrialização do

<sup>36</sup> Segundo Câmara: “A degenerescência, na sucessão das gerações, afetou as qualidades morfológicas (já em grande parte alteradas face ao cruzamento com negros *bântus*) e psicológicas dessas populações, de pequena estatura, indolentes, resignadas, anquilosadas, esquizotímicas. A degenerescência corre, aliás, por conta do abalo no metabolismo basal: a alimentação dessas gentes, monótona, desarmônica, incompleta, pobre em hidratos de carbono e paupérrima em vitaminas, consiste no peixe, na farinha de mandioca e no café.” (p. 12) CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. *Revista de imigração e colonização*. ano I, n. 4, p. 5-47. out. 1940.

<sup>37</sup> Hercílio Luz foi governador do estado pela primeira vez de 28.09.1894 a 28.09.1898. Ocupou pela segunda vez o cargo de 28.09.1918 a 31.10.1921 e retornou novamente de 28.09.1922 a 09.05.1924, nesta última data afastou-se por problemas de saúde. PIAZZA, Walter F. (org.). *Dicionário político catarinense*. 2ª ed. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 414-415.

Vale do Itajaí.<sup>38</sup> As insinuações de Souto parecem bastante plausíveis, pois o próprio Hercílio Luz, em mensagem ao congresso representativo de 1922, dá a deixa para a pertinência destas relações. Em seu último mandato, já bastante ligado à capital, defendia a construção de uma ponte ligando a ilha ao continente, contrariando outras várias opiniões, inclusive as que pretendiam transferir a capital do Estado para o interior. Defendendo Florianópolis, relata o governador nesta mensagem:

Florianópolis, entre várias municipalidades catarinenses, não esteve, até bem pouco, no número daquelas com que os governos, tanto da União como do Estado tinham sido generosos, com ufania registramos o rigoroso progresso das nossas antigas colônias, mas devemos também assinalar que nunca lhes faltou ajuda dos cofres públicos, enquanto a nossa capital ia vivendo quase por si só. Justo é, pois, que agora se estendam a ela favores análogos aos feitos a outras zonas, fatores que, em última análise redundam em benefício para todo o Estado.<sup>39</sup>

As indicações de Souto junto às palavras de Hercílio Luz levam a crer que o “atraso” atribuído ao litoral, base de formulação do discurso que o desqualificava, não foi, tão somente, proveniente da “indolência” de sua população “pouco dada ao trabalho” em função do ambiente e hábitos “insalubres” em que viviam. No que sugere os indícios, além da conjuntura econômica, entre outros fatores, que favoreceram o tipo de produção das regiões colonizadas por alemães, os novos personagens que compunham o cenário político republicano tinham estreitos comprometimentos com aquelas regiões. As novas configurações político-administrativas carregavam outros poderes - ou poderosos - em que ascendiam as forças de barganha política do Vale do Itajaí e nordeste do Estado e perdiam espaços os velhos mandatários do litoral, remanescentes do tempo do império. Como

<sup>38</sup> SOUTO, Américo A. da Costa.. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: Estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina-CEAG/SC, 1980. p. 82.

<sup>39</sup> Hercílio Luz. Apud: MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina de 1889 a 1900*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1982. p. 108-109.

também ocorriam ligações entre estes políticos com os intelectuais. Crispim Mira, por exemplo, pôde projetar-se nacionalmente participando de várias missões importantes do governo de Hercílio Luz.<sup>40</sup>

Dentro da zona que se “inventava” como atraso, fora da nova configuração dos espaços de força política, Laguna era o próprio protótipo de cidade a ser “regenerada”. Com uma população tipicamente luso-brasileira, formada pelos descendentes dos colonizadores vicentistas e açorianos; cidade portuária por onde entravam os imigrantes europeus que ocupavam seu *hinterland*, o município enquadrava-se perfeitamente naquele discurso desqualificador. A onda de valores modernizantes que circulou no final do século XIX não se configurou em realizações práticas esperadas. Seus grandes projetos não se realizaram e outros que tiveram iniciadas as obras foram abortados no curso de suas concretizações. Dos ideais de modernização, civilidade e progresso restaram obras inacabadas e ambições prorrogadas para outros tempos. Uma série de dificuldades começaram a esfacelar as perspectivas de prosperidade até então divulgadas. Não que a cidade tenha perdido por completo seu prestígio e projeções de grandiosidade no futuro, mas enfrentava sérias dificuldades em firmar-se economicamente e produzir o desenvolvimento almejado. Ainda que figurasse no plano estadual como o quinto município em arrecadação, era uma posição pouco lisonjeira, pois sendo uma das mais antigas cidades catarinenses e principal porto do sul do Estado, estava abaixo das crescentes economias das cidades de colonização alemã do Vale do Itajaí e região de Joinville.

Vitimada constantemente por epidemias e sem conseguir realizar grandes obras, a administração pública começa a lançar um outro olhar sobre a cidade. Em 1890, o presidente da intendência, Luiz Antônio Pinto de Magalhães, queixava-se ao governador

---

<sup>40</sup> VIGINI, Edmundo. *A personalidade histórica de Crispim Mira e a regeneração nacional pela ética germânica do trabalho 1880-1927*. Florianópolis: Dissertação (mestrado em história) UFSC, 1984. p. 11.

que “a Laguna de 1822 é a mesma de 1890” pois não tinha realizado as obras de urbanização necessárias ao desenvolvimento da cidade. Dizia ele, comparando Laguna com as cidades que despontavam na cenário catarinense, que o município “definha a olhos vistos”:

É lastimável, cidadão governador, que um dos primeiros municípios da província, como este, rico em produtos naturais, com um comércio e agricultura florescentes, talhado para um grandioso futuro, não tenha até hoje dado um passo avante em matéria de adiantamento e máximo em relação à instrução pública. Quando se compara os novos municípios de Blumenau com um orçamento municipal de 20 contos, Joinville com 16 contos, fica-se pasmo como a antiga Laguna, cuja lavoura e comércio se não é de mais importância, rivaliza, tenha um orçamento de 8 contos. É assim que aqueles municípios florescem de modo assombroso, enquanto que este definha a olhos vistos.<sup>41</sup>

Comparando então com as cidades ascendentes no Estado, conclui o presidente da intendência que seu município encontrava-se em “estado estacionário, senão decadente”. Seu relato parece estar permeado de conotação política, pois, para ele, o motivo deste estado de coisas não era outro senão a política desenvolvida até então - visto que a partir deste momento se inicia uma “nova fase de progresso e civilização” com a “luz redentora” do governo republicano - que sacrificava o povo em função de interesses e “bem-estar dos afilhados”. Para além dos desdobramentos políticos que afloram nas colocações de Luiz Antônio Pinto de Magalhães, o “abatimento” que vê no município é um indicativo de que outros olhares cobriam a cidade, os quais mesmo contagiados pela onda turbulenta de transformação dos valores burgueses, apresentavam outros alvos.

O que parece haver ocorrido, também, é uma possível intencionalidade do poder público lagunense aproveitar-se da imagem negativa que se criava sobre o município. Em

---

<sup>41</sup> MAGALHÃES, Luiz Antônio Pinto de (presidente da intendência). Ofício para o governador, em 27 de janeiro de 1890.

1895, Antônio Pinto da Costa Carneiro, superintendente do governo municipal, fazia ao governador Hercílio Luz um pedido de verba para o aformoseamento da cidade. Dizia ele que realizando seu pedido, o governador estaria contribuindo para o “progresso físico e moral” de Laguna. Os recursos financeiros solicitados seriam utilizados em melhoramentos que produziram “embelezo e Higiene” da cidade, promovendo a “comodidade Pública”. As obras constantes desses melhoramentos eram: “mercado, esgoto, canalização d’água potável, uma fonte monumento e calçamento ou macadamização das ruas e praças”.<sup>42</sup> É possível, também, sugerir a percepção da administração pública de Laguna para as questões de subvenções e incentivos do Estado aos municípios mais intimamente ligados ao novo círculo do poder. Talvez seja por isso que a mudança dos nomes das principais ruas do centro, substituindo as antigas denominações pelos nomes das personalidades que despontavam na política estadual com a república, como ocorreu em quase todas as cidades, não vai em Laguna contemplar o nome de Hercílio Luz.<sup>43</sup>

Em 1913, Laguna era um município com uma população de 29.029 habitantes, distribuída em 42 povoados que contabilizavam 4.200 casas particulares, 4 edifícios públicos e 8 igrejas. Contava com 208 casas comerciais, 4 fábricas de bebidas, 3 de cigarros, 2 de café e 1 de calçado. Os principais produtos de sua agricultura eram o milho, o feijão e a farinha de mandioca e teve neste ano uma receita municipal de 45:976\$000.<sup>44</sup> A grande diferença entre indústrias e estabelecimentos comerciais, mostra como Laguna era

<sup>42</sup> CARNEIRO, Antônio Pinto da Costa (superintendente do governo municipal da Laguna). Ofício para o governador do Estado de Santa Catarina, Hercílio Pedro da Luz, em 07 de fevereiro de 1895.

<sup>43</sup> Em 1891 Antônio Machado da Rosa, vice-presidente da Intendência Municipal informava ao governador do Estado que, glorificando os três homens mais dedicados à república em Santa Catarina, propunha a gravação para posteridade do nome dos “mais vivos representantes do lema da nossa gloriosa bandeira: Ordem e Progresso” dando o nome do senador natural de Laguna Raulino Horn à rua Direita, o do governador Gustavo Richard à rua da Praia e o de Lauro Müller à praça da carioca. É interessante notar que não homenageiam Hercílio Luz, nome de maior ascensão com a república. ROSA, Antônio Machado da (vice-presidente da Intendência Municipal). Ofício para o governador do Estado, Gustavo Richard, em 22 de abril de 1891.

<sup>44</sup> REGIS, Gustavo Lebon (secretário geral). Relatório apresentado ao governador do Estado, Vidal José de Oliveira Ramos, maio de 1914.

uma cidade na qual o principal ramo da economia eram as atividades de importação e exportação, advindo desta característica grandes dificuldades, pois ainda que se investisse na operacionalidade de sua barra, as obras ali feitas não possibilitaram a entrada de navios de grandes calados, além de outras obras de ligação não se viabilizarem. Mesmo a construção da ferrovia D. Teresa Cristina indica não ter contribuído muito para o desenvolvimento da atividade comercial. Ela foi projetada especialmente para o transporte do carvão e grande parte de seu trajeto acompanhava o leito do rio Tubarão, levando os agricultores a preferirem fazer o comércio com Laguna pela via marítima, de frete mais barato e muitas vezes livre dos impostos que pela ferrovia seriam obrigatoriamente cobrados.<sup>45</sup>

Todas essas dificuldades e comparações, adicionadas a outras como a entrada de produtos do Rio Grande do Sul clandestinamente por Araranguá, eram como água fria sobre a fogueira dos desejos modernizadores. Ainda que se projetassem perspectivas de um “grandioso futuro” a cidade enfrentava grandes dificuldades econômicas, dando vazão ao desprestígio com a mudança no equilíbrio das novas redes de poderes e à desqualificação pelo discurso que “inventava” o litoral.

---

<sup>45</sup> NESSEDER, João Caldeira D'alvarenga (engenheiro fiscal da estrada de ferro D. Teresa Cristina). Ofício para o governador do Estado, Lauro Severiano Müller, em 07 de fevereiro de 1890.

O trajeto da ferrovia não tornou-se problemático somente por permitir o afastamento do transporte dos gêneros de produção agrícola, mas também porque, devido às cheias do rio Tubarão, foram constantes as destruições na linha férrea, como várias vezes relataram os Engenheiros Fiscais. Outro problema enfrentado pela ferrovia foi a falta de um porto seguro. Reclamavam os engenheiros que o porto de Imbituba era perigoso e o de Laguna, de barra com profundidade insuficiente. Estes e os problemas com a extração do carvão foram fatores para que, de sua inauguração até o início da década de 20, a ferrovia não tenha apresentado lucro.



### 3- Garibaldi e outros alardes

As narrativas historiográficas quanto à implantação do regime republicano em Santa Catarina são unânimes em ver, naqueles acontecimentos, um momento conturbado, inconsistente e embaraçoso da política estadual. Estas representações apresentam “militares e civis num governo sem rumo”. É um emaranhado de novos e velhos personagens em investidas quase sempre infrutíferas, projetos truncados, ações abortadas em reviravoltas conflitantes. São, também, velhas disputas entre monarquistas, liberais e conservadores, que se alojam na conquista de espaços junto ao “despreparado” Partido Republicano que se instalava no governo. Vê-se então, um bailar de personalidades políticas que se revezam não somente nos cargos da administração pública, mas também por agremiações partidárias e em coligações bastante inusitadas. No final do império, os liberais estavam no poder, os conservadores eram oposição e os republicanos pouca força política repercutiam. Com a república, primeiramente os conservadores se ocupam de participar da junta que substituiu os liberais no poder e logo em seguida, os próprios liberais aderem ao regime republicano. Mas, logo surgem os desentendimentos e os liberais migram para o recém-criado Partido Católico para, em seguida, fundarem um partido de oposição, o União Federalista que congregava republicanos dissidentes e, também, antigos monarquista conservadores.<sup>46</sup>

Os desdobramentos em terras catarinenses do movimento federalista iniciado no Rio Grande Sul e da Revolta da Armada, somam mais uma série de complicações na consolidação do regime republicano no Estado. O rodopiar de partidos no poder e de políticos pelos partidos constitui-se grande embaraço e, até mesmo, as atitudes de Floriano Peixoto para com os republicanos e federalistas de Santa Catarina parecem bastante dúbias,

<sup>46</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Militares e civis num governo sem rumo: o Governo Provisório revolucionário de Desterro 1893-1894*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1990.  
MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina de 1889 a 1900*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1982.

ora apoiando um, ora outro. Junto às complicações e confusões que sugerem ter sido um estorvo a retardar a estabilidade do regime republicano, essas narrativas também expressam que, solidificada a república em Santa Catarina, emergiram duas fortes lideranças políticas: Lauro Severiano Müller e Hercílio Pedro da Luz.

Lauro Müller, catarinense natural de Itajaí, empossado como primeiro governador do Estado não tardou em receber oposição de liberais e conservadores que se sentiam desprestigiados diante dos republicanos que tentavam total controle dos cargos políticos. O acirramento das hostilidades já sob o Partido Federalista, promovendo na capital movimentos de pressão, pedia a renúncia de Müller, o que ocorreu em dezembro de 1891. O governo republicano criticado na capital recebia apoio de seus correligionários do interior, principalmente de Blumenau onde Hercílio Luz liderou uma marcha, sem sucesso, rumo a Desterro em defesa de Lauro Müller. Em 1893 Hercílio Luz novamente investe sobre a capital desta vez, para destituir o governo instalado por Floriano Peixoto, em substituição a Lauro Müller, de inclinação notadamente federalista. Apesar do sucesso de Hercílio Luz, Floriano não reconheceu a legitimidade de sua ocupação e restabeleceu o governo federalista. Nesse mesmo ano, Desterro é ocupada pelas forças da Revolução Federalista Riograndense e da Revolta da Armada, que assumem o governo até serem vencidos pelas forças federais. Findo estes acontecimentos, firmado o regime republicano, o que sobressai na política catarinense é o fortalecimento desses republicanos. Lauro Müller ascende na esfera federal e Hercílio Luz é eleito governador em 1894, na primeira eleição direta, para o governo do Estado.

A forma confusa e violenta dos acontecimentos até a afirmação dos republicanos, parece ter sido um forte motivo a mais a fazer o governador Hercílio Luz procurar promover a legitimação do novo regime, fomentando instrumentos construtores da identidade republicana estadual, empenhando-se em instituir os elementos simbólicos dos

vitoriosos, talvez na tentativa de apagar a imagem sangrenta que resultou da revolta de 1893.<sup>47</sup> No governo, Hercílio Luz institui em agosto de 1895 as armas e a bandeira do Estado de Santa Catarina.<sup>48</sup> Porém, o mais emblemático foi, contudo, a mudança do nome da capital em 1º de outubro de 1894, três dias após assumir o governo, de Nossa senhora do Desterro para Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto.<sup>49</sup>

Hercílio Luz foi além destes marcos visíveis. Junto aos símbolos que demarcavam a nova ordem vigente, ele tratou de ter perto de si os intelectuais que construiriam dentro de espaços qualificados a identidade republicana catarinense, problematizando um Estado a gerir e legitimando o poder que o governava. Tem-se, então, a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), em 1896 e da Sociedade Catarinense de Letras, em 1920, que, mais tarde, tornou-se Academia Catarinense de Letras. Estas duas

<sup>47</sup> A historiografia catarinense narra que os federalistas vencidos foram alvos de “prisões e fuzilamentos sumários”. Há, no entanto, grandes divergências quanto ao número de presos militares e civis fuzilados no forte de Anhatomirim, os números variam de 34 a 185 mortos listados. MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina de 1889 a 1900*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1982. p. 63-65.

CORRÊA, Carlos Humberto. *Militares e civis num governo sem rumo: o Governo Provisório revolucionário de Desterro 1893-1894*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1990. p. 144-147.

<sup>48</sup> CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 279-280.

<sup>49</sup> Sobre a mudança de nome da Capital, Oswaldo R. Cabral escreve que ninguém ousou reclamar, pois estava instalado um estado de terror pela presença dos “carabineiros do Coronel Moreira César”. “Após a revolta de 1893, que tanto sangue derramou aqui na pacata fundação de Dias Velho, sangue não dos tombados na luta, mas principalmente dos caídos à frente do pelotão dos fuzilamentos, o cordão dos bajuladores do vencedor encontrou na pessoa do Desembargador Genuíno Vidal o seu expoente máximo, quando propôs que se desse à Capital, à mesma Capital onde não se apagara ainda o eco dos disparos que cobravam a vida dos vencidos, a Nossa Senhora do Desterro, o nome de Florianópolis, em homenagem ao ditador.” CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: Notícias*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 1. p. 40.

Além desses marcos, outros já haviam sido instituídos nos primeiros momentos da proclamação da república:

“Já no primeiro evento oficial da república, ao som da marselhesa, foi arriada a bandeira imperial e hasteada a do Clube Republicano, bem como foram retiradas as armas imperiais fixadas no frontispício do agora Palácio do Governo. Pouco tempo depois, em fevereiro de 1890 procedeu-se a primeira audiência do hino para o Estado recém-criado, sendo a composição musical do Prof. José Basílio de Souza e letra do poeta Horácio Nunes Pires.” CHEREM, Rosângela Miranda. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) USP, 1994. p. 183.

“A 14 de dezembro de 1889, Eliseu Guilherme participa ao Governador que a Câmara Municipal, na referida data, mudara os nomes das ruas da capital.

A praça Barão de Laguna passou a denominar-se 15 de novembro; o Campo do Manejo para Gal. Osório; a rua do Imperador para Tenente Silveira; ...; e outras” CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 250.

Ver também:

PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976. p. 41-42.

instituições tiveram iniciadas suas atividades no primeiro e no segundo, respectivamente, governos de Hercílio Luz. É meu interesse aqui, lançar alguns olhares sobre a primeira destas instituições, para perceber como sua produção histórica estava a serviço dos interesses do Estado e, principalmente, vendo como a cidade de Laguna é apresentada nessa produção.

Em sete de setembro de 1896 era fundado o IHGSC, idealizado por José Artur Boiteux, político republicano com passagem pela câmara dos deputados e várias vezes deputado estadual na Primeira República. Boiteux foi também um agitador cultural. São dele as iniciativas de criação, além do IHGSC, do Instituto Politécnico de Santa Catarina (1917), de Sociedade Catarinense de Letras (1920) e da Faculdade de Direito de Santa Catarina (1932).<sup>50</sup> Sempre afinado com o poder político estadual, desde o amanhecer republicano, foi um intelectual a serviço do novo regime que se instalava. Aliás, é dele o desenho de onde se originou a bandeira republicana e de seu irmão mais velho, Henrique Boiteux, a concepção do brasão das armas do Estado. Henrique, José e Lucas Alexandre Boiteux são os irmãos que formam o que Osvaldo Rodrigues Cabral chamou de “a tríade ilustre de cultores de nossa História”,<sup>51</sup> tendo os dois últimos ocupado a presidência do IHGSC.

A idéia, de José Boiteux, de criação de uma instituição que buscasse uma história capaz de traçar um “verdadeiro” quadro de conhecimento do Estado, vinha responder a aspirações de Hercílio Luz em seu intento de “governamentalidade”. A legitimação republicana com a amenização da imagem violenta que resultou ao final da Revolução Federalista e, ainda, a relevância de uma instituição científico-cultural que respaldasse os interesses catarinenses na questão de limites com o Paraná e o Rio Grande do Sul, são o

---

<sup>50</sup> PIAZZA, Walter F. (org.). *Dicionário político catarinense*. 2ª ed. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 419-20.

<sup>51</sup> CABRAL, Osvaldo R. *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 279.

pano de fundo da iniciativa de criação do IHGSC. Foi ele, então, criado em um “momento oportuno” para o governo estadual.<sup>52</sup> Desta forma, misturavam-se no IHGSC intelectuais e políticos, encontrando-se entre seus sócios fundadores vários políticos que ascendiam na república,<sup>53</sup> como Felipe Schmidt, Gustavo Richard e Hercílio Luz que presidiu a primeira sessão da instituição. É este irmanamento que faz Patrícia de Freitas ver nesta instituição um “espaço de saber ‘qualificado’ e autorizado, onde estão ‘reunidos ‘saber’ e ‘poder’”. Esta autora mostra que, resguardadas as diferenças dos contextos de suas criações - um criado em 1836, ligado ao Império e outro, em 1896, ligado a república -, o IHGSC guiava-se pelas mesmas preocupações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dando “privilegio à coleta de fontes que seriam organizadas, classificadas e hierarquizadas de modo a construir uma história linear e concisa”.<sup>54</sup> Interessando-se o instituto catarinense em montar a história oficial de Santa Catarina, construindo uma identidade única para um Estado fragmentado, ia ao encontro às preocupações de seu primeiro presidente, o governador do Estado Hercílio Luz.

Criado em 1896, o IHGSC teve lançado o primeiro volume de sua revista somente em 1902 e, após um jejum de onze anos, voltou a lançar um novo volume, o número 2, em 1913, indo daí até o volume 9, em 1920, quando chega ao fim a primeira fase da *Revista do*

<sup>52</sup> “A fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a 07 de setembro de 1896, ocorreu em um momento oportuno. A vida do Estado estava sendo reorganizada, após os anos de 1893 e 1894, conturbados pela Revolução Federalista. No Governo do Estado, cumprindo o quadriênio de 1894-1898, Hercílio Pedro da Luz buscava dinamizar os diferentes setores da administração estadual e, decidir de vez, a questão dos limites com o vizinho Paraná. A criação de uma instituição cultural, dedicada aos conhecimentos históricos e geográficos era uma exigência, naquele contexto otimista, dos novos dirigentes republicanos.” MEIRINHO, Jali. IHGSC honra a cultura catarinense. *Ó Catarina!*. Florianópolis, Set.-Out. 1996. p. 13.

<sup>53</sup> “Entre os vinte sócios-fundadores, figuravam também, Afonso Cavalcante do Livramento, Antonio Pereira da Silva e Oliveira, Augusto Fausto de Souza, Felipe Schmidt, Gustavo Richard, Hercílio Luz e Thomaz Cardoso da Costa, que tiveram grande projeção política e social, sendo que um deles havia chegado à presidência da Província e quatro alcançaram a Presidência do Estado.” COSTA, Licurgo. *O que é, o que representa o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Anais do I Encontro Estadual de História: Florianópolis, 25 a 29 ago. 1986. p. 58.

<sup>54</sup> FREITAS, Patrícia de. *O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: Espaço de saber “qualificado”*. (inédito)

*IHGSC*. São nas referências sobre Laguna, nas revistas desta primeira fase, em que busco subsídios para analisar como a cidade aparece nesta instituição. Nesses dois primeiros números do volume 1, de 1902, está o Instituto interessado em angariar o maior número de materiais com o qual possa “reconstruir” a história do Estado. Solicita, então, doações ou vendas de livros, manuscritos e outros “documentos”, por sua antiguidades e relevância em elucidar os fatos importantes e datas relevantes de nossa história, com os quais possa “refazer” o passado de Santa Catarina.<sup>55</sup>

Empenhavam-se os sócios do Instituto em direcionar o “máximo esforço em prol do levantamento intelectual deste Estado e uma constante preocupação em tornar conhecidas as riquezas históricas e naturais da estremecida pátria catarinense”.<sup>56</sup> A história a qual estavam estes intelectuais interessados, afora os intuitos próprios do Estado republicano que se instalava, era um “resgate” dos acontecimentos longínquos, aqueles que por seu relacionamento com a política e a guerra marcavam sua relevância numa história de “homens notáveis”. “Reconstruir” a história do Estado era recuperar o máximo possível de evidências capazes de “revelar” os acontecimentos “importantes” do passado, o “...conhecimento exato de fatos e datas que interessam...”. A importância estaria na relação destas evidências com os “notáveis” personagens do passado catarinense e por sua antiguidade, pois encontrar uma origem anterior era o que dava sentido à história; seu início em um tempo bastante remoto. Este tipo de história, historicista, que privilegia “fatos” e

<sup>55</sup> Encontra-se escrito na contra-capa do primeiro e segundo números do primeiro volume:

“O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina agradece a todas as pessoas que lhe fizerem ofertas pecuniárias ou de obras impressas sobre qualquer dos ramos dos conhecimentos humanos muito especialmente sobre história e geografia do Brasil, bem como manuscritos, autógrafos, documentos que por sua antiguidade possam trazer-lhe conhecimento exato de fato e datas que interessam à história pátria, selos, moedas, objetos de cerâmica, artes e uso comum dos indígenas, objetos que tenham pertencido aos homens notáveis do país, nacionais ou estrangeiros, produtos naturais, mapas, plantas, cartas geográficas, retratos e biografias.

O Instituto compra essas mesmas obras, manuscritos e mais objetos acima mencionados, que por ventura estejam em mãos de pessoas que as não queiram ofertar; bem como mandará tirar cópias onde quer que seja preciso.” *REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA*. Florianópolis: v. 1 n. 1, 1902. contra-capa.

<sup>56</sup> *Ibid.* p. 07.



“datas”, liga o momento presente a um passado que o identifica, criando uma teleologia na qual os interesses afirmados neste presente já figuram anteriormente como um devir realizado na atualidade. Deste modo, as relações destes historiadores no momento em que produzem, assim como sua produção, tende a não ser outra senão as com os vencedores, os que no agora dominam. Porém, “o agora”, as conjunções em que é escrita, é colocado como distante, afastado, neutro; a história é, assim, objetiva, o tempo é linear-progressivo e os “fatos” retirados dos “documentos” compõem esta temporalidade ininterrupta de acontecimentos verdadeiros.<sup>57</sup>

É certo que o IHGSC declarava outros interesses, como promover “a educação cívica e intelectual do nosso povo”.<sup>58</sup> Mas, o que é mais presente nessas duas primeiras revistas, como se vê nos artigos nelas editados, são as preocupações de auto-afirmação e afirmação do governo republicano que se instalara. Por isso, publicam os discursos proferidos em suas solenidades, os expedientes, a relação de sócios e, também, a “ata de instalação”. Saindo desta preocupação de se auto-afirmarem, enquanto instituição de “saber qualificado”, o que sobressai, ainda, nesses dois primeiros números, são as questões dos limites e conhecimento do Estado, reveladas, em grande parte, por meio de documentação antiga que é “resgatada” e publicada na revista. Como para os historiadores do Instituto, a verdade estava nas fontes mais antigas e suas intenções de traçar um quadro de conhecimento do Estado passava por “resgatar” os relatos primeiros sobre Santa Catarina, Laguna ganha um espaço considerável nessa instituição. Não só ela, mas os três primeiros núcleos de ocupação do litoral, São Francisco, Florianópolis e Laguna - por serem os

<sup>57</sup> Sobre esta compreensão de historicismo, ver:

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas* I. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

<sup>58</sup> REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. Florianópolis: v. 1 n. 1, 1902. p. 08.

primeiros, mais antigos, terem história - estão constantemente aparecendo nos antigos relatos que “revelam” o Estado publicado na *Revista do IHGSC*.

As preocupações em reunir material que desse conta de produzir um panorama do Estado e definir os limites de seu território continuam por todas as revistas dessa primeira fase. Assim, pode-se encontrar referências à Laguna em quase todas as edições daquele primeiro momento, sendo a cidade apenas citada em textos direcionados a um assunto determinado em que ela não é o tema central, como ocorre em vários artigos de diversos números,<sup>59</sup> ou em artigos em que ganha importância ao ser relacionada ou servir de parâmetro ao assunto tratado e nos artigos explicitamente a ela referentes. Tem-se, então, já no número 1 do volume 1, de 1902, a publicação das *Noções topográficas e militares do Município da Laguna*, um escrito do Coronel Vilas Boas, de 1839. Nele está expresso a preocupação do IHGSC em recuperar as fontes capazes de levar ao reconhecimento do Estado, pois nas “noções” estão definidos os limites do município e a descrição geográfica de seu território, anotando rios, lagoas, estradas, barra, litoral, etc. Colocando Laguna como ponto estratégico entre as duas províncias do sul - e tratando de ponto estratégico em relação a atividades militares, acaba por referir-se à ocupação dos rio-grandenses sem discutir o assunto -, afirmando a “importância militar do município da Laguna” estabelece, em suas colocações, formas de defesa quer pelo litoral quer pelo interior.<sup>60</sup>

<sup>59</sup> Não sendo o objeto ou a localização principal pode-se encontrar referências à Laguna em vários artigos das revistas dessa fase. Como por exemplo: *Um manuscrito* (do arquivo do conselho ultra-marino), na revista n. 2, v. 1, 1902, p. 27; *Província de Santa Catarina - 1817-* (Da corografia brasílica do P. Ayres Cazal), no v. 7, 1918, p. 07-22; *Província de Santa Catarina em 1797- Extrato do relato de João de Miranda Ribeiro, dirigido ao Conde de Rezende, em 17 de novembro de 1797*, v. 3, 1914, p. 82; *Discurso proferido pelo Sr. bacharel Henrique da Silva Fontes na sessão comemorativa do 187 aniversário de criação da vila de Nossa Senhora do Desterro, sessão realizada a 26 de março de 1913*, v. 2, 1913, p. 107.

<sup>60</sup> VILLAS BOAS. *Noções topográficas e militares do município da Laguna - Província de Santa Catarina. Rev. do IHGSC. Florianópolis*, v. 1, n. 1. 1902. p. 27-36.

Na linha do “resgate” de documentos antigos encontra-se material correspondente à Laguna nas revistas de 1919, volume 8, páginas 72 a 75, sob o título de *Curioso documento*, um “testamento e composição” feito em Laguna no ano de 1711; de 1915, volume 4, p. 68 e seguintes, com o título de *Laguna*, uma ata da câmara municipal do dia 12 de outubro de 1822 em que foi celebrada a “feliz aclamação de sua majestade imperial o senhor Dom Pedro Primeiro”. E também, na revista de 1918 volume 7, iniciando na página 360, um extrato da monografia *Expansão geográfica do Brasil até fins do século*

Ainda dentro daquelas preocupações do IHGSC, há escritos sobre Laguna que buscam definir as questões de limites. É o caso da *Toponímia antiga da nossa costa - PATOS*, de Lucas A. Boiteux, artigo publicado no volume 6, 1917, páginas 03 a 10, extraído de uma memória apresentada no 5º Congresso de Geografia, intitulada *A toponomástica da costa catarinense no século XVI*, no qual Lucas Boiteux pretende desfazer as confusões em torno da designação “Patos”. Segundo ele: “sua completa elucidação apresenta grande importância para a geografia e história antigas do nosso Estado”. É novamente por Lucas Boiteux, que Laguna aparece em escritos interessados em elucidar as questões de limites. Publicado, em partes, nas revistas de 1918 e 1919, o artigo *Limites com o Rio Grande* buscava definir, a partir de levantamento histórico, as fronteiras com o Estado vizinho que ameaçava avançá-las em detrimento de Santa Catarina.<sup>61</sup>

Além daquelas referências constantes dos escritos nos quais permeavam as questões de limites e reconhecimento do Estado, Laguna aparece, também, quando o assunto é homenagear personalidades eminentes. Encontram-se lagunenses que recebiam estes tipos de honraria. Para ilustrar, pode-se tomar duas personalidades que recebem notáveis considerações: o “catarinense ilustre” Jeronimo Francisco Coelho<sup>62</sup> e o “sócio falecido” José Johanny.<sup>63</sup>

As buscas por documentação antiga é própria de um tipo de concepção historiográfica em que faz parte da história aquilo que tenha um “falso” afastamento

---

XVII, do professor Basilio Magalhães, sob o título de *Os bandeirantes em Santa Catarina*, relatando a ocupação e povoamento do litoral catarinense e a formação dos três primeiros núcleos iniciais. Além destas publicações destinadas à recuperação de relatos antigos, a cidade de Laguna comparece ainda na revista de 1914, volume 3, página 76, em um artigo de Henrique Fontes, no qual descreve uma disputa entre as autoridades públicas de Laguna, Francisco de Brito Peixoto, e de Desterro, Manoel Manso de Avelar. Fontes narra as desavenças entre os dois e afirma: “o antagonismo entre Manso e Brito é a luta Fatal entre o Desterro e a Laguna, que se personifica nos chefes das duas povoações”, fechando seu escrito com a declaração de vitória de Manso e de sua povoação.

<sup>61</sup> O artigo, *Limites com o Rio Grande*, de Lucas A. Boiteux, foi publicado nos seguintes números da revista: v. 7, 1918, p. 78; v. 7, 1918, p. 148; v. 7, 1918, p. 250; v. 7, 1918, p. 367 e v. 8, 1919, p. 32.

<sup>62</sup> CATARINENSES ilustres. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, v. 7, 1918, p. 340-345.

<sup>63</sup> LIGEIOS traços biográficos de sócios falecidos. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, v. 4, 1915, p.48.

suficientemente grande com o presente e que acredita na reconstrução mais fiel do passado com o “resgate” de maior quantidade possível de “documentos”. Já a questão de definir historicamente os limites do território estadual era dada pela nova situação política de autonomia dos Estados pela república, questão, por sinal, bastante problemática entre Santa Catarina e Paraná. Pode-se pensar, também, que a busca em traçar um quadro de conhecimento do Estado convergia para os propósitos de “governamentalidade” dos governos republicanos, notadamente de Hercílio Luz. Já que, mesmo em se tratando de questões do território, dada a ameaça existente, reconhecer o Estado ia além disso. Era uma “relação entre segurança, população e governo”; não apenas manter o território, mas controlar a vida dentro dele, gerir a população, constituí-la enquanto catarinense e reconhecedora do governo, enquanto força superior que se mostrava preocupada com os problemas dos catarinenses. Não é em vão que há tanta insistência em questões como estado sanitário e integração de Santa Catarina, uma vez que governar, nesta perspectiva, é a política de gerir a economia e a população, transformando o corpo e a mente dos indivíduos em mecanismos produtivos.<sup>64</sup>

Para além das questões acima, nas quais Laguna aparece, vou me deter agora sob aqueles artigos que “resgatam” a República Juliana. Se nas revistas de 1902 estão interessados em se afirmar e reconhecer o Estado, já a partir de 1916 surge a nítida impressão de buscarem construir a tradição republicana, uma vez que não bastava somente ocupar o poder. Era necessário uma legitimação que o sustentasse, que o tornasse consistente, que lhe desse identidade. É isso que encontro nas revistas do Instituto publicadas nessa época. Os artigos, em sua maioria, seguem na mesma vertente de procura por relatos antigos, mas, na medida em que são editados, vão construindo a idéia de

---

<sup>64</sup> Quanto a esta perspectiva sobre o governo, Ver: FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: \_\_\_\_\_ *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 277-293.

antecedência do ideal republicano em Santa Catarina. Deste modo, as revistas do IHGSC deste ano, até o final da primeira fase estão constantemente referindo-se à Laguna. É lá onde encontram o conteúdo necessário para montar a tradição que requeria o regime republicano no Estado. Deve-se atentar ainda, que boa parte desse período, combina com o segundo mandato de Hercílio Luz à frente do governo Estadual.

*República Juliana - O combate da Laguna, 15 de novembro de 1839*, este é o título do primeiro artigo que trata da ocupação dos Farrapos em Santa Catarina, um relato assinado por Gama Rosa de dezembro de 1885. Francisco Luiz Gama Rosa foi um comandante da primeira divisão da esquadra imperial do combate que narra, porém essa informação não acompanha seu relato. O texto de Gama Rosa, a princípio, faz apologia aos líderes das forças legais, o General Andréa que assumiu o governo catarinense na época da revolta e o Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath que veio para Santa Catarina junto com o General Andréa e chefiou a esquadra imperial, bem como mostra a resistência de “bravos” lagunenses aos republicanos. No entanto, chama a ação do republicano Giuseppe Garibaldi de “prodigiosa”, o “ilustre chefe italiano” aparece como um “arrojado” estrategista.<sup>65</sup>

Esse autor, que em nenhum momento chama os republicanos de Farrapos, traça elogios aos líderes de ambos os lados da disputa; sua narrativa é um relato de guerra, fazendo-se parecer desprovido de ideais. Descreve lutas, lugares, perseguições, embarcações, manobras e estratégias de guerra e não menciona valores, causas e ideários que levaram à disputa. Essa forma de narrativa, aparentemente desprovida de sentimentos, vai se repetir em outros relatos, em que são valorizadas as astúcias dos guerreiros, revestidas de aura épica nas dificuldades da batalha. É possível que tenha havido uma opção

---

<sup>65</sup> ROSA, Gama. *Republica Juliana: o combate da Laguna - 15 de novembro de 1839*. Rev. do IHGSC. Florianópolis, v. 5, 1916. p. 102 e seg.

dos mentores do IHGSC por este tipo de relato, uma vez que conseguir evidências antigas sobre aqueles acontecimentos, implicaria ocupar-se de “documentos” do período imperial, o que provavelmente as impediria de serem favoráveis aos republicanos. Contudo, o fato de existirem suscitava as releituras e o interesse dos intelectuais em revisitar aquele momento histórico. E também, não eram relatos anti-republicanos, outrossim, eram narrativas de combates em que seus relatores estavam envolvidos, o que os fazia valorizar o inimigo para glorificar sua vitória.

Na *Revista do IHGSC* do 1º trimestre de 1917 encontra-se *República Juliana - O combate e tomada de Laguna*, um artigo que Frederico Mariath havia publicado no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, em novembro e dezembro de 1860. Mariath diz escrever para mostrar algumas passagens não muito esclarecidas, constantes das *Memórias de Garibaldi* publicadas naquele mesmo jornal.<sup>66</sup> Este relato, assim como o de Gama Rosa, valoriza a batalha, torna-a épica diante das dificuldades geográficas, das intempéries do tempo e do inimigo de bravura. Mariath chama Anita Garibaldi de “heroína”. Diz que Garibaldi teve “uma coragem digna de inveja”. Porém, afirma que o resultado da guerra “honra os defensores da integridade do império” e apresenta sua versão dos fatos em que contradiz Garibaldi.<sup>67</sup> Na mesma página da revista em que acaba o relato de Mariath começa o de Garibaldi, sobre o mesmo acontecimento, extraído de suas “memórias”. Não há indicação se o “combate da Laguna”, narrado por Garibaldi, constava do artigo original de Mariath ou se foi uma atitude própria do Instituto colocá-la. Mas, de todo modo, o confronto dos dois relatos era mais um motivo a levantar polêmica, pôr o assunto em voga e impulsionar novos

<sup>66</sup> Mariath afirma querer “restabelecer a verdade dos fatos”, por isso escreve seu relato quanto ao combate de Laguna, nele as divergências com as *Memórias de Garibaldi* são: “que as embarcações que compunham a esquadra imperial na ocasião de invadir o porto da Laguna eram 14, inclusive 4 lanchões e não 22, como afirma o autor das memórias; que não levavam a bordo grande número de soldados, além das equipagens, pois que somente havia as da guarnição, e que finalmente eram seis e não três as embarcações de Garibaldi, as quais foram destruídas ou apresadas.” MARIATH, Frederico. *República Juliana: O combate e tomada da Laguna*. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, v. 6, 1917. p. 27- 28.

<sup>67</sup> *Ibid.* p. 21- 28.



estudos. Sugere ser uma forma de mostrar uma tradição fazendo-a aparecer, dando indícios de sua existência.

Ainda em 1917 na revista do 2º ao 4º trimestre, aparece o relato do Capitão da fragata J. E. Carcez Palha, um Capitão das forças republicanas. É também um relato de guerra com fortes elogios aos “mártires da liberdade” que diante da superioridade das forças imperais são bravos e Anita destemida. Vê-se aqui, mais forte, a construção dos mitos dos ideais republicanos,<sup>68</sup> mesmo que, como nos outros relatos, não haja discussão quanto às formas de governo. O relato, *República Juliana - entrada da esquadra na vila da Laguna, 15 de novembro de 1839*, de Carcez Palha não é datado, entretanto deve ter sido escrito bem depois daqueles acontecimentos, pois traz citações dos escritos de Garibaldi e Mariath.<sup>69</sup>

Outro documento publicado é um ofício do general chefe do exército imperial, informando sobre a tomada de Laguna pelas forças republicanas rio-grandenses e da formação de uma tropa para a “restauração”.<sup>70</sup>

A publicação destes relatos sobre a República Juliana antecede escritos de um intelectual catarinense contemporâneo dessa fase do IHGSC. Como que mostrassem a necessidade de estudos sobre o assunto, os relatos antigos precedem a construção historiográfica de Virgílio Várzea sobre aquele acontecimento. Várzea volta-se para a

<sup>68</sup> O sentido do termo mito aqui utilizado, como também em outras partes deste trabalho, não tem a perspectiva de indicar algo fabuloso, fora da realidade e considerá-lo como fruto de narrativas não verdadeiras. Entendo-o como marco simbólico de uma construção de identidade, ponto no qual aflora intensamente os valores de uma tradição. Assim, não procuro pela “verdade” escondida atrás do fabuloso, indo, por exemplo, conferir o que Anita Garibaldi destes relatos tem de verdadeiro ou falso com a vida “real” da personagem. Interessa-me, pelo contrário, a realidade do próprio mito, como se configurou a construção deste marco para a tradição inventada.

Esta perspectiva é baseada na compreensão de mito encontrada em: BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p.18.

<sup>69</sup> PALHA, J. E. Carcez. *República Juliana: Entrada da esquadra na Vila da Laguna - 15 de novembro de 1839*. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, v. 6, 1917. p. 159 e segs.

<sup>70</sup> REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. Florianópolis: v. 7, 1918. p. 142 e segs.

questão e escreve um artigo, que na *Revista do IHGSC* consta de três partes, sobre *Garibaldi e sua ação no Brasil*. O autor já havia publicado este trabalho no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 1907. A primeira parte encontra-se na revista de 1918, volume 7, 3º trimestre, com o subtítulo: *Transporte dos lanchões e naufrágio do 'Farroupilha'*. Nessa primeira parte narra o transporte da “flotilha garibaldina”, composta pelo Farroupilha e Seival, em carretas puxadas por bois do Rio Grande do Sul, destinadas a ocupar o porto de Laguna em Santa Catarina, já que eram impedidos de sair daquele Estado pelo mar, que encontrava-se guarnecido pelas forças legais. Escreve sobre a construção das carretas, o transporte, o trajeto e o naufrágio do Farroupilha antes de chegar à Laguna. Neste texto é mais explícito o reverenciamento à república e à construção da imagem de Garibaldi como herói. Ele é mostrado como um bravo que nas dificuldades do naufrágio tem como primeiro cuidado a “salvação dos companheiros”, “indiferente à sua própria salvação”. É a construção de um herói republicano, o mito libertador fundamentando os ideais republicanos, os quais, sob esta história, já estavam presentes no passado catarinense e na atualidade se confirmara. Várzea assim o descreve, depois de bracejar possantemente para salvar os companheiros no naufrágio:

Então o grande guerreiro da liberdade, com o coração despedaçado, esmagado pela perda dessa parte preciosa da falange de compatriotas que o havia seguido tão dedicadamente desde o Rio de Janeiro e Montevideu até ali, então Garibaldi deixou-se cair à praia, em longas horas de prostração, com o rosto rorejado de lágrimas... Depois, na grande alma heróica desse homem, o desespero e a dor tiveram uma pausa, e surgiu nele impetuosamente o chefe, o guia, o único responsável por aquela expedição.<sup>71</sup>

A segunda parte está publicada no volume 7, 4º trimestre, 1918, com o subtítulo *A tomada da Laguna*. Nela Virgílio Várzea dá continuidade à trajetória de Garibaldi do

<sup>71</sup> VÁRZEA, Virgílio. Garibaldi e sua ação no Brasil. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, v. 7, 1918. p. 266-7.

naufrágio até chegar à Laguna e reunir-se ao restante das tropas republicanas para invadir a vila. Narra o combate com as forças legais, afirma o brilhantismo de Garibaldi em manobras admiráveis e chama o comandante das forças imperiais, Vicente Paulo de Oliveira Villas-Boas, de “militar fraco”, que mesmo tendo forças para resistir ou repelir os republicanos, abandonou a vila “onde dispunha de recursos bélicos para a resistência, fugindo com precipitação para o Morro dos Cavalos, sem trocar um só tiro com o inimigo”.<sup>72</sup> Várzea chama a vitória dos republicanos de um “belo feito”, atesta as poucas perdas dos Farrapos comparadas às das forças imperiais e descreve a solenidade ocorrida no dia seguinte a batalha, 24 de julho de 1839, quando houve a proclamação da República Catarinense e elevação de Laguna à categoria de cidade, passando a ser capital do Estado que era criado, com o nome de Juliana, em homenagem ao mês em que estavam. Antes porém, faz um adendo em seu texto, uma pequena biografia de David Canabarro, comandante das forças republicanas que ocuparam Laguna. Várzea escreve que Canabarro tem uma lista de feitos heróicos em sua vida militar, no entanto, completa: “não havia talvez no exército republicano ninguém tão rude, tão ignorante e tão bronco como ele”. Descrevendo sua aparência, Várzea comenta sobre sua “fisionomia sempre carregada”, inspiradora inevitável de “terror e respeito” e de seu gênio “explosivo, violento, feroz”, fazendo-o um homem “pessoalmente temido e perigoso”. Esta descrição no início da biografia fecha com as conclusões do autor em considerar um erro a nomeação de Canabarro para a tomada de Laguna. Para ele esta era uma importantíssima empresa na qual “não eram suficientes somente decisão e bravura, porém, sim, inteligência e grande critério, qualidades que não possuía Canabarro”; fazendo com que a simpatia dos lagunenses com os republicanos se transformasse em descontentamento em função da atuação desse “soldado Bronco”. Várzea parece querer fazer de Canabarro o anti-herói, responsável, em muito, pelo

---

<sup>72</sup> Ibid. p. 390.

subseqüente fracasso da Republica Catarinense, enquanto afirma glórias à Garibaldi. Ele assim escreve sobre a inversão dos sentimentos dos lagunenses a Canabarro:

De sorte que a “hidra (de que ele com tanto entusiasmo falava a Garibaldi, nos primeiro dias da ocupação) que devia, em pouco, levantar-se na Laguna para devorar o Império”, levantou-se sim, mais tarde, mas foi para o devorar a ele e as suas forças, aniquilando por então o triunfo das idéias democráticas na terra catarinense.<sup>73</sup>

*Anita Garibaldi* é o subtítulo da terceira e última parte do artigo de Virgílio Várzea, publicado na *Revista do IHGSC* de 1919, volume 8. Nesta parte, o autor conta o encontro de Garibaldi e Anita como um caso de amor à primeira vista, uma espécie de predestinação que os ligava. Descreve as feições de Anita, os desdobramentos de seu primeiro casamento, sua filiação, o local de nascimento e também atesta que se não fosse por Garibaldi “ela não chegaria à entidade extraordinária e singular que viria a ser”.<sup>74</sup> Depois de ratificar o heroísmo de Anita e Garibaldi “para quem a Vitória e a Glória eram duas águias amigas”, Várzea passa a narrar o combate com as forças imperiais no retorno de Garibaldi de Santos para Laguna, descrevendo a perseguição pelo oceano até os republicanos refugiarem-se em Imbituba, sempre afirmando a ousadia, a astúcia e a bravura heróica de Garibaldi, apesar da sua “inferioridade ofensiva”. No confronto em Imbituba, reforça a idéia de ardor e bravura dos “corações republicanos” que tendo força “muitas vezes inferior” e “enorme morticínio”, não esmoreciam, eram revigorados por Garibaldi, que os incentivava a “cumprir cada um o seu dever dando a vida pela República”, resistindo até que a frota imperial abandonasse o

<sup>73</sup> Ibid. p. 394.

<sup>74</sup> VÁRZEA, Virgílio. Garibaldi e sua ação no Brasil. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, v. 8, 1919. p.5.

Analisando as relações de gênero em artigos da revista do IHGSC, Rosa Maria Schroeder, assinala o mal-estar de Virgílio Várzea ao reconhecer o heroísmo de uma mulher. A autora mostra que Várzea para reconhecer em Anita uma mulher que não desempenha somente o papel tradicional de mãe e esposa, lhe retira a “faceirice, a garridice característica do seu sexo”. Anita é em Várzea uma heroína, uma mulher excepcional, masculinizada. Segundo Schroeder: “É muito interessante notar que a afirmação de suas qualidades positivas, que eram a coragem e o heroísmo, é vista pelo autor como uma qualidade masculina”. SCHROEDER, Rosa Maria. *As relações de gênero e a história produzida pela revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. (inédito)

combate e, “então, ao sol pálido da tarde, vivas entusiásticos de vitória irromperam a bordo do ‘Rio Pardo’ - Viva Garibaldi! Viva Anita! Viva a República!”

A narrativa de Virgílio Várzea sobre os acontecimentos da República Juliana, termina no combate de Imbituba, o qual apesar de grandes perdas tem um ar de vitória pelo cessar fogo e retirada das tropas legais. A narrativa não continua até o combate em Laguna, quando as forças republicanas foram vencidas pelas tropas imperiais que retomaram a cidade. Contudo, não tive como esclarecer se o IHGSC pretendia dar ou não sequência àquela história, indo até a vitória imperial, já que vinha publicando-a em partes, ou intencionalmente pretendia terminar com a vitória republicana em Imbituba. Ou ainda, se o texto original de Várzea ia somente até o ponto em que parou a publicação do Instituto. Dispensando esta possível continuidade, o texto de Virgílio Várzea é, sem dúvida, de inclinação republicana. Diferentemente dos antigos relatos, notadamente crônicas de guerra, o texto desse autor dá sentido aos ideais das lutas. Mesmo que não discuta essa ou aquela forma de governo, refere-se, por exemplo, ao aniquilamento do “triunfo das idéias democráticas na terra catarinense”. E, também, parece ser clara a intenção de tornar Garibaldi e Anita em heróis precursores dessas “idéias democráticas”, bravos e destemidos dispostos a morrer pela causa que lutam e cobram de seus companheiros que, também, dêem a vida pela república. Garibaldi é, ainda, um “herói” paternal, disposto a tudo pelos seus. Várzea não poupa glorificações a ele que, a todo momento, se coloca em perigo para a salvação dos companheiros ante a sua própria salvação. Não estaria aí uma sutil identificação ao governo republicano e suas idéias de “governamentalidade”, de gerir e controlar a população?

O texto de Virgílio Várzea e os demais que buscavam formar um antecedente republicano no Estado, assim como outros que figuravam nas preocupações do IHGSC de reconhecimento do Estado e definição de seus limites, eram uma fresta, senão uma grande

porta, para valorização da cidade de Laguna. Nela se encontravam, em todos os casos, um manancial substancial para essas intenções. Portanto, desqualificada na condição de cidade de colonização açoriana e demais implicações constantes do litoral que se “inventava”, principalmente com a implantação republicana e seu novo círculo de poder. Laguna era também um material importante na construção histórica do Estado e mais especificamente o fundamento necessário para a fabricação de uma tradição dos ideais do regime que se instalara. Assim, junto ao descrédito de sua economia, à “indolência” de sua população e a tudo mais que lhe fazia figurar num discurso de atraso, era, também, afirmada sua “condição histórica”, genuína representante de um ideário de “liberdade” que finalmente se tornara vitorioso. Ao que parece, os que a desqualificavam eram também aqueles que buscavam nela o mito fundador de seus ideais.

#### **4- Berço de heróis**

Quando das colocações de atraso, indolência e insalubridade às cidades do litoral catarinense, alguns indícios levaram-me a sugerir a possibilidade das autoridades públicas de Laguna ocuparem-se desta desqualificação como forma de obter maiores recursos para municipalidade. Contudo, esta idéia é bastante imprecisa, não passando de uma vaga suposição. Porém, quando é criado o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina com a preocupação de instaurar a identidade republicana catarinense, sob os auspícios do Estado, notadamente do governador Hercílio Luz, e este volta-se para Laguna fundamentando suas produções, tudo indica que intelectuais lagunenses perceberam a importância do passado da cidade para esta construção de identidade e se aproveitaram



disso para abrir um espaço de valorização de Laguna. Quero aqui, especificamente, perceber a atuação do jornalista e político José Johanny criador e diretor da *Revista Catarinense*, que bem poderia receber o complemento “de história”.

José Johanny, sócio correspondente do IHGSC, parece ter compreendido bem a questão que se colocava para Laguna, lançando na cidade, em 1911, a *Revista Catarinense*. Esta tinha interesses muito próximos daqueles divulgados pelo Instituto. Lê-se no início de seu primeiro volume a seguinte colocação:

A Revista Catarinense tem por fim principal arquivar e divulgar documentos históricos, notas estatísticas, páginas literárias e informações de ordem econômica, financeira, científica, política, artística, etc., referente às coisas e aos homens de Santa Catarina.<sup>75</sup>

Além dos interesses afins, o próprio nome da revista é um indicativo das idéias de construção do passado e daquele presente, catarinense. Deve-se notar ainda que, quando é lançada a *Revista Catarinense*, a *Revista do IHGSC* não estava sendo publicada e que muitos dos que nela escreviam, também circulavam pelo Instituto. Os irmãos Boiteux - Henrique, José e Lucas - estavam constantemente assinando artigos na revista, assim como também outros notáveis do Instituto como Henrique Fontes. Ao que parece, José Johanny soube captar os sinais dados pelo Instituto, e aproveitou-se de não haver uma publicação naquele sentido para fazer Laguna aparecer. É assim, portanto, que ele não vai polemizar com o discurso desqualificador do litoral, pelo contrário, até elogia Crispim Mira por seu folheto *O perigo alemão*, no qual este defende a ação benéfica dos colonos germânicos no desenvolvimento do Estado, opinião também afirmada por Johanny.<sup>76</sup> O próprio Crispim Mira publicou um artigo, intitulado *A doutrina de Monroe*, no terceiro volume da revista. No entanto, essa questão não tem grande visibilidade, o elogio a Crispim Mira surge em

<sup>75</sup> REVISTA CATARINENSE. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. contra-capá.

<sup>76</sup> NOTAS. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. p. 193.

uma nota agradecendo o recebimento do folheto, dando a impressão de que esta discussão passava à margem dos intuitos da revista. Johanny vai construindo o que é “catarinense” dando importância a outras questões, principalmente àquelas em que Laguna ganha notoriedade: um dos primeiros núcleos de colonização do Estado, ponto estratégico de ligação com o Rio Grande do Sul, seus “homens notáveis” do passado e, principalmente, como palco da República Juliana, destacando a presença de Garibaldi e Anita.

A *Revista Catarinense* compõe-se de três volumes, com cerca de 400 páginas cada um, lançados em fascículos. Nessas quase 1.200 páginas têm-se os mais variados escritos, de romances a poemas, de noções de higiene, medicina e civilidade a informações econômicas. Mas, o que mais se publicava eram os trabalhos de cunho histórico, seja em documentos e relatos antigos ou em artigos de escritores coevos, sempre surgindo com grande espaço, os escritos que se relacionavam à Laguna. Há, então, uma série de artigos históricos bem ao gosto daqueles da *Revista do IHGSC*, seguindo as mesmas premissas daquela concepção de história. Mas, quero guiar a atenção para aqueles que tratam dos acontecimentos da República Juliana. Pois, se na *Revista do IHGSC* os escritos que versavam sobre esta história só aparecem a partir do volume 5, em 1916, torna-se mais perspicaz a atuação de José Johanny. Ele não apenas seguiu o caminho aberto pelas primeiras publicações do Instituto; pelo que sugerem os indícios, ele percebeu a possibilidade de dar uma valorização para a cidade de Laguna apresentando os subsídios que o governo republicano necessitava para construir sua tradição no Estado. Não é por acaso que o artigo que abre a *Revista Catarinense* em seu primeiro volume é um escrito do próprio Johanny, intitulado: *A República Catarinense - 29 de julho de 1839*.

Considerando como a parte mais interessante e pouco estudada da história catarinense, Johanny inicia seu escrito sobre os acontecimentos daquele que chama de “tão notável e pouco conhecido período histórico”. Comenta três trabalhos sobre o assunto,

reconhecendo suas valorações pelo “rebuscamento literário” ou “fundamentos históricos”, porém atesta que nenhum deles “faz luz sobre a República Catarinense de modo a ficar patenteado quanto foi edificativo, como norma de conduta cívica, aquele ligeiro ensaio de regime democrático no passado”.<sup>77</sup> Bem diferente das crônicas de guerra, este texto traz uma espécie de prefácio no qual o autor faz reluzir suas textuais intenções de mostrar a “notável” e desconhecida parte da história, fazer brilhar a “extraordinária” Anita Garibaldi e esclarecer que a República Catarinense foi uma aspiração popular dos catarinenses que vieram a se desencantar pela “péssima conduta posterior das forças rio-grandenses”.

Este trabalho de Johanny faz crer na hipótese de ter ele intenção de fazer daqueles acontecimentos a ancestralidade primeira dos ideais republicanos em Santa Catarina, levando o autor a declarar sua busca em iluminar a “feição democrática” que caracteriza a “pequena e efêmera república”. Ele inicia seu escrito com o que chama de “antecedentes”, narrando os acontecimentos em Laguna frente aos desdobramentos do movimento rio-grandense, afirmando a existência de uma “grande simpatia” dos lagunenses, inclusive com o envio de auxílio, com os ideais dos republicanos vizinhos. Seu trabalho segue até a proclamação da República Juliana e a vitória das tropas imperiais, dando maior visibilidade ao papel desempenhado pelos civis catarinenses do que aos revolucionários rio-grandenses. Não mostra entusiasmo pelas manobras de guerra, a não ser para afirmar a “heroicidade” de Anita. Busca mostrar como o regime republicano era uma aspiração dos “cidadãos” catarinenses e como essa vontade se impopularizou em função das ações descabidas de Canabarro, deixando os catarinenses em um “desânimo geral”, “desiludidos no seu sonho de democratas”.

---

<sup>77</sup> José Johanny refere-se às seguintes obras: *A guerra civil do Rio Grande do Sul*, de Alencar Araripe; *Memórias de Garibaldi*, traduzidas por Alexandre Dumas e Garibaldi e sua *Ação no Brasil*, de Virgílio Várzea. JOHANNY, José. A República Catarinense: 29 de julho de 1839. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. p. 1-2.

Johanny constrói a referência anterior da sociedade catarinense com o regime republicano e, principalmente, coloca em destaque, nesta construção, Laguna e Anita, numa tendência a firmar um espaço de valorização do município. Faz, ainda, com que o desejo republicano incida sobre a sociedade civil catarinense e não teme em ligar aqueles acontecimentos com o momento republicano em que vivia. Em uma nota revela que Joaquim Xavier Neves, eleito Presidente do Estado daquele ensaio republicano, era avô de Hercílio Luz.

Outro artigo do primeiro volume da *Revista Catarinense* que caminha no sentido de apresentar “heróicos” republicanos lagunenses é *João Henriques*, de Henrique Boiteux. Este escrito de Boiteux narra a bravura do lagunense que lutou ao lado de Garibaldi e morreu por seu ideal. Escrevendo sobre as batalhas, o autor afirma a “extraordinária mulher” que foi Anita e apresenta o “obsкуро herói” João Henriques, que pagou “com a vida a honrosa investidura que lhe confiara a nascente república”. “Reconstituir a sua história” é para Boiteux o dever de um “amigo das tradições”, para que sirva de “exemplo futuro”.<sup>78</sup>

Boiteux, ainda nesse mesmo volume, escreve sobre um “outro vulto” a ser lembrado por sua ação nas batalhas da República Juliana. Trata-se de um componente das forças imperiais, o 2º tenente *José de Jesus*. Este não é colocado como “herói”, como acontece com Anita e João Henriques, é colocado como um desconhecido na história que “merece ser lembrado e apontado” por lutar “valentemente”, já que naqueles combates “de parte a parte houve prodígios de valor”.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> BOITEUX, Henrique. *João Henriques*. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. p. 81-83.

<sup>79</sup> BOITEUX, Henrique. *O 2º tenente José de Jesus*. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. p. 360-362.

No segundo volume, Boiteux continua assinando artigos sobre a República Catarinense. Encontram-se, nesse volume, três escritos de sua autoria. Um deles intitulado *História Catarinense: Episódios*, no qual trabalha as preocupações do governo regencial sobre as ligações dos catarinenses com os republicanos rio-grandenses; a vinda de Francisco de Souza Soares de Andréa e Frederico Mariath para Santa Catarina e as ações de Andréa como Presidente da Província para conter o avanço dos republicanos que haviam tomado Laguna.<sup>80</sup> Num outro artigo, *David José Martins*, Boiteux escreve uma biografia de David Canabarro, dando ênfase às suas ações militares. Neste trabalho, o autor historia a naturalidade catarinense de Canabarro, respaldado em um manuscrito autobiográfico de Luiz Nunes Pires.<sup>81</sup> O terceiro artigo, desse autor, nesse volume, é *Anita Garibaldi: A heroína brasileira*. Publicado em duas partes, esse trabalho narra a “brilhantíssima” trajetória “que deixou traçada, na sua curta existência, a legendária catarinense”. Inicia por sua filiação, descreve o encontro e o romance com Garibaldi, para então mostrar a “valerosa Anita”, guerreando nos combates da República Juliana, narrando a “bravura” da “mulher extraordinária” em ações perigosas nos combates de Imbituba e Laguna. Nesse último, escreve Boiteux que Garibaldi, querendo poupar Anita, lhe envia a pedir reforços ao general Canabarro, com recomendações de que ficasse em terra. Porém, é ela própria que retorna trazendo a notícia de não haver reforços e a ordem de retirada e salvamento de armas e munições. Completa ele:

Não queria Garibaldi que seus navios caíssem em poder do inimigo, por isso, confiou à Anita o desempenho da ordem que recebera, e foi debaixo de intensíssimo fogo que ela começou o desembarque do armamento e munições, que só podia fazer em um pequeno bote de

<sup>80</sup> BOITEUX, Henrique. *História Catarinense: episódios*. Rev. *Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 2, 1912-1913. p. 80-83.

<sup>81</sup> “Para afirmar o local do nascimento de David Canabarro temos presente um documento de alta valia - que é a autobiografia de Luiz Nunes Pires, irmão do ilustre catarinense Feliciano Nunes Pires, que foi presidente da sua província natal e da do Rio Grande do Sul, e que nos foi gentilmente confiada pelo seu neto o Sr. Luiz Nunes Pires, chefe da seção do Correio Geral.” BOITEUX, Henrique. *David José Martins*. Rev. *Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 2, 1912-1913. p. 129.

dois remos. De pé, na popa da embarcação, cujos remadores se curvavam ao sibilar das balas, a legendária brasileira, em vinte viagens sucessivas, de bordo à terra e de terra para bordo, aparecia calma, firme e arrogante como a estátua de Palas. E, ainda na última viagem, ajuda Garibaldi a lançar fogo aos seus navios.<sup>82</sup>

A narrativa de Boiteux sobre Anita continua mostrando os outros combates em que lutou a catarinense, em cujo “peito pulsava um coração de herói”, tanto em terras brasileiras como italianas. Comenta, também, a vida de dificuldades passada em Montevidéu e termina com sua morte, na costa de Panero, “nos braços de Garibaldi”, em 04 de agosto de 1849.<sup>83</sup>

Anita, também, aparece nesse volume em uma matéria não assinada, mas que pela escrita sugere ser do editor, versando sobre as comemorações do aniversário de sua morte. Escrevendo sobre as diversas homenagens e escritos sobre a “imortal mulher catarinense”, ocorridas no Brasil pela passagem desta data, faz a seguinte citação, extraída de um artigo publicado no *Correio da Manhã*: “Ao passo que no Brasil nada se fez ainda para testemunhar a gratidão nacional à sua heroína, já em Ravena e em Nice, dois monumentos foram levantados à memória de Anita Garibaldi”.<sup>84</sup>

Um último trabalho sobre a República Catarinense é o de Tobias Becker, publicado em várias partes no terceiro volume da *Revista Catarinense*, com o título: *Os Farrapos em Santa Catarina*. Becker, antes de iniciar propriamente a narração daqueles acontecimentos, afirma sua importância. Segundo ele, das demonstrações democráticas surgidas no Brasil, “nenhuma tornou-se tão saliente pelo patriotismo, energia e perseverança na sagrada conquista da liberdade, como a guerra civil do Rio Grande do Sul, em 1835, conhecida

<sup>82</sup> BOITEUX, Henrique. Anita Garibaldi: A heroína Brasileira. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 2, 1912-1913. p. 353.

<sup>83</sup> *Ibid.* p. 321-324 e 353-364.

Este texto é praticamente o mesmo do livro homônimo que Henrique Boiteux publicou em 1906, na *Revista Catarinense* ocorreram pequenos cortes.

<sup>84</sup> ANITA Garibaldi. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 2, 1912-1913. p. 42.

vulgarmente por Guerra dos Farrapos”.<sup>85</sup> Apesar disso, seu trabalho não tangencia pela glorificação épica, pelo menos nessa parte sobre Santa Catarina. É uma crônica de guerra que fala das estratégias, manobras e recrutamentos de tropas e dos bastidores políticos catarinenses, frente aos acontecimentos no Rio Grande do Sul. Sempre que relata as deliberações e ações das forças imperiais, em seguida comenta o desenrolar dos acontecimentos naquele Estado. Contudo, Laguna é bastante visibilizada nesse escrito, ela é o ponto de partida das tropas imperiais, o local onde as autoridades conseguem perceber a situação do movimento rio-grandense e, também, Becker afirma a “simpatia” de lagunenses com os ideais republicanos. Este trabalho não chegou ao seu final, na última parte afirma ter continuação, o que não aconteceu, pois a *Revista Catarinense* não teve continuidade.<sup>86</sup>

Além dos trabalhos desses escritores, são publicados os “documentos”, no qual aparecem as mais variadas evidências para o estudo e elucidação dos fatos da República Catarinense. No primeiro volume encontra-se editado um ofício do comandante da divisão naval das forças imperiais, sobre o combate de 15 de novembro de 1839. O comandante escreve sobre as dificuldades de entrar na barra de Laguna, como armou sua estratégia para entrar sob a artilharia dos republicanos, o combate e o que restou dele. Mas, o que chama a atenção nessas páginas são duas notas de rodapé inseridas, necessariamente pelo editor, colocando informações complementares. A primeira, surge quando o comandante relata: “completas foram a nossa vitória e a derrota do inimigo, pois foram mortos todos os comandantes, menos o seu chefe Garibaldi”, na nota encontra-se um trecho das *Memórias de Garibaldi* em que este descreve a fuga com vida dele e Anita, com o nome dela sempre

<sup>85</sup> BECKER, Tobias. Os Farrapos em Santa Catarina. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. “Patria”. v. 3, 1914. p. 1.

<sup>86</sup> *Ibid.* p. 1-5, 38-43, 81-85, 106-111, 137-139, 168-170, 213-216, 239-242, 264-267, 306-311, 362-367.



escrito em negrito. A outra aparece quando o comandante anota o número de mortos e feridos das forças imperiais, na nota mostra-se o número das forças republicanas.<sup>87</sup>

No segundo volume começa a publicação da *República Catarinense: Elementos para sua história*, da coleção de Henrique Boiteux, que se estende por todo o volume seguinte. São entre outros, ofícios e proclamações de autoridades públicas, muitas correspondências e relatos de militares e comunicações dos republicanos, sendo alguns desses documentos colhidos em fontes secundárias. Os documentos da coleção de Boiteux, em geral, são organizados de forma a seguir uma cronologia para os acontecimentos. Esta organização que monta linearmente uma história, não acompanha a data do documento, mas do fato que ele se refere. Desta maneira, a disposição dos documentos por si só constrói uma narrativa progressivamente encadeada da República Juliana.<sup>88</sup>

Tem-se também iniciada no volume primeiro, uma série intitulada: *República Catarinense: Documentos para sua história*, na qual são transcritos documentos do período em que ocorreram aqueles acontecimentos. Estes documentos são, em sua grande maioria, atas da Câmara Municipal da Vila de Laguna, aparecendo também ofícios das autoridades públicas e um comunicado do Presidente da Província aos catarinenses, alertando do perigo revolucionário. A série de documentos havia sido anunciada por José Johanny em seu artigo que abre a revista, quando escreveu que a República Catarinense é a parte mais interessante e pouco conhecida da história do Estado. Johanny pode ter tido a intenção de fazer com que estudiosos se voltassem para aquela questão, facilitando o acesso à documentação. É importante perceber como os documentos que publica respaldam os interesses mostrados em seu artigo inicial. Publicando a série de documentos que envolviam

<sup>87</sup> O fim da República Catarinense. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. p. 154-156.

<sup>88</sup> REPÚBLICA Catarinense: Elementos para sua história. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 2, 1912-1913. p. 311-312. Tip. "Patria". v. 3, 1914. p. 24-25, 51-54, 74-77, 115-119, 147-151, 171-174, 206-208, 246-249, 268-270, 337-339.

os poderes públicos de Laguna, ele conseguia chamar a atenção para a cidade e afirmar sua tese de que a República Catarinense foi de vontade e condução da sociedade civil de Santa Catarina. Nesta série de documentos, que se estende pelo dois primeiros volumes,<sup>89</sup> encontram-se atas muito interessantes como a “sessão extraordinária de 29 de julho de 1839”, que formava o “Estado Republicano Livre Constitucional e Independente” com a proclamação da independência do “Estado Catarinense”, passando a adotar o “sistema Republicano Rio Grandense”.<sup>90</sup>

Estes não são os únicos artigos que se referem à Laguna, porém, como já salientei, limitei-me a comentar somente aqueles que versavam sobre a República Catarinense. São muitos os escritos que visibilizam a cidade na *Revista Catarinense*, principalmente os historiográficos, mostrando sua antigüidade, seus “homens notáveis” e demais assuntos pertinentes àquele tipo de produção histórica que seguia as mesmas características encontradas na *Revista do IHGSC*.

José Johanny e sua *Revista Catarinense* pensaram uma Laguna diferente daquela de um projeto de “autodestruição inovadora” vista nas projeções de lagunenses do final do século XIX. Talvez tenha percebido que os trens da ferrovia Teresa Cristina não arrastaram consigo a exeqüibilidade das projeções de modernização e prosperidade. Percebendo a desqualificação do litoral, Johanny, ao que parece, se utiliza daquilo que possui a cidade para se afirmar na nova realidade que se configurava, investindo na cultuação de seu passado como arma nesse conflito. Constrói, então, a Laguna berço de heróis, terra das tradições catarinenses e, principalmente, representante primeira dos ideais republicanos no recente Estado. Johanny com sua revista afirma Laguna como espaço de historicidade. Se

<sup>89</sup> No volume 1, 1911-1912, a série *República Catarinense - Documentos para sua História* aparece nas seguintes páginas: 198-201, 230-233, 268-270, 296-297, 338-339 e 358-362. E no volume 2, 1912-1913, nas páginas: 21-22, 46-47, 76-77, 113-114, 137-138, 175-176, 209, 247-248 e 261-262.

<sup>90</sup> REPÚBLICA Catarinense: Documentos para sua história. *Rev. Catarinense*. Laguna: Tip. Johanny, v. 1, 1911-1912. p. 200.

não era um centro dinâmico e próspero como as regiões de colonização do Vale do Itajaí e nordeste do Estado, era o manancial para afirmação do ser “catarinense” e principalmente o antepassado legitimador dos ideais catarinenses de “liberdade” e “democracia” defendidos pelo regime republicano.

No que incidem os indícios, os intentos de Johanny parecem ter sido fecundos, tanto que em Laguna na atualidade há quem a nomeie “capital histórica de Santa Catarina” e dentro da historiografia catarinense é comum reconhecer-se naqueles acontecimentos de 1839, os antecedentes da república em Santa Catarina, como faz Jali Meirinho, colocando-os como uma das “primeiras manifestações”<sup>91</sup> ou Pereira Lessa que também, já em 1927, escreveu que “os catarinenses sempre tiveram como ideal político as normas republicanas”, mostrando principalmente as “simpatias” dos lagunenses com a causa dos “Farrapos”. Segundo ele, “a derrota da Laguna deu a vitória do Rio”.<sup>92</sup> Porém, deve-se atentar que a importância histórica dada à República Juliana, tão recorrentes na *Revista do IHGSC* e *Revista Catarinense* - cristalizada na historiografia como a “origem” -, é algo que emerge com o regime republicano; a produção historiográfica precedente, tanto municipal como catarinense, não demonstra esse interesse. Esta é uma construção própria da república que se instalava e utilizava da história para se legitimar, criando sua própria identidade, inventando uma tradição que lhe desse ancestralidade. Diante do processo de ruptura que representou,

~~os poderes, que com esta forma de governo emergiram, trataram de fazer dos historiadores~~  
<sup>91</sup> MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina de 1889 a 1900*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1982.

<sup>92</sup> “As invasões dos ‘farrapos’ tiveram certa acolhida em Santa Catarina por terem os habitantes das zonas limítrofes vivas simpatias pela causa rio-grandense, já pela propaganda que fazia contra o governo de D. Pedro II, que no sul tinha como preposto os antigos dominadores, nunca esquecidos das suas origens, já pelo contínuo contato com os rio-grandenses perseguidos pelos imperiais e que fugiam para Santa Catarina, onde eram acolhidos com carinho, principalmente, na Laguna.(...)”

Assim, não foi para admirar que Canabarro e Garibaldi encontrassem franco auxílio dos lagunenses pela causa por que se batiam.(...)

E assim terminou a República Catarinense, que teve quatro meses de vida. Precisamente 50 anos mais tarde, a República, vitoriosa no animo do povo, é proclamada no Rio de Janeiro. A derrota da Laguna deu a vitória do Rio.” LESSA, Pereira. *Bandeiras Republicanas Catarinenses. Ilustração Brasileira*. “O Malho” S.A., Rio de Janeiro, n. 88, ano 8, dezembro, 1927.

de plantão seus aliados, os quais ocuparam-se da história para amenizar esta ruptura, encontrando no passado imperial os “fatos” históricos de um acontecimento no qual pudessem dar à república uma identidade legitimadora, ligando-a a uma vontade anterior, a uma “origem”, que respaldava o presente.<sup>93</sup>

Em dois escritos sobre Laguna, produzidos antes da proclamação da república, os acontecimentos de 1839 não ganham grande importância e, muito menos, são cobertos de glórias épicas como nas produções pós-republicanas. Nas *Notas geográficas e históricas sobre a Laguna*, de Manoel do N. da Fonseca Galvão, publicado em 1884, a única menção relacionada com a República Catarinense é no momento em que trata da estreita faixa de terra entre o mar e a lagoa na localidade do Camacho, quando relata: “por cujo sangradouro Garibaldi em 1937 arrastou da praia uma lancha armada, para dentro da lagoa deste nome, que se comunica com a da cidade”.<sup>94</sup>

Outro escrito pré-republicano sobre Laguna é a *Descrição do Município*, de Francisco Isidoro Rodrigues da Costa, produzida para ser enviada à Biblioteca Nacional em 1880. Rodrigues da Costa não dedica atenção especial aos acontecimentos de 1839, mas escrevendo sobre as freguesias do município, comenta que a de Imaruí muito sofreu com os Farrapos que a saquearam. Sustenta seu comentário com uma citação do viajante Francês

<sup>93</sup> Como lembra Eric Hobsbawm: “...toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal”. HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 21.

<sup>94</sup> Devo esclarecer que a obra de Fonseca Galvão versa sobre a Laguna de sua fundação até 1750, o que explica o não-aparecimento da República Catarinense. Contudo, o autor sempre faz relações do local ou assunto que está comentando com acontecimentos posteriores a 1750 e até com seu presente, o que ocorre, por exemplo, quando trata das vias de comunicação e menciona a construção da estrada de ferro Teresa Cristina, inaugurada no mesmo ano da publicação de sua obra. Assim, creio que, se antes da proclamação da república os acontecimentos de 1839 tivessem a grandiosidade vista nas publicações pós-republicanas Fonseca Galvão provavelmente teria feito maiores referências a eles. GALVÃO, Manoel do N. da Fonseca. *Notas geográficas e históricas sobre a Laguna: Desde sua fundação até 1750*. Desterro: Tip. de J. J. Lopes, 1884. p. 18.

Van Lede, o qual escrevendo sobre a cidade em 1843, relata que a “invasão dos farrapos” fez Laguna perder muito de sua importância.<sup>95</sup>

Dentro da historiografia catarinense pode-se mencionar dois escritos de autores pré-republicanos, reconhecidos dentro da história oficial de Santa Catarina: *Notícia geral da província de Santa Catarina*, de Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, trabalho apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1864, é um deles. Nesta obra que teve publicação póstuma, em 1873, Arcipreste Paiva, como é mais conhecido, em nenhum momento faz qualquer menção sobre aos acontecimentos da República Juliana. Já a *Memória histórica da província de Santa Catarina*, publicada em 1856, de Manoel Joaquim D’Almeida Coelho, autor descrito por Walter F. Piazza como “o primeiro historiador catarinense”,<sup>96</sup> refere-se duas vezes à República Juliana: uma no capítulo cinco, quando escreve sobre a “administração civil, política e militar da província”. Esclarecendo que, desde 1832, os presidentes da província exerciam, sem nomeação ou vencimento, o cargo de comandante militar, ressalta: “mas invadida a vila da Laguna pelos insurgentes do Rio Grande do Sul, em 1839, foi nomeado com dupla incumbência e vencimentos de presidente e comandante das armas o Marechal de Campo Francisco José de Souza Soares de Andréa”.<sup>97</sup> A outra referência ocorre no capítulo sobre a “cidade da Laguna” no qual o item segundo versa sobre a “invasão e ocupação da Laguna pelos republicanos do sul e sua restauração pelas forças imperiais”. A narrativa de Almeida Coelho mostra o olhar das forças legais, as manobras e movimentações dessas forças contra os republicanos, neste

<sup>95</sup> “A Vila da Laguna tem perdido muito de sua importancia desde a invasão dos Farrapos, em 1839. A metade de suas casas estava em ruínas ou abandonadas. Na verdade ela começa a se refazer dos desastres de então, e algumas novas construções com mais cuidado e elegância tinham substituído as antigas. Mas, no entretanto ela não estava inteiramente restabelecida da rude prova a que acabava de resistir.” VAN LEDE Apud: COSTA, Francisco Isidoro Rodrigues da. Descrição do município. In: DALL’ALBA, João Leonir. *Laguna antes de 1880: Documentário*. Florianópolis, Lunardelli/UFSC, 1979. p. 76.

<sup>96</sup> PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli. 1983. p. 22.

<sup>97</sup> COELHO, Manoel J. D’Almeida. *Memória histórica da província de Santa Catarina*. Desterro. Tip. Desterrense, 1856. p. 61.

escrito os rio-grandenses e seus ideais republicanos não são glorificados, muito pelo contrário são tratados como agressores que promoviam prejuízos aos habitantes de Laguna ao implantarem o “sistema da rebelião e da república”; nem mesmo Garibaldi ou Anita são citados. Para o autor, “esse acontecimento, tendo sido tão funesto aos habitantes da mesma cidade só serviu para provar a adesão dos catarinenses à constituição nacional e ao trono imperial”<sup>98</sup>

Esses escritos pré-republicanos apresentam uma visão bastante diferenciada, sobre os acontecimentos de 1839, daquela encontrada na *Revista do IHGSC* e da *Revista Catarinense*. Longe de encará-los como a “parte mais interessante” da história de Santa Catarina, como fez José Johanny, são colocados como uma parte da história sem grande relevância. Em alguns, a República Juliana não aparece e nos que há visibilidade não ocorre a conotação de grandiosidade, de aura épica e de bravura heróica dos personagens como nos escritos pós-republicanos. Esta diferenciação de olhares sobre a República Juliana pode ser melhor percebida nas expressões que os autores dos dois momentos utilizam para referirem-se a ela em seus escritos. O que foi chamado pelos pré-republicanos de “invasão” dos “rebeldes” e “insurgentes do Rio Grande do Sul” foi considerado pelos pós-republicanos como uma “aspiração popular” dos catarinenses, uma luta de bravura por seus ideais, onde despontam “heróis” como Garibaldi, “o grande guerreiro da liberdade”, e Anita, a “legendária catarinense”. O que José Johanny denominou de “educativo ... ensaio de regime democrático” em 1911, Manoel Joaquim D’Almeida Coelho, em 1856, considerou como um “acontecimento ... funesto”.

As questões até aqui abordadas fazem crer que na cisão dessas visões encontram-se as diferenças dos momentos em que emergem, o contexto de suas produções, as redes de poderes e interesses a que estavam presas. O que há nos escritos dos autores posteriores à

---

<sup>98</sup> Ibid. p. 140.

república é uma outra interpretação, com a valorização do que lhes interessava e dava identidade e sentido ao Estado que compartilhavam e pretendiam. Eles não inventaram algo fora de uma realidade anterior, algo que a existência concreta fosse duvidosa, não foram falsários ao construir uma tradição para o regime republicano vitorioso no presente em que viviam. Ele rearticularam, retorceram, recriaram algo até então pouco visibilizado e, então, criaram um discursividade histórica apropriada aos interesses de sua época. A história é filha de seu tempo, é cria de seu “agora” e é isto que faz aparecer a diferença desses dois momentos, “a explicação dessas oscilações está na relação entre a realidade observada e o olhar que a observa”.<sup>99</sup> É assim que, no momento em que as ondas da modernidade chegavam ao litoral apenas como efêmeras espumas que se evaporavam nas areias das praias, foram os interesses e a compreensão de seu mundo que fez Johanny construir uma discursividade sobre a República Juliana, capaz de valorizar a cidade de Laguna ao dar aos catarinenses um passado no qual já figuravam com o desejo de serem cidadãos.

---

<sup>99</sup> RÉMOND, René. Uma história presente. In \_\_\_\_\_. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 14.



### CAPITULO III

## PROGÊNIE DE JOHANNY

*“LAGUNA, uma das mais antigas fundações lusitanas no litoral sul do Brasil, ilustre por muitos títulos, um dos quais o de haver contribuído, com a bravura dos seus homens, embora com o sacrifício da sua prosperidade, para a conquista do Rio Grande do Sul e para a sua integração na geografia pátria.”*  
Oswaldo R. Cabral, 1956.

*“Mais as origens eram grandes, mais elas nos engrandeciam. Porque venerávamos a nós mesmos através do passado”*  
Pierre Nora

### 1- Um novo combate

Um grande número de pessoas afluíram à estação ferroviária; esperavam pelo trem especial que vinha de Imbituba. A importância das solenidades que se realizariam levou inclusive os opositores políticos da cidade a se irmanarem, posando lado a lado nas manifestações e sentando juntos no banquete oferecido. Assim que o trem apareceu, a estação transformou-se em uma convulsiva, pletórica e festiva louvação. As pessoas entusiasmadas balançavam bandeirolas e procuravam o melhor lugar para se posicionar, as

bandas musicais União dos Artistas e Carlos Gomes tocavam freneticamente acordes que se misturavam aos estampidos dos fogos de artifício e às palmas e vivas da população. Toda esta aclamação exacerbada buscava agradar o empresário que se mostrava como propulsor do desenvolvimento do sul catarinense, “o intemerato garimpeiro dos minérios” da região.<sup>1</sup> A firma Lage & Irmãos era a maior empresa do sul do Estado de Santa Catarina a desenvolver as atividades de exploração do carvão, além de também atuar na produção cerâmica e no controle do porto de Imbituba. Dentro do trem o tão entusiasticamente esperado Henrique Lage, em seu terno de linho branco, suspirou, limpou com um lenço o suor de seu rosto, como em um ato de preparação antes de entrar para uma difícil representação.

Lage sabia que seu desafio naquela tarde do último domingo de 1931 seria não se comprometer com promessas diante da pressão que estaria exposto. Toda festividade não tinha outro sentido senão elegantemente pressioná-lo a optar em preterir o porto de Imbituba em favor do de Laguna.<sup>2</sup> Os discursos proferidos não tentaram esconder a pretensão dos lagunenses, o primeiro deles ainda no centro da cidade, no Clube Blondin, pronunciado por João de Oliveira, advogado, diretor do jornal *Correio do Sul* e político do Partido Republicano. Relembrava os feitos heróicos de Laguna, fazendo um paralelo comparativo entre Garibaldi e Lage, demonstrando como o segundo poderia se inscrever na história da cidade, figurando como um grande impulsionador de sua prosperidade, se revolvesse em adotar seu porto como escoadouro do carvão, dotando-o dos melhoramentos

<sup>1</sup> CORREIO DO SUL. Laguna, 01 jan. 1932. p. 2.

<sup>2</sup> Imbituba teve sua emancipação política em 31-11-1922, porém foi reanexada à Laguna em 1930, voltando a ser independente somente em 21/06/1958. No entanto, ao que parece, mesmo durante o período em que perdeu sua autonomia, mantinha certa individualidade, sediando outra elite política que rivalizava com Laguna. Ver: GUEDES Júnior, Valmir. *Porto da Laguna: a luta de um povo traído*. Florianópolis. 1994. p. 48-49.

Sobre esta aparente rivalidade, ver também:

MIRANDA, Veiga. *Imbituba: Impressões de uma excursão a Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Alba Ltda., 1933.

necessários e dragando a barra. O segundo discurso teve lugar logo após o almoço servido no Balneário Hotel, na praia de banho do Mar Grosso, tendo como orador Claribalte Galvão, advogado, diretor do jornal A Razão e membro do Partido Liberal. Tematizava a mesma questão, a falta de aparelhamento do porto de Laguna que o tornava inacessível a navios de grandes tonelagens, comparando-o ao sucesso do de Imbituba.

A demonstração de afeto ao “ilustre visitante”, com toda aquela aclamação não teve a resposta esperada. Henrique Lage esquivou-se em seus pronunciamentos, falou no futuro próspero que vislumbrava para as duas cidades, malogrando a tentativa dos lagunenses de obter uma promessa sua de transferência dos equipamentos do porto de Imbituba para o de Laguna e a escolha definitiva deste último como principal escoadouro da região.<sup>3</sup>

Mas, Lage teria motivos para preferir o porto de Laguna ao outro? Ele já havia equipado o de Imbituba com alguns melhoramentos, tinha fortes ligações com os políticos desta cidade,<sup>4</sup> tinha grandes quantidades de terras que valorizariam com o maior incremento daquele porto e, sobretudo, desenvolvia outras atividades econômicas em Imbituba que se beneficiavam com um porto local bem equipado. Sua indústria cerâmica, por exemplo, era servida por um desvio da ferrovia Teresa Cristina que levava o carvão nela utilizado e transportava sua produção até o porto. Lage tinha, aparentemente, total domínio sobre Imbituba. Segundo a descrição de Veiga Miranda, um ex-ministro da marinha que, na

---

<sup>3</sup> Esta visita de Henrique Lage à Laguna foi narrada por Veiga Miranda em uma obra que relata sua viagem ao sul de Santa Catarina a convite de Lage. O trabalho de Miranda é uma exaltação a Henrique Lage e seu desempenho econômico no sul catarinense, colocando-o como “... o generoso propulsor da grandeza e do progresso...” dessa região. MIRANDA, Veiga. *Imbituba: Impressões de uma excursão a Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Alba Ltda., 1933. p. 81-123.

<sup>4</sup> Álvaro Monteiro de Barros Catão, que inclusive fazia parte da comitiva que acompanhou Henrique Lage na visita à Laguna em 27/12/1931, é ilustrativo dessa afirmação. Ele foi prefeito de Imbituba e deputado estadual e trabalhava para Lage, gerenciou sua organização e dirigiu a Cia. Docas de Imbituba, também da Firma de Henrique Lage. PIAZZA, Walter F.(Org.). *Dicionário político catarinense*. 2ª ed. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 180.

época, visitou a região a convite de Lage, Imbituba se assemelhava a um “feudo medieval” no qual Henrique Lage era o soberano.<sup>5</sup>

Tudo leva a crer que foram esses interesses e poderes que o fizeram preterir Laguna. Nela provavelmente não teria toda essa facilidade de comando e controle, pois uma cidade tão antiga quanto Laguna certamente já tinha suas próprias elites com espaços bastante definidos. Pode-se supor certas restrições, colocadas por essas elites aos anseios de Lage. Os donos do poder lagunenses, ao que parece, mesmo querendo a viabilidade de seu porto, o que também não dá para pensar como uma vontade homogênea de todas as possíveis facções de seus poderosos, provavelmente, não estavam dispostos a tornarem-se vassalos de Henrique Lage.

As análises das relações econômicas brasileiras, notadamente as que convergem para a matriz cepalina, apontam para os anos 30 como o momento de transição no mercado. Indicam essas abordagens uma mudança na característica da economia nacional, passando de agro-exportadora à urbano-industrial, voltando-se para o mercado interno, desenvolvendo dentro do país as relações de centro e periferia na medida que unificava o mercado nacional. O Estado de Santa Catarina surge dentro desta configuração com a função de suprir os centros dinâmicos da industrialização, o eixo Rio-São Paulo, principalmente com matérias-primas, destacando-se a madeira, o carvão e os produtos alimentícios e têxteis.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> MIRANDA, Veiga. *Imbituba: Impressões de uma excursão a Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Alba Ltda., 1933. p. 71-73.

Ver também:

GUEDES Júnior, Valmir. *Porto da Laguna: a luta de um povo traído*. Florianópolis. 1994. p. 44-49.

<sup>6</sup> SOUTO, Américo A. da Costa.. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: Estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina-CEAG/SC, 1980. p. 115-121.

SILVA, Etienne Luiz. *Desenvolvimento econômico periférico e formação da rede urbana de Santa Catarina*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado em planejamento urbano e regional) UFRGS, 1978. p. 77-85. Para este autor o processo de “crescimento industrial urbano” e “atendimento da demanda interna” não tem início com a crise de trinta. Segundo Silva, esta tendência pode ser observada desde o final do século passado, ainda que antes de trinta as políticas vigentes tivessem o interesse em integrar o país ao mercado exterior (p. 77).

Esta tendência do mercado brasileiro foi impulsionada com a segunda guerra mundial que provocou uma escassez de produtos oriundos do exterior. As dificuldades de importação ocorridas em função do conflito, fez com que não só os produtos industrializados faltassem, mas também matérias-primas e maquinários que faziam restringir o desenvolvimento da indústria nacional. No entanto, em decorrência desta dificuldade, houve a “substituição das importações”. A falta destes produtos no mercado internacional, ou a impossibilidade do Brasil em adquiri-los, levou ao suprimento dos mesmos pela produção local. A inviabilidade em importar equipamentos e matérias-primas provocou a diminuição do ritmo de crescimento industrial catarinense, mas também, por outro lado, elevou o índice de exportação de alguns de seus produtos que passaram a suprir a demanda anteriormente coberta pelos importados.<sup>7</sup>

No sul do Estado, o setor que obteve maior desempenho nesta situação foi a indústria carbonífera. O carvão catarinense não tinha boa aceitação no mercado. Desde o início de sua exploração no final do século XIX mostrou-se um empreendimento dificultoso, com uma produtividade bastante ínfima; no período da primeira grande guerra demonstrou certo impulso, mas terminado aquele conflito, sua produção continuou pouco significativa. Foi a segunda guerra “o grande impulso” para o carvão, proporcionado pela falta do abastecimento externo aliado à diversificação do consumo.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 128-130.

BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense: Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. CNI-FIESC, 1988. p. 118-119.

CÂMARA, Lourival. *Reflexos da Guerra na economia catarinense*. Ed. do Depto. Estadual de Estatística, 1945.

<sup>8</sup> Segundo Cunha, “a produção nacional subiu de 1 para 2 milhões de toneladas, no curto intervalo que medeia entre 1939 e 1943.” CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 151.

“quanto à quantidade produzida, o carvão catarinense teve um crescimento, entre 1938 e 1945, de 734%. Sua participação na produção nacional foi progressiva: em 1941 representava 15,3% para chegar aos 28,9% em 1945.” BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense: Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. CNI-FIESC, 1988. p. 123.

A crise de 1929 e a depressão que se seguiu posteriormente elevou o *déficit* na balança comercial brasileira em função da crise do café, da desvalorização da moeda e do aumento de preço dos produtos importados.<sup>9</sup> Isso fez com que o governo brasileiro, já na década de 30, tomasse medidas de valorização do carvão nacional pondo certos limites à importação. Em 1931 foi estabelecido um consumo obrigatório de 10% do carvão brasileiro, e mais tarde, em 1937, esta cota elevou-se para 20%. Também a utilização do carvão nacional no aparelhamento das locomotivas fazia aumentar seu consumo. Junta-se a este outros fatores para a crescente produção carbonífera, como a preocupação do governo nacionalista de Getúlio Vargas em desenvolver a indústria de base, levando à implantação da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda em 1945, o que efetivamente fez crescer o consumo do carvão nacional.<sup>10</sup> Com isso a produção em Santa Catarina entre 1939 e 1945 passou de 204.181 para 815.678 toneladas.<sup>11</sup>

O aumento da produção catarinense de carvão, que a partir de 1945 superou a do Rio Grande do Sul, até então líder da produção nacional, fez florescer o crescimento econômico do sul do Estado, promovendo o desenvolvimento de cidades ligadas à extração, beneficiamento e transporte do minério. Criciúma, por exemplo, em dez anos teve um espantoso aumento populacional, praticamente duplicou sua população, passando de 27.679

<sup>9</sup> BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense*. Florianópolis: UFSC, 1981. p. 61.

<sup>10</sup> BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense: Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. CNI-FIESC, 1988. p. 97.

SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: Estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina-CEAG/SC, 1980. p. 181-182.

SILVA, Etienne Luiz. *Desenvolvimento econômico periférico e formação da rede urbana de Santa Catarina*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado em planejamento urbano e regional) UFRGS, 1978. p. 88-89.

<sup>11</sup> BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense: Das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. CNI-FIESC, 1988. p. 124.

CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 150.

habitantes, em 1940, para 50.854, em 1950.<sup>12</sup> Além de Criciúma, Tubarão e Imbituba também são exemplos de cidades que tiveram grandes incrementos com a produção carbonífera, a segunda por ser o porto de escoamento e Tubarão, ocupando uma posição geográfica central entre o porto e as minas, era o principal entroncamento ferroviário, passando a desenvolver as atividades de beneficiamento do carvão, sediando obras relativas à produção carbonífera que dinamizaram seu desenvolvimento.<sup>13</sup>

Ao contrário destas cidades impulsionadas pelo incremento da produção carbonífera, a cidade de Laguna que até os anos trinta era principal escoadouro e centro de convergência da região ficou, em parte, à margem dos benefícios da produção do carvão. O aumento da produtividade requeria um transporte mais vultoso, feito por navios de maior porte. O porto de Laguna, há muito problemático pelas dificuldades apresentadas por sua barra, impedia a entrada de navios de grandes calados necessários ao transporte da nova fase da indústria carbonífera.

As obras de melhoramento no porto de Laguna, paralisadas desde 1930, continuavam fazendo os produtos exportados confluírem cada vez mais ao porto vizinho. No ano de 1933, por exemplo, enquanto o porto de Imbituba exportou em valores 17.903:943\$000 o de Laguna chegou a apenas 7.971:667\$000; tendo o embarque do carvão contribuído fortemente para esta situação, com Imbituba exportando em valores deste produto 5.367:680\$000 e Laguna 37:600\$000. A diferença torna-se mais notável se a observação for sobre a quantidade de quilos exportados, escoando o porto de Imbituba

<sup>12</sup> Comparada a Criciúma, Laguna teve um crescimento populacional pouco significativo passando de 32.772 habitantes em 1940 para 38.189 em 1950. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico, 1940 e 1950.

<sup>13</sup> SILVA, Etienne Luiz. *Desenvolvimento econômico periférico e formação da rede urbana de Santa Catarina*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado em planejamento urbano e regional) UFRGS, 1978. p. 117-119.

LAGO, Paulo Fernando. *Estudos geográficos da zona de Tubarão ou do carvão Catarinense*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina/Departamento Estadual de Estatística. 1965. (mimeo).



87.756.732 e o de Laguna 11.267.698. Quanto ao carvão, os números são respectivamente 67.096.000 e 470.000 quilos. Porém, o porto de Laguna superava o de Imbituba no volume das importações, neste mesmo ano chegaram por seu porto 8.386.948, enquanto no porto vizinho desembarcaram 1.536.774 quilos, que em valores os números são 14.065:948\$074 e 3.093:868\$700 respectivamente.<sup>14</sup> Isso porque Laguna tinha um grande número de casas comerciais e firmas de importação e exportação que abasteciam todo seu *hinterland*. A cidade ainda era, nessa época, o polo aglutinador e o maior centro de comércio e serviços da região. Contudo, estava gradativamente perdendo a capacidade de expansão econômica, visto que sua principal atividade era a comercialização que vinha sendo prejudicada em função das deficiências de seu porto. Enquanto as cidades que se beneficiavam com o desenvolvimento carbonífero elevavam o ritmo de suas atividades econômicas, Laguna apresentava números não tão expressivos. Tubarão entre 1940 e 1950 passou de 179 para 388 estabelecimentos de comércio varejista, enquanto que em Laguna, no mesmo período, a quantidade deste tipo de estabelecimentos subiu de 175 para 294.<sup>15</sup>

Em 1941 Imbituba inaugurou as obras de aparelhamento de seu porto, que foi ocupando cada vez mais a proeminência de escoadouro do carvão e de outros gêneros que utilizavam transportes de maior quantidade. No início desta mesma década, Laguna também vislumbrava a possibilidade de impulsão de seu desenvolvimento, com a retomada das obras para o aumento da profundidade da barra e a construção do porto carvoeiro. No entanto, mesmo com as reformas feitas continuou apresentando problemas, devido ao assoreamento do canal da barra e da área portuária. Além disso, a produção carbonífera em grande escala

<sup>14</sup> ANUÁRIO SUL CATARINENSE. Laguna: Tipografia Central, 1934.

<sup>15</sup> Nos mesmos anos os volumes de capitais aplicados no comércio varejista das duas cidades foram os seguintes (valores em Cr\$ 1.000): Laguna 1940 = 1.639, 1950 = 4.661; Tubarão 1940 = 3.573, 1950 = 10.770. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo comercial, 1940 e 1950.

iniciada em 1945 requeria transporte em embarcações com calados ainda maiores, o que favorecia o embarque pelo porto de Imbituba.

O problema de seu porto aliado a outros fatores, entre eles o desenvolvimento do transporte rodoviário,<sup>16</sup> fez com que Laguna fosse perdendo sua condição de pólo econômico da região. É em meio a esta conjuntura que se configura uma nova visão sobre a cidade. Isso não quer dizer que os discursos demonstrativos das dificuldades que enfrentava não apontassem também uma crença no desenvolvimento industrial e comercial e visões que projetassem prosperidade econômica futura. Mas, junto aos ressentimentos e desilusões dos obstáculos presentes, às idéias de prosperidade pela industrialização e desejos de progresso econômico posterior, vai-se construindo a imagem de “centro cultural” e “terra mãe”, mito fundador da região, valorizando seus estabelecimentos de ensino, seus clubes esportivos e recreativos, suas associações e sobretudo colocando grande importância sobre sua história: os feitos gloriosos de seus “filhos ilustres”, sua antiguidade e importância anterior. Enfatizava-se Laguna como “a legendária cidade Juliana, opulenta de glórias, com páginas fulgurantes de heroísmo e de abnegação na história barriga verde, orgulhosa de ter sido berço de vultos ilustres e extraordinários”,<sup>17</sup> “terra predestinada” que deu o Rio Grande do Sul ao Brasil ao “dilatara as fronteiras da pátria”,<sup>18</sup> uma cidade com “história profundamente brasileira”.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> “Laguna, que no censo de 1940 era a principal cidade da rede, perdeu esse lugar para Tubarão, que no nível 6º da hierarquia ordem/tamanho passou a ser o maior lugar central da rede. A mudança foi originada pela evolução dos transportes. Ainda em 1940 Laguna era o local de entrada e saída da região, não obstante já haver estrada de rodagem que ligava Tubarão a Florianópolis. Durante o decênio entre os dois recenseamentos (1940 e 1950) essa estrada foi melhorada e seu tráfego aumentado, desviando muito do trânsito que tradicionalmente ia para Laguna.” (p. 142). PELUSO Júnior, Victo A. A evolução urbana de Santa Catarina no período de 1940 a 1970. *Rev. do IHGSC*. Florianópolis, 3ª fase, n. 1, 2º semestre, 1979. p. 103-180.

<sup>17</sup> MENEZES Filho. *Através do sul do Estado. Anuário Sul Catarinense*. Laguna: Tipografia Central, 1934.

<sup>18</sup> FERREIRA Filho, Arthur. Laguna. *O Albor*, Laguna, 27 jun. 1942. p. 1.

<sup>19</sup> PEREIRA, Lindolfo A. Gonçalves. *Relatório do serviço de cadastro em Laguna, Imbituba, Criciúma e outras atividades econômicas*. Florianópolis, 1943. p. 1. (mimeo).

Esses discursos podem ser fartamente encontrados nos jornais, alguns exemplos significativos são os escritos de:

SILVA, Zedard Perfeito da. Laguna e sua mocidade. *O Albor*, Laguna, 15 set. 1943. p. 1.

No alvorecer do século XX, José Johanny, com sua *Revista Catarinense*, havia encontrado na história uma forma de valorização da cidade de Laguna, frente ao discurso desqualificador do litoral catarinense - ver capítulo II. Naquela época Johanny construiu uma versão sobre a República Juliana que, ajustando-se aos interesses do regime republicano que se instalava, fazia com que sua cidade ficasse em evidência e ganhasse importância na legitimação da nova forma de governo. Johanny estava envolvido em um conflito no qual o litoral de Santa Catarina via-se desprestigiado diante do crescente sucesso econômico das regiões de colonização, principalmente alemãs, do vale do Itajaí e nordeste do Estado e encontrou na releitura de um momento do passado lagunense as armas para este enfrentamento. Porém, os anos quarenta apresentavam uma configuração bastante diferenciada, na qual as criações de Johanny ainda que importantes não mais serviam, pelo menos não com a mesma tônica, como potentes instrumentos de ataque e defesa. Era uma nova disputa, um outro combate, em que os velhos instrumentos de guerra não tinham a mesma eficácia, mudaram os inimigos, o espaço da guerra e o objeto da disputa.

O regime republicano já estava consolidado. A República Juliana embora sempre evocada não representava a mesma força para o novo conflito. Ela ajudava, mas não tinha a eficiência que apresentou no momento em que Johanny a produziu. A própria realidade política estadual havia mudado bastante da primeira república para o período pós 1930. Se no primeiro momento os descendentes de alemães eram vistos como a imagem ideal do homem catarinense por sua “laboriosidade” e “perseverança”, no segundo, esta imagem ideal apresentava problemas. O nacionalismo da era Vargas não se limitou às atividades

---

GOMES, Gelson. Revendo Laguna. *O Albor*, Laguna, 14 dez. 1940. p. 1.

MIRANDA, Adão. A Laguna de Hoje. *O Albor*, Laguna, 22 fev. 1941. p. 1.

A expressão “centro cultural” é encontrada nestes discursos, já “terra-mãe” foi colhida na obra *Este meu Tubarão...!*, de Walter C. Zumblick, de 1974. Optei por utilizá-la, mesmo sendo de um momento posterior, por encontrar nela a síntese do enunciado desta discursividade. ZUMBLICK, Walter Carlos. *Este meu Tubarão...!*. Florianópolis: IOESC, (1974). p.114.

econômicas. Passava também por questões de homogeneização cultural e étnica, pela criação do homem brasileiro, ou dos homens brasileiros regionalizados. No Estado de Santa Catarina, onde a forma como se deu a colonização, produzindo zonas autônomas pouco interligadas entre si, sempre constituiu um problema para os governos, esta faceta da discussão nacionalista vai procurar construir o homem catarinense que desse conta de superar toda a diversidade de um Estado culturalmente fragmentado. O modelo do “operoso” teuto-brasileiro não podia mais ser tomado de todo; dele serviam sua aclamada predisposição para o trabalho e vontade de vencer. Porém, dentro de um projeto nacionalista, ficava extremamente complicado reservar o papel de modelo ideal ao descendente do imigrante alemão que continuava a cultivar hábitos e língua de seus antepassados germânicos. Além de tudo, vivia-se uma conjuntura de guerra, na qual os alemães eram os inimigos, e dentro das antigas colônias alemãs do Estado surgiam grupos que manifestavam adesão às idéias nazistas, com a criação de organismos seguidores e adoradores de Hitler. Assim, as populações luso-brasileiras do litoral catarinense, notadamente os descendentes dos açorianos, que na primeira república foram objeto de um discurso desqualificador, eram agora valorizadas, eram elas as representantes da brasilidade catarinense.<sup>20</sup>

Esta inversão sobre a imagem da população de Santa Catarina mostra como, diferentemente da época de Johanny, a situação no cenário estadual apresentava-se favorável à Laguna. No entanto, a disputa agora dava-se em outro nível, Laguna não mais disputava uma valoração diante das crescentes cidades do Vale do Itajaí e região de Joinville. A cidade buscava, neste momento, resguardar certa importância frente ao

<sup>20</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. In: \_\_\_\_\_. *Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina*. São Paulo: Tese (doutorado em História) PUC, 1991. p. 139-183.

CAMPOS, Cynthia Machado. A diversidade e a integração. In: \_\_\_\_\_. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) PUC, 1992. p. 36-83.

crescimento das cidades vizinhas impulsionadas pela produção carbonífera que a faziam desaparecer, enquanto pólo aglutinador e principal cidade da região. Desta forma, os inimigos eram cidades como Tubarão e Criciúma, principalmente a primeira que inicialmente passou a ocupar a proeminência de centro comercial e de serviços; o espaço de guerra circunscrevia-se ao sul do Estado, que outrora fora o próprio território do município; não mais se disputava um reconhecimento estadual e, sim, uma importância local.

O que me interessa compreender nesta nova configuração que se apresentava é como os elementos da história lagunense novamente serviram para um outro confronto. Como estes elementos foram criados, recriados, retorcidos e modelados a fim de tornar a cidade, que deixava de ser a principal de sua região e maior escoadouro, no “centro cultural” e “terra-mãe”. Assim, detenho-me na produção historiográfica do período, percebendo como esta interagia com o processo de marginalização do desenvolvimento, propiciado pela produção do carvão, ao passo que construía a caracterização de Laguna, enquanto mito fundador.<sup>21</sup> Percorro então, por escritos de três reconhecidos historiadores do período: Saul Ulysséa, Osvaldo Rodrigues Cabral e Ruben Ulysséa, um triângulo fecundo da produção historiográfica lagunense, uma prole que caminhou pelas trilhas abertas pelo pai

<sup>21</sup> O que chamo de mito fundador é a imagem construída por uma discursividade historiográfica - mas que nega a história -, na qual Laguna figura como o local de origem do sul brasileiro e principalmente do sul do Estado. É a criação de uma referência que tenta nortear e modelar o imaginário social, que garante a certeza de um passado genuíno, que os agentes sociais devem reconhecer enquanto verdadeiro e legítimo, pois o presente e o futuro se enquadram nele. É a invenção de uma tradição filiadora - “terra-mãe”, “célula-máter” -, define o que é a cidade, institui um princípio sacralizado para memória municipal. O mito fundador é próprio de uma história que promove o reencontro com a gênese, os começos naturais, a “fundação” que se liga sem rupturas ao presente. É o caminho de volta, e direto, em busca da raiz.

Não só o construído, mas também a construção - se é que pode haver separação - é fundadora, na medida que instaura uma identidade organizadora de outros sentidos, anteriores e posteriores. Sobre esta questão ver:

ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: \_\_\_\_ (Org.) *O discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993. p. 11-25.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_ *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 15-37.

José Johanny. Fazendo da história uma arma, capaz de adaptar-se e renovar-se de acordo com o perigo enfrentado.

## 2- Saudosismo lírico para um mundo asfixiado

Saul Ulysséa escreveu certa vez que um bom historiador tinha que ter entre outros predicados a “faculdade analítica” e “sentimentos emotivos”. Acreditava que “para historiar, não basta o conhecimento integral dos fatos, adquiridos na leitura de escritores e cronistas da época, desapaixonados e criteriosos...”.<sup>22</sup> E, de certa maneira, assim o fez, privilegiando o segundo daqueles atributos. Seus escritos, em geral, são carregados de um sentimentalismo saudosista, talvez muito mais pelas contingências de sua escrituração do que por sua compreensão conceitual do que é a história, ainda que estas questões não possam ser olhadas separadamente, pois compõem e integram sua visão de mundo.

Os textos de Saul,<sup>23</sup> aqui analisados, são em sua maioria da década de 40, período de sua maior produção, quando já passava dos setenta anos de idade, sendo que parte deles se reportam à Laguna de suas memórias de infância e adolescência, ali vividas até aproximadamente seus quinze anos, quando mudou-se para o Rio de Janeiro, nos primeiros anos da década de oitenta do século passado. No início do século XX, ao que parece, já estava novamente em Laguna, surge como diretor do jornal local *O Comércio*, em 1903.

Saul pertencia a classe social lagunense mais abastada, nascido em uma família de prestígio e riqueza. A casa onde morava, por exemplo, era uma das mais suntuosas,

<sup>22</sup> ULYSSÉA, Saul. João Henrique Teixeira. *Anuário Sul Catarinense*. Laguna: Tip. Central, 1934.

<sup>23</sup> Tomo-o pelo primeiro nome para não dar vazão a confusões com um outro homem de letras, também Ulysséa, que será analisado neste capítulo. Do mesmo modo procederei quando voltar-me para a produção de Ruben Ulysséa.

revestida de azulejos portugueses, a primeira edificação da cidade construída com platibanda, uma chácara pouco afastada da zona comercial, com jardim, horta e pomar. Era filho de um português, destacado armador e exportador de Laguna, o tenente-coronel Joaquim José Pinto de Ulysséa. Em 1880 seu pai era um dos mais importantes comerciantes, proprietário de várias embarcações, com escritório e depósito na rua da praia, o principal logradouro comercial da cidade. O próprio Saul relata que “o nome de Pinto de Ulysséa está ligado a muitos melhoramentos”, tanto que a administração pública o homenageou colocando em uma rua seu nome.<sup>24</sup>

Esta descrição do lugar social de Saul Ulysséa permite pensar como as condições de existência da Laguna dos anos 40 lhe afetavam. Os problemas de aparelhamento do porto e a pouca profundidade da barra, aliados ao desenvolvimento das estradas de rodagem, eram grandes impecilhos à atividade comercial local e, certamente, os Ulysséa sentiam estas dificuldades. Não é meu interesse rastrear o provável declínio comercial desta firma, pois se a queda da atividade econômica foi uma tendência verificada em Laguna em função dos fatores já apresentados, que a todos abalava, a firma da família Ulysséa não se constituiria uma exceção. E, ainda que como tênue indício, pode-se tomar como indicativo o fato de Ruben Ulysséa, filho de Saul, ter como atividade profissional o magistério, o que a meu ver, fora uma grande vontade pessoal, seria uma opção pouco provável, caso a família ainda mantivesse uma grande empresa. Contudo, o que importa, nesta análise, é perceber os laços que prendiam Saul a uma Laguna na iminência de um perigo, a perda do lugar privilegiado de cidade sede da região, e, conseqüentemente, a evasão de poder e prestígio de suas elites, nas quais Saul tinha localização firmada.

<sup>24</sup> ULYSSÉA, Saul. *A Laguna de 1880*. Florianópolis: IOESC, 1943. p. 27.

A casa “Pinto Ulysséa” atualmente abriga a Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Laguna. Ver imagem número 3, página 26 do capítulo I.

Em 1943 Saul publicou a obra *A Laguna de 1880*, escrita em 1940. Nela o autor faz uma “descrição minuciosa e circunstanciada do aspecto geral da cidade” daquele fim de século, com a intenção declarada de “provar” que a cidade progrediu nos sessenta anos que separavam aquela época do momento em que escrevia. Estava ele polemizando com o discurso de atraso que convergia sobre Laguna, o que tinha como inverdade. Estas falas, lembra Saul, afirmam “que Laguna não progride ou que o seu progresso é muito lento”. Porém, para este escritor, bastava um retrospecto, como o que fizera, para mostrar o progresso ali ocorrido. Escreveu ele no final deste livro: “Eis a Laguna de 1880 que não se pode comparar com a de hoje, o que prova indubitavelmente que em sessenta anos não progredimos pouco”. E, também, acreditava em um desenvolvimento vertiginoso, com as obras de viabilidade da barra que naquele momento estavam sendo efetuadas.<sup>25</sup>

Faz então Saul sua caminhada pela cidade de 1880, excursionando pela memória dos seus vividos 72 anos, buscando as lembranças do então menino de 12 anos de idade. Começa pelo arrabalde do Magalhães, descrevendo rua a rua as edificações e seus proprietários. Assim, também, faz com a cidade, retratando lugares, edificações, pessoas, coisas e acontecimentos e, na medida do possível, ligando-os a algum fato de importância já inscritos na história. Narra também, as antigas brincadeiras, os bailes e formas de divertimentos em geral; relembra as festa populares e religiosas, as diversas maneiras de brincar o carnaval, os costumes antigos, os valores morais, o comportamento dos jovens, como eram os casamentos e noivados, os cortejos fúnebres, a forma de se trajar; as escolas que existiam; comenta a chegada de imigrantes e o trabalho dos escravos. Enfim, traça um quadro expositivo dos espaços e da vida social lagunense daquele período.

Para além das declaradas pretensões de Saul, seu escrito parece tomar outro rumo. Com raras exceções no corpo do texto em que afirma o progresso havido, ou que toma

---

<sup>25</sup> Ibid. p. 102.



aquele momento passado como pior que o seu presente - apesar que acredito ter ele o intento de fazer mostrar o progresso por ele visto, através da comparação que seus contemporâneos poderiam fazer da cidade presente com a de sua obra, uma vez que nela não é recorrente o paralelo 1880-1940 para afirmar a transformação -, seu livro acaba sendo o retrato idealizado pela memória de uma época feliz, na qual as pessoas sempre eram “honestas” e afloram os nomes “dos homens mais representativos”. Seu olhar sentimental superestima hábitos, costumes e valores da época que retrata, fazendo com que seu trabalho tenda a reforçar mais a imersão nas alegrias de um mundo perdido que o interesse de “provar” o progresso de sua atualidade.

Este trabalho de Saul é estritamente memorialista, são suas lembranças sobre a Laguna da penúltima década do século XIX. Não existe a preocupação em ligar as informações contidas em sua narração a fontes documentadas - aliás, uma característica aparente em vários textos, mesmo nos que não acenam para este caráter memorialista -, nem relacionar os acontecimentos a um corolário de causas e efeitos, ou reportar-se a considerações além da descrição imediata. É, de modo geral, um olhar que paralisa um momento, um olhar pessoal, uma história na perspectiva da narração privada, descritiva, muito mais poética que analítica. A única evolução dada a perceber além da extratextual, a afirmação do autor de que o texto leva a observar o progresso ocorrido, torna-se aparente pelo inverso, com as demonstrações de saudade afloradas com o sentimentalismo do qual a narrativa é impregnada. Como já me referi, o tiro parece sair pela culatra e Saul se trai em sua declarada intencionalidade ao viajar nas suas memórias. É justamente nas partes em que o autor mais se coloca, nas frases onde se posiciona e nas quais algumas vezes mostra-se vivenciando certas situações representadas, que sua sedução por aquele passado é mais flagrantemente revelada. Apontando certo ressentimento ao lembrar com emoção um mundo que não mais existe, um ontem harmônico no qual a tradição firmava os valores,

valores estes relegados no seu presente. Fazendo, por exemplo, ver ele uma “liberdade abusiva” no comportamento dos jovens, muito distante daquele “namoro dosado” do período que se debruçava.

Não são poucos os exemplos neste texto que jorra a nostalgia do autor, em um estilo comovente e sensível, numa narrativa intimista, subjetiva e espontânea. Ele se afasta das frustrações do presente, descortinando uma distância entre um universo de desrespeito à tradição, fruto de sua figuração conservadora, e aquela diferente realidade desaparecida. Sucedem-se, então, uma série de colocações nas quais demonstra sua paixão pela época representada, que sua sensibilidade saudosista faz parecer um período de vida prazerosa e harmônica, na qual as dificuldades, conflitos e arbitrariedades pouco têm espaço e, quando aparecem, caminham juntos com soluções, amenizações e apaziguamentos. É a vida envolta numa aura de amistosidade. Na visão de Saul, a cidade, em 1880, assistia disputas político-partidárias que antes de tudo primavam pela ética e pelo bom convívio social: “...naquela época a política em Laguna era muito moderada e sem ódios. Os membros de um e de outro partido mantinham relações de amizade entre si”.<sup>26</sup> Era uma sociedade guiada pela honra e honestidade, com valores morais e espirituais demarcando as relações de sociabilidade, “era notável naquele tempo, o respeito às pessoas idosas e às senhoras”<sup>27</sup> e os homens de negócio tinham na palavra empenhada a garantia do compromisso firmado. O exportador e armador José Pedro da Silva Pinto é um bom exemplo da probidade que norteava as ações: “devido a constantes prejuízos, foi forçado a liquidar sua firma, pagando aos seus credores com o que possuía, ficando pobre. Era assim que procediam os negociantes; naquela

---

<sup>26</sup> Ibid. p. 36.

<sup>27</sup> Ibid. p. 81.

época,... preferiam uma pobreza honrada, à riqueza desonesta”.<sup>28</sup> Também “os noivos não tinham a liberdade de que desfrutam e abusam atualmente”.<sup>29</sup>

Como Saul a representa, a Laguna de 1880 presente em sua memória era um ambiente de requinte, “era admirável para a época, o luxo dos rapazes e das moças”,<sup>30</sup> “os rapazes vestiam-se com certa elegância e luxo, sobretudo com luxo, que era muito mais requintado que o de hoje...(.) inegavelmente foi a época de maior luxo em nossa terra”.<sup>31</sup> E era também lugar de comida farta e barata, “comia-se muito naquele tempo, pelo menos eram muitas as refeições”,<sup>32</sup> os preços dos peixes “eram baratíssimos comparados aos de hoje” e outros gêneros, do mesmo modo, tinham “preços que parecerão hoje irrisórios”.<sup>33</sup>

Saul primava pelo pitoresco e anedótico, inserindo em seus comentários sobre as ruas, as construções ou seus proprietários lembranças das “troças”, “próprias da mocidade”, e de casos curiosos ou engraçados.<sup>34</sup> Em *A Laguna de 1880* encontram-se vários outros sentimentos de perda daqueles saudosos dias de Saul, comenta ele que as festas não têm mais o “entusiasmo do passado”, que os repiques dos sinos da matriz não têm mais o mesmo “garbo”, pois os sineiros da atualidade os fazem soar “sem cadência e sem arte”. Lamenta o fato de não mais haver a “biblioteca popular” que existia na época a que se reporta. E, também, da não preocupação do município em lembrar às gerações futuras os “homens do passado” lagunense.

<sup>28</sup> Ibid. p. 43.

<sup>29</sup> Ibid. p. 76.

<sup>30</sup> Ibid. p. 69.

<sup>31</sup> Ibid. p. 97.

<sup>32</sup> Ibid. p. 94.

<sup>33</sup> Ibid. p. 16-17.

<sup>34</sup> Como, por exemplo, o que descreve referindo-se ao despachante geral Antônio de Sousa Matos, um senhor de “de gênio muito folgazão”, com “muito gosto para a música”. Relata então Saul:

“Uma ocasião, contava, com muito entusiasmo, que havia dado com o seu instrumento, uma nota tão aguda, tão aguda, repetia, com os olhos arregalados para melhor impressionar, que, disse com energia: Apaguei o lampeão da sala, devido à vibração.

Um dos ouvintes, muito espirituoso perguntou-lhe se o lampião estaria atrás dele. Matos não gostou e virou-se irritado dizendo ao sujeito, onde estava o lampião...” ULYSSÉA, Saul. *A Laguna de 1880*. Florianópolis: IOESC, 1943. p. 37.

Saul Ulysséa, ao que parece, vivia a rememorar os velhos tempos como quem tenha neles encontrado algo mais aprazível do que sua contemporaneidade. A visão caótica de seu presente fica patenteada em um artigo publicado na revista *Atualidade* de Florianópolis, em maio de 1947. Nele expressou, mais explicitamente que em outros textos, seu completo desencantamento com o mundo. Tecendo suas opiniões a respeito da política, da arte, da justiça e de valores morais, ele constatava uma *Saturação universal*, uma “insânia” que se abatera sobre o mundo transformando aquele momento em “uma fase de desgosto, de preocupação e de inquietação profundos”. Vê ele a configuração de um mundo terrível, onde as “instituições políticas falham em seus princípios fundamentais”, as artes abandonam as belas formas, os ritmos harmônicos e os traços elegantes, aperfeiçoados em séculos pela humanidade em busca de inovações influenciadas por “inspirações estéreis”, que são, escreve Saul, “esses ritmos infernais, desordenados; esses quadros sarapintados, desenhos monstruosos, sem gosto” e “disforme”. Via ele o mundo perder a probidade sucumbida frente aos valores do capitalismo, no qual “os homens modernos abdicam da sua dignidade pessoal”, “na ânsia de enriquecer, de gozar, de subir”, abandonando valores morais e espirituais e o censo de justiça, prosperando na vida social o desprezo pelas tradições e a “licenciosidade desrespeitosa e impura”.

Apesar de delinear este universo asfíxiado, de “felicidade impossível”, afirma ser otimista. Talvez por acreditar, como os românticos,<sup>35</sup> que a história faz a civilização e não o

---

<sup>35</sup> Pode parecer impróprio ver na produção de Saul Ulysséa uma estética romântica, própria de uma “consciência nova” aflorada na Europa no limiar do século XIX. Porém, não tenho a intenção de fixá-lo dentro dos parâmetros de uma caracterização historiográfica, mesmo porque a historiografia da época romântica e até o romantismo, ainda que apresente “uma certa unidade de aspectos”, não podem ser tomados como uma categoria ou um bloco homogêneo. Procuro com a utilização deste conceito, apenas estabelecer ligações que possibilitem a análise e compreensão de seus textos, pois são várias as convergências que encontro entre seus escritos e os aspectos próprios da sensibilidade romântica.

Quanto às reflexões sobre o romantismo. Ver:

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: Cultura Popular*. São Paulo: Olho d'Água, s.d.

CARBONELL, Charles-Oliver. O século da história. In: CARBONELL, Charles-Oliver. *Historiografia*. Lisboa: Ed. Teorema, 1992. p. 91-110.

contrário. Não é em vão que reconhecia em toda aquela “plena desorganização”, por ele descrita, as “características de uma época” e como “felizmente,... nos aponta a história”, escreveu Saul, épocas passam.<sup>36</sup>

Ao que parece, Saul Ulysséa teve a situação conjuntural a seu favor, oportunizando condições favoráveis à publicação de suas obras sob os auspícios do Estado. As preocupações dos governos do Estado, notadamente do governo de Nereu Ramos que esteve à frente da administração estadual, durante todo o período Estadonovista, de dotar Santa Catarina de uma imagem brasileira perante a nação, diante dos projetos nacionalistas do pós anos 30, incidiam sobre uma valorização cultural e maior visibilidade às tradições das populações do litoral. Assim, em 1946, Saul lançou *Coisas velhas* que igualmente ao *A Laguna de 1880* foi publicado pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina.<sup>37</sup>

O autor assinala, logo no início do livro, que *Coisas velhas* foi escrito em 1944 e que recebeu este título em função de ele ter publicado “muitas crônicas históricas” sob este mesmo título. Na verdade, a obra não tem somente o mesmo título de suas “crônicas históricas”, como também, em grande parte, os mesmos textos publicados desde, no mínimo, 1939 no jornal lagunense *O Albor*. *Coisas velhas* não tem a mesma ênfase memorialista de *A Laguna de 1880*; o próprio autor o entende como um “extraordinário trabalho de pesquisa”. Contudo, encontra-se nele a mesma narração estilisticamente romântica. Saul parece querer transferir ao texto o calor do vivido. Em muitos assuntos abordados, a forma narrativa faz o autor figurar como uma testemunha presente no

<sup>36</sup> ULYSSÉA, Saul. Saturação universal. *Revista Atualidades*. Florianópolis, n. 4, mai. 1947.

O desencanto de Saul com a época em que vivia, pode ser ligado também à influência da 2ª guerra mundial sobre sua visão dos acontecimentos. Contudo, creio que sua maior perda, a que mais fomentava seu saudosismo, é a do passado vivido no qual Laguna era a cidade sede da região e sua classe econômica era reconhecida e abastada. Não é em vão que “resgata” “a Laguna de 1880” e suas “coisas velhas”.

<sup>37</sup> Saul Ulysséa, além de *A Laguna de 1880* e *Coisas velhas*, publicou mais dois livros: *Novelas do Ulysses* um romance editado em Laguna, pela Tipografia Central em 1934 e *Memória histórica e geográfica da lagoa de Santo Antônio dos Anjos*, de 1943. Este livro não foi encontrado em nenhum dos arquivos consultados. Entretanto, pela data da edição e por seu título, creio que existem grandes possibilidades de ter sido publicado pela IOESC.

acontecimento, posicionando-se de maneira tal que sugere a idéia de tê-los presenciado, mesmo que esta presença aparente no texto seja praticamente improvável de ter ocorrido.<sup>38</sup>

Esta obra de Saul divide-se em temas da história nacional e lagunense. Escreve sobre “a família imperial brasileira”, a “queda do império” e a “proclamação da república” e, quanto à Laguna, trabalha entre outros assuntos, os “lagunenses eminentes no passado”, “Anita Garibaldi” e “os farrapos em Laguna”. Sua escrituração nesta obra também expressa seu gosto pelo particularismo, pelo pitoresco rebuscado de sentimentalismo. É quase sempre a descrição subjetiva e espontânea, que procura dentro dos assuntos tratados situações peculiares, com um relato emocionado e pessoal. Dificilmente cita as evidências utilizadas e ocupa-se de frases entre aspas sem as citações que as identifique.

A obra de Saul como um todo envolve-se por uma paixão pelo passado, bem ao modo da sensibilidade romântica, mostra-se reticente com sua atualidade, busca no passado saídas para o futuro, parece romper com o presente que o desencantava, numa luta contra perdas do que teve. Mesmo quando trata da passagem do império para república, reconhecendo na última a “liberdade” e a “democracia”, se envolve no saudosismo dos símbolos da monarquia tratando elogiosamente os componentes da família real e principalmente confessa-se “admirador e simpatizante de D. Pedro II” que enquadra na classe dos “homens superiores”.<sup>39</sup> Ao que parece, os textos de Saul são, de modo geral,

<sup>38</sup> Por exemplo, escrevendo sobre a queda do império, reporta-se ao baile da Ilha Fiscal, ao tratar da “questão militar”, da seguinte forma:

“Lembremos um incidente ocorrido com D. Pedro II no início daquele baile.

Quando ia ele entrando no salão principal, tropeçou em um tapete e ia caindo, quando foi amparado.

Com um sorriso bondoso proferiu a frase:

- A monarquia escorregou mais não caiu.” ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 36.

<sup>39</sup> Mesmo quando trata de temas nacionais, Saul insere alguma referência à Laguna, mostrando a presença, ainda que pouco relevante, de seus “lagunenses eminentes” em alguns daqueles temas, ou ligações possíveis dos personagens dos acontecimentos narrados com a cidade.

A sedução pelo passado demonstrada por Saul aproxima-se bastante das idéias de “fixidez e raiz” encontradas na análise de Renato Ortiz sobre Gilberto Freyre. ORTIZ, Renato. *Estado Autoritário e cultura*. In: \_\_\_\_\_. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 79-126.

mergulhados numa dubiedade. Tentam mostrar a inexistência de ruptura histórica, ao passo que sua estética sentimentalista leva a crer no contrário. Quer “provar” que Laguna é progressista e mantém um desenvolvimento constante, mas ressen-te-se das mudanças e perdas perante uma outra época.

Creio que a grande perda de Saul, que o empurrava para este saudosismo, foram as conjunções nas quais Laguna ia perdendo sua posição privilegiada na região, a afiguração do desenvolvimento do sul do Estado propiciado pelo carvão, no qual a cidade não tinha grandes benefícios. Penso que ele, de plena consciência ou apenas no jogo de sobrevivência que envolve a vida, conduzia sua escrita na interação com estes problemas colocados ao município. Junto a outros motivos possíveis, entre eles as circulações de idéias, que possam ter fomentado suas especificidades narrativas, vejo no contexto da disputa em que sua cidade participava, fortes fatores a nortear sua obra. É isso que o faz encarar a “condição histórica” lagunense de uma forma diferenciada de José Johanny. Ele vai interessar-se em vislumbrar, pela história, a Laguna “centro cultural” e “terra-mãe”.

Saul procurava uma nova identidade, na qual o que importava não era mais o ideal republicano, tão prezado a Johanny. Ele aliás não posicionava-se firmemente sobre uma ou outra forma de governo, e da República Juliana lhe interessava a valorização da cidade e a afirmação de seus “filhos heróicos”. Asseverou não ter “entusiasmo por Garibaldi...e nenhuma simpatia pelo famigerado Canabarro” nas suas atuações e contatos com o povo lagunense. Mas, declarava-se admirador e “fervoroso entusiasta” de Anita e portador de muito respeito a João Henrique.<sup>40</sup> Tinha ainda motivos bem pessoais para não exaltar os Farrapos. Segundo ele, sua avó era deles uma “inimiga acérrima”, seu avô José Dias de

---

Ver também as análises sobre este sociólogo de: MOTA, Carlos Guilherme. *Cristalização de uma ideologia: a “cultura brasileira”*. In: \_\_\_\_\_. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1977. p. 53-83.

<sup>40</sup> ULYSSÉA, Saul. O centenário da República Juliana. *O Albor*. Laguna, 21 maio 1939. p.1.

Pinto “era legalista e por esta razão foi perseguido e preso, tendo sido estaqueado na prisão” e “tal antipatia generalizou-se na família”.<sup>41</sup>

Suas representações sobre a República Juliana trilharam no sentido de vê-la como “uma grande epopéia” que visibilizava a cidade e seus heróis na história republicana nacional. Levantando questões capazes de afirmar estes elementos, suas investidas nessa história, enveredam-se principalmente pela exploração da vida dos “heróis lagunenses”, referendando a cidade como palco dos acontecimentos e seus filhos como bravos. Assim, levanta pequenas polêmicas quanto a fatos das suas vidas. Com João Henrique, o “bravo lagunense” comandante da escuna republicana Itaparica, acresce o nome Teixeira, dizendo que os historiadores não usam este último nome porque Garibaldi em suas “Memórias” chamou-o apenas de João Henrique, como era mais conhecido na época.<sup>42</sup> Com relação à Anita a principal discussão que cria é sobre o local exato de seu nascimento, que para a maioria dos historiadores foi em Morrinhos, no município de Tubarão. Então, historia a trajetória de sua família convencido de que Anita nascera em um outro Morrinhos, o Morrinhos de Mirim, no município de Laguna. Antes de entrar propriamente nessa discussão, Saul alerta, que mesmo o Morrinhos de Tubarão na época do nascimento da “bela morena de olhos negros”, 1821, fazia parte do município de Laguna.<sup>43</sup> Assim, quer deixar claro que, mesmo não sendo aceita sua argumentação, a “heroína” é lagunense.

Esta polêmica evidencia bem a diferença entre seus interesses, com os da época de Johanny. Saul quer identificar Laguna como terra de tradições e não realçar como essencial, a imagem de manifestação primeira do ideal republicano no Estado, como fez Johanny. Outro exemplo desta transformação, pode-se perceber na inclinação de Saul pela vida de

<sup>41</sup> ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 107-108.

<sup>42</sup> ULYSSÉA, Saul. João Henrique Teixeira. *Anuário Sul Catarinense*. Laguna: Tip. Central, 1934.

<sup>43</sup> ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 119-121.

Este artigo, intitulado *Onde nasceu anita garibaldi?*, foi também publicado em alguns jornais e no *Anuário Catarinense* de 1953.



Anita antes de se juntar a Garibaldi, narrando em seu estilo voltado ao particularismo e ao pitoresco, fatos que não apresentam interesses ao idealismo republicano. Chega a publicar a transcrição da parte do livro de assentamento da matriz de Laguna, no qual consta o primeiro casamento de Anita.<sup>44</sup> O que, visto sob os intentos de Johanny, não tinha a menor importância.

Também pode-se interpretar seu empenho em apresentar os “lagunenses eminentes do passado”,<sup>45</sup> convergindo para essa mesma busca de valorização da cidade, relatando a tradição que lhe dava notoriedade, pela presença destacada destes “homens valorosos” em épocas remotas. O que tende igualmente a demonstrar seu conservadorismo, pois os exemplos dos “bravos lagunenses” respaldavam os valores morais e espirituais perdidos. Tudo indica que Saul procurava moldar uma memória municipal como esteio da identidade construída, lembrando aos lagunenses a devida homenagem para com estes “eminentes”, e isso não apenas no espaço textual de seus escritos, já que também propunha a criação de construções simbólicas e indicava locais e marcos onde se desenrolaram acontecimentos importantes, sugerindo a consagração de lugares de memória.

Escrevendo sobre os voluntários lagunenses da guerra do Paraguai afirmava que competia ao povo de Laguna “erigir um monumento, embora singelo para recordar os patriotas lagunenses e nenhum lugar é mais apropriado do que o ponto onde eles embarcaram”.<sup>46</sup> Faz uma “resenha histórica” para mostrar a proveniência da “árvore de Anita”, afirmando que ela “nascera casualmente” na quilha do barco Seival e lembra que até

<sup>44</sup> Ibid. p. 107-130.

<sup>45</sup> Os “Lagunenses eminentes no passado” listados por Saul são:

Almirante Jesuino Lamego Costa - Barão da Laguna, General Jerônimo Francisco Coelho, Capitão Tenente José Lamego Costa, Manoel José de Saousa França, Coronel Francisco Pinto Bandeira, Tenente José de Jesus, Henrique José da Silva - Visconde de Ariró, Capitão João Firmino dos Santos, Rafael Pinto Bandeira, Pedro Feliciano Rodrigues Bastos e General Izidoro Fernandes. ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 89-103.

Além dos listados neste título, todos militares e/ou políticos, com exceção de Pedro Feliciano Rodrigues Bastos, eclesiástico, bispo do Rio Grande do Sul. Aparecem em seus textos vários outros “filhos ilustres” que o autor diz merecer a recordação dos lagunenses.

<sup>46</sup> ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 102.

1939 ela era o “único monumento, em Laguna, que lembrava Anita Garibaldi”.<sup>47</sup> Também localiza a casa onde Anita teria se preparado e festejado seu primeiro casamento<sup>48</sup> e a edificação que ela habitou no centro da cidade.<sup>49</sup>

Criticou ele, em diversos trabalhos, que nada se fazia em Laguna “para lembrar aos vindouros” o nome de seus importantes filhos.<sup>50</sup> Em um artigo de 1934 reportava-se às “páginas heróicas” que João Henrique e Anita escreveram com sua luta e questionava: “Que têm os lagunenses para lembrar seus feitos?”, “Que temos para lembrar João Henrique Teixeira?” e constatava: “nada existe em nossa terra que perpetue o nome de ambos”.<sup>51</sup>

Em 1939 foi comemorado o centenário da República Juliana e inaugurado um obelisco na praça da Bandeira. Saul estava envolvido nessas homenagens, o que de certa forma aponta para um reconhecimento de suas indicações. Sua preocupação em demarcar simbolicamente a tradição que construía, reflete em muito a disputa que se dava com Tubarão. Esta cidade vinha ocupando a centralidade econômica da região e tornar-se-ia muito mais complicado se ela também ocupasse uma importância histórica. Não é em vão que Saul polemiza sobre o local de nascimento de Anita, ainda mais que, em Morrinhos de Tubarão, foi construído, “indevidamente”, segundo Saul,<sup>52</sup> um monumento à Anita, antes que Laguna erguesse qualquer marco. Quando das comemorações do centenário da República Juliana declarou “...nós lagunenses devemos pelo menos deixar marcadas na pedra ou vazadas no bronze as homenagens de respeito e veneração aos antepassados que tão alto ergueram o nome de nossa terra”.<sup>53</sup>

<sup>47</sup> Ibid. p. 128-130.

<sup>48</sup> Ibid. p. 123-125.

Esta casa abriga atualmente o museu “Casa de Anita”.

<sup>49</sup> Ibid. p. 109.

<sup>50</sup> ULYSSÉA, Saul. *A Laguna de 1880*. Florianópolis: IOESC, 1943. p. 35.

<sup>51</sup> ULYSSÉA, Saul. João Henrique Teixeira. *Anuário Sul Catarinense*. Laguna: Tip. Central, 1934.

<sup>52</sup> Ver: ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 148.

<sup>53</sup> ULYSSÉA, Saul. O centenário da República Juliana. *O Albor*. Laguna, 21 maio 1939. p. 1.

Ao “...descrever fatos e lembrar homens e coisas do passado...”<sup>54</sup> atribuía uma singularidade ao município afirmando-o como “centro cultural”, bem por isso Saul descreve as “coisas” que a cidade teve, indicando uma relevância de sua tradição por um processo cumulativo de bens culturais. Relaciona então, suas “sociedades”, seus “jornais”, suas “bandas e orquestras”, suas igrejas, sendo que neste último item pode-se perceber como acaba por afirmar a imagem de “terra-mãe”. Ao referir-se à “capela de Imbituba” declara: “Todos estes templos como o de S. João do Imaruim, A. S. da Piedade do Tubarão, N. S. Mãe dos Homens de Araranguá, N. S. das Dores de Jaguaruna, bem como o de Viamão, foram construídos quando essas localidades pertenciam ao município de Laguna”.<sup>55</sup>

A imagem de mito fundador que integrava esta construção de identidade, passava por lembrar a antigüidade de Laguna, marcando sua posição de primeiro núcleo de povoamento, do qual foram criados todos os municípios vizinhos e, também, a própria conquista do Rio Grande do Sul. Apesar de que esta última não seja uma preocupação tão recorrente em Saul. Mostra-se mais interessado em definir seus primórdios, propondo datas em que nela aportaram “homens civilizados” anteriores à ocupação de Domingos de Brito Peixoto. “Brito Peixoto foi o desbravador [escreve Saul]. Quando ele aportou já existia uma pequena capela e uma cruz alçada”.<sup>56</sup>

Saul Ulysséa foi um guerreiro do conservadorismo, e isso tem mais a ver com seu contexto, a luta em que a cidade estava envolvida, do que com as amenidades da memória de um ancião. Tudo leva a crer que a invenção desta tradição era o que lhe restava como aporte de valorização de Laguna, e ele agarrou-se a ela com bastante maestria. Escrevendo “coisas velhas” salvadoras de um universo saturado.

<sup>54</sup> ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 85.

<sup>55</sup> *Ibid.* p. 137.

<sup>56</sup> ULYSSÉA, Saul. Primórdios da Laguna. *Revista Atualidades*. Florianópolis, n. 12, dez. 1947.

Ver também:

ULYSSÉA, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946. p. 83-85.

### 3- Narrativas sobre o passado ou a poética possível-pertinente

“Meu Deus, faze de mim um poeta!” proferiu Osvaldo Rodrigues Cabral, em 17 de dezembro de 1938, ao relembrar seus sonhos de criança, quando de sua entrada para a Academia Catarinense de Letras. Ressentia-se por Deus não o ter atendido em suas orações e ter-lhe feito um médico. Queria, disse ele, cantar a vida e não somente defendê-la. Seu descontentamento com Deus, no entanto, soa como uma falsa modéstia, pois acaba seu discurso denominando-se um contador de história, um menestrel chegando àquela casa, “eu sou o narrador...” afirmou no encerramento de sua fala. Sua empolgação extrapolava a importância de ter sido ali recebido: dava-se também pela especificidade do espaço que ocuparia. Fora aceito para a cadeira número 17, cujo patrono é o seu conterrâneo Jerônimo Francisco Coelho, nascido na sua “pequena e risonha terra natal, a heróica Laguna, que foi [discursava Cabral] o marco lusitano da brava e inegável epopéia da conquista do solo pátrio, e que dentre as póvoas catarinenses é aquela que pode ostentar, sem perigo de impugnação, as cores mais nobres de heráldica...”<sup>57</sup> Além da felicidade de estar sob a égide de quem aclamava como “o catarinense mais notável do século XIX, a cabeça mais culta da província, a sua inteligência mais fulgurante”,<sup>58</sup> tinha, também, o orgulho de ser o segundo ocupante da cadeira na qual antes havia sentado José Artur Boiteux, um dos mais reconhecidos historiadores de Santa Catarina, fundador daquela entidade.

É em seus comentários sobre esse homem das letras históricas catarinenses que começo a delinear sua perspectiva historiográfica. Criticava ele a “história de heróis”, feita

<sup>57</sup> CABRAL, Osvaldo R. Discurso (sua recepção na ACL em 17/12/1938). In: ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Discurso*. Florianópolis: IOESC, 1939. p. 11.

Jerônimo Coelho foi objeto de um artigo seu publicado 1948, no qual reafirma ter sido aquele lagunense a “cabeça mais culta” de Santa Catarina em seu tempo. CABRAL, Osvaldo R. O Conselheiro Jerônimo F. Coelho. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 10. out. 1948.

<sup>58</sup> Ibid.

por Boiteux, com o “preconceito de tornar apenas conhecidos os grandes”, que “escoimou os pontos fracos dos seus heróis” por ter como finalidade apresentar “as glórias de nossa terra”. Reconhece Cabral, contudo, que seu antecessor não poderia ter feito diferente, uma vez que, “escrevia buscando a maior glória de Santa Catarina” e não estava em voga no tempo de sua produção a “interessantíssima história da arraia miúda”, nem a “moda” de buscar pelo “aspecto humanamente imperfeito de um grande homem”, de adentrar às “alcovas para surpreender os heróis em menores deprimentes”.<sup>59</sup>

Percebe-se então que Osvaldo Rodrigues Cabral compreendia que a própria história, produção de historiadores, tem história, acompanha as mudanças dos tempos e segue “modas”. Utilizou ele de uma citação de Henry Thomas para também afirmar a impossibilidade de objetividade histórica, tal citação acena para compreensão do perspectivismo na visão do historiador sobre seu objeto, refletindo suas concepções e posicionamentos no presente. Mas, esta forma de ver a história, ainda que aponte para a perda da ingenuidade de crer que se pode “resgatar” fielmente o passado, não pode ser tomada como o conceito atual de “representação”, no qual os historiadores, mesmo convergindo suas narrativas para uma convenção de veracidade, têm a consciência de que partem para outras épocas a partir de preocupações presentes, criam os seus objetos e se ocupam de acontecimentos respondendo às inquietações próprias de seu tempo, carregando junto a este olhar sobre ontem todas as interações que compõem seu lugar social e visão de mundo e, entre outras maneiras, de demonstrar como o passado representado responde a seus interesses; têm claro que organizam e classificam evidências de maneira a respaldar as problemáticas de seus temas.<sup>60</sup>

<sup>59</sup> *Ibid.* p. 16-20.

<sup>60</sup> Sobre esta perspectiva, que entende a história como uma representação: Ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191. Jan./abr. 1991.

O que esta visão apresentada por Cabral, em sua leitura do autor citado, sugere, é uma “reconstituição” imperfeita em função do historiador “não possuir o automatismo de uma máquina registradora” e com isso não apenas “observa” os “fatos históricos; mede-os, pesa-os, interpreta-os”. Porém, os “fatos históricos” continuam isentos, assim como a investida do autor, como se a própria escolha por narrar este ou aquele acontecimento, já não fosse representativo do interesse que o fez visibilizar.<sup>61</sup> Tanto que, apesar da citação utilizada, em que aparenta crer nas relações do presente influenciando o trabalho do historiador, disse, anos mais tarde, que este “deve ser imparcial ao máximo”. Em uma de suas últimas entrevistas afirmou: “eu sou o cronista, o jornalista do passado. Devo estar fora de qualquer sentimento.” Por isso, recusava-se a escrever sobre acontecimentos relativamente recentes. A Proclamação da República limitava sua aproximação com o presente, era o marco de seu distanciamento cronológico, acreditando fazer um “julgamento” mais preciso, ausente e imparcial mantendo um afastamento temporal do objeto de estudo, ocupando-se portanto de evidências de épocas remotas, “documentos de um período já distante, frios”.<sup>62</sup>

E em sua própria produção foi Cabral guiado por sua citada compreensão da história? Aparentemente não, pelo menos nos escritos usados nesta análise. Ao que parece esta sua visão estava muito mais propensa a aparecer quando convertia-se na crítica de *outrem* do que a conferir um caráter apropriado de sua escrituração. Ainda que outras obras

<sup>61</sup> A citação utilizada por Cabral é a seguinte:

“Não é possível escrever-se a história sob um aspecto puramente objetivo. O espírito humano não possui o automatismo de uma máquina registradora. É, ao contrário, o instrumento crítico de um ser que pensa. Não observa simplesmente os fatos históricos; mede-os, pesa-os interpreta-os. Todo o historiador tem portanto, a sua dose de preconceito. Ele vê o mundo segundo suas crenças. Examina o drama do esforço e do esquecimento humano pelo prisma colorido da própria filosofia” TOMAS, Henry, Apud.: CABRAL, Oswaldo R. Discurso (sua recepção na ACL em 17/12/1938). In: ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Discurso*. Florianópolis: IOESC, 1939. p. 19.

<sup>62</sup> “A IMPRENSA, a política e os partidos em SC” (Oswaldo R. Cabral, entrevista concedida a Moacir Pereira. 15 set. 1976). *A Ponte*. Florianópolis, primeira semana de maio, 1981. p. 5-6.

Ver Também:

UNGARETTI, Norberto. A obra inesquecível de Oswaldo Cabral. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 06 nov. 1993. *Diário de Cultura*. p. 6-7.

suas, como *Nossa Senhora do Desterro*, tangenciem pela visualização do que chamou de “arraia miúda”, uma espécie de história do cotidiano sem o engajamento político, sem buscar a análise da exclusão desta da história. A inserção dos que não vestiam-se de “colarinho alto” em seus relatos, tende a ser mais o uso de um contraponto à “gente importante”, possibilitando-lhe ver melhor as “cores” que formam um “conjunto” do que a procura em analisar as disputas dadas dentro dele; a compreensão das formas de sobrevivência é lutas surdas num universo de dominações e resistências. Tudo indica que sua preocupação pela “arraia miúda” caminhava na perspectiva de concentrar o maior número possível de referências de uma época, formando um “conjunto” mais completo possível das “cores” de um período passado. Pois, grande parte de suas obras tomam as divisões políticas como parâmetro de temporalidade; sua história parte da construção do Estado. Mesmo nesse discurso em que tece comentários a José Artur Boiteux deixa transparecer essas indicações. Proferiu ele: “a narrativa de batalhas heróicas, movimentadas e trepidantes, cheirando a pólvora, a sangue e a louros, dá lugar ao relato dos sofrimentos, das misérias, das penas humanas, para que surja, do conjunto, a reconstituição do painel da evolução social.”<sup>63</sup> Indicando também, que seu olhar sobre a “arraia miúda” respondia a uma preocupação estilística, de tornar o texto “interessante” e de leitura agradável, optando por uma linguagem vibrante respaldada no pitoresco das situações. Não é em vão que criticava os que faziam uma história dentro da “aridez da cronologia” que para ele, mesmo sendo exatos eram “uns chatos”.<sup>64</sup>

<sup>63</sup> CABRAL, Oswaldo R. Discurso (sua recepção na ACL em 17/12/1938). In: ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Discurso*. Florianópolis: IOESC, 1939. p. 20.

<sup>64</sup> INFARTO mata Oswaldo Cabral. *O Estado*. Florianópolis, 18 fev. 1978. p. 7.

Ver também:

UNGARETTI, Norberto. De história e de historiadores. *O Estado*. Florianópolis, 31 jun. 1972. (recorte pasta ACL).

“A IMPRENSA, a política e os partidos em SC” (Oswaldo R. Cabral, entrevista concedida a Moacir Pereira. 15 set. 1976). *A Ponte*. Florianópolis, primeira semana de maio, 1981. p. 5-6.

Neste sentido também são bastante sugestivas suas apresentações dos volumes da obra *Nossa Senhora do Desterro*:

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 1.

Em um artigo de 1948, Cabral expressa sua fórmula de como se produz a história, escreveu ele: “a história deve ser feita à luz dos documentos e o sabor anedótico que se dá aos fatos já recobertos pelas pátinas dos séculos tem servido para quebrar a insipidez da cronologia”.<sup>65</sup> Sua percepção historiográfica estabelecia alguns princípios a serem seguidos, pode-se destacar: a necessidade de um distanciamento cronológico do acontecimento, permitindo imparcialidade ao historiador; a fidelidade ao passado “reconstituído”, às “cores” do ocorrido, pelo uso de “documentos”; “reconstituição” da totalidade do “conjunto”, mostrando não apenas a “gente importante”, como também a “arraia miúda”, demonstrando a “evolução social” e primar por uma redação de linguagem “interessante” com a narração do pitoresco.

Estas relações que estabeleço são no sentido de melhor compreensão de sua perspectiva histórica. Não é meu intuito - e nem poderia ser, pois seria um despropósito, acima de tudo anacrônico -, cobrar de Cabral concepções, conceitos e tendências das maneiras de fazer e ver a história não presentes em seu tempo. Muito pelo contrário, vejo em Cabral posicionamentos alinhados com sua contemporaneidade, demonstrando inclusive um estilo narrativo, ainda que sem as mesmas razões e acepções, hoje buscadas nas mais recentes produções da historiografia catarinense. E, sem sombras de dúvida, foi ele um dos mais produtivos historiadores de Santa Catarina, sua atividade intelectual foi bastante fecunda, produziu uma vastíssima obra e não limitou-se apenas às letras históricas. Mas, é nessa categoria a maior quantidade de seus trabalhos e na qual teve maior reconhecimento, fazendo certas falas o colocarem como “a figura mais expressiva de sua geração” dentro do “panorama cultural catarinense”<sup>66</sup> ou como marco divisor da historiografia do Estado, com

---

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 2.

<sup>65</sup> CABRAL, Oswaldo R. Alguns apontamentos sobre os açorianos e várias bisbilhotices. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 3, mar. 1948.

<sup>66</sup> UNGARETTI, Norberto. De história e de historiadores. *O Estado*. Florianópolis, 31 jun. 1972.(recorte pasta ACL).



a afirmação de que “antes dele, nosso passado não tinha um corpo, mas apenas fragmentos...”.<sup>67</sup> E mesmo na época em que entrou para Academia Catarinense de Letras já era portador de certo reconhecimento, foi um dos poucos, senão o único, escritor de Santa Catarina a ter uma obra publicada na coleção “brasileira” da Companhia Editora Nacional. Foi, também, por essa razão que seu ressentimento por Deus não lhe ter feito um poeta pareceu-me soar, para aquela ocasião, como uma falsa modéstia.

Sua produção historiográfica dos anos 40 é marcadamente preocupada com o que Maria Bernadete Ramos Flores chamou de “a descoberta da açorianidade”, o estabelecimento dos contornos culturais resultantes da colonização portuguesa no Estado, dando visibilidade à presença luso-brasileira, principalmente à açoriana, na formação de Santa Catarina.<sup>68</sup> O discurso da açorianidade, como já me referi no início deste capítulo, emergia em um momento oportuno, no qual as intenções nacionalistas reinantes faziam com que os descendentes dos colonizadores alemães perdessem o primado de formar a melhor imagem do homem catarinense.

A realização do Primeiro Congresso de História Catarinense em 1948, como parte das comemorações do segundo centenário da colonização Açoriana, no qual Cabral teve destacada presença tanto no evento quanto na sua organização, é o momento mais significativo da preocupação em valorizar a colonização luso-brasileira e firmar sua contribuição cultural como imprescindível para a brasilidade catarinense. Mas, no entanto, esta questão já vinha aparecendo como uma inquietação em sua obra a algum tempo. Em 1941 publicou o livro *A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina*, no qual

<sup>67</sup> MARTINS, Celso. Cabral, um médico a serviço da história. *O Estado*. Florianópolis, 10 e 11 fev. 1996.

<sup>68</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. In: \_\_\_\_\_. *Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina*. São Paulo: Tese (doutorado em História) PUC, 1991. p. 139-183.

Ver também:

CAMPOS, Cynthia Machado. A diversidade e a integração. In: \_\_\_\_\_. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) PUC, 1992. p. 36-83.

estabelece relações e explicações para afirmar que a colonização açoriana no Estado não fracassou. Para ele, se houve decadência foi por parte dos colonos açorianos que insistiram em permanecer na atividade agrícola, para qual historicamente tinham pouca inclinação, porém, uma outra parte desligou-se da agricultura tornando-se “elemento vitorioso” em outras atividades, notadamente nas profissões liberais, no comércio e na política. O grande interesse de Cabral era mostrar que o sucesso econômico obtido “pelos braços alienígenas de outras etnias” não retirava a importância do “elemento étnico básico” constituidor do “arcabouço”, do “espírito da sociedade” catarinense e formador da “camada superior” de sua estrutura social. Assim, garantia Cabral, ser o colono açoriano o “fator principal da evolução histórico-político-social de Santa Catarina” por ter recebido e conservado a cultura da “civilização lusa que legou aos seus descendentes”.<sup>69</sup>

Quando Cabral publica este trabalho parece estar discutindo com Lourival Câmara, que um ano antes havia publicado um escrito intitulado *Estrangeiros em Santa Catarina*, no qual afirma o fracasso da colonização açoriana e a vida “de incapacidade, de torpor, de miséria” que permaneciam seus “degenerados” descendentes.<sup>70</sup> Ainda que não haja qualquer referencia à Câmara no texto, apenas na bibliografia, o discurso de Cabral sugere ser bem direcionado, um contra-discurso, uma resposta. Cabral inicia essa obra, justamente polemizando com a análise que coloca o sucesso econômico das regiões colonizadas por alemães e italianos para atestar o fracasso dos açorianos. Para ele, isso é resultante de uma má interpretação, fruto de uma “teoria” de “apriorística conclusão” e até mesmo “perniciosa”, na qual o luso-brasileiro é visto como “inicialmente fracassado - e depois

<sup>69</sup> CABRAL, Oswaldo R. *A vitória da Colonização Açoreana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, (1941).

<sup>70</sup> CÂMARA, Lourival. *Estrangeiros em Santa Catarina*. *Rev. de Imigração e Colonização*. ano 1. n. 4, p. 5-47. out. 1940.

Câmara em 1945 publicou um estudo econômico sobre Santa Catarina na época da segunda guerra, no qual estabelece as mesmas relações quanto a população do litoral do Estado. CÂMARA, Lourival. *Reflexos da guerra na economia catarinense*. Florianópolis: Ed. do Depto. Estadual de Estatística, 1945.

degenerado; primitivamente vencido - e mais tarde inútil”.<sup>71</sup> A forma como Cabral coloca estas “apressadas conclusões” de “espíritos sectários” é extremamente semelhante às encontradas no texto de Câmara para quem “o homem das nossas praias é bem a reprodução degenerada do açoriano que fracassou no litoral catarinense, à época do povoamento”.<sup>72</sup> O mais interessante, e que deve ter aumentado a irritação de Cabral, é o fato de Câmara, justamente após fazer esta afirmação em seu texto, utilizar-se de uma citação de Cabral para referendar o não-desenvolvimento da população litorânea do Estado. Deve-se atentar, também, que os trabalhos de Câmara convergentes para esta compreensão do quadro étnico estadual revelam que, mesmo tendo a conjuntura a seu favor, Cabral e os “descobridores” da açorianidade encontravam também vozes ativas falando o contrário.

Ao que parece, este posicionamento em defesa da imagem do luso-brasileiro em Santa Catarina o acompanhou por toda a vida. Encontrei em sua pasta na Academia Catarinense de Letras um texto, assinado como Egas Godinho, o último de seus pseudônimos, adotado em 1936, com forte conotação da rivalidade resultante da disputa entre litoral e áreas de colonização alemã. Tal escrito não pode ser anterior a 1976, quando o autor já contava com 73 anos de idade, uma vez que trata do selo comemorativo ao tricentenário de “fundação” de Laguna, acontecido naquele ano. Cabral assinala, no início do texto, que já tinha dado como encerrada a discussão em torno do selo comemorativo, pois por mais que fosse contra, assim como todos que se expressaram sobre a questão, à “impatriótica e antipática” iniciativa da empresa de Correios, em usar “a figurinha colorida de um farol” para representar trezentos anos da “histórica e heróica Laguna”, era a empresa irredutível. Porém, o que lhe indignava, era que estivesse alguém a defender a posição dos

<sup>71</sup> CABRAL, Oswaldo R. *A vitória da Colonização Açoreana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, (1941). p. 8.

<sup>72</sup> CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. *Rev. de Imigração e Colonização*. ano 1. n. 4, out. 1940. p. 12.

Correios e, principalmente, a forma como foi feita esta defesa, segundo ele, “tão suja, tão mesquinha, tão grosseira, tão injuriosa”. Referia-se ele aos comentários do presidente do Clube Filatélico de Blumenau apoiando a atitude do Correio. Este considerava os selos pleiteados por Laguna com pouco ou nenhum interesse, seria a seu ver, um “trambolho”, “não representaria nada”, serviria apenas para alguns lagunenses decorarem suas correspondências com a imagem do “papai”, do “titio” ou de um parente qualquer. Cabral não se conteve diante dessas críticas e redigiu um texto no qual vai contrastando às falas daquele filatelista, elementos demonstrativos da importância dos “três homens ilustres”, Jerônimo Coelho, Manoel de Souza França e Jesuino Lamego Costa, indicados para serem lembrados no selo. Porém, o que mais chama a atenção é o rancor e ironia destilados por Cabral em função da ancestralidade do filatelista. Ele o chamou de “galego atrevido”, “tão presunçoso quanto intragável e burro”, “boche nazista” e “corneteiro de Hitler”, entre outras denominações pejorativas e não se limitou à pessoa do filatelista: derramou seu veneno aos teuto-brasileiros de uma forma geral. Escreveu ele que, “para cultuar e respeitar a memória” daqueles “grandes brasileiros catarinenses” não necessitava ser parente, mesmo porque eles já não tinham mais descendência, bastava ser “brasileiro de verdade, não do tipo de certos mestiços...”. Fez ele uma série de relações entre a brasilidade dos seus “homens ilustres” com o passado pouco nacionalista do filatelista.<sup>73</sup>

Este texto, ainda que filtrada sua irritação, deixa ver como Cabral procurava a valorização do luso-brasileiro, e como Laguna servia e servia-se nesta situação, e creio, não poderia ser diferente. Suas construções buscavam o engrandecimento da cidade natal. Ele mudou-se de Laguna muito cedo, poucos anos depois de seu nascimento, 11 de outubro de 1903, o que não o fez separar-se afetivamente dela. Sempre a visitava, envolvia-se nos

<sup>73</sup> GODINHO, Egas. *O selo - vá lá; mas o insulto, não*. (mimeo - Pasta Oswaldo R. Cabral, cadeira n. 17. Academia Catarinense de Letras).

acontecimentos de sua vida social, e afirmava o orgulho de ser lagunense.<sup>74</sup> E sobretudo, a cidade figurou como espaço de observação de muitas de suas pesquisas. Segundo Norberto Ungaretti, é só no final dos anos 50 que Cabral ultrapassa o “circuito Desterro-Laguna que até então predominara em seus estudos”.<sup>75</sup>

Seu primeiro trabalho sobre a história da cidade é o ensaio *Laguna* publicado junto a dois outros menores em edição de 1939,<sup>76</sup> ano da comemoração do centenário da República Juliana, aliás, acontecimento não apoiado por Cabral. Nele o autor historia a ocupação do litoral de Santa Catarina pelos bandeirantes, mostrando a lealdade, o respeito e devoção à coroa portuguesa que os movia em suas ações e também, como “os desbravadores acabaram arruinando a própria fazenda, morreram alguns na miséria, esquecidos da gratidão real”.<sup>77</sup> Mostra então, os empreendimentos dos Brito Peixoto na conquista de Laguna e o interesse que guiava a bandeira, de ali criar “uma povoação que se tornasse um marco vivo e palpitante do domínio lusitano”.<sup>78</sup> O autor vai narrando certos acontecimentos ocorridos com a povoação de Domingos de Brito Peixoto, inclusive sua morte e a continuidade de sua obra por seu filho Francisco. Este tornou-se capitão-mor das “terras da Laguna” que

<sup>74</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. *Oswaldo R. Cabral: páginas de um livro de memórias*. Florianópolis: UFSC/UDESC, 1993. p. 88-91.

“NASCI em Laguna, graças a Deus”. *O Correio*. Laguna, 14 a 20 out. 1995. p. 1-2.

<sup>75</sup> UNGARETTI, Norberto. A obra inesquecível de Oswaldo Cabral. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 06 nov. 1993. *Diário de Cultura*. p. 6-7.

<sup>76</sup> Em 1937 Cabral publicou a obra *Santa Catarina: história-evolução* - esta foi ampliada e relançada em 1968 com o título *História de Santa Catarina* -, na qual Laguna é bastante visível, notadamente, nos primeiros capítulos quando trata dos tempos coloniais da província e também em um capítulo sobre a República Juliana. No entanto, optei por não ocupar-me de suas obras gerais nesta análise, selecionei somente as que tratavam diretamente sobre Laguna.

<sup>77</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: IOESC, 1939. p. 23.

<sup>78</sup> *Ibid.* p. 29.

Não existem evidências que afirmem com exatidão qual a data da primeira expedição do bandeirante Domingos de Brito Peixoto que chegou à Laguna. A variação desta data faz modificar também a interpretação sobre o interesse de sua “fundação”. Cabral, comentando sobre a possível parada do bandeirante na Enseada do Brito, assim escreve a esse respeito: “Domingos de Brito Peixoto trazia, evidentemente, destino certo, que era o de povoar o terceiro e derradeiro porto da costa sul, fosse (para os que aceitavam a era 76) pela necessidade, determinada pela audácia castelhana - que se obstinava com frequência assás incomoda em visitar essas paragens - de afastar a Espanha dali; fosse (para os que querem a data posterior à fundação da Colônia de Sacramento) pela conveniência de um ponto de apoio garantidor da estabilidade daquela fundação lusitana nas lindes com Castela.” (p. 34 - 35) Nota-se que em todos os dois casos aparece como fundamental o interesse do reino para que tenha “destino certo”.

compreendia toda área ocupada da Ilha de Santa Catarina em direção ao sul. Destaca as ações de Francisco de Brito Peixoto e dos “lagunistas” na conquista do Rio Grande e como a “vila insignificante” vai ganhando notoriedade com a “descoberta do caminho para os campos do sul”, fazendo também, referência à “glória” da expedição de João de Magalhães que saiu de Laguna para conquistar o Rio Grande e “garantir ao Brasil do Futuro mais um grande Estado”.<sup>79</sup> Demonstra como a vila vai mais de uma vez diminuir drasticamente sua população em função do povoamento e defesa das terras do sul e, junto a isso, como os interesses econômicos pela riqueza do “pampa sulino” atraíam os lagunenses levando, posteriormente, ao “sacrifício a pequena póvoa de Brito Peixoto”.<sup>80</sup>

A leitura deste texto de Cabral sugestiona a colocá-lo dentro de sua demonstrada preocupação de visibilizar a brasilidade do habitante do litoral catarinense. Aqui, este interesse se enquadra ao de valorização da cidade natal, não que estes sejam dissonantes. Como já vimos são dois empenhos de uma única propensão. A visão resultante deste escrito, é sua inclinação em apresentar uma Laguna muito antiga, um dos primeiros povoamentos de Santa Catarina, e sua “fundação” como interesse luso. Assim, em sua ocupação residiria uma importância maior que a própria “fundação”, um interesse anterior, um “destino” que guiava os Brito Peixoto, a lealdade e devoção à grandeza do reino, colocando a vida em perigo e empenhando suas riquezas no financiamento das bandeiras pela “glória da fundação”, expandindo e assegurando as fronteiras por sua ocupação territorial. Cabral parece estar chamando atenção para o fato da população do litoral catarinense descender destes “homens talhados em granito”; “não se deve a estes fundadores [lembra ele] apenas o recuo das fronteiras do país, mas a coesão que resistiu à

---

<sup>79</sup> Ibid., p. 81.

<sup>80</sup> Ibid. p. 93.

pressão das conquistas estranhas, pela ponderação, pela energia e pela lealdade que foi e continuou a ser o mais belo florão da sua glória”.<sup>81</sup>

O grande valor que ele incidia sobre a cidade era o de ter sido responsável pela conquista do Rio Grande do Sul, o que caminha na intenção de vê-la como mito fundador. Segundo Cabral, “de Laguna partira o desbravamento do solo gaúcho”<sup>82</sup> e, em consequência disso, “sacrificou” seu próprio desenvolvimento pela “grandeza daquele continente”. Para o autor “Laguna tornara-se deserta” em decorrência de “severo” recrutamento, quando parte de sua população já havia imigrado em busca das riquezas do sul ou marchado nas expedições de sua conquista e defesa. A póvoa de Brito Peixoto “foi [escreveu Cabral] sentinela avançada no extremo sul, amparando e assistindo a expansão lusitana e, com o sacrifício da sua vida e pela audácia da sua gente, deu o Rio Grande ao Brasil.”<sup>83</sup>

Em *Laguna-Rio Grande*, um outro trabalho de Cabral de 1940, o autor continua seu estudo sobre a “expansão lagunista” e a conseqüente “decadência” da vila, mostrando os efeitos, sobre este último item, do novo caminho do gado que ligava “os campos de Vacaria e Viamão com as regiões do planalto catarinense” seguindo às feiras de Curitiba e Sorocaba, desviando do litoral, e de Laguna, o movimento das tropas.<sup>84</sup>

Um outro assunto da história de Laguna que recebeu sua atenção em 1939, foi a República Juliana, quando escreveu uma monografia versando sobre as comemorações de seu centenário. Porém Cabral, assim como Saul Ulysséa ou até mais, diferentemente de Johanny, não nutria afeições pela República Juliana, tanto que posicionou-se contra a

<sup>81</sup> Ibid. p. 75-76.

<sup>82</sup> Ibid. p. 99.

<sup>83</sup> Ibid. p. 122.

<sup>84</sup> LAGUNA Rio Grande. *O Albor*. Laguna, 9 abr. 1941. p.1.

Este texto de Cabral foi apresentado ao 3º Congresso Rio-Grandense de História e publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (separata) em 1940. Não encontrei este escrito nos arquivos que pesquisei, as informações sobre ele são de comentários de outros e não de sua leitura.

comemoração de seu centenário. Fazendo com que Saul, apoiado por Ruben, lhe dirigisse críticas por apresentar um parecer ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina no qual opinava por não festejá-la, “em virtude de se ter verificado muitos fatos deploráveis no desenrolar daquele acontecimento histórico”. Saul, mesmo afirmando seu pouco entusiasmo pelos acontecimento de 1839, compreendia que era dever de “nós lagunenses” demonstrar “respeito e veneração aos antepassados” daquela “epopéia brilhante”.<sup>85</sup> Quando escreve que os lagunenses têm como obrigação cultuar seus heróis, ao que parece, estava diretamente dirigindo-se a Cabral, não que este estivesse distante em seus escritos da produção da imagem de mito fundador, mas talvez, Saul procurasse chamar-lhe a atenção para a importância em ocupar-se de acontecimentos já cristalizados para visibilizar Laguna como “centro cultural” - como já vimos, estava preocupado em marcar com material simbólico a historicidade da cidade -, uma vez que Cabral caminhava no sentido de engrandecer outros elementos da identidade histórica lagunense.

O afastamento espacial cotidiano entre Cabral e a cidade e sua intenção primordial de fazer aparecer com relevância o luso-brasileiro do litoral catarinense, sugerem pensá-lo um pouco distante das disputas mais íntimas de Laguna com os municípios vizinhos. No que incidem os indícios, estava ele mais propenso a ver a brasilidade dos lagunenses e a importância da cidade como mito de fundação fruto da bravura do elemento português, o que de todo modo consistia na construção da identidade que a valorizava, porém não apresenta aquela relação tão direta vista em Saul. Ele próprio discursando em Laguna no verão de 1941 diz que seu ensaio *Laguna* movia-se pela “exaltação” dos que naqueles

<sup>85</sup> ULYSSÉA, Saul. O centenário da República Juliana. *O Albor*. Laguna, 21. maio 1939. p. 1.

Em um artigo de 1942, no qual elogia as “obras históricas” de Cabral, Ruben Ulysséa afirma que em 1939, opondo-se às opiniões dele e de Saul, Cabral contestou “a grandeza cívica desse episódio, apresentando a sua monografia A República Juliana e as comemorações de seu centenário”. ULYSSÉA, Rubem. Osvaldo R. Cabral escritor. *O Albor*. Laguna, 27 jun. 1942. p.1.

Esta monografia de 1939, assim como *Laguna-Rio Grande* de 1940 e *Anita Garibaldi* uma conferência de 1949, são trabalhos de Osvaldo Rodrigues Cabral sobre Laguna não encontrados em nenhum dos arquivos pesquisados.



confins do Brasil ousaram em “fundar” a povoação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Vendo naquele momento os “mais belos e mais brilhantes dias de sua longa e atormentada história”. Esta “conquista” e “fundação” eram, para ele, um grande exemplo de “heroísmo” pela “lealdade” e “sofrimento” e a escreveu como o “filho que revê nesta glória do seu clã a infinita grandeza da sua raça”.<sup>86</sup>

E dentro desta imagem de marco fundante da brasilidade no sul, instaurava a relevância de ser a “terra-mãe”, não só para o sul do Estado como também para o sul do país, pois como lembrava ele, Laguna “deu o Rio Grande ao Brasil”. Cabral, poderia com isso, também, querer ultrapassar os limites de uma influência estadual. Estaria ele, talvez, estabelecendo a seguinte relação: Getúlio Vargas à frente da nação, com um governo ditatorial, investia num projeto nacionalista; Vargas natural do Rio Grande do Sul, Estado no qual a brasilidade dá-se em função de Laguna. Não seria isso que o fez ir àquele Estado apresentar, em um congresso de história rio-grandense, um trabalho sobre as relações “Laguna-Rio Grande”, da época da “fundação”?

Sua inclinação a ver a “grandeza” de sua gente como algo já dado anteriormente, como atributo de “sua raça”, aparece, também, em uma conferência que fez pela passagem do centenário da morte de Anita Garibaldi. Estava nesta época, ao que parece, mais preocupado em firmar os marcos da “condição histórica” de Laguna, apresentou como deputado estadual um projeto à Assembléia Legislativa requerendo do governo incentivo às atividades comemorativas e a realização de feriado estadual naquela data.<sup>87</sup> Nesta ocasião, ocorreu em Laguna, de 31 de julho a 04 de agosto, a “semana de Anita Garibaldi”. No

<sup>86</sup> AINDA a homenagem prestada ao Dr. Oswaldo Cabral. *O Albor*. Laguna, 08 mar. 1941. p. 1.

<sup>87</sup> FESTEJOS comemorativos do centenário de Anita. *O Albor*. Laguna, 23 jul. 1949. p. 1.

Oswaldo Rodrigues Cabral exerceu dois mandatos no legislativo estadual, 1947-50 e 1951-55. Ver: PIAZZA, Walter F.(Org.). *Dicionário político catarinense*. 2ª ed. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 150-151.

CABRAL, Oswaldo R. *Breve notícia sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina: suas legislaturas e seus legisladores de 1835 a 1974*. Florianópolis: Lunardelli, (1974). p. 87-90.

primeiro dia desta comemoração Cabral proferiu sua conferência. Um observador atento, dias depois, escreveu uma crônica comparando seu discurso ao de Ruben Ulysséa, que também participara das festividades, concluindo que na “tese” de Cabral via-se “a história construindo a heroína” e na de Ruben, “Anita dentro e acima da história”. Isto pelo fato de ter “impressionado” o espectador a observação do “porque do heroísmo de Anita” em Cabral, escreveu ele que para este discursador a “bravura” de Anita estava no fato de ter nascido em “terras povoadas por criaturas agraciadas com os dons da coragem consciente e do indômito patriotismo”. Assim, ela já estava predestinada ao “heroísmo” pela bravura que “dormitava” em seu ser, despertada para “imortalidade” ao juntar-se a Garibaldi. Ela não seria “outra coisa senão a heroína”, pois era herdeira de uma tradição presente na “índole” de seu povo, carregava consigo as “virtudes de sua terra”.<sup>88</sup>

Em 1956 realizou-se em Laguna um outro evento cívico festivo, a comemoração pela passagem do primeiro centenário de criação da comarca. Uma comissão organizadora preparou uma série de festejos entre os dias 14 a 17 de abril. Cabral não só esteve envolvido nas comemorações, dando uma conferência no dia 16,<sup>89</sup> como também publicou um trabalho no livro comemorativo ao centenário e, um ano antes, em homenagem ao acontecimento, lançou a obra *A organização das justiças na colônia e no império e a história da comarca de Laguna*.

Nesta obra, na medida em que analisa os cargos e atribuições das formas que nos períodos colonial e imperial se organizavam as justiças em Santa Catarina, vai vislumbrando a importância de sua terra natal, como uma das primeiras póvoas catarinenses. Junto às compreensões das formas jurídicas e a relação sequencial de seus representantes, vão se seguindo uma série de informações pertinentes à contextualização histórica, que mostram a

<sup>88</sup> BULOS, Abelardo Calil. Conferências. *O Albor*. Laguna, 13 ago. 1949. p. 1.

<sup>89</sup> ECOS do primeiro centenário da comarca da Laguna. *O Albor*. Laguna, 21 abr. 1956. p.1.

antigüidade da cidade. Comentando sua “fundação”, ressalta que foi o terceiro núcleo de povoamento e o segundo a elevar-se à categoria de vila. Cabral apresenta a relevância que teve Laguna desde os primeiros tempos, relatando, através das questões jurídicas, sua influência sobre a região. Narra as relações entre política e justiça, afirmando que em meados do século XIX era ela “a principal cidade da província e o seu maior colégio eleitoral”, colocando os lagunenses como os “homens mais destacados” na política estadual e dois deles, Jerônimo Francisco Coelho e Jesuino Lamego Costa, como figuras realçadas no âmbito nacional.<sup>90</sup> Já o texto *Raízes seculares de Santa Catarina*, publicado no livro comemorativo ao primeiro centenário da comarca, é uma relação com cerca de trezentos nomes de “alguns moradores e forasteiros” de Laguna nos séculos XVII e XVIII. O autor lista estas pessoas que figuravam em antigas obras e documentos de época e, anexa, na medida do possível, o maior número de informações sobre elas, tendo maior destaque a família do “fundador de Laguna”.<sup>91</sup>

Em 1976 em outra publicação comemorativa, agora ao tricentenário de “fundação” de Laguna, organizada por ele, publica o trabalho *Notas históricas sobre a fundação da póvoa de Santa Antônio dos Anjos da Laguna*.<sup>92</sup> Neste escrito Cabral persegue as mesmas questões já vistas em outros textos, notadamente o ensaio *Laguna*, escreve sobre a incerteza da data de “fundação”, o local e seus habitantes, os povoadores e as referências anteriores a eles, as possíveis datas das expedições de Domingos de Brito Peixoto; seguindo-se mais uma série de informações, descrevendo a “evolução” daqueles primeiros tempos, como a elevação à categoria de Vila, a visita do ouvidor Rafael Pires Pardini e,

<sup>90</sup> CABRAL, Oswaldo R. *A organização das justiças na colônia e no império e a história da comarca da Laguna*. Porto Alegre: Graf. Santa Terezinha, 1955.

<sup>91</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Raízes seculares de Santa Catarina*. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Terezinha, 1956. p. 63-109.

<sup>92</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Notas históricas sobre a fundação da póvoa de Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. In: CABRAL, Oswaldo R. (Coord.). *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Florianópolis: IOESC, 1976. p. 51-157.

principalmente, as ações partidas de Laguna na conquista do Rio Grande do Sul. São certamente “notas”. O texto é um encadeamento de longas citações de trabalhos de outros autores, os assuntos tratados são mostrados pelo paralelo comparativo de diversas obras. Todas as questões tratadas surgem pela amostragem dos vários livros que tratam do tema, mostrando suas discordâncias e conformidades sobre os “fatos” - devo ressaltar que é uma discussão sobre a história representada no texto e não a própria historicidade deste, em outras palavras, não há contextualização dos escritos usados -. Aqui também, Cabral caminha no sentido de mostrar a importância de Laguna para a brasilidade do Sul, seu “sacrifício” para a “grandeza do Rio Grande” e a “lealdade” de Francisco de Brito Peixoto à coroa portuguesa. Ainda que estabeleça algumas novas análises das situações representadas, a propensão ainda é a mesma, tanto que utiliza frases idênticas, e às vezes até parágrafos, aos encontrados no ensaio *Laguna* e em seu discurso de 16 de fevereiro de 1941. Contudo, não tem o mesmo tom épico, e o excesso de citações extensas torna o texto exaustivo, muito diferente de seus outros escritos e de sua anunciada preocupação com a narrativa.<sup>93</sup>

Um outro trabalho de sua autoria sobre a história de Laguna é a série de quatro artigos publicados na revista *Blumenau em Cadernos* entre 1975 e 1976. Agrupados pelo título de *Assuntos lagunenses*. São, a meu ver, estes artigos, os textos mais literários da

<sup>93</sup> Mesmo tratando-se de “notas”, a leitura deste texto me causou estranhamento pela falta de fluidez da narrativa, que é uma marca de seus escritos que analisei e uma de suas declaradas preocupações ao escrever a história. No decorrer da leitura surgiu uma colocação do autor que, de certa maneira, é um indicativo deste seu procedimento.

Ao escrever sobre os últimos anos da vida de Francisco de Brito Peixoto, utilizou uma citação de Afonso D'E. Taunay, na qual este comenta que Cabral, em *Laguna e outros ensaios*, refere-se a Ana de Brito como sobrinha de Francisco, que para Taunay seria impossível. Era, segundo ele, provavelmente sua filha e também, afirmou aquele historiador, que esta narrativa de Cabral “está romanceada”.

Cabral aceitou a crítica, confessou que escreveu usando da “criação imaginativa” pois o que narrou não constava de “qualquer documento”. Escreveu ainda que, “frente à observação do mestre” pensou em não utilizar daquele escrito no que estava publicando, mas depois, preferiu usá-lo como uma parte “puramente literária” inserida em um texto “essencialmente histórico”. Seria, segundo Cabral, uma homenagem ao “fundador” de sua terra natal, “um breve hiato na aridez dos fatos históricos”. CABRAL, Oswaldo R. Notas históricas sobre a fundação da póvoa de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. In: CABRAL, Oswaldo R. (Coord.). *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Florianópolis: IOESC, 1976. p. 150-151.

produção historiográfica de Cabral sobre a cidade. Neles ele trata de um assunto pitoresco dentro de uma temática já conhecida, em questões que já havia trabalhado. Três destes artigos, *Os vice-reis e a briosa câmara da Laguna*, *Um desafortunado escrivão* e *O primeiro promotor público da Laguna*, mostram por meio da história de questões jurídicas, que já havia sido objeto de estudo seu, situações anedóticas ocorridas em Laguna. O último destes, é sem dúvida, o que mais apresenta a imaginação criativa do historiador. Ainda que pautando-se por “documentos”, narra as atividades do promotor público Bernardino Antônio Soares como um agente secreto em um caso de espionagem, em meio aos acontecimentos da República Juliana.<sup>94</sup> Um outro artigo que completa os *Assuntos lagunenses* é *Dom Pedro I na Laguna*, no qual relata a passagem do imperador pela cidade a caminho do Rio Grande. Não vejo nesses artigos as preocupações que percebo nos seus outros escritos, parece mais um deleite literário fruto de pesquisas já feitas, nos quais a maior relevância aparentemente colocada sobre a cidade é a de ser o espaço dos acontecimentos narrados.<sup>95</sup>

No discurso que proferiu na Academia Catarinense de Letras em 1938, criticou ele a “história de heróis” de José A. Boiteux, referindo-se a exclusão da “arraia miúda” dos relatos daquele historiador, afirmando que Boiteux assim fazia por buscar mostrar as “glórias” de Santa Catarina.<sup>96</sup> Poderia aqui conferir-lhe as mesmas críticas: sua história sobre Laguna engrandece os “feitos heróicos” dos “nobres antepassados”, não visibiliza a “arraia miúda” e também se ocupa em narrar os “fatos” “mais brilhantes”, aqueles que “se possa orgulhar”. Ele próprio discursando em Laguna, num almoço em sua homenagem no verão de 1941, inverte um pouco sua postura quanto ao culto dos heróis. Nesse

<sup>94</sup> Foi neste artigo que encontrei a única referência feita por Cabral a Saul Ulysséa. Ao que parece ele não via em Saul um historiador, talvez por ter uma firme posição de como se faz história. Nesta ímpar alusão a Saul, ele o chamou de “saudoso cronista”. CABRAL, Oswaldo R. *Assuntos Lagunenses. Blumenau em cadernos*. Blumenau, n. 11, nov. 1975. p. 324.

<sup>95</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Assuntos Lagunenses. Blumenau em cadernos*. Blumenau, n. 10, out. 1975. p. 282-285; n. 11, nov. 1975. p. 321-324; n. 12, dez. 1975. p. 361-363; n. 1, jan. 1976. p. 1-9.

<sup>96</sup> CABRAL, Oswaldo R. Discurso (sua recepção na ACL em 17/12/1938). In: ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Discurso*. Florianópolis: IOESC, 1939. p. 16-22.

pronunciamento, Cabral não abandona totalmente sua intenção de mostrar a “gente humilde”, pois segundo ele, as “tendências mais modernas” procuravam compor as “fases” do passado pela interpretação dos “fenômenos sociais”, no qual cada um desempenha “seus papéis”, aparecendo então “ao lado daqueles grandes, um lugar para a gente humilde”. Falou ele que “os heróis despem seus louros, retiram do peito os méritos...”, pois todos fazem parte do “grande drama do sofrimento humano”, para em seguida completar: “não havemos, certamente, de desmerecer os heróis...”.<sup>97</sup> Creio que Cabral pecou da mesma falta que culpou Boiteux, o que não podia ser diferente haja visto seus interesses. Ao que parece, ele se dividia entre sua erudição historiográfica e a necessidade de valorização dos luso-brasileiros e, principalmente, os “heróis lagunenses”, como motivo de importância para a cidade. Disse ele, aos lagunenses que o homenageavam, que procurava fazer uma história sob as perspectivas modernas, “sem, entretanto, despojá-la dos dourados gloriosos de seus feitos heróicos que são padrão de justo orgulho da nossa gente”.<sup>98</sup>

É quando expressa o objetivo de sua atividade historiográfica, quando revela as metas de sua escrituração, que se compreende ainda melhor seu interesse pelos “nossos maiores”. Estes personificariam uma espécie de arquétipo de valores a preservar e a tradição construída e afirmada identificaria seus lugares fundantes. Origem e *oikos* seriam os aspectos importantes desse conservadorismo e dariam a relevância que Laguna precisava. Proferiu ele aos seus conterrâneos: “é no culto dos nossos heróis, na recordação de seus grandes feitos, sejam eles generais ou catequistas, bandeirantes ou pensadores, que buscaremos os exemplos cívicos que hão de animar a alma jovem da nossa gente. Com esta finalidade eu compreendo a história.” Não se pode esquecer, no entanto, que naquele momento acontecia a segunda guerra mundial, com desdobramentos bastante próprios em

<sup>97</sup> AINDA a homenagem prestada ao Dr. Oswaldo Cabral. *O Albor*. Laguna, 08 mar. 1941. p. 1.

<sup>98</sup> Ibid.

Santa Catarina, que influenciavam Cabral, ao ponto de ver ele aquele um “instante grave e perturbado”.<sup>99</sup>

Contudo, devo ressaltar que algumas das características de sua compreensão de como se escreve a história estão bastante presentes em seus escritos sobre Laguna. Seus textos, em geral, procuram mostrar “os degraus da evolução” sem cair na “aridez da cronologia” que tanto detestava. Estes trabalhos caminham no sentido de “reconstituir” determinados acontecimentos, compondo-se de textos temáticos, ainda que, mesmo assim, trabalhe um tempo linear progressivo. E, também, observa-se sua preocupação com a narrativa, em tornar a leitura “interessante”, com algumas partes de pura viagem literária, todavia, sem a “arraia miúda” que, para ele, conferia a redação um tom mais pitoresco e vivo.

Vejo, ainda, em seus escritos sobre Laguna, e também em seus discursos, a compreensão da história como uma saga, um épico, o passado e a vida como tragédia. Mas, não é o trágico do horror, aquele que deve ser esquecido por não ser construtivo, outrossim é o “sacrifício” que glorifica, o “sofrimento” heróico. Afirmava que fazer história é “reconstituir” o “grande drama do sofrimento humano”, que os personagens, “gloriosa ou humildemente”, “representam no drama da vida os seus papéis”.<sup>100</sup> O ensaio *Laguna* é bastante representativo deste pensamento. Nele, Cabral valoriza a morte de Domingos de Brito Peixoto e a pobreza em que terminou o filho continuador de sua obra em função de uma vida de “lealdade” à coroa portuguesa, como também, o “sacrifício” de Laguna para o alargamento das fronteiras brasileiras e a “grandeza do pampa sulino”. O autor dá um sentido glorioso ao “drama” da cidade, mostra que sua decadência econômica deu-se em função de seu “sacrifício” heróico pela brasilidade, pela grandeza da pátria.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> Ibid.

<sup>100</sup> Ibid.

<sup>101</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: IOESC, 1939.

O final dos anos 30, com franco incentivo do governo de Nereu Ramos, foi uma época de grande atividade das instituições culturais no Estado, tendo o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, dentre elas, maior destaque e produção. Oswaldo Rodrigues Cabral lá estava como um membro atuante.<sup>102</sup> Segundo ele comentou na época, aquele era o tempo de soerguer as letras históricas catarinenses, esquecidas desde os irmãos Boiteux.<sup>103</sup> Compreensão astuta de Cabral, pois a história tem se mostrado muito competente em legitimar as ações do presente e tudo leva a crer que, sabia ele, muito bem, como usá-la, ainda mais em interesses comuns com o Estado. Não seria este mais um bom motivo para que Deus não lhe fizesse um poeta?

#### 4- Em busca de um sentido na história

Em outubro de 1965 Ruben Ulysséa tomava posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Sua aceitação nos quadros desta entidade dava-se em função de ter participado do Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948. Neste evento, apresentou o ensaio *Panorama histórico de Laguna*.<sup>104</sup> Ruben de Lima Ulysséa nascera em Laguna a 17 de março de 1902, era filho de Saul Ulysséa e, assim como o pai, militou pelas letras históricas sobre a cidade.

Teve ele uma produção não muito extensa. São poucos os seus trabalhos históricos. No entanto, esteve bastante atuante na construção e afirmação da identidade de “centro cultural” e “terra-mãe” para Laguna, envolvendo-se em várias comemorações cívico-

<sup>102</sup> CABRAL, Oswaldo R. Carlos da Costa Pereira sua vida - sua obra. In: PEREIRA, Carlos da C. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.

<sup>103</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: IOESC, 1939. p. 23.

<sup>104</sup> PIAZZA, Walter F. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico 1896-1996*. Florianópolis: UDESC/IHGSC, 1996. p. 36-55.



festivas que procuravam marcar esta imagem, nas quais geralmente discursava. Foi professor e diretor de escolas na cidade e também lecionou no Ginásio Lagunense, um dos orgulhos do município dentro da imagem de lugar de cultura.<sup>105</sup> Escrevia para jornais e revistas e redatoriou o diário lagunense *A Cidade* publicado entre os anos 20 e 30, como também circulava por associações culturais, entre elas o Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral uma entidade empenhada na afirmação desta imagem para Laguna.<sup>106</sup>

Além do trabalho apresentado no congresso de 1948, ele publicou dois estudos sobre a família França de Laguna. Um em 1976, no livro comemorativo ao tricentenário de Laguna, que versa sobre *O Conselheiro Sousa França*. Neste texto, Ruben historia a naturalidade e a ancestralidade de Manuel José de Sousa França (1776-1856), sua partida para o Rio de Janeiro, para, a partir daí, centrar seu estudo na atividade política daquele “lagunense ilustre do passado”. Então rastreia, principalmente, sua atuação parlamentar, relatando seus mandatos e as discussões em que se envolvia na Câmara dos Deputados, na medida em que apresenta o “panorama político” brasileiro daquela época, colhido em vários historiadores, entre eles Francisco A. de Varnhagen. Ruben, escreve que os autores que fizeram referência a seu personagem, “procuraram sempre enfatizar a sua inteligência e a sua cultura” e apresenta “o nosso Manuel José de Sousa França” como um destaque na vida política na colônia e no império. Ao que parece, o autor trabalhou com as atas da Câmara dos Deputados e ocupou-se da historiografia para visualizar os momentos em que se faziam

<sup>105</sup> Fundado em 1932, este estabelecimento de ensino, ao que parece, era o único de educação ginasial da região, funcionava como internato e externato e formava os filhos das classes abastadas do sul do Estado.

<sup>106</sup> Foi este centro cultural que em 31 de julho de 1949, dentro das comemorações do primeiro centenário da morte de Anita Garibaldi, inaugurou um museu com o nome da “heroína lagunense”. Nas assinaturas da ata da “sessão especial” deste dia, encontra-se a de Ruben. CENTRO CULTURAL ANTÔNIO GUIMARÃES CABRAL. Ata da inauguração do museu Anita Garibaldi. Laguna, 31 jul. 1949.

Algumas informações sobre as atividades intelectuais de Ruben Ulysséa, podem ser encontradas em:

ULYSSEÁ, Ruben. Aspecto fitogeográfico do município de Laguna. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 10. out. 1948.

NACIF, Salum Jorge. *Os monumentos da Laguna e outros apontamentos para a história da terra juliana*. Laguna. 1989. (mimeo - inédito e incompleto).

necessárias certas explanações dos acontecimentos. Ainda que o interesse por esse “ilustre” seja o fato de ser ele lagunense não aparece no texto qualquer outra ligação dele com a cidade além de nela ter nascido.<sup>107</sup>

O outro escrito sobre os França intitula-se *Os grandes processos da Comarca - o misterioso caso do juiz Colaço* publicado na obra comemorativa do centenário da comarca da Laguna, em 1956. Neste texto, Ruben colocou-se como um repórter a registrar um crime, usando, segundo ele, registros de arquivos, um trabalho de Lucas A. Boiteux, a tradição oral e a “própria imaginação” para fazer esta “reportagem retrospectiva”. Atentou que não iria “descobrir a verdade”, pois esta se perdera no tempo, ainda mais que naquele caso não foram apuradas as causas do crime e os autores ficaram impunes. Ele então apresenta duas versões e a sentença do processo resultante do acontecimento que movimentou Laguna nos idos de 1821. É um texto bastante literário, prende o leitor pelo enredo, no suspense do que se esconde atrás dos acontecimentos. O autor narra o ocorrido com a vítima, o juiz Luis Martins Colaço, momentos antes de seu desaparecimento e vai juntando pistas para chegar aos possíveis assassinos, mostrando as duas versões que tinham como pano de fundo a disputa entre duas famílias, duas forças políticas locais, os França e os Tavares. Na medida em que passa de uma versão para a outra, vai descortinando uma nova configuração dos fatos que envolveram o sumiço, o assassinato e o aparecimento do corpo do juiz, criando uma nova conjectura por uma outra interpretação dos indícios. Tudo indica que, a construção de seu enredo seguia as indicações contidas no processo judicial, já que na primeira aparece a articulação dos Tavares incriminando os França que foram indiciados e, na segunda, a versão pela defesa dos França, fazendo incidir sobre os Tavares a culpa do crime. Ruben fecha o texto com a transcrição da confirmação da sentença do

---

<sup>107</sup> ULYSSÉA, Ruben. O Conselheiro Sousa França. In: CABRAL, Oswaldo R. (Coord.). *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Florianópolis: IOESC, 1976. p. 203-266.

Conselho Supremo de Justiça, registrada no Rio de Janeiro em 14 de agosto de 1823, na qual os réus foram absolvidos por falta de prova.<sup>108</sup>

Nesta mesma obra comemorativa, Ruben publicou seu ensaio *Panorama histórico de Laguna* que havia apresentado no Primeiro Congresso de História Catarinense. É segundo o autor, “uma visão de conjunto da evolução social e política da cidade e do seu termo”. Estabeleceu ele, um olhar processual, bastante sucinto, sobre o desenvolvimento de Laguna indo desde os primeiros habitantes até sua atualidade, mostrando, de maneira concisa, as relevâncias já vistas em Saul e Cabral; como a “fundação” dos bandeirantes, a “irradiação colonizadora” para a conquista do sul entre outros momentos em que a cidade ganha importância na história oficial.<sup>109</sup> No entanto, a “marcha evolutiva” descrita por Ruben não é linear ascendente, compõe-se de períodos com “declínio” e “ressurgimento”. Assim, por exemplo, o “verdadeiro êxodo” para o sul teria feito a vila entrar em uma fase de decadência, enquanto a criação da póvoa de Lages velou ao fortalecimento de seu comércio - tomei aqui questões isoladas, apenas como exemplos, devo ressaltar que Ruben liga vários fatos para compor fases de desenvolvimento e derrocada. Ao comentar a cidade no século XX, lista alguns melhoramentos, inclusive não terminados como o canal Laguna-Araranguá, sem apresentar as dificuldades, o que poderia sugerir uma fase de crescimento. No entanto, percebo na sua enunciação final a busca de prosperidade ainda por vir, pois demonstra crer que a “velha Laguna” logo apresentaria um maior desenvolvimento com as obras de sua barra, empreendimento, segundo ele, “praticamente concluído”. É interessante

<sup>108</sup> ULYSSÉA, Ruben. Os grandes processos da Comarca - o Misterioso caso do juiz Colaço. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956. p. 151-173.

<sup>109</sup> Um elemento da historicidade lagunense, que aparece em Ruben, ainda que *en passant*, e não encontrei em Saul e Cabral, é a referência à Laguna localizar-se sobre a “velha linha de demarcação de Tordesilhas”. ULYSSÉA, Ruben. *Panorama histórico da Laguna*. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956. p. 10.

Ver também:

ULYSSÉA, Ruben. Discurso. In: PRIMEIRO, Congresso de história catarinense. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 12. dez. 1948.

perceber que Ruben, em 1948, termina seu escrito praticamente da mesma forma que Saul findou *A Laguna de 1880*, trabalho escrito em 1940, acreditando nas perspectivas de progresso adivindas da viabilização da barra, cujas obras vinham arrastando-se desde o início do século sem solução definitiva, sendo várias vezes suspensas.<sup>110</sup>

Ruben ainda teve publicado, em 1973, o texto *Anita Garibaldi*, uma conferência que proferiu no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral em 1949, quando das comemorações do primeiro centenário da morte da “heroína dos dois mundos”. A publicação desse seu escrito acompanhou o decreto do governador do Estado, Colombo Machado Salles, também lagunense, que criava a “medalha do mérito Anita Garibaldi” destinada a galardoar os que se destacavam no “engrandecimento do Estado de Santa Catarina”.<sup>111</sup>

Ruben inicia esta conferência mostrando uma nova concepção de herói, diferente dos protetores das *urbes* como os cultuados pelas sociedades da antigüidade clássica. O herói era também, na apreciação dele, todos aqueles que promovem o “aprimoramento da criatura humana” ou influem nos “destinos do mundo”.<sup>112</sup> Faz este comentário para dizer que fosse ele enquadrar Anita em uma classificação, a colocaria “entre as heroínas do amor”. Para Ruben foi o amor que a levou para a luta e para a glória, sendo ela a “heroína

<sup>110</sup> ULYSSÉA, Ruben. Panorama histórico da Laguna. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956. p. 3-28.

Em um artigo publicado no jornal *A Cidade* em 1926, o jovem Ruben sob o pseudônimo de João da EGA, deixa ver sua preocupação com a economia local, calcada na atividade comercial, em função dos problemas da barra. Comenta a necessidade dos “capitalistas” lagunenses voltarem-se para industrialização, que era praticamente nula. Escreveu ele: “Laguna carece progredir industrialmente uma vez que o nosso porto é ainda um problema. E, se este problema não for resolvido de modo a nos favorecer, só a indústria nos poderá salvar de uma decadência”. O CORREIO. Laguna, 18-24 set. 1996. p. 2.

<sup>111</sup> ULYSSÉA, Ruben. *Anita Garibaldi*. (conferência proferida em 14 de agosto de 1949, no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973.

<sup>112</sup> Ruben assim descreve o alargamento da concepção de herói:

“Na concepção de Carlyle, já o herói não é mais o defensor da cidade. O heroísmo, no seu conceito, toma sentido mais amplo. Já não é só o príncipe ou o guerreiro, mas também o predestinado que, pelo seu labor, pelo seu sacrifício, pelo seu gênio vai concorrer para o aprimoramento da criatura humana ou influir nos destinos do mundo. Já não é Teseu, o vencedor do Minotauro, que libertou Atenas do tributo que pagava aos dominadores de Creta; nem Hércules que, armado da sua clava andara pelos caminhos exterminando monstros e tiranos; mas, Maomet, o herói-profeta; Dante e Shakespeare, os heróis da poesia; Rousseau, Goethe, Miguel Ângelo, todos aqueles que, de um modo ou de outro, influíram na marcha da civilização.” ULYSSÉA, Ruben. *Anita Garibaldi*. (conferência proferida em 14 de agosto de 1949, no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973. p. 5-6.

de um belo romance”: suportou grandes dificuldades por seu amor e felicidade e é isso que a faz ser admirável e “redimida do pecado que lhe atribuíam os seus contemporâneos”,<sup>113</sup> completando que mesmo se não tivesse ela unido-se a Garibaldi seria uma “heroína”. Passa então a comentar a trajetória de Anita nas batalhas que travou, fazendo o relato de sua vida desde seus progenitores até sua morte em terras italianas, não esquecendo de referendar Laguna como seu local de origem e palco das primeiras demonstrações de sua “épica bravura”. Procurando mostrar, também, uma Anita mãe e mulher que superou os contornos, barreiras e limites que representava a condição feminina na sociedade da sua época.<sup>114</sup>

Mesmo com uma obra não tão vasta e com características próprias, que o diferencia bastante de Saul e Cabral, Ruben caminhou, a meu ver, no mesmo sentido engrandecedor de sua terra natal, colocando-a como mito fundador e “centro cultural”. Seus escritos reverenciam “heróis” e “ilustres” lagunenses, mostram a antigüidade da cidade e sua importância como marco de fundação para os outros municípios da região e expansão do domínio brasileiro no sul. Os textos *O conselheiro Sousa França* e *Anita Garibaldi* são demonstrativos do interesse em engrandecer os filhos “ilustres” de Laguna, porém não vejo

<sup>113</sup> ULYSSEÁ, Ruben. *Anita Garibaldi*. (conferência proferida em 14 de agosto de 1949, no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973. p. 7.

Penso que o “pecado” a que se refere Ruben é a má reputação que resultou da sua união com Garibaldi, sendo ela já casada. Ruben toca sutilmente em algo que a historiografia que consultei não comenta, a imagem transgressora de Anita, que abandonara o marido, segundo a história já ausente, para acompanhar um estrangeiro desconhecido, malgrado os valores da época. Ruben não aprofunda a questão mas provavelmente naquela época ainda era forte um conceito sobre Anita que a via como prostituta. Escreveu ele, ao tratar de sua união com Garibaldi: “Ela não hesitou em romper com todos os preconceitos para segui-lo na sua vida erradia” (p. 17).

Em entrevistas que realizei em Laguna, tanto o Secretário de Turismo da Pref. Municipal como o presidente da Fundação Lagunense de Cultura, comentaram que, ainda hoje, junto a imagem de heroína há quem a veja como prostituta. “Muita gente acha isso ainda” afirmou o primeiro destes entrevistados.

DAGOBERTO DA SILVA MARTINS. (Secretário de turismo da Pref. Municipal de Laguna e co-autor do livro “Anita Garibaldi: heroína da liberdade”). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

JAIRO BARCELOS. (presidente da Fundação Lagunense de Cultura). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 06 mai. 1996.

<sup>114</sup> Esta sua compreensão suscita dúvidas e necessitaria uma maior reflexão, porém não vou me aprofundar, uma vez que não é meu interesse analisar a figura de Anita e nem as relações de gênero nos escritos de Ruben. Contudo, apenas como um contra ponto, quero ressaltar que algumas colocações do autor indicam que, talvez, Ruben não visse estes limites apenas nas representações femininas da época de Anita, mas no próprio sexo feminino.

a conotação conservadora de resguardar valores morais e espirituais, que encontrei em Saul e também em Cabral, e nem a preocupação deste último em conferir a bravura e sucesso destes lagunenses ao fato de carregarem consigo a índole do elemento luso.<sup>115</sup> Tudo indica que Ruben apenas colocava uma importância sobre a cidade pela consideração de ser a terra natal desses destacados. Ao tratar da polêmica quanto ao local de nascimento de Anita, por exemplo, diz ser este um debate “ocioso”, pois na época em que ela nasceu, Laguna compreendia todo o sul catarinense e afirma que ela própria “dizia-se filha da Laguna”.<sup>116</sup> Assim, nesse autor, é o sucesso destes “filhos” engrandecendo a terra e não a terra constituidora do sucesso deles, como algo já presente, inato dos que ali nascem, como aparece em Cabral.

Contudo, estava ele também envolvido na valorização do luso-brasileiro. Em seu *Panorama histórico da Laguna*, apresentado no congresso de 1948 em comemoração do segundo centenário da colonização açoriana, relata a “grande importância” na “evolução social e econômica da Laguna” com o aumento da população pela chegada dos açorianos que “impuseram seus usos e costumes, transfundiram novo contingente de sangue português no complexo étnico das populações regionais”.<sup>117</sup> Neste escrito, sobressaem as imagens da cidade como marco fundante e “centro cultural”. No primeiro caso, como “o terceiro núcleo de povoação estável fundado” no litoral catarinense, última das “fundações” dos bandeirantes paulistas, “centro de irradiação colonizadora ... das campanhas rio-grandenses” e, mais tarde, já no século XIX, comarca que abrangia “todo o sul-catarinense” da qual

<sup>115</sup> Ruben aliás ao escrever sobre o povoamento de Laguna diz haver um “caldeamento das raças” e que em função do deslocamento populacional para o sul, passou “a predominar na vila da Laguna o índio e o mestiço”, situação que alterou-se com a chegada dos açorianos trazendo um “novo contingente de sangue branco”. ULYSSÉA, Ruben. *Panorama histórico da Laguna*. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956. p. 9-12.

<sup>116</sup> ULYSSÉA, Ruben. *Anita Garibaldi*. (conferência proferida em 14 de agosto de 1949, no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973. p. 12.

<sup>117</sup> ULYSSÉA, Ruben. *Panorama histórico da Laguna*. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956. p. 16.

formaram-se vários municípios que dela desmembraram-se. Assim, era a cidade que dava a ancestralidade para toda a região, a história dos municípios do sul passava necessariamente pela história de Laguna. No segundo, como “centro cultural”, mostra ele que já há muito tempo a cidade tinha biblioteca, teatro, bandas musicais, jornais, clubes recreativos e esportivos e também “famosas” festividades religiosas.<sup>118</sup>

Acredito ser Ruben o mais erudito dos intelectuais que compõe este triedro. A quantidade de autores que utiliza e a forma como ele os utiliza é que me levam a esta consideração.<sup>119</sup> Em seus escritos, por vezes, surge a compreensão do acontecimento sob a luz de um conhecimento já elaborado anteriormente, ocupando-se, pode-se dizer, de uma teoria para pensar o fato representado. Só para ilustrar pode-se tomar a reflexão sobre a concepção de heroísmo que fez para mostrar que Anita era heroína não só por ter sido uma guerreira.<sup>120</sup> Ele também, diferentemente de Saul e Cabral, não constrói seus textos com um tom muito épico. Sua linguagem é direta, sem grandes rodeios, com um texto geralmente limpo e sintético, sem primar pela descrição de situações corriqueiras, anedóticas e pitorescas. São quase sempre a busca de uma compreensão global, a procura em estabelecer os acontecimentos que atuaram sobre a “marcha evolutiva”.<sup>121</sup>

<sup>118</sup> ULYSSÉA, Ruben. *Panorama histórico da Laguna*. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956.

Sobre a afirmação da cidade como marco fundante da brasilidade do sul é bastante sugestivo seu discurso de 1948, quando proferiu:

“...Laguna esteve sempre presente nas jornadas cívicas que empolgaram a alma brasileira. Jamais deixou de corresponder aos apelos da Pátria. Mas, foi, sem dúvida, o da expansão colonizadora o mais belo capítulo que a sua gente escreveu.” ULYSSÉA, Ruben. Discurso. In: PRIMEIRO, Congresso de história catarinense. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 12, dez. 1948.

<sup>119</sup> Ruben também foi diretor literário da Casa Editora Vecchi no Rio de Janeiro e trabalhou com tradução de obras para língua portuguesa. Traduziu ele: *O experimento de Pott*, de Pitigrilli e *Meu coração em câmara lenta*, de Maurice Dekobra. Ver:

ULYSSEÁ, Ruben. Aspecto fitogeográfico do município de Laguna. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 10, out. 1948.

NACIF, Salum Jorge. *Os monumentos da Laguna e outros apontamentos para a história da terra juliana*. Laguna. 1989. (mimeo - inédito e incompleto).

<sup>120</sup> ULYSSÉA, Ruben. *Anita Garibaldi*. (conferência proferida em 14 de agosto de 1949, no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973.

<sup>121</sup> Sempre que apresenta sua percepção da história, Ruben demonstra sua preocupação em encontrar um processo evolutivo e determinar aquilo que influencia sobre este processo. Discursando em um almoço que alguns lagunenses ofereceram a Oswaldo Rodrigues Cabral no verão de 1941, Ruben falou sobre a

Em Ruben encontro mais aparente o interesse por perceber um sentido na história, uma lógica que saltasse dela pela visão externa, posterior, do “conjunto” do desenvolvimento, da observação de um processo total. Esta intenção é mais demonstrada no *Panorama histórico da Laguna*. Neste escrito vejo uma procura por compreender as causas que influíram para o estado da cidade em sua atualidade, buscando na história explicações para a realidade de sua contemporaneidade. Em Cabral, encontrei uma história que dava sentido ao tipo de desenvolvimento de Laguna, por ter “sacrificado”-se pela “grandeza” da pátria. Este autor, no entanto, referia-se a um tempo específico e não chegava, na descrição textual, até sua atualidade. O “sacrifício” de Laguna, em Cabral era coberto de louros que tendem a apaziguar as dificuldades dele advindas, os objetos dos danos tornavam-se os mesmos de futuras glórias, demonstrando certa conformidade para com o sentido da história representada. Em Rubem vejo algo diferente, nele não é o sentido que conforma-se, não é o estabelecimento de fatores que atestam a impossibilidade de ser diferente. É, creio eu, a procura por compreender aquilo que influiu na “marcha evolutiva” da cidade, o que a norteou para ser o que é, e isso sugerindo ser mais uma análise estrutural, uma intensão de reconhecer-se, propensa a indicar prognósticos de possibilidades, do que o estabelecimento de determinada característica ou algo inerente àquela própria sociedade e espaço, que inpediriam as mudanças. É, a meu ver, a busca de um sentido para dar respostas, não para confortar os desenganos, promover a conformidade e respaldar a resignação. Pelo contrário, me parece a investigação para o entendimento de si, uma espécie de diagnóstico da formação. Talvez, na crença que a história ao olhar o passado pudesse dar conta de explicar o presente e então demonstrar saídas para o futuro.

---

dedicação do homenageado à história, e assim a definiu: “...estudo da nossa formação e das influências que atuam sobre nossa marcha evolutiva”. O ALMOÇO oferecido ao Dr. Oswaldo Cabral pelos seus conterrâneos. *O Albor*. Laguna, 22 fev. 1941. p. 1.

Ver também:

ULYSSEÁ, Ruben. *Panorama histórico da Laguna*. In: PUBLICAÇÃO comemorativa do centenário da comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Santa Terezinha, 1956.



É também nesse autor que mais percebo a preocupação com o não-desenvolvimento econômico de Laguna, ainda que não use estes termos e nem afirme o momento em que vivia como uma época de decadência econômica. No entanto, a forma como expressa seu evolucionismo leva-me a crer em seu ressentimento pelo fato da cidade não apresentar a importância que já teve e, principalmente, em decorrência dessa preocupação com a “marcha evolutiva”, por não desenvolver-se dentro do modelo da industrialização. A partir do final dos anos vinte a questão industrial norteou as ações governamentais, fortalecendo-se ainda mais no Estado Novo, quando o modelo da fábrica servia como forma de organização nacional. As teorias de governo passavam “pelo reconhecimento do pressuposto fundamental da economia política - a fábrica como ideal civilizatório da sociedade”.<sup>122</sup> Ruben, no que sugere a leitura de alguns de seus escritos, percebia a marginalização do município neste processo de desenvolvimento. No discurso que proferiu ao participantes do Congresso de 1948 em visita à Laguna, falou que talvez estes a achassem “demasiado pequena para o seu longo passado”.<sup>123</sup>

Quando de seu discurso pelas festividades do centenário da morte da “heroína dos dois mundos” em 1949, Ruben afirmou, ao apresentar um alargamento na concepção de heroísmo, que muitos heróis passam despercebidos em suas lutas cotidianas, ficam no

<sup>122</sup> DECCA, Edgar Salvadori de. A ciência da produção: fábrica despolitizada. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, n. 6. 1984. p. 70.

Neste texto Decca analisa como a economia política antes de ser uma ciência, surgiu enquanto prática de poder. Quando constitui-se como disciplina no início do século XIX, procurou defender o sistema de fábrica, despolitizando-o e despolitizando-se, colocando a economia como um saber técnico-científico. E consolidou a incessante produtividade industrial como sinônimo de progresso da civilização.

<sup>123</sup> Ruben assim falou aos visitantes:

“Talvez a achastes demasiado pequena para seu longo passado; talvez demasiado moderna, em seu delineamento, para uma cidade de fundação seiscentista; talvez demasiado acanhada, em seus domínios, quando no século das conquistas meridionais, estendeu a sua jurisdição da península de Porto Belo até além das savanas do Rio Grande; da orla do Atlântico, pelos campos de serra acima, até os sertões de Lajes.” ULYSSÉA, Ruben. Discurso. In: PRIMEIRO, Congresso de história catarinense. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 12. dez. 1948.

Em um artigo de 1926, intitulado *Aversão à Indústria*, Ruben já mostrava esta preocupação, uma vez que a economia lagunense desenvolvia-se apoiada na atividade comercial e as dificuldade de sua barra eram um problema ao progresso dessa atividade. O CORREIO. Laguna, 18-24 set. 1996. p. 2.

anonimato e deste modo Anita seria heroína, por lutar por seu amor e felicidade, mesmo que não tivesse conquistado a glorificação ao unir-se a Garibaldi. Porém, Ruben não ousa dizer que mesmo ligada ao guerreiro italiano, seria ela ainda assim uma anônima, caso seu heroísmo não servisse a interesses posteriores. Por isso, penso que Anita Garibaldi, também se enquadra na antiga concepção de herói refutada por Ruben, aquela que, segundo ele, era vista desde as populações greco-romanas que homenageavam seus antepassados, reis e guerreiros, por seus grandes feitos, resultando a tendência de encontrar no culto a estes a proteção da cidade e de seus descendentes dos “azares da vida”.<sup>124</sup> Para além das crenças próprias dos povos da antiguidade clássica, penso que as representações de Anita na produção histórica lagunense, a tornaram uma protetora da cidade. De Johanny a Ruben estava ela sempre pronta a velar por Laguna, figurando, ainda que com sentidos diferenciados a cada momento, nas construções que davam importância à cidade; salvando seus descendentes, ou aqueles que tinham algo a perder, dos “azares da vida”. Daí tanto interesse em cultuá-la.

## 5- Demarcando a individualidade dignificadora

Foram estes autores os arquitetos na construção da imagem de Laguna como mito fundador e cidade de cultura, uma identificação que lhe dava relevância frente ao desempenho econômico visto em alguns municípios, que um dia foram parte de seu território, com o desenvolvimento da indústria carbonífera da década de 40. Uma série de fatores dificultou o enquadramento da cidade nesta nova forma que o progresso da região

---

<sup>124</sup> ULYSSÉA, Ruben . *Anita Garibaldi*. (conferência proferida em 14 de agosto de 1949, no Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973. p. 5-7.

apresentava e seus donos do poder econômico não pretendiam, ao que parece, além de perder posições privilegiadas junto a estes municípios, submeter-se a outros poderosos e tampouco mostraram-se capazes de ultrapassar o modelo econômico fundado nas relações comerciais que lhes havia dado prestígio e riqueza até então.<sup>125</sup> Assim, ante entregar o domínio que lhes restava, permitindo que novos investidores ocupassem seus espaços, limitando seus poderes na medida que se instalassem em Laguna com maior capital e idéias de progresso próprias da forma de desenvolvimento capitalista que se afigurava no pós anos 30, optaram por dar à cidade a identidade de “terra-mãe” e “centro cultural” resguardando uma importância bastante própria junto às cidades do sul, importância esta antes obtida em decorrência de ser cidade sede e principal escoadouro. Garantindo, também, o domínio interno sustentado nas posses estáveis e principalmente no poder legado pela tradição inventada, que os identificava como classe abastada uma vez que eram os herdeiros dos valores a conservar e mantinham como seus bens a materialidade demonstrativa das épocas de relevância. Talvez, na intenção de convencer, ou mesmo se convenciam, da possibilidade de restaurar seu mundo perdido com um crescimento econômico nos mesmos moldes dos seus antepassados. Caminhando neste sentido, pode-se entender melhor a insistência na questão do porto; ele não era somente o problema, o motivo da não prosperidade, era visto também como a saída, a crença do progresso futuro.

Estes homens das letras históricas foram ativos em construir e divulgar uma identidade que evidenciasse Laguna. Esta parece ter sido uma possibilidade de liberdade, uma opção dentro das limitações que o desenvolvimento econômico do sul lhes impunha. A margem do novo modelo de progresso que se esboçava, o processo produtivo que

---

<sup>125</sup> Valmir Guedes Júnior em seu livro sobre o porto de Laguna, comenta a tentativa de Henrique Lage de construir um porto particular em Laguna e também de tentar controlar o porto desta cidade, tendo recebido resistência e oposição de armadores e lideranças políticas locais. GUEDES Júnior, Valmir. *Porto da Laguna: a luta de um povo traído*. Florianópolis. 1994. p. 47.

encontrava na fábrica o ideal civilizatório, o triedro de historiadores lagunenses construíram uma imagem para a cidade distanciada desta compreensão de produtividade, uma cidade não guiada pelo tempo do relógio, da vida industrial e do ritmo do capital.<sup>126</sup> Como uma reação ao capitalismo emergente na região, investiram num conservadorismo, na tradição como princípio, somente assim teriam vantagens no processo de crescimento do sul que marginalizava o município. Seguiram, então, os caminhos de José Johanny retorcendo, deslocando, rearticulando os antigos elementos para uma nova tradição, fazendo a imagem de Laguna deslizar de ancestralidade do ideal republicano no Estado, para “terra-mãe” e “centro cultural” do sul de Santa Catarina. É um novo investimento, uma outra prática, da qual os elementos de sua “condição histórica” são correlatos.<sup>127</sup>

Este olhar sobre a produção do triedro lagunense do conhecimento histórico do pós anos 30, Saul, Cabral e Ruben, não os vê como a prole de José Johanny por seguirem seu estilo narrativístico ou sua percepção de história. Existem entre eles, nesses termos, grandes diferenças e nem mesmo esta tríade configura-se num bloco homogêneo, cada um deles apresenta características próprias. A grosso modo, apenas para vislumbrar as

<sup>126</sup> Sobre a compreensão do modelo da fábrica como ideal civilizatório e o tempo do relógio como tempo da vida industrial. Ver:

DECCA, Edgar Salvadori de. A ciência da produção: fábrica despolitizada. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, n. 6, p. 47-79. 1984.

DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THOMPSON, Edward P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: \_\_\_\_\_. *Tradición, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. 2ª ed. Barcelona: Editora Crítica, 1984. p. 239-293.

<sup>127</sup> É o que Paul Veyne ao analisar a compreensão histórica de Michel Foucault coloca como um olhar caleidoscópico. VEYNE, Paul M. Foucault revoluciona a história. In: \_\_\_\_\_. *Como se escreve a história*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p. 149-198.

Segundo Foucault a análise histórica não volta-se mais para a procura dos “começos silenciosos”, a regressão sem fim ao princípio originário, mas para a compreensão de uma forma específica de racionalidade ocorrida em um determinado tempo e só nele, observando para isso os deslocamentos e os recortes. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

Ver também:

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 15-37.

Também Eric Hobsbawm aponta para a originalidade que novas tradições inventadas apresentam para antigos elementos. HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

dessemelhanças, pode-se ver em Saul traços de uma sensibilidade romântica, em Cabral a preocupação em formar um “conjunto”, “reconstituindo” fielmente as “cores” de uma época e em Rubem a busca por compreender o que influiu na “marcha evolutiva”, ainda que estas características possam ser vistas em mais de um deles, com maior ou menor ênfase. O que os faz progênie de Johanny é a atitude política de suas escriturações, é o tomar a história como objeto de uma construção de identidade, instrumento para a valorização de Laguna.

A afirmação desta identidade passava por divulgá-la, demarcá-la simbolicamente, dando maior visibilidade a marcos que restaram dos “feitos gloriosos” que figuravam na história, erguendo monumentos aos seus heróis e ilustres e também festejando com comemorações cívicas as datas que relembavam estes feitos e filhos relevantes. Tem-se, então, vários momentos festivos, nos quais a progênie de Johanny esteve intimamente envolvida.

Em 1939, foi comemorado o primeiro centenário da República Juliana, todos os três estiveram ligados a este acontecimento. Cabral neste momento um pouco avesso, criando polêmica quanto à “grandeza cívica” do que se comemorava, enquanto Ruben e Saul confirmavam a necessidade de marcar no bronze e na pedra a “veneração aos antepassados”, defendendo os festejos e a colocação do obelisco em praça pública homenageando os “heróis lagunenses da epopéia de 1839”.<sup>128</sup> Em 1949 outro centenário foi comemorado, os primeiros cem anos do falecimento de Anita Garibaldi, um outro grande festejo cívico, com uma programação extensa, desenvolvida durante cinco dias, de 31 de julho a 04 de agosto. Ruben e Cabral lá estavam como figuras destacadas proferindo conferências. Cabral, ainda em função da passagem desta data, apresentou na Assembléia

<sup>128</sup> Sobre as posições defendidas por esses autores quanto à comemoração do primeiro centenário da República Juliana e as festividades ocorridas neste evento, ver:

ULYSSEÁ, Saul. O centenário da República Juliana. *O Albor*. Laguna, 21. maio 1939. p. 1.

ULYSSEÁ, Rubem. Oswaldo R. Cabral escritor. *O Albor*. Laguna, 27 jun. 1942. p.1.

AS COMEMORAÇÕES do centenário da República Catarinense. *O Albor*. Laguna, 08 ago. 1939. p.1.

Legislativa a indicação de tornar aquele 04 de agosto feriado estadual. Dentro das inúmeras atividades ocorridas neste evento comemorativo foi descerrada uma placa de bronze fixada em um bloco de granito junto à “Árvore de Anita” e o Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral inaugurou um museu com o nome da “heroína dos dois mundos”.<sup>129</sup>

Em 1956 um novo componente engrossara as atividades dos eventos comemorativos. Além dos atos cívicos, das placas, conferências, inaugurações e demais ações que formavam o conjunto das homenagens, neste ano quando foi festejado o primeiro centenário da comarca, teve também o lançamento de um livro comemorativo. Passaram com isso a não só marcar no bronze e na pedra, para a posteridade, os “grandes feitos” e o “passado heróico” da cidade, mas também na escritura da história. Participando da obra publicada estavam os escritos de Cabral e Ruben. Esta comemoração contou com quatro dias de festividades, de 14 a 17 de abril, com um grande número de atividades e entre elas estavam as conferências de Cabral e Ruben; ocorreu também a municipalização do museu e inauguração de suas novas instalações. O prédio da antiga cadeia, local onde foi proclamada a República Juliana, foi restaurado e passou a fazer parte do Patrimônio Histórico Nacional. É interessante perceber como neste momento já aparecem tendências de fazer da tradição afirmada por este aparato simbólico, um potencial de exploração turística. Uma das atividades do evento foi o lançamento da pedra fundamental do Ravena Cassino Hotel. Este fato, segundo o jornal local *O Albor* de 21 daquele mês era o ponto inicial para um “programa de incremento ao turismo”.<sup>130</sup> Aliás, começam a surgir neste jornal artigos que

<sup>129</sup> Saul já não aparece nesta comemoração pois faleceu em 16 de fevereiro de 1948, Cabral e Ruben continuaram a atuar nas festividades seguintes.

Sobre as comemorações ver:

BULOS, Abelardo Calil. Conferências. *O Albor*. Laguna, 13 ago. 1949. p. 1.

FESTEJOS comemorativos do centenário de Anita. *O Albor*. Laguna, 23 jul. 1949. p. 1.

CENTRO Cultural Antônio Guimarães Cabral. *O Albor*. Laguna, 30 jul. 1949. p. 1.

O 1º CENTENÁRIO da morte de Anita Garibaldi. *O Albor*. Laguna, 06 ago. 1949. p. 1 e 4.

1º CENTENÁRIO da morte de Anita Garibaldi. *O Albor*. Laguna, 23 jul. 1949. p. 1.

<sup>130</sup> ECOS do primeiro centenário da comarca da Laguna. *O Albor*. Laguna, 21 abr. 1956. p.1.

apontam para esta perspectiva, o mais indicativo deles vê Laguna como a “cidade do passado” cheia de figuras heróicas e acontecimentos memoráveis, “um relicário de nossas caras tradições”, mas também como “cidade do futuro”, pois dava-se início a um “surto de progresso”, contando que logo a cidade se tornaria um “centro de atração turística”.<sup>131</sup>

Uma outra celebração em que estiveram envolvidos foram as homenagens pela passagem dos cento e quinze anos do aniversário da morte de Anita Garibaldi nos dias 19 e 20 de setembro de 1964, quando aconteceu a inauguração da estátua da “intrépida lagunense” na praça da Bandeira.<sup>132</sup> Para este evento constava da programação os discursos de Cabral e Ruben. No entanto parece que Ruben esteve impossibilitado de comparecer no dia de seu pronunciamento, pois nas matérias do jornal local que relatam as solenidades consta o nome de um outro indivíduo a ter feito o discurso que era destinado a ele.<sup>133</sup> O último dos grandes festejos comemorativos em que estes escritores estiveram envolvidos foi o alusivo ao tricentenário de “fundação” de Laguna em 1976, quando foi inaugurado o museu “casa de Anita”. Para este evento foi publicada a obra comemorativa *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos* coordenada por Cabral. Entre outros trabalhos constantes desta obra estão os escritos dele e de Ruben.

Estas festividades, nas quais Saul, Cabral e Ruben tiveram destacados papéis, foram demarcando o espaço e o tempo da cidade conforme a tradição que estes próprios autores estiveram empenhados em construir. As comemorações não afirmavam esta tradição apenas

<sup>131</sup> MELO, Heloisa Dias de. Na terra dos “Barriga Verdes”. *O Albor*. Laguna, 07 abr. 1956. p.1.

Sobre as comemorações do centenário ver também:

COLUMA do centenário. *O Albor*. Laguna, 03 mar. 1956. p.1.

CENTENÁRIO da Comarca da Laguna. *O Albor*. Laguna, 14 jan. 1956. p.1.

ECOS do primeiro centenário da comarca da Laguna. *O Albor*. Laguna, 21 abr. 1956. p.1.

<sup>132</sup> Atualmente esta praça denomina-se praça República Juliana. Para a colocação da estátua de Anita foi retirado o obelisco que ali havia sido inaugurado em 1939, este foi transferido para a praça Pinto Bandeira.

<sup>133</sup> Segundo a programação Ruben faria o discurso de agradecimento em nome da cidade. No entanto este discurso foi proferido por Ronaldo Carneiro e não aparece o nome de Ruben como tendo feito qualquer pronunciamento. NOVI, Ângelo. Laguna homenageou um estadista: Festejos comemorativos do transcurso do 115º ano de aniversário da morte de Anita Garibaldi. *O Albor*. Laguna, 26 set. 1964. p.1.

Sobre as solenidades deste festejo comemorativo ver também:

NOVI, Ângelo. Ao menos por dois dias. *O Albor*. Laguna, 22 ago. 1964. p.1.

por lembrar os elementos que a compunham, mas também por confirmá-la com o próprio evento realizado. Na medida em que faziam os eventos, colocavam Laguna em evidência por aquilo que homenageavam e também por estar produzindo aqueles certames culturais; em uma ação de duplo efeito afirmavam a identidade de “centro cultural” e de relicário das tradições. Deve-se notar ainda que estas festividades corroboravam também a identidade de “terra-mãe”. Não só nos eventos de 1956 e de 1976 visibilizou-se sua antiguidade como marco fundante. Se percebermos, os grandes eventos aqui arrolados, em todos os casos, a comemoração é correspondente a centenários, coisa que dificilmente as cidades vizinhas poderiam ostentar com maior propriedade.

Do mesmo modo, o trabalho escriturístico destes intelectuais confere no próprio ato de produção mais um reforço à identidade de “centro cultural” e cidade histórica. Ao produzirem em seus escritos a imagem de Laguna como lugar de tradição e cultura, suas próprias atividades de escritura reforçavam a imagem que criavam. Eles mesmos tornaram-se exemplos do que procuram afirmar. Não é, portanto, em vão que eles são citados como os herdeiros da tradição de cultura dos lagunenses e restauradores das glórias passadas. Em um artigo sobre Laguna, de 1942, um membro da Associação Rio-Grandense de Imprensa assim escreveu: “teu passado foi fértil em cidadãos ilustres ao serviço da nacionalidade e no presente, a seiva sempre vigorosa do velho tronco civilizador floresce na cultura de Saul Ulysséa, o paciente restaurador das tuas glórias, e Oswaldo Cabral, o esteta admirável de *Laguna e outros ensaios*, figura marcante da literatura brasileira contemporânea”.<sup>134</sup> Também Ildefonso Juvenal discursando no município por ocasião da visita dos congressistas de 1948 chamou Cabral e Ruben de “ilustres garimpeiros do ouro velho da história catarinense”.<sup>135</sup>

<sup>134</sup> FERREIRA Filho, Arthur. *Laguna, O Albor*. Laguna, 27 jun. 1942. p.1.

<sup>135</sup> JUVENAL, Idelfonso. Discurso. In: PRIMEIRO, Congresso de história catarinense. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 12. dez. 1948.



A história produzida por estes intelectuais era a história do desenvolvimento municipal, da construção de uma memória oficial para a cidade, que convergissem para o convencimento da relevância de sua especificidade inventada, diante do crescimento econômico das cidades vizinhas.<sup>136</sup> Esta construção da progênie de Johanny saltava de seus escritos e discursos para ser sacralizada nos marcos simbólicos, revitalizada na recordação induzida e direcionada das comemorações cívicas. Era, a meu ver, a intenção de fazer a sociedade lagunense saber sobre si mesma, talvez como forma de aceitação em ter um desenvolvimento inverso ao destas outras cidades, e também promover seu reconhecimento externo.

Enquanto algumas dessas cidades do sul do Estado apresentavam um desenvolvimento jamais visto, em função do aumento da produção do carvão, e afiguravam-se as formas capitalistas de mercado e com elas o descarte do antigo, com elas a perspectiva de futuro valorizando a renovação, Laguna faz um caminho diferenciado, investe na recordação do que já foi como importância presente, sacralizando-se e ritualizando-se em um tempo de desritualização, de projeção do amanhã. Assim, tentam moldar uma memória municipal, dando vida a espaços de recordação, com o mesmo sentimento nostálgico visto em muitos dos escritos deste triedro; comemorações, centenários, museus, estátua entre outras formas de visibilizar, materializar e dar suportes à identidade, procuravam eternizar o seu “passado heróico”. Contudo, referendavam a ruptura ocorrida, pois os “lugares de memória”, onde se ancora a memória coletiva, fruto da construção histórica, somente

---

Ver também:

JUVENAL, Idelfonso, Almeida Coelho, o nosso herodoto. *Rev. Atualidades*. Florianópolis, n. 7. jul. 1948.  
D'AQUINO, Ivo. *Anita Garibaldi* (discurso proferido na sessão de 4 de agosto de 1949, senado federal). Rio de Janeiro: Depto de Imprensa Nacional, 1949. p. 12.

<sup>136</sup> Segundo Hobsbawm, “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” (p. 9) HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984. p. 9-23.

existem para lembrar o que já está por findar-se ou mesmo acabado, o que os suportes de recordação defendem é o que está na iminência de ser perdido, sua posição privilegiada no sul, agora procurada pela relevância da tradição. Caso não ocorresse esta ruptura, caso tivesse Laguna permanecido como cidade sede da região não haveria a necessidade de criá-los, guardá-los, mantê-los, cristalizá-los para além de seus próprios tempos. Pois, quando a memória espontânea, flexível, que se reelabora constantemente, não é mais o que norteia a vida social, quanto menos ela se dá coletivamente, mais são precisos intelectuais como Saul, Cabral e Ruben que remanejam para a identidade municipal o relembrar individual fazendo de suas próprias obras “lugares de memória”.<sup>137</sup>

Procuraram eles resgatar a grandiosidade perdida, inventando uma tradição para Laguna como forma de evidenciá-la diante do processo de transformações ocorridas no sul do Estado, de mudanças que a abalavam. Estavam estes historiadores em um jogo de rupturas e continuidades. Ela não era mais a cidade sede, o que conferia a separação, o rompimento com a importância anterior. No entanto, a tradição que inventavam dava a continuidade da relevância passada, agora por um outro viés, estabelecendo a identidade do presente com a ligação a um passado pertinente.

<sup>137</sup> Sobre a problemática entre história e memória e seus suportes materiais, ver:

NORA, Pierre. Entre a memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, p. 7-28. dez. 1993.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

*PÓS-ESCRITO*

**A ANACRONIA DO SEMPRE**

Em 1956, ano em que Osvaldo R. Cabral e Ruben Ulysséa estiveram empenhados nas comemorações pela passagem do primeiro centenário da comarca de Laguna, um outro lagunense que enganjava-se nos meandros da artesanaria da imagem história para cidade, discursou sobre as “coisas de sua terra” na Sociedade Cultural Joaquim Nabuco, em Florianópolis. Norberto Ulysséa Ungaretti falou aos participantes daquela sociedade cultural que, Laguna, antes de tudo, é “uma cidade cheia de tradições” e completou: “ali, quase todas as coisas são pedaços vivos da história e as lembranças, as reminiscências, as evocações que provocam, exercem, sobre o espírito do lagunense, fascínio tal, que chegam a provocar nele indisfarçável sentimento de ufanía”. Estes comentários de Ungaretti precedem sua constatação de que “muitos” encontram nessa reverência ao passado o “relativo atraso material em que se encontra a velha cidade”. Para ele, “nada mais falso”.<sup>1</sup>

As colocações de Ungaretti deixam ver que, em 1956, quando há um evento de grande reforço à construção da identidade de cidade histórica, esta imagem de Laguna levava a um mal-estar quando contrastada ao “atraso material” em que se encontrava a

---

<sup>1</sup> UNGARETTI, Norberto Ulysséa. *Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. (Palestra proferida na Sociedade Cultural “Joaquim Nabuco”, em sessão de 06 de junho de 1956). Florianópolis, 1956. p. 3-4.

cidade. Este autor nega viementemente estas relações, pois via esta tradição como um “patrimônio moral” genuíno, mesmo porque, ao que parece, era um admirador e seguidor de seus construtores.

São justamente das recusas de Ungaretti que partiram as inquietações deste trabalho. Já a algum tempo ocupa meus pensamentos as questões quanto à Laguna ser vista como a “terra do já teve”. Influenciado pela teoria marxista, tinha a intenção de mostrar meu rancor à dominação burguesa, com a preocupação, muito mau elaborada, em demonstrar que o não-desenvolvimento econômico da cidade era dado em função da inexistência de tal classe, uma camada social que, buscando o lucro produzisse o desenvolvimento, uma classe empreendedora. Assim, meu marxismo, de ouvido, faria apologia da burguesia - Marx não pode ser responsabilizado por isso -, queria condenar o maneirismo aristocrático que via nas elites “centenárias” de Laguna.

Em 1994 esbocei um projeto de pesquisa que buscava compreender o retrocesso no desenvolvimento lagunense, pensava em rastrear o caminho de atraso que tanto ouvira. Aconselhado a delimitar melhor a problemática, centrando-me em uma questão, já que se tratava de uma pesquisa de graduação, acabei por pesquisar sobre os discursos de prosperidade na Laguna do final do século passado. Via aquela pesquisa como um ponto inicial no caminho de minhas preocupações. Meu projeto para ingresso no Mestrado ainda seguia no sentido de determinar o retrocesso econômico da cidade, porém já figuravam as preocupações quanto à reverência que se fazia ao passado. Foi a partir de novas possibilidades de abordagem encontradas nas discussões que se desenvolveram dentro do curso de pós-graduação, que atentei para a construção de identidade, a fabricação da tradição, de cidade histórica para Laguna, procurando desconstruir sua aparência transcendental, visualizando as singularidades das investidas quanto a sua “condição

histórica” em momentos específicos, apresentando deslocamentos ante a continuidade do discurso oficial.

O discurso oficial, atualmente, afirma que Laguna é uma cidade com o “passado sempre presente”.<sup>2</sup> Esta presentificação do passado é referencial incontestável de sua “condição histórica” que por conseguinte, lhe credencia como “pólo turístico”. A história, ainda que se componha como uma mercadoria nessa indústria do lazer, é vista como padrão de formação moral dos lagunenses, seu *ethos*. É então, encarada como a verdade objetiva dos acontecimentos passados e, principalmente, como o resultado cumulativo de uma trajetória em um tempo progressivo e linear, na qual o que se encontra no presente é exatamente a amostragem do ocorrido. Deste modo, a história é tida como não excludente e os elementos que a compõe, o que dela faz parte, aparecem com o mesmo sentido tanto hoje quanto em qualquer outro tempo; eles carregam o signo do “sempre”.

O que busquei nesta pesquisa, ou melhor, para onde ela me levou, foi perceber que a “condição histórica” de Laguna é fruto de práticas que se distinguem de um tempo para outro, fazendo os elementos de sua história apresentarem sentidos diferenciados de acordo com a política que investe sobre eles. Assim, a “condição histórica” não é sempre a mesma, na verdade ela é histórica. A prática turística que na atualidade emprega a história ocupa-se de componentes forjados em outros momentos por outras práticas e interesses e incorpora-os, rearticulando-os e descontextualizando-os, fazendo-os convergir para a imagem de tradição linear e contínua.

A “condição histórica” lagunense que encontrei no início deste século, não apresentava a menor pretensão de fazer de Laguna um “pólo turístico”. Naquele momento, o que observei foi a intenção de conferir à cidade um reconhecimento diante das implicações políticas que, com a instauração republicana e suas novas redes de poderes,

---

<sup>2</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna o passado sempre presente*. (folder turístico) s.d.

demonstravam certo desprestígio à região litorânea de Santa Catarina. A história, construída a partir da visão perpicaz, quanto àquela situação do político e intelectual lagunense José Johanny, tinha como primordial a intenção de fazer de Laguna o antecedente republicano catarinense, o local de origem deste ideal político.

Como também, no pós anos 30, já se encontra um novo contorno para a história lagunense. Os intelectuais deste período, notadamente, Saul Ulysséa, Osvaldo Rodrigues Cabral e Ruben Ulysséa, remanejaram a “condição histórica” de Laguna para fabricar a imagem de centro cultural e mito fundador do sul catarinense, que respondia a problemas próprios daquele momento.

A história lagunense, hoje correlata da prática turística, em sua amarração contínua e progressiva, abarca não somente as produções destes momentos, mas também os próprios produtores passam a figurar como exemplos da identidade histórica da cidade. Eles não são vistos como construtores da “condição histórica”, compreendendo-os nas tramas de interesses do momento de suas escriturações. Pelo contrário, são reconhecidos como restauradores do “passado heróico” e componentes internos da identidade cultural lagunense, passam a figurar nela como inerentes à própria tradição. Em um folheto da prefeitura municipal de 1982, por exemplo, encontra-se a afirmação de que Laguna “sempre primou pela cultura, sendo considerada o berço da cultura catarinense” destacando para isso as contribuições de Saul, Cabral e Ruben.<sup>3</sup>

Foi partindo do descontentamento que aflora do contraste entre o discursado passado glorioso de Laguna, atualmente afirmado para sua “vocaçãõ” turística, e o “atraso material” que a reverência ao passado acentua, que percorri por três momentos de sua história recente, percebendo como o “passado sempre presente” não tem sempre o mesmo

---

<sup>3</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna: tres séculos de brasilidade*. (Florianópolis): UFSC. 1982. p. 28.

sentido. As produções historiográficas que hoje sustentam sua “condição histórica” tiveram razões bastante singulares. É evidente que as construções destes momentos têm algo que lhes perpassam a reverência ao passado, o que as fazem coligadas nesta representação. No entanto, Johanny, Saul, Cabral e Ruben, artesãos da “condição histórica” lagunense tinham interesses próprios de seus tempos e, no que sugerem os indícios, não demonstravam qualquer sinal de desejarem fazer da história um produto de atração turística.

Esta representação sobre a artesanaria da “histórica” Laguna não tem a pretensão de ser conclusiva, no sentido de fechar o debate sobre o objeto que me debrucei, mesmo porque é uma. Entendo que esta história não será concluída. Já que a “condição histórica” ainda está a atuar no desenvolvimento lagunense, no planejamento de seu futuro e no desenrolar da vida cotidiana, fomentando imaginários, influenciando desejos, sustentando poderes, provocando decepções. Enfim, norteando as existências. Concluir seria dar-lhe um fim, terminá-la, acabá-la, o que seria impossível. Além do mais, qualquer história está sempre por ser refeita, ela é fruto do seu tempo, e esta representação que construí é um bom exemplo de perceber isso. De Johanny no início do século as intenções turísticas da atualidade, passando pelo triedro do pós anos 30, a história de Laguna esteve sempre em consonância com as preocupações de cada um destes momentos, respondendo a interesses próprios de cada época e de quem a produziu. A história, como a entendo, é um olhar perspectivo e parcial, comprometido com o lugar social e visão de mundo de seus construtores. O que me garante, que num futuro próximo, um outro historiador não olhe para este trabalho e faça o que fiz com os autores os quais me ocupei, e historicize esta minha produção dando-a razões e interesses que nem eu mesmo consigo hoje perceber?

Então não concluo, largo. A dupla conotação deste termo em seu sentido verbal, me parece o mais apropriado para a situação. Largo porque abandono, deixo-a, pois se continuasse poderia procurar mais e mais evidências e, mesmo com as que já havia pego,

poderia estender, em muito, esta representação ou fazer outras tantas possíveis. Mas também, largo porque parto, inicio, começando dela, novas jornadas, nas quais certamente serei diferente, pois algo de mim ficou na cidade que esbocei em minhas frases. Porém, a interação foi mútua, ao atravessar Laguna por esses diversos momentos, também fui tocado. Mesmo não fazendo histórias de vidas, cheguei muito perto daqueles historiadores contrerrâneos e ainda que meu olhar estivesse diametralmente em oposição ao deles, não posso negar o envolvimento com as vozes desses mortos, vozes tão fortes que ecoam ainda hoje pelos quatro cantos da “histórica” Laguna. Como não reconhecer a astúcia perspicaz de Johanny, não beirar o sentimentalismo com o saudosismo nostálgico de Saul, não perceber a ironia de Cabral ao defender sua “raça” e não reconhecer a erudição apurada de Ruben. Com certeza roubei-lhes algo que agora faz parte de mim. Walter Benjamin ao comentar sobre conclusões lembra que “a criação torna a parir o criador”<sup>4</sup> e certamente ao escrever este trabalho, muito de minha visão sobre Laguna foi alterada. Isso não quer dizer que tenha desvirtuado meus interesses, apenas na medida em que fui alargando minha compreensão das questões, as análises e respostas obtidas iam também me conduzindo, interagindo com meu direcionamento.

O que mais retirei do conhecimento produzido por estes autores e do discurso de cidade histórica como um todo é justamente tê-lo despido da aparência de constituir-se um todo, um bloco único evoluindo naturalmente no tempo. E, é aí, quero acreditar, que mora a importância deste trabalho. Localizei-os, lhes destitui do aspecto de trans-históricos, de algo acima dos tempos. Mostrando como a história constante deles é historicamente datada, que estas representações não devem ser tomadas como um conhecimento truístico.

Já afirmei na introdução deste trabalho que corri o risco de confirmar o itinerário de atraso para Laguna ao apresentar sua “condição histórica” figurando em práticas que,

---

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*: obras escolhidas II. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 277.



inicialmente no âmbito estadual e depois na região, procuravam dar relevância à cidade. Porém, também não foi meu interesse negá-lo, o que quis foi mostrar que da forma como se compõe, este discurso se enquadra à formação discursiva atual e acaba por engrossar a competência do discurso oficial. Penso não caber à história o papel de juiz do passado, condenando certas existências de ontem por optarem por um caminho e não outro, julgando com os olhares da atualidade aquilo que poderia ter ocorrido com relação ao maior progresso para o presente. E, principalmente, quanto aos historiadores, objetos das análises, acredito estarem eles envolvidos numa trama, na qual a existência levava-os a uma disputa simbólica e discursiva, em que, de certa forma, não tinham total domínio sobre a própria produção e muito menos quanto aos destinos delas, os posicionamentos que estas produções ensejariam no mundo social. Contudo, estas produções não devem se tomadas como inocentes, pois tinham alvo direcionado, procuravam prover, legitimar e sustentar poderes, tinham pretensões definidas, queriam não somente serem conhecidas, mas também aceitas e respeitadas. Entretanto, quero com isso afirmar que não busquei demonstrar as possibilidades do que Laguna poderia ter sido e encontrar um determinado ponto no passado para localizar o erro, asseverando que tivessem os poderosos lagunenses investido na industrialização, seria ela hoje economicamente desenvolvida. Pelo contrário, procurei conferir que a identidade histórica somente teve tão abrangente relevância, porque outros caminhos foram fechados, por opção ou contingência da situação; fazendo este tipo de tradição ser inventada e confirmada. Tivessem os poderosos lagunenses manchado o céu com a fumaça das chaminés como sugeriu Ruben Ulysséa, quando jovem, a identidade construída para Laguna, que ele próprio foi um dos construtores, provavelmente seria outra e mesmo dando importância a seu passado, as realidades históricas a serem representadas valorizariam outras questões, ainda que se representasse os mesmos acontecimentos os valores e sentidos ressaltados tenderiam a afirmar uma outra tradição. Por isso, procurei

visualizar as rupturas e a contextualização das construções de cada momento, para enfrentar a imagem contínua que no discurso oficial cobre a imagem de cidade histórica de uma naturalidade cósmica, imanente à própria gênese da cidade e sua predestinação.

Procurei rupturas porque quis romper.

## **CRÉDITO DAS ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 1- O CORREIO. Laguna, 21 a 27 out. 1995. p.5.

Ilustração 2- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. Departamento de Cadastro.

Ilustrações 3, 4, 6, 10 e 11- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna venha viver esta emoção*. (folheto turístico da administração 1993-96)

Ilustração 5- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna espera por você*. (folder turístico da administração 1970-73)

Ilustrações 7, 8, 13 e 19- BITENCOURT, João Batista. Fotografia, 1996.

Ilustrações 9 e 12- Cartão Postal. Brasil Turístico.

Ilustração 14- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Vultos lagunenses*. (folheto da administração 1983-88)

Ilustração 15- O CORREIO. Laguna, 13 a 19 nov. 1996. p.2.

Ilustração 16- O CORREIO. Laguna, 04 a 10 nov. 1995. p.5.

Ilustração 17- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna o passado sempre presente*. (folder turístico s.d.)

Ilustração 18- Cartão Postal. Edicard.

## **FONTES CONSULTADAS**

### **1- ESCRITAS - ACERVOS:**

#### **1.1 - Academia Catarinense de Letras**

- Pasta Oswaldo Rodrigues Cabral, cadeira nº. 17. Conteúdo pesquisado:

“A IMPRENSA, a política e os partidos em SC”. *A Ponte*. Florianópolis, primeira semana de maio 1981. p. 4-6.

CABRAL, Oswaldo R. Em busca da perfeição e o “mea culpa” (1). *O Estado*. Florianópolis, 24 abril. 1974.

\_\_\_\_\_. Em busca da perfeição e o “mea culpa” (2). *O Estado*. Florianópolis, s.d.

\_\_\_\_\_. Em busca da perfeição e o “mea culpa” (3). *O Estado*. Florianópolis, s.d.

\_\_\_\_\_. Em busca da perfeição e o “mea culpa” (4 e último). *O Estado*. Florianópolis, s.d.

\_\_\_\_\_. Mania de pichar. *O Estado*. Florianópolis, 23 dez. 1972.

FALECEU o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral. *Jornal de Santa Catarina*. 18 fev. 1978.

GODINHO, Egas. Arregimente-se o Instituto. *O Estado*. Florianópolis, 10 out. 1971.

\_\_\_\_\_. *O selo - vá lá; mas o insulto, não*. s.d.(mimeo)

INFARTO mata Oswaldo Cabral. *O Estado*. Florianópolis, 18 fev. 1978. p. 7.

MARTINS, Celso. Cabral, um médico a serviço da história. *O Estado*. Florianópolis, 10 e 11 fev. 1996. p. 3.

MATOS, Odilon nogueira de. *Correio Popular*. Campinas, 11 jan. 1989.

UNGARETTI, Norberto. A obra inesquecível de Oswaldo Cabral. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 06 nov. 1993. p. 6-7.

\_\_\_\_\_. De história e de historiadores. (*O Estado*). Florianópolis, 31 jun. 1972.

## 1.2 - Arquivo histórico de Joinville

CABRAL. Oswaldo Rodrigues. Assuntos lagunenses. In: *Blumenau em cadernos*. Blumenau. t. 16 n. 10, out. 1975. p. 281-285; t. 16 n. 11, nov. 1975. p. 321-324; t. 16 n. 12, dez. 1975. p. 361-363; t. 17 n. 1, jan. 1976. p. 1-9.

## 1.3 - Arquivo particular de Antônio Carlos Marega

ANUÁRIO SUL CATARINENSE. Laguna: Tipografia Central, 1934.

CABRAL. Osvaldo R. *Assuntos insulanos*: Contribuição ao estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorianos e madeirenses. Florianópolis: IOESC, 1948.

\_\_\_\_\_. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: IOESC, 1939.

CENTRO CULTURAL ANTÔNIO GUIMARÃES CABRAL. Ata da inauguração do Museu Anita Garibaldi. Laguna, 31 de julho de 1949.

\_\_\_\_\_. Correspondência ao prefeito municipal de Laguna. Laguna, 10 de agosto de 1973.

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA. *Jerônimo Coelho*: Fundador da imprensa e maçonaria catarinense (folheto). (Laguna), s.d.

NACIF, Salum Jorge. *Os monumentos da Laguna e outros apontamentos para a história da terra juliana*. Laguna. 1989. (mimeo - inédito e incompleto).

PEREIRA, Lindolfo A. Gonçalves. *Relatório do serviço de cadastro em Laguna, Imbituba, Criciúma e outras atividades econômicas*. Florianópolis. 1943. (mimeo).

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. Decretos municipais n. 17/78, 26/78, 27/78 e 28/78.

\_\_\_\_\_. *Laguna*: A natureza e o passado sempre presentes. (guia turístico e histórico). administração 1983-88.

\_\_\_\_\_. *Laguna/80*: Historia, Turismo y Amistad (guia turístico e histórico). administração 1977-83.

PUBLICAÇÃO Comemorativa do Centenário da Comarca da Laguna. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Teresinha Ltd., 1956.

ULYSSEÁ, Saul. *Laguna de 1880*. Florianópolis: IOESC, 1943.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Folders* turísticos e de eventos:

- *Conheça Laguna por dentro*.s.d.
- *Venha em busca da sua paz*. (administração 1973-77).
- *Laguna espera por você*. (administração 1970-73).
- *Laguna o passado sempre presente*.s.d.
- *Laguna os paralelepípedos da velha cidade vão arrearpiar*.s.d.
- *Laguna 1985 a cidade monumento volta a ser palco da nossa história*. (programação da IV Semana Cultural)

## 1.4 - Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

- Falas, mensagens e relatórios dos Presidentes da Província e Governadores do Estado 1879-1920.

- Correspondência do Poder Público Municipal da Laguna (Câmara, Intendência e Superintendência) ao Poder Público do Estado (Presidente da Província, Governador do Estado e Secretário Geral dos Negócios do Estado) 1880-1920.

- Correspondência dos Engenheiros Fiscais para os Presidentes da Província e Governadores do Estado 1880-1898.

- Correspondência dos Presidentes da Província e Governadores do Estado para os Engenheiros Fiscais 1880-1898.

- Correspondência do Governador do Estado para o Inspetor Geral de Obras Públicas 1900-1901.

- Correspondência dos Presidentes da Província e Governadores do Estado para a Assembléia Legislativa 1881-1889, 1892, 1893.

- Correspondência dos Presidentes da Província, Governadores do Estado e Secretários Gerais dos Negócios do Estado para os Inspetores de Higiene 1887-1919.

- Correspondência dos Inspetores de Higiene para os Presidentes da Província, Governadores do Estado e Secretários Gerais dos Negócios do Estado 1882-1920.

- Correspondência do Palácio do Governo para o Ministério da Agricultura 1890, 1891, 1909-1915.

- Correspondência do Presidente da Província para o Ministério da Fazenda 1880-1889.

- Correspondência do Ministério da Indústria Viação e Obras Públicas para o Palácio do Governo 1890-1915.

- Correspondência do Palácio do Governo para o Ministério da Indústria Viação e Obras Públicas 1890-1915.

- Correspondência de Diversos da Laguna para o Palácio do Governo 1880-1920.

- Relatórios avulsos:

- Da Secretaria Geral dos Negócios do Estado 1865, 1893, 1903-1918.
- Da Diretoria de Viação Terras e Obras Públicas 1899, 1904, 1907, 1908, 1915.
- Da Inspetoria de Saúde Pública 1876, 1903, 1911-1916.
- Da Secretaria de Polícia (Prefeito de Polícia e Chefe de Polícia) 1879, 1882, 1884, 1886, 1900, 1906, 1911, 1915, 1916, 1919.
- Da Inspetoria de Terras e Colonização 1890.
- Da Tesouraria da Fazenda Provincial 1869/70, 1873/74, 1874/75, 1875/76.
- Da Secretaria do Estado dos Negócios da Fazenda 1900, 1919, 1920.
- Da Inspetoria de Higiene Pública 1887, 1896, 1919, 1920.
- Do Tesouro do Estado 1896, 1897, 1902, 1904, 1908, 1913.

## 1.5 - Biblioteca Central da UFSC - Setor de SC

ARNS, Otilia (Coord.). *Criciúma 1880-1980: "a semente deu bons frutos"*. Florianópolis: IOESC, 1985.

MACARINI, Paulo. *Laguna (Histórica terra de um grande povo)*. (Discurso proferido a 21 de setembro de 1964). Brasília: Depto de Imprensa Nacional, 1965.

MIRANDA, Veiga. *Imbituba: impressões de uma excursão a Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Alba Ltda., 1933.

ZUMBLICK, Walter Carlos. *Este meu Tubarão...!*. Florianópolis: IOESC, (1974).

## 1.6 - Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

CABRAL, Oswaldo R. (Coord.). *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Florianópolis: IOESC, 1976.

## 1.7 - Biblioteca do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

ANUÁRIO BARRIGA VERDE:

- 1920.
- 1921, ano 1.

ANUÁRIO CATARINENSE:

- 1948, ano 1 n. 1.
- 1949, ano 2 n. 2.
- 1951, ano 4 n. 4.
- 1953, ano 6 n. 6.

- 1954, ano 7 n. 7.
- 1955, ano 8 n. 8.
- 1956, ano 9 n. 9

#### GUIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA:

- 1927, 1ª parte - Geográfica e literária
- 1935, 2ª ed. - geográfico, comercial e industrial.
- 1937, suplemento.
- 1941, 2º Volume - parte comercial.
- 1946, 4ª ed. 2 vol.

ANUÁRIO DO ESTADO DE SANTA CATARINA.. Oficinas gráficas D"“A Phenix”, ano 1. 1917.

CÂMARA, Lourival. *Reflexos da guerra na economia catarinense*. Florianópolis: Ed. do Depto. Estadual de Estatística, 1945.

COSTA, Octacílio. *Anita Garibaldi*: Heroína de dois mundos. (discurso proferido na sessão de 4 de agosto de 1949, na câmara dos deputados). Rio de Janeiro: Jornal do Comércio - Rodrigues & Cia., 1949.

D'AQUINO, Ivo. *Anita Garibaldi*. (discurso proferido na sessão de 4 de agosto de 1949, senado federal). Rio de Janeiro: Depto de Imprensa Nacional, 1949.

GARIBALDI, annita. *Garibaldi na América*. Rio de Janeiro. Oficinas Alba Gráficas. 1931.

GHISI, Adhemar. *A Br-101 e Santa Catarina*. (discurso proferido na sessão de 06 de agosto de 1971, câmara dos deputados). Brasília: Depto de Imprensa nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. *Carvão e siderurgia em Santa Catarina*. (discurso proferido na sessão de 21/09/73, câmara dos deputados). Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1973.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro: “O Malho” S.A. n. 88, ano 8, Dez.. 1927.

LAGO, Paulo Fernando. *Estudos geográficos da zona de Tubarão ou do carvão Catarinense*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Universidade de Santa Catarina / Departamento Estadual de Estatística. 1965.(mimeo).

LAGUNA. In: *Álbum do Estado de Santa Catarina*.(fragmento) s.d. p. 115-121.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES (Departamento Nacional de Portos e Via Navegáveis, 8ª Diretoria Regional). *Porto pesqueiro de Laguna*. vol. 1. s.d.

REVISTA ATUALIDADES. Florianópolis, 1947-1948.

ULYSSEÁ, Ruben. *Anita Garibaldi* (conferencia proferida em 14 de agosto de 1949, no “Centro cultural Antônio Guimarães Cabral”, Laguna). Florianópolis: IOESC, 1973.



URNAU, Aloysio et al. *Região Sul: A integração do Trabalho*. Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina. Tubarão: Faculdade de Ciências Econômicas, 1968. (mimeo).

## 1.8 - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

- Periódicos:

O ALBOR, Laguna, 1932, 1939-1944, 1949, 1956, 1964.

CORREIO DO SUL, Laguna, 1932.

O MUNICÍPIO, Laguna, 1879.

O PYRILAMPO, Laguna, 1864.

A RAZÃO, Laguna, 1932.

A VERDADE, Laguna, 1880.

BOITEUX, Henrique. *A Heroína brasileira Anita Garibaldi*. Rio de Janeiro: Bevilacqua & Cia., 1906.

CABRAL, Oswaldo R. *A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, (1941).

\_\_\_\_\_. Discurso (sua recepção na Academia Catarinense de Letras - 17/12/1938). In: ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Discurso*. Florianópolis. IOESC, 1939. p. 07-22.

COELHO, Manoel Joaquim D'Ameida. *Memória histórica da província de Santa Catarina*. Desterro: Tip. Desterrense, 1856.

CORREIA, Carlos Humberto. *Os governadores de Santa Catarina de 1739 a 1982: notas biográficas*. Florianópolis: UFSC, 1983.

D'AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino: aspectos políticos*. Florianópolis: IOESC, 1942.

PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira e. *Notícia Geral da Província de Santa Catarina*. Desterro: Tip. da Regeneração, 1873.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. *Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. (Palestra proferida na sociedade cultural "Joaquim Nabuco", em sessão de 06 de junho de 1956) Florianópolis, 1956.

## 1.9 - Biblioteca Pública Municipal de Laguna

AISENMAN, Jacqueline Bulos. *Pedaços de mim e coisas assim*. Laguna. 1990. (mimeo).

LAGUNA: Três séculos de brasilidade (caderno de dados e informações sobre o município). UFSC, 1982.

MARTINS, Celso e MARTINS, Dagoberto da Silva. *Anita Garibaldi*. Heroína da liberdade. Florianópolis: Terceiro milênio, 1994.

NACIF, Salum J. *Vultos Lagunenses*. (folheto de Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Laguna), s.d.

REVISTA CATARINENSE. Laguna: Tipografia Johanny, v. 1, 1911/12.

REVISTA CATARINENSE. Laguna: Tipografia Johanny, v. 2, 1912/13.

REVISTA CATARINENSE. Laguna: Tipografia "Patria", v. 3, 1914.

ROMERO, Fernando (org.). *Cadernos da Laguna*: A terra e a gente. Fundação Catarinense de Cultura. n. 1. s.d.

ULYSSEÁ, Saul. *Coisas velhas*. Florianópolis: IOESC, 1946.

\_\_\_\_\_. *Novelas do ulysses*. Laguna: Tipografia Central, 1934.

## 1.10 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - SC

- Censos econômicos, comerciais e demográficos, 1940 e 1950.

## 1.11 - Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA - 1. fase:

- 1902. v. 1, n. 1.
- 1902. v. 1, n. 2.
- 1914. v. 2, 3º e 4º trim.
- 1914. v. 3.
- 1915. v. 4.
- 1916. v. 5.
- 1917. v. 6, 2º ao 4º trim.
- 1918. v. 7, 1º trim.
- 1918. v. 7, 2º trim.
- 1918. v. 7, 3º trim.
- 1918. v. 7, 4º trim.
- 1919. v. 8, 1º ao 4º trim.
- 1920. v. 9, 1º e 2º trim.

CABRAL, Osvaldo R. *A organização das justiças na colônia e no império e a história da comarca de Laguna*. Porto Alegre: Estab. Gráfico Sta. Teresinha Ltd., 1955.

\_\_\_\_\_. *Santa Catarina*: história-evolução. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937. Brasileira v. 80.

GALVÃO, Manoel do N. da Fonseca. *Notas geográficas e históricas sobre a Laguna*. Desde sua fundação até 1750. Desterro: Tip. de J. J. Lopes, 1884.

JUVENAL, Ildefonso. Laguna engrandecedora da história catarinense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, v. 12. p. 149-157. 1º sem., 1944.

KROETZ, Lauro Rogério. *As estradas de ferro de Santa Catarina 1900-1960*. Curitiba: Desertação (mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, 1975.

MIRA, Crispim. *Terra Catarinense*. Florianópolis: Tip. da Livraria Moderna, 1920.

MOARES, Eduardo José de. *O canal de junção da Laguna à Porto Alegre*: Memória Justificativa de seu Projeto. São Paulo: Tip. de Jorge Seckler, 1879.

PROENÇA, João justino de. *O melhor porto ao sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Tip. Lombaerts & cia., 1884.

## 1.12 - Outros

BURACO DE BUGRE: Porta voz da Associação Cultural Lagunense. Laguna. 1994.

O CORREIO. Laguna. 1995, 1996.

JORNAL DE LAGUNA. Laguna. 1995, 1996.

A NOTÍCIA. suplemento especial. Florianópolis, 27 out. 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna venha viver esta emoção*. (Folheto publicitário da administração 1993-96).

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. Departamento de serviços gerais:

- Relação dos prefeitos municipais.
- Lei n. 32 de 02 de setembro de 1975.
- Lei n. 222 de 15 de outubro de 1956.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. Departamento de cadastro:

- Mapa do município e da área tombada.

SANTUR: órgão oficial de turismo. *Santa Catarina - Brasil*. (folder). s.d.

## 2- ORAIS

### 2.1 - Áudio

- Gravação do programa radiofônico *Show do rádio*. Radio Garibaldi de Laguna, dia 13 de maio de 1996.

### 2.2 - Entrevistas

ANTÔNIO CARLOS MAREGA. Conversas informais com João Batista Bitencourt. Laguna, 06 maio e 27 jun. 1996

AMÉLIA BAUNGARTEN BAIÃO. (Secretária de Educação da Pref. Municipal de Laguna). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

DAGOBERTO DA SILVA MARTINS. (Secretário de Turismo da Pref. Municipal de Laguna e co-autor do livro *Anita Garibaldi: heroína da Liberdade*). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 27 jun. 1996.

JAIRO BARCELOS. (Carnavalesco da Escola de Samba Os Democratas e presidente da Fundação Lagunense de Cultura). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 06 maio 1996.

JOÃO MANOEL VICENTE. (Radialista e Assessor de Imprensa da Pref. Municipal de Laguna). Entrevista concedida a João Batista Bitencourt. Laguna, 07 maio 1996.

## 3 - BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo. 14. p. 125-136. 1995.

ARAÚJO, Hermetes R. de. *A invenção do litoral*: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) PUC-SP, 1989.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ARNS, Alice Bertoli. *Laguna, uma esquecida epopéia de Franciscanos e Bandeirantes*: e a história de uma velha igreja. Curitiba, 1975.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda. v. 5. 1995. p. 296-332.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: obras escolhidas I. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única: obras escolhidas II*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 9ª reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Catálogo de jornais catarinenses: 1850-1989*. Florianópolis: FCC, 1990.

BITENCOURT, João Batista. Os discursos sobre prosperidade e a burguesia em Laguna no final do século XIX. *O Correio*. Laguna, dez. 1996-fev. 1997.

BOSSLE, Ondina Pereira. *História da Industrialização Catarinense: das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. CNI-FIESC, 1988.

\_\_\_\_\_. *Henrique Lage e o desenvolvimento sul catarinense*. Florianópolis: UFSC, 1981.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 156-183.

\_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco zero/ANPUH-SP/FAPESP, 1994.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cultura popular na idade moderna*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CABRAL, Osvaldo R. *Breve notícia sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina: suas legislaturas e seus legisladores de 1835 a 1974*. Florianópolis: Lunardelli, s.d.

\_\_\_\_\_. *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

\_\_\_\_\_. *Nossa Senhora do Desterro: memória*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Nossa Senhora do Desterro: notícia*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 1.

CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. *Revista de imigração e colonização*. ano 1, n. 4, p. 5-47. out. 1940.

CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) PUC-SP, 1992.

CARBONELL, Charles-Oliver. *Historiografia*. Lisboa: Ed. Teorema, 1992.

- CARDOSO, Fernando H. O negro e o desenvolvimento econômico e social de Florianópolis. In: CARDOSO, Fernando H. e IANNI, Octávio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Nacional, 1960.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. Zadig e a história. In: \_\_\_\_\_. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 13-28.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191. Jan/abr 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- \_\_\_\_\_. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 17-33.
- CHEREM, Rosângela Miranda. *Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) USP, 1994.
- CORRÊA, Carlos Humberto. *Militares e civis num governo sem rumo: o governo provisório revolucionário no sul do Brasil 1893-1894*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis: UFSC, 1984.
- COSTA, Licurgo. O que é, o que representa o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: *Anais do I Encontro Estadual de História*. Florianópolis, 25 a 29 ago. 1986. p. 57-61.
- CUNHA, Idaulo J. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- DALLABRIDA, Norberto. A historiografia catarinense e a obra de Américo da Costa Souto. *Rev. Catarinense de História*. n. 4. p. 09-19. 1996.
- DALL'ALBA, João L.(org.) *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis, Lunardelli/UDESC, 1979.
- DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. A ciência da produção: fábrica despolitizada. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, n. 6, p. 47-79. 1984.

- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Os intelectuais e o poder na construção da memória nacional. *Rev. TB*. Rio de Janeiro, 87: p. 43-57. out.-dez., 1986.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago Ed.: UERJ, 1994.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina*. São Paulo: Tese (doutorado em História) PUC-SP, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FREITAS, Patrícia de. *O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: espaço de saber "qualificado"*. (mimeo)
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira V. A fala dos lugares perdidos: a cidade do desejo. *Rev. Bras. de Hist.*. São Paulo, v. 15, n. 30, p. 157-170. 1995.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. 1ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GINZBURG, Carlo. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto e SEBOK, Thomas A.(orgs.). *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo. Perspectiva, 1991. p. 89-129.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. 1ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 7ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

- GUEDES Júnior, Valmir. *Porto da Laguna: a luta de um povo traído*. Florianópolis. 1994.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KOTHE, Flávio R.(org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1994.
- LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização do Brasil: 1808 a 1930*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- LYRA, Maria de Lourdes Viana. Memória da Independência: marcos e representações simbólicas. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, v. 15, n. 29, p. 173-206. 1995.
- MAFFESOLI, Michel. Da aparência ao cinismo. In: \_\_\_\_\_. *A conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 107-130.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1993.
- MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. 1º reim. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- MEIRINHO, Jali. *A república em Santa Catarina de 1889 a 1900*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1982.
- \_\_\_\_\_. IHGSC honra a cultura catarinense. *Ô Catarina!*. Florianópolis, Set.-Out. 1996. p. 13.
- \_\_\_\_\_. As primeiras manifestações republicanas em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, Florianópolis, 3ª fase, n. 2. p. 45-70. 1º sem. 1980.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. São Paulo: Graal.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: USP, 1993.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.



- MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993. p. 115-135.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1977.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, p. 7-28. dez. 1993.
- OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) PUC-SP, 1990.
- ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'água, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PECHMAN, Sergio e FRITSCH, Lillian. A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 139-195. 1984/1985.
- PELUSO JÚNIOR, Victor A. A evolução urbana de Santa Catarina no período de 1940 a 1970. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, Florianópolis, 3ª fase, nº 1. p. 103-180. 2º sem. 1979.
- PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.
- PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, v. 15, nº 29, p. 9-27. 1995.
- PIAZZA, Walter F. Cem anos de resistência. *Ó Catarina!*. Florianópolis, Set.-Out. 1996. p. 12.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Dicionário político catarinense*. 2ª ed. Florianópolis: Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico 1896-1996*. Florianópolis: UDESC/IHGSC, 1996.

- \_\_\_\_\_. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*. São Paulo, 1: 29-46. 1 sem. 1989.
- RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: um ensaio da poética do saber*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.
- RÉMOND, René. Uma história presente. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, progresso e a sociedade civilizada: o Partido Republicano Paulista e a Política de Mão-de-Obra (1870-1889)*. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. *Letras de fundação: Varnhagen e Alencar - projetos de narrativa instituinte*. São Paulo: Dissertação (mestrado em História) USP, 1992.
- SCHROEDER, Rosa Maria. *As relações de gênero e a história produzida pela revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. (mimeo)
- SILVA, Etienne Luiz. *Desenvolvimento econômico periférico e formação da rede urbana de Santa Catarina*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado em planejamento urbano e regional) UFRGS, 1978.
- SKIDMORE, Thomas. Criadores de mitos: os arquitetos da identidade nacional brasileira. In: \_\_\_\_\_. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 71-98.
- SOARES, Iaponan e PRAZERES, Lêda M. D. da Silva (orgs.). *Índice analítico da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina 1902-1987*. Florianópolis, 1988.
- SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina - CEAG/SC, 1980.
- SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.
- SOUZA, Sara Regina Silveira de. *Oswaldo Rodrigues Cabral: páginas de um livro de memórias*. Florianópolis: UFSC/UDESC, 1993.

- TEIXEIRA, Arilton. *Catálogo analítico descritivo dos jornais de Laguna (1864/1900): o jornal como fonte histórica*. Florianópolis: Dissertação (mestrado em História) UFSC, 1991.
- THOMPSON, Edward P.. *Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VESENTINI, Carlos Alberto. A instauração da temporalidade e a (re)fundação na história: 1937 e 1930. *Rev. TB*. Rio de Janeiro, 87: p.104-121, out.-dez., 1986.
- VEYNE, Paul M.. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- VIEIRA, Maria do Pilar de A. et al. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.
- VIGINI, Edmundo. *A personalidade histórica de Crispim Mira e a regeneração nacional pela ética germânica do trabalho 1880-1927*. Florianópolis: Dissertação (mestrado em História) UFSC, 1984.
- WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 1994.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Rev. Catarinense de História*. Florianópolis. n. 2, p. 5-15. 1994.
- ZUMBLICK, Walter. *Teresa Cristina a ferrovia do carvão*. Florianópolis: UFSC, 1987.